



UNESP  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

MARIZE BARROS ROCHA ARANHA



*Do Pregoeiro ao Camelô:
a construção dos gêneros pregão
tradicional e pregão pós-
moderno*

Araraquara – SP
Setembro - 2010

MARIZE BARROS ROCHA ARANHA

DO PREGOEIRO AO CAMELÔ:

A CONSTRUÇÃO DOS GÊNEROS PREGÃO TRADICIONAL E PREGÃO PÓS-MODERNO

Tese apresentada ao Programa de Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Polissemia, esquemas de imagem, metonímia e metáfora na descrição da regência verbal em português

Orientador: Antônio Suárez Abreu

Bolsa: Capes

ARARAQUARA – SP
Setembro - 2010

MARIZE BARROS ROCHA ARANHA

DO PREGOEIRO AO CAMELÔ:

A CONSTRUÇÃO DOS GÊNEROS PREGÃO TRADICIONAL E PREGÃO PÓS-MODERNO

Tese apresentada ao Programa de Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Polissemia, esquemas de imagem, metonímia e metáfora na descrição da regência verbal em português.

Orientador: Antônio Suárez Abreu

Bolsa: CAPES

Data da Defesa: ___/___/___

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Antônio Suárez Abreu
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Membro Titular: Profa. Dra. Maria do Rosário de Fátima Valencise Gregolin
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Membro Titular: Profa. Dra. Alessandra Del Ré
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Membro Titular: Profa. Dra. Ilza do Socorro Galvão Cutrim
Universidade Federal do Maranhão

Membro Titular: Profa. Dra. Mônica da Silva Cruz
Universidade Federal do Maranhão

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Aranha, Marize Barros Rocha

Do pregoeiro ao camêlo: a construção dos gêneros pregão tradicional pregão pós-moderno / Marize Barros Rocha Aranha – 2010

219 f. ; 30 cm

Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) –

Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras,

Campus de Araraquara

Orientador: Antônio Suarez Abreu

1. Linguagem. 2. Cognição. 3. Argumentação. 4. Retórica.
5. Gêneros do discurso. 6. Pregão Pós-moderno. I. Título.

A Deus toda honra.

Dedico esta tese ao Dr. Mário e à Profª Ana Izabel Rocha, meus pais, por tudo que, por amor, fizeram e fazem por mim, e, principalmente, por terem me ensinado o caminho, sobretudo excelente, que me conduz aos céus, fonte de onde emanam todas as bênçãos, as do presente e as do porvir.

AGRADECIMENTOS

AGRADECIMENTOS

É chegado um momento muito especial e difícil, momento de agradecer. Por mais que eu me esforce, jamais conseguirei expressar com palavras as emoções e sentimentos que agora me afloram. Muitas foram as pessoas que me ajudaram neste percurso. E o medo de não lhes prestar o justo reconhecimento um pouco me assusta.

Em primeiríssimo lugar, agradeço Àquele que tudo criou, que tudo formou e que é o dono de tudo, inclusive da minha vida e quem tem cuidado de mim, como somente alguém que ama pode fazê-lo. “Como agradecer a Deus o que fez por mim! Bênçãos sem medida vêm provar o seu amor sem fim. Nem anjos podem expressar a minha eterna gratidão. Tudo que sou e o que vier a ser eu ofereço a Deus.” (CROUCH,1991, P. 422). A Deus toda a glória pelas bênçãos sem fim.

Neste momento, me vem à mente, assim como em um nítido filme, o início de tudo, foi em 2006, quando Conceição Belfort, minha ex-aluna, hoje, Profª Dra. Conceição Belfort me procurou para falar da possibilidade de um DINTER. Como agradecer por sua coragem, por sua busca incansável no intento de conseguir seu objetivo que, a todos nós, que fazemos este DINTER, beneficiou. Meu muito obrigada.

Agradeço a Antônio Suárez Abreu (Tom), meu querido orientador, por aceitar, mesmo sem me conhecer, estar comigo nesta jornada, pela confiança em mim depositada, pela segura e generosa orientação, pelo carinho, pela dedicação, e, principalmente, por me ensinar a gerenciar razão e emoção, em todos os momentos desta pesquisa. Serei eternamente grata.

Agradeço à Profª Dra. Maria do Rosário de Fátima Valencise Gregolin que, sem explicação cabível, pôde amar uma terra tão distante, e por sua gente ter tamanha dedicação. Agradeço pelo carinho, pelos bate-papos e pela leitura criteriosa do Relatório de Qualificação.

Igualmente agradeço à Profª Drª Alessandra Del Ré pelas valiosas contribuições dadas no exame de qualificação.

Agradeço à Profª Dra. Ilza Cutrim e à Profª Drª Monica Cruz pela disposição em servir e, principalmente, por terem aceitado fazer parte da banca de defesa desta tese.

Agradeço à UNESP, pela oportunidade ímpar deste DINTER e pelos Coordenadores, professores e funcionários do Programa de pós Graduação em Linguística e Língua Portuguesa.

Agradeço à Universidade Federal do Maranhão, em especial aos colegas Professores do Departamento de Letras pelo apoio e liberação concedida no momento do estágio do Doutorado.

Agradeço à Prof^a Dr^a Márcia Manir Miguel Feitosa por aceitar coordenar operacionalmente este DINTER e por todo apoio e responsabilidade demonstrados ao longo deste trajeto. Sou muito grata.

Agradeço às minhas amigas, professoras e colegas de DINTER, Luciana Cavalcante, Suzana Lucas e Vilma Diniz, pelas muitas horas gastas de estudos na fase inicial deste doutorado, com quem pude compartilhar momentos de angústia e de alegria ao longo de todo este percurso. Estendo meu agradecimento aos demais colegas do DINTER, afinal dividimos um sonho. Meu sincero agradecimento.

Agradeço à minha amiga imortal Prof^a Dr^a Sonia Mugschl, pelo carinhoso apoio em todos os momentos, pelas palavras sábias e sempre incentivadoras, pelas leituras e, especialmente, pelos momentos de oração os quais jamais esquecerei. Meu muito obrigada.

Agradeço de coração ao meu amigo Jandir Gonçalves, pelos bate-papos e pelo empréstimo de valioso material, inclusive o CD que compõe o anexo desta tese. Muito obrigada.

A minha professora e amiga Jean Camarão (in memoriam) pelo amor, carinho, cuidado, dedicação e incentivo constante.

Agradeço ao meu pequeno grupo com quem pude compartilhar momentos de tristeza, de descontração e de muita oração, os casais: José Maria e Carime Fontoura, Carlos e Margareth Aquino, Clodomir e Milca Maluf, Mário e Ezaltina Lima e Ucilas e Ana Clara Carvalho. Meu muito obrigada.

Agradeço à família Anacleto que tão bondosamente acolheu a mim e ao meu marido em Araraquara, nos dando muito além de tudo que precisávamos. Meus sinceros agradecimentos.

Agradeço a Janiery, amor da minha vida, a Ana Carolina, Marília e Laila, razões da minha luta, pela compreensão, pelos muitos momentos roubados em família, por entenderem com amor que a minha ausência era por uma justa causa.

Agradeço aos meus irmãos, Paulo, Mary, Mário Jr. e Ana Maria, aos meus cunhados, Maira Teresa, Cátia e Benedito e aos meus sobrinhos, Hugo Leonardo, Marcella, Fernanda, Gustavo, Mariozinho, Arthur e Juliana por torcerem pela minha vitória e pelo carinho constante.

Agradeço à Ângela Costa e à Elizeth Barros, minhas secretárias, por tanta paciência e pelo cuidado com a minha família nos meus momentos distantes. Igualmente agradeço. A todos que contribuíram..... Meu muito obrigada!

“O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria”.
Salmos 111:10

RESUMO

RESUMO

Esta pesquisa faz um contorno de um gênero discursivo que ainda não tem sido explorado nos estudos linguísticos e que não se situa nem entre os pregões tradicionais e nem entre os textos publicitários: o pregão pós-moderno, denominado pelo senso comum de fala de camelô. Como a análise linguística das falas dos camelôs não se restringe ao linguístico em si, mas à interferência do contexto e da história nesse dizer que é força de trabalho, retornou-se aos antigos pregões, cujas considerações favoreceram o percurso histórico necessário à análise de um discurso determinado por traços de uma exterioridade marcada na linguagem que exigiu o contorno de outro gênero: o pregão tradicional. Foi necessário voltar a uma São Luís de outrora – a ilha - criada em sua realidade local, com vozes de pregoeiros que gritavam “a coisa em si” - hoje transmutada em produto, mercadoria, na voz de “outro pregoeiro” que faz parte de uma outra São Luís, não mais considerada propriamente a ilha, no sentido cultural do termo, mas a cidade, o que a ilha incorporou de urbano. As figuras ou ornamentos contidos nas falas dos camelôs foram analisados como marcas discursivas de uma nova retórica aos tempos da pós-modernidade que alterou a relação da coisa com o lugar, do vendedor com o produto, do vendedor com o comprador e do comprador com o produto, como consequência do projeto da modernidade. Foi fundamental, para esta pesquisa, postulados teóricos sobre Retórica e Argumentação em Perelman & Olbrechts-Tyteca, (2005); A teoria pragmática, mais precisamente em Paul Grice (1989), John Searle (1983) e John L. Austin (1990); conceitos da Linguística Cognitiva em Lakoff & Johnson (1980), assim como conceitos da Análise do Discurso em Pêcheux (1990) e finalmente o conceito de gênero do discurso em Bakhtin (1995/2003). A metodologia obteve seu fundamento na pesquisa qualitativa, tendo em vista que buscava interpretar a realidade sócio-comunicativa - contexto da intencionalidade argumentativa dos vendedores ambulantes de São Luís, através dos tempos. O corpus foi construído a partir de pesquisa bibliográfica para os pregões tradicionais e da transcrição dos textos orais que constituem a fala dos vendedores ambulantes – camelôs - ou pregões pós-modernos, como assim se denominou nesta pesquisa. A análise do corpus foi feita através de uma codificação que teve como alvo não só os elementos linguístico-estilísticos, mas também os estranhamentos a partir dos quais foi analisada a maior ou menor frequência de usos nas elocuições coletadas. A partir dos postulados teóricos utilizados nesta pesquisa, chegou-se à configuração dos gêneros pregão tradicional e pregão pós-moderno.

Palavras-chave: Linguagem. Cognição. Argumentação. Retórica. Gêneros do Discurso. Pregões Tradicionais. Pregões Pós-Modernos.

ABSTRACT

ABSTRACT

This research makes an outline of a discourse genre that has not been explored in linguistic studies yet and that is neither within or between the traditional cries, nor on the traditional advertisement texts: the postmodern cry, called by common sense as “the street vendor speech”. Since the linguistic analysis of speeches from street vendors is not restricted to the language itself, but to the interference of the context and History that is the work force, we returned to the old cries, which considerations favored the historical background needed to examine a speech determined by external traces marked in the language that required the outline of another genre: the traditional cry. It was necessary to return to the old São Luís - the island - created in its local reality, with voices of criers shouting "the thing itself" - now transmuted into a product (merchandise) in the voice of "another crier" that is part of another São Luís, no longer considered strictly as the island (in the cultural sense of the term), but the city, what the island embodied from the urban. The figures or ornaments contained in the statements of the street vendors were analyzed as discursive marks from a new rhetoric regarding the times of postmodernity which changed the relationship of the thing with the place, of the vendor with the product, of the vendor with the buyer and of the buyer with the product - as a result of the modernity project. Theoretical postulates on Rhetoric and Argumentation in Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005), the pragmatic theory, more precisely in Paul Grice (1989), John Searle (1983) and John L. Austin (1990); concepts of Cognitive Linguistics in Lakoff & Johnson (1980), as well as the concepts of discourse analysis in Pêcheux (1990) and the concept of discourse genre in Bakhtin (1992/2003) were essential to this research. The methodology achieved its foundation in qualitative research, in order to interpret the socio-communicative reality - the context of argumentative intent of the street vendors in São Luís - through the years. The corpus was constructed from bibliographic research on traditional cries and from the transcription of oral texts that constitute the speech of vendors – street vendors - or postmodern cries, as it is called in this research. Corpus analysis was performed through an encoding that was targeted not only to the linguistic and stylistic elements, but also to the strangeness from which we analyzed the frequency of major or minor uses in the collected utterances. The configuration of genres - traditional cry and postmodern cry - were reached from the theoretical principles used in this research.

Keywords: Language. Cognition. Argumentation. Rhetoric. Discourse Genres. Traditional Cries. Postmodern Cries.

LISTA DE FOTOS

LISTA DE FOTOS

| | | |
|----------------|--|--------|
| Foto 01 | A Cidade de São Luís em dois planos (1990) | p. 116 |
| Foto 02 | Praça do Comércio (1855) | p. 118 |
| Foto 03 | A cidade de São Luís no final do século XIX | p. 118 |
| Foto 04 | O Forte de Saint Louis (1612) | p. 119 |
| Foto 05 | O Palácio dos Leões - Sede atual do Governo do Maranhão (1776) | p. 119 |
| Foto 06 | Entrada da Feira da Praia Grande (1861) | p. 120 |
| Foto 07 | Caminho Grande (1640), hoje, Rua Oswaldo Cruz ou Rua Grande | p. 121 |
| Foto 08 | Lago do Carmo e Igreja do Carmo 1643 | p. 122 |
| Foto 09 | Caminho Grande (1876) | p. 123 |
| Foto 10 | Caixa do sorvete (2010) | p. 133 |
| Foto 11 | Vista da cidade nova - São Luís do Maranhão – Brasil (2005) | p. 137 |
| Foto 12 | Consumidores na Rua Grande (2009) | p. 138 |
| Foto 13 | O camelô na Rua Grande | p. 139 |
| Foto 14 | A Rua Grande (2009) | p. 140 |
| Foto 15 | Variedade de produtos vendidos na Rua Grande (2009) | p. 157 |
| Foto 16 | Consumidores à procura de sombrinha na Rua Grande. (2009) | p. 158 |
| Foto 17 | Caminho Grande (1640) | p. 175 |
| Foto 18 | Caminho Grande (1876) | p. 175 |
| Foto 19 | Vista da cidade nova - São Luís do Maranhão – Brasil (1995) | p. 179 |
| Foto 20 | Início da Rua Grande (1999) | p. 179 |
| Foto 21 | Vista da Rua Grande em quatro ângulos diferentes (2009) | p. 180 |
| Foto 22 | Pregoeiros Pós-modernos (2009) | p. 181 |
| Foto 23 | Pregoeiros Pós-modernos (2009) | p. 181 |
| Foto 24 | Pregoeiros Pós-modernos (2009) | p. 181 |
| Foto 25 | Pregoeiros Pós-modernos (2009) | p. 181 |

LISTA DE FIGURAS

LISTA DE FIGURAS

| | | |
|------------------|--|--------|
| Figura 01 | Vendedor de rolete de cana | p. 125 |
| Figura 02 | Vendedor de derressó | p. 126 |
| Figura 03 | Vendedor de sorvete de coco | p. 133 |
| Figura 04 | Vendedor de camarão | p. 154 |
| Figura 05 | Vendedor de carvão | p. 156 |
| Figura 06 | Desenho dos pregoeiros por Elvas Ribeiro | p. 176 |

LISTA DE QUADROS

LISTA DE QUADROS

| | | |
|------------------|--|--------|
| Quadro 01 | Listagem dos pregões | p. 148 |
| Quadro 02 | Listagem dos pregões de acordo com a categoria Referência Geral | p. 151 |
| Quadro 03 | Listagem dos pregões de acordo com a categoria Referência Específica | p. 151 |
| Quadro 04 | Listagem dos pregões de acordo com as categorias: repetição da coisa apregoada, ênfase à coisa apregoada pela inversão sintagmática, elementos descritivos da coisa apregoada e <i>presentificação</i> da coisa apregoada. | p. 152 |
| Quadro 05 | Listagem dos pregões pós-modernos de acordo com as categorias: recurso de presença, conhecimento do auditório e senso- comum. | p. 160 |
| Quadro 06 | Quadro demonstrativo dos <i>space builders</i> , dos <i>esquemas imagéticos</i> e <i>do processo de integração</i> presentes nos pregões pós-modernos | p. 163 |
| Quadro 07 | Listagem dos pregões pós-modernos de acordo com as categorias de análise: metáforas e metonímias ou Listagem dos pregões pós- modernos que contêm metáforas e metonímias | p. 166 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- CLG** - Curso de Linguística Geral
- DELER** - Departamento de Letras
- LC** - Linguística Cognitiva
- MCI**s - Modelos Cognitivos Idealizados
- PPM** - Pregões pós-modernos
- PT** - Pregões tradicionais
- TAL** - Teoria da Argumentação na Língua
- TEM** - Teoria dos Espaços Mentais
- UNESP** - Universidade Estadual Paulista
- UFMA** - Universidade Federal do Maranhão

SUMÁRIO

SUMÁRIO

| | |
|--|---------------|
| INTRODUÇÃO | p. 27 |
| Como tudo começou | p. 27 |
| Construindo e reconstruindo o objeto em percurso..... | p. 33 |
| Encontros e desencontros com as teorias..... | p. 35 |
| Um percurso metodológico não muito linear | p. 36 |
| Ferramentas de construção da pesquisa..... | p. 37 |
| Estrutura da Tese | p. 38 |
| | |
| CAPÍTULO 1 - BASES TEÓRICAS DA PESQUISA | p. 40 |
| 1.1 Sobre linguagem: posicionamentos teóricos | p. 41 |
| 1.2 Sobre texto e Gêneros dos discursos | p. 46 |
| 1.2.1 Da palavra ao texto | p. 46 |
| 1.2.2 Uma questão de gênero..... | p. 53 |
| 1.3 A questão da Polifonia nos enunciados do camêlo..... | p. 60 |
| 1.4 A Retórica Clássica..... | p. 67 |
| 1.4.1 A Nova Retórica | p. 70 |
| 1.5 A Teoria da Argumentação na Língua..... | p. 78 |
| 1.6 A Pragmática | p. 80 |
| 1.6.1 A Teoria dos atos de fala | p. 82 |
| 1.6.2 A reconstrução da Teoria dos Atos de Fala | p. 86 |
| 1.6.3 As Implicaturas Conversacionais | p. 88 |
| 1.7 Sobre a Linguística Cognitiva | p. 90 |
| 1.7.1 Breves consideração sobre a Linguística Cognitiva | p. 90 |
| 1.7.2 Sobre a Teoria dos Espaços Mentais | p. 93 |
| 1.7.3 Sobre os Construtores de Espaços | p. 94 |
| 1.7.4 Esquemas Imagéticos | p. 95 |
| 1.7.5 Teoria da Integração Conceptual | p. 96 |
| 1.7.6 Sobre Metáfora | p. 98 |
| 1.7.7 Sobre Metonímia | p. 103 |

CAPÍTULO 2 – CONTEXTOS SÓCIO-HISTÓRICOS: OS CENÁRIOS DOS ENUNCIADOS DO PREGOEIRO TRADICIONAL E DO PREGOEIRO

| | |
|---|---------------|
| PÓS-MODERNO | p. 109 |
| 2.1 O contexto do pregoeiro tradicional | p. 113 |
| 2.2 O contexto do pregoeiro pós-moderno | p. 114 |
| 2.3 Sobre o pregoeiro tradicional | p. 116 |
| 2.3.1 São Luís: ilha do pregoeiro tradicional | p. 116 |
| 2.3.1.1 O pregão tradicional | p. 123 |
| 2.3.1.2 O pregão tradicional: a ilha, a coisa e a palavra | p. 131 |
| 2.3.2 São Luís – cidade do pregoeiro pós-moderno | p. 135 |
| 2.3.2.1 O pregão pós-moderno: a cidade, o mundo, a mercadoria e a Argumentação | p. 137 |

CAPÍTULO 3 - A PESQUISA

| | |
|---|---------------|
| 3.1 Considerações metodológicas | p. 143 |
| 3.1.1 O locus: A cidade de São Luís do Maranhão, com ênfase na Rua Grande.. | p. 143 |
| 3.1.2. Os sujeitos da pesquisa: pregoeiros tradicionais e pregoeiros pós-modernos | p. 143 |
| 3.1.3 O corpus: Enunciados proferidos pelos pregoeiros tradicionais e pelos pregoeiros pós-modernos – os camelôs | p. 145 |
| 3.1.4 O instrumental da pesquisa | p. 146 |
| 3.1.5. Análise e interpretação dos dados | p. 147 |
| 3.2. Dados: pregões tradicionais e pós-modernos | p.147 |
| 3.2.1. Características gerais da intencionalidade do pregoeiro tradicional | p. 150 |
| 3.2.2 Marcas linguístico-estilísticas dos pregões tradicionais | p. 151 |
| 3.2.3 Marcas linguístico-estilísticas dos pregões pós-modernos | p. 156 |
| 3.2.4 Marcas cognitivo-argumentativas dos pregões pós-modernos | p. 162 |

CAPÍTULO 4 - CONSTRUÇÃO DOS GÊNEROS PREGÃO TRADICIONAL E PREGÃO PÓS-MODERNO

| | |
|--|---------------|
| 4.1 O gênero pregão tradicional | p. 175 |
| 4.1.1 Elementos do pregão tradicional | p. 176 |

| | |
|--|---------------|
| 4.2 O gênero pregão pós-moderno | p. 177 |
| 4.2.1 Elementos do pregão pós-moderno | p. 180 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | p. 184 |
| REFERÊNCIAS | p. 190 |
| APÊNDICES | p. 203 |
| APÊNDICE A – Questionário aplicado junto aos vendedores ambulantes para traçar o perfil destes profissionais | p. 204 |
| ANEXOS | p. 205 |
| ANEXO A – Os pregões pós-modernos | p. 206 |
| ANEXO B - Letra da música Todos Cantam Sua Terra | p. 208 |
| ANEXO C - Letras das músicas dos pregões tradicionais | p. 209 |
| ANEXO D – Capa do livro “Pregões de São Luís” de Bogéa e Vieira | p. 218 |
| ANEXO E – CD contendo a música “Todos cantam sua terra”, cantada por Alcione Nazaré e as músicas dos pregões, cantados por Antonio Vieira | p. 219 |

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Como tudo começou

Ao final desta etapa, peço licença aos meus leitores para singularizar a minha fala, falar mesmo em meu próprio nome. Digamos que nesse momento falo da minha “verdade”, da minha forma individual, enquanto sujeito, portanto historicamente datada, porque afinal, em toda prática, inclusive a de pesquisar, somos constituídos, atravessados por diferentes tempos e espaços.

Assim, convido os leitores deste texto a juntos revisitarmos os caminhos e trilhas por mim percorridos até aqui, que são relatados simultaneamente com alguns fatos históricos importantes ocorridos em meu país.

A paixão por línguas revelou-se em mim desde cedo, creio eu, por ter nascido em um lar em que minha mãe, graduada em Letras, era professora de Português e Francês e meu pai, hoje magistrado aposentado, mesmo exercendo a profissão de alfaiate, à época, aos trinta anos de idade, integrou a primeira turma do Instituto Brasil Estados Unidos - IBEU, hoje, Instituto Cultural Brasil Estados Unidos - ICBEU.

Desde muito pequena a leitura e a escrita sempre me cercaram, pois sendo oriunda de uma família evangélica, a realização do culto doméstico era sagrada, e bastava que começássemos a decifrar as primeiras letras para que meu pai escolhesse um dos cinco filhos para fazer a leitura da Bíblia. Além disso, minha avó paterna morava em Tutoia, um município distante da capital. Não a conhecíamos pessoalmente, a não ser por meio das cartas que tínhamos que escrever mensalmente, cada mês era a vez de um dos filhos escrever a carta. Mesmo não achando muita graça naquelas cartas, que ao mesmo tempo em que mandavam notícias nossas, traziam as dela juntamente com alguns ovos da sua criação de galinhas, devo confessar que gostava desse momento, embora não conseguisse ver, ainda, a dimensão que as palavras podem ter, os sentimentos que elas podem carregar e o poder que elas exercem em nossas relações. Creio que, nesse momento, inconscientemente, nascia em mim a paixão ou o interesse pelo funcionamento da linguagem.

Cumprindo este desiderato, aos dez anos de idade, estudando Inglês no Colégio Batista Daniel de La Touche e, simultaneamente, no ICBEU, onde concluí o curso básico aos catorze anos de idade, cheguei à conclusão de que este seria meu caminho profissional definitivo, fato que me levou a optar com segura convicção pelo Curso de Letras aos dezessete anos.

Deste modo, tive mais uma vez confirmada a minha vertente para o estudo de línguas, iniciando logo a seguir o Curso de Especialização em Língua e Literatura Inglesa e Americana, curso este que concluí ao final de dois anos.

Iniciei os meus estudos universitários no início da década de 80 quando os anos de chumbo da ditadura militar implantada pela revolução “redentora” de 31 de março começavam a clarear, os quais foram, passo a passo, ano após ano, abrindo espaço para negociação entre os grupos antagônicos que se digladiavam (ARENA e MDB) até que, finalmente, em 1985 foi quebrado “um jejum de eleição presidencial” que já perdurava por mais de vinte anos, tendo sido eleito Presidente da República ainda que, indiretamente, através do Colégio Eleitoral, Tancredo Neves, falecido antes de assumir o mandato.

Como já mencionei, o meu ingresso na UFMA, como estudante, coincidiu com a abertura democrática, razão por que não fui, de certo modo, envolvida com a política estudantil que àquela altura arrefecia em função do abrandamento do regime então vigente.

Não obstante o fato de não me ter envolvido diretamente nas batalhas travadas pelo corpo discente da UFMA, algumas indagações normalmente me faziam refletir com mais profundidade. Por que ensinar uma língua estrangeira? Como ensiná-la? Qual a sua aplicabilidade no cotidiano? Ela é de fato exigência no mercado de trabalho? Para que cargos ou funções? E o ensino de Língua Portuguesa a que fins se dedica?

Após a minha formatura e aprovação em Concurso Público Estadual, para ingresso na carreira do magistério, como professora de inglês no Liceu Maranhense, constatei a realidade de uma turma de 60 alunos de olhos ávidos do conhecimento da Língua Inglesa.

Nessa mesma época, houve longos períodos de greves, sentiu-se um momento de mudanças, comecei a participar de movimentos reivindicatórios em favor da classe a que começara a pertencer.

O desejo de participar ativamente culminou com a minha indicação para ser coordenadora dos professores de inglês do Centro de Ensino de 2º, grau “Liceu Maranhense”, experiência esta que muito me enriqueceu no sentido de tomar conhecimento da situação dos currículos, dos planos de cursos, do material didático e por fim, do conteúdo dos livros didáticos que ali eram utilizados e que, no geral, não são criticados, mas aceitos como verdades inquestionáveis, sem suscitar nos alunos uma atitude crítica diante deles, atitudes estas que conduzem os alunos a falsas concepções sobre a cultura estrangeira e, conseqüentemente, sobre sua própria cultura.

Nesse mesmo período, exerci a função de redatora do jornal da Coordenação de

Ensino de 1º Grau, veículo este que utilizei para expor algumas das minhas inquietações como professora recém-formada que começava a enfrentar os primeiros percalços da carreira do magistério.

A partir de então, foi se formando em mim uma consciência crítica do desenrolar dos acontecimentos, como por exemplo, a ascensão do Vice José Sarney à Presidência da República, o fracasso do plano cruzado, etc.

“O caldo de cultura” reinante na época favoreceu a que Fernando Collor, empunhando a bandeira da caça aos marajás chegasse, inesperadamente, à Presidência da República, sem base parlamentar de sustentação, o que o levou pela sua falta de jogo de cintura a ser desapiado do poder, ou seja, ao *impeachment*, fato inédito na República Brasileira.

Obedecendo ao ordenamento jurídico, assume a Presidência da República o Vice-Presidente eleito, Itamar Franco. A meu ver, o período que se seguiu a esses acontecimentos foi uma espécie de oásis na aridez do deserto da política brasileira, pois, apesar dos desacertos (sendo o maior deles a escolha do atual Presidente), houve muitos acertos que culminaram com a ascensão da popularidade de Itamar Franco que chegou a um patamar nunca dantes atingido por um presidente brasileiro, nem mesmo por Juscelino Kubitschek.

Ao findar o governo de Itamar Franco, fechou-se o parêntese aberto na política brasileira, voltando o país, malgrado ainda existir, quem não tivesse olhos para ver o desmonte realizado pela administração vigente com o seu séquito de males que assolavam o país de ponta a ponta, se não vejamos: sob a capa da estabilidade econômico-financeira fomos cobertos pelo manto negro do desemprego, quebraadeira, corte de verbas para educação, sucateamento das Universidades Federais, principalmente, no que diz respeito ao quadro docente, o mal fadado plano de demissões voluntárias e ameaças de privatização das universidades públicas.

Foi neste contexto que nascia em mim o objetivo de me realizar profissionalmente, desenvolvendo um trabalho em outro nível de ensino. Assim, após cinco anos de magistério no 2º grau, resolvi me submeter a concurso público para carreira do magistério na Universidade Federal do Maranhão – (UFMA). Nessa época, estavam abertas as inscrições para a docência de Língua Portuguesa no Departamento de Letras. Não tive dúvidas, afinal minha graduação era em Letras – habilitação em Língua Portuguesa e Inglesa-prestei o concurso e fui aprovada e admitida em 07 de maio de 1993, quando comecei a ministrar aulas de Língua Portuguesa para os Cursos de Direito e Ciências Contábeis e,

posteriormente, de Língua Inglesa para os Cursos de Letras, História, Hotelaria, Turismo e Biblioteconomia.

Em seguida, fui indicada para a Coordenação da área de Língua Inglesa no DELER, cargo que exerci durante sete anos e que abriu oportunidade de me lançar em tantos outros desafios, como por exemplo: juntamente com alguns professores da área mudar o conteúdo programático e a metodologia ora utilizada no ensino da Língua Inglesa nos Cursos da UFMA.

Contribuímos para que houvesse mudanças no programa de vestibular, assim como no estilo das provas de língua inglesa do citado concurso haja vista que, desde que ingressei na Universidade Federal do Maranhão, tenho integrado a comissão de elaboração e correção das provas de língua inglesa, assim como da de correção de redação.

Acreditando que poderia contribuir para que houvesse uma sensível mudança na situação estática em que se encontrava o DELER, no ano de 2000, eu me candidatei à chefia com o apoio da maioria do corpo docente e discente. Como candidata eu tinha como principais objetivos incentivar programas de pós-graduação e formular o currículo do Curso de Letras buscando sua atualização, redimensionamento e adequação a uma nova realidade; promover cursos extracurriculares, objetivando ao preenchimento das lacunas geradas pela defasagem do atual currículo; desenvolver ações interdisciplinares junto aos departamentos de áreas afins; estimular a produção científica de docentes e discentes com vistas à publicação anual da Revista Littera (revista do Curso de Letras); incentivar a participação de docentes e discentes em atividades de pesquisa e extensão e desenvolver programas de incentivo a pós-graduação, tendo em vista que, a essa altura, o DELER contava apenas com alguns Mestres e 3 Doutores. E embora tivesse obtido a maioria dos votos dos docentes e discentes não fui eleita em virtude da aplicação de fórmula esdrúxula no processo de apuração dos votos. Assumo, aqui, uma postura crítica quanto aos fins acadêmicos, uma vez que, um único voto da categoria administrativa sobrepujou os votos das categorias docente e discente que, a meu ver, deveria ser decisiva em primeira instância.

Apesar de não ter sido eleita, percebi que poderia atingir meus objetivos por outros caminhos que não eram só meus, mas compartilhados por professores e alunos. E um desses novos caminhos foi o Projeto de Pesquisa do Mestrado em Educação da UFMA, coordenado pela Prof^a Dra. Ilzeni Dias. Em uma dessas idas e vindas para ministrar aulas no PROEB (Programa Especial de Formação de Professores para o Ensino Básico), tomei conhecimento desse projeto e vislumbrei a possibilidade de participar dele, pois,

imediatamente, pude perceber a altitude do voo que eu, como pássaro novo, curioso e acima de tudo corajoso, poderia alçar a partir de então.

Almejei uma vaga e a consegui. Logo depois das primeiras reuniões e dos primeiros estudos no grupo de pesquisa, descobri novas possibilidades, interessei-me pelos temas relacionados a competências e habilidades desenvolvidas na linha de pesquisa Educação e Trabalho, e, nesta perspectiva, pude constatar o quanto estes temas são importantes para mim como professora de Língua Inglesa da UFMA.

Em 2002, sem deixar escapar uma oportunidade ímpar, aceitei o convite para participar como professora-coordenadora de Língua Inglesa do projeto Vestibular da cidadania uma parceria entre a Universidade Estadual do Maranhão, a Secretaria do Estado do Maranhão e a Universidade Federal do Maranhão, participação esta, que mais uma vez fez com que eu voltasse o olhar para as questões que dizem respeito ao ensino médio, principalmente, aquela que se refere ao ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira, agora com outro pano de fundo - o mundo do trabalho.

Desta forma, comecei a pensar mais profundamente a respeito de como a competência em Língua Estrangeira estaria sendo exigida no mercado de trabalho maranhense e como ou até que ponto as escolas de ensino médio da rede pública estariam incorporando essas demandas em seus currículos.

E, assim, busquei novos conhecimentos na área de Educação e Trabalho, com o intuito de maior aprofundamento nessa pesquisa e sem perder de vista que o educador deve lembrar-se sempre de que um dos objetivos da universidade é a formação do homem cidadão.

Por essa razão, deve o educador estar sempre voltado para os problemas da comunidade, apostando em melhores soluções, bem como, em virtude de tal necessidade, fazer reconhecida a universidade como lugar de atividade criadora e de formação de massa crítica.

Nessa perspectiva é que decidi me inscrever na seleção para o Mestrado em Educação da UFMA, pois, esse se apresentava, para mim, como a oportunidade de realização de uma pesquisa mais ampla e profunda no campo do ensino da língua inglesa, tendo como ponto de partida o mercado de trabalho maranhense. Acreditando que a universidade é um centro gerador de cultura, e eu parte desse centro, encontrei naquele mestrado uma oportunidade de aprendizado e de interação ímpar na vida acadêmica e profissional, como sinaliza Zabala, (...) naturalmente, nem as ideias, nem as preocupações são um produto individual. O âmbito educativo exige a relação, a tarefa conjunta e o trabalho de equipe.

(2000, p.47).

Iniciei o mestrado em setembro de 2003 e em janeiro de 2006 defendi minha dissertação que teve como título “Os impactos da globalização e da reestruturação produtiva no mundo do trabalho: a exigência da língua inglesa como competência técnica no mercado de trabalho no Maranhão”.

Foram dois anos de muita aprendizagem, pois cursar o mestrado em Educação possibilitou a ampliação dos meus conhecimentos para outras áreas nunca dantes percorridas, inclusive meu contato com o mundo do trabalho, no qual hoje me encontro, de certa forma, novamente envolvida.

Após o término do mestrado e ao voltar ao DELER, deparei-me logo com outro grande desafio, coordenar o Curso de Letras e finalizar a árdua tarefa da qual tinha feito parte no início que foi a finalização e a implantação do novo Projeto Pedagógico do Curso de Letras. Assumi a coordenação em maio de 2006, e nessa mesma ocasião comecei a dar aulas de Língua Portuguesa na cadeira Prática de Ensino para os alunos do último período do curso. Foi a partir dessa nova experiência que comecei a pensar na ideia de um Doutorado, desta feita, que envolvesse o ensino de Língua Portuguesa, pois gostaria de fazer uma pesquisa que além de envolver o mundo do trabalho tivesse relação com a nossa língua, mais especificamente com o poder dessa língua.

Nessa perspectiva, e após tomar conhecimento da possibilidade da implantação de um DINTER, trabalhei com afinco, como coordenadora do curso, juntamente com o setor de Pós- graduação para que ele pudesse se tornar realidade. Comecei desde então a pensar na elaboração de um projeto de pesquisa que contemplasse uma pesquisa direcionada para estudo mais aprofundado acerca do funcionamento da linguagem, do poder das palavras, enfim da argumentatividade, pois segundo Fazenda, (...) apesar de árduo, o processo de pesquisa é também um desafio, pois a paixão pelo inusitado acaba por invadir o espaço do educador, trazendo-lhe alegrias inesperadas. (2000, p.10).

O passo seguinte ao encontro do Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa do Programa de Pós-Graduação da UNESP – DINTER. Oportunidade ímpar que jamais poderia deixar escapar. Naquele momento elaborei um projeto de pesquisa propondo-me a estudar a argumentatividade presente na fala dos camelôs, do Centro Comercial de São Luís – MA. Adotando a perspectiva de que esses enunciados proferidos pelos camelôs constituem um gênero propagandístico, para os quais ainda não tinha uma denominação específica, busquei analisar os aspectos linguístico-cognitivos argumentativos que, nesse caso específico,

têm a finalidade de persuadir e convencer com o objetivo de exercer uma ação, nesse caso, a venda. Naquele momento era apenas isso.

Construindo e reconstruindo o objeto em percurso

De modo geral, o estudo da fala dos camelôs ou *pregão pós-moderno* (assim como a denominei ao longo dessa pesquisa) e suas características argumentativas se justifica, no mínimo, por três motivos: 1º) Ele pode nos oferecer uma melhor compreensão sobre o funcionamento da linguagem e como ela constrói sentido; 2º) Ele pode nos oferecer uma entre as imagens da fala popular regional de São Luís, MA, em termos de estratégias argumentativas; 3ª) Ele pode levar a uma caracterização/denominação de um gênero até então não investigado.

Neste sentido, uma das principais justificativas da pesquisa que ora apresento está no fato de buscar fazer um contorno de um gênero discursivo que ainda não tem sido explorado como tal nos estudos linguísticos e que tem dificultado, inclusive, o percurso desta pesquisa, em função de não poder ser situado nem entre os pregões, nem entre os textos publicitários, sugerindo que há aí, portanto, um gênero híbrido.

Sei que, pela necessidade de recortar o *corpus* pelo parâmetro do comércio informal dos camelôs, não seria possível ampliar as investigações ao nível da análise do texto publicitário. Entretanto, como a análise linguística das falas dos camelôs não se restringe ao linguístico em si, mas à interferência do contexto/da história nesse dizer que é força de trabalho, preciso retornar aos pregões, cujas considerações favoreceram o percurso histórico necessário à análise de um discurso determinado por traços de uma exterioridade marcada na linguagem. A realidade marcada no que é dito.

Em um primeiro momento, fez-se necessário apresentar o referencial teórico que serviu de base para a interpretação dos dados da pesquisa. Foram apresentadas reflexões acerca de linguagem, texto e gêneros do discurso, da Pragmática, assim como conceitos de retórica e argumentação em articulação com os princípios da Linguística Cognitiva, tendo em vista o estudo das metáforas, segundo essa visão. A seguir, tornou-se necessário rever uma São Luís de outrora criada em sua realidade local, com poucas ruas, poucos vendedores, e com vozes de pregoeiros que gritavam “a coisa em si” - hoje denominada produto, mercadoria - poucas coisas, mas suficientes para guardar os sabores de uma terra, diluídos pelos não-lugares globalizados, um diferenciador altamente afetado pelo mundo capitalista que, alterando as relações de trabalho, afetou a linguagem e as relações por meio dela.

As figuras ou ornamentos contidos nessas falas dos camelôs serão analisados como marcas discursivas de uma nova retórica aos tempos da pós-modernidade que alterou a relação da coisa com o lugar, do vendedor com o produto, do vendedor com o comprador e do comprador com o produto.

É necessário esclarecer que o termo *ornamentos*, com a perspectiva dessa nova retórica, não se limita a enfeite em si dos modos de dizer, mas o enfeite nos modos de dizer é consequência de uma interferência dos espaços, que resultam, dentre outras coisas, em metáforas realizadas a partir de associações cognitivas que reavivam os sentidos da mercadoria alterados com o decorrer do tempo e da história. É essa interferência que aponta para o limite das palavras que em si não dizem, não convencem e não persuadem, e levam a maior justificativa desta tese, que é de ir além dessas palavras. A palavra é o guia que reúne os indícios dos espaços, quer sejam eles físicos, linguísticos, cognitivos, sócio-históricos e culturais. É essa perspectiva que gerou a seguinte pergunta: **Os espaços interferem no processo argumentativo?**

Em função dessa pergunta, tenho como **objetivo geral** elaborar um perfil tanto do gênero *pregão tradicional*³² (PT) como do gênero *pregão pós-moderno* (PPM) levando em consideração as marcas linguísticas determinadas pela interferência dos espaços nos atos de fala do pregoeiro e do camelô. E como **objetivos específicos**:

- Reconstituir o percurso histórico da figura do camelô, a partir do pregoeiro, necessário à análise de um discurso determinado por traços de uma exterioridade marcada na linguagem;
- Comparar as elocuições do pregoeiro com as elocuições do camelô;
- Localizar a metáfora como consequência das associações cognitivas no processo de venda da mercadoria oferecida pelo camelô;
- Identificar as marcas de regularidade nas elocuições do pregoeiro e do camelô;
- Analisar os recursos argumentativos nos modos de dizer do camelô como resultado de interferências espaciais que se manifestam no momento da interlocução.

Encontros e desencontros com as teorias

Nos primeiros momentos, o ato de pesquisar me levou a sentimentos e sensações estranhas. Ao mesmo tempo em que me encontrava rodeada de autores, sentia-me

³² Tradicional está sendo utilizado nesta tese com o sentido de arraigado à tradição.

profundamente sozinha. Sentia-me perdida mesmo, apesar da multidão, mesmo com tanta gente em volta sentia medo. Inquietações, incertezas, dúvidas me envolviam, sentia uma sensação de isolamento, típica de um pesquisador.

Passado algum tempo, comecei a perceber que é assim, que tem que ser assim e que é assim com todos que fazem pesquisa. Não tendo outra saída, resolvi tirar proveito dessa solidão, pensar e repensar meu objeto de pesquisa, fazer e refazer minhas questões e, enfim, iniciei uma busca afluente a uma base teórica ou a várias bases teóricas que me pudessem clarear as ideias ou mesmo me desobstruir o pensamento.

Neste sentido, comecei uma revisão bibliográfica, mas, quanto mais lia, mais sentia a necessidade de outros referenciais teórico-metodológicos que dessem conta, que pudessem responder às minhas questões. Aquela velha história da academia, pensar que podemos encontrar algo pronto, como se isso existisse de fato. Fomos treinados a copiar, reproduzir e não a experimentar, criar novos conceitos e paradigmas. Realmente não fomos incentivados a isso.

Enfim aconteceu o meu encontro com a Linguística Cognitiva. Ao ler Antônio Suárez Abreu, que me apresentou George Lakoff, Gilles Fauconnier e outros, percebi que me valendo das teorias desses autores seria capaz de explicar **o que** o camelô diz, que operações mentais ele realiza para dizer o que diz. Mas isso não era tudo, queria mais, muito mais. Queria explicar o poder de argumentação contido no que ele diz. Então comecei a marcar outros encontros que me levaram a Ducrot, Perelman e Olbrechts - Tyteca, que por sua vez me conduziram a Austin, Grice e Searle, mas, ainda assim, persistia a pergunta: como entender e explicar **por que** o camelô diz do modo como diz e de um modo diferente do que o pregoeiro dizia?

Partindo dessa pergunta fui formulando a minha **hipótese central**, qual seja: existe um sujeito que é o camelô e que era um pregoeiro. Como mostrar essa mudança, uma vez que ela é histórica, social, cultural sem me valer da teoria da polifonia de Bakhtin? Foi assim que tive meu encontro com Bakhtin, não só para tentar entender as várias vozes que circundam a voz do camelô, como também para melhor compreensão a respeito do que antes denominamos ato de fala e que agora já podemos dizer que é um gênero.

Muitas questões foram colocadas e recolocadas, para que eu pudesse, enfim, entender e justificar que minha pesquisa necessitava de todas essas teorias e que nem por isso se tratava de misturas de teorias, uma vez que tinha a pretensão de observar o fenômeno sob dois pontos de vistas: **do ponto de vista das operações mentais**, ou seja, **o que** o sujeito faz

com a linguagem, a partir das operações mentais, e o outro ponto de vista é **por que** o sujeito o faz. Entendi que para analisar por que o camelô mudou, inclusive, e, principalmente, o seu modo de dizer, tinha que tratar do sujeito³³ e de questões que envolvem o linguístico, o social, o cultural, o discursivo, o polifônico.

Desse modo, nesta pesquisa foi necessário articular as seguintes teorias:

Sobre Argumentação fundamento-me na obra de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), assim como na Teoria da Argumentação na Língua - Ducrot (1987), sobre atos de fala e máximas conversacionais Austin, Searle e Grice, sobre Gêneros do Discurso e polifonia, em Mikhail Bakhtin (2003). Artigo, ainda, a Teoria dos Espaços Mentais, de Gilles Fauconnier (1985/1997), e para trabalhar com a Metáfora na visão da Linguística Cognitiva valho-me dos trabalhos de George Lakoff (1987), George Lakoff e Johnson (1980/1999), tudo isso sob o viés da Análise do Discurso, tendo em vista a historicidade desses atos de fala.

Um percurso metodológico não muito linear

Minha proposta metodológica parte do entendimento de que produzir conhecimento não é desvelar uma verdade escondida. Compreender a relação teoria-prática constitui-se outra preocupação, considerando que toda teoria é provisória, acidental e que dependendo do estado de desenvolvimento em que se encontra a pesquisa, os dados vão sendo aclarados pelos conceitos que são vistos, revistos, formulados, reformulados e substituídos a partir de um novo material trabalhado. (Foucault, 1986).

A análise das elocuições do camelô levou em consideração a exterioridade interferindo nessas elocuições cujo percurso e características me conduziram à possibilidade de denominá-las “pregão pós-moderno”. Assim venho tratando o objeto ao longo da elaboração desta pesquisa, cujo método analítico escolhido foi o de dedução frequencial, na tentativa de chegar o mais próximo possível ao discurso do pregoeiro e do pregoeiro da pós-modernidade.

Por mais que eu tenha acrescentado ao corpus os pregões, não me afastei do interesse primeiro desta pesquisa que toma como alvo principal a fala do camelô e não a do pregoeiro, esta última necessária como ponto de referência e de sustentação histórica. O que chega como efeito de sentido, sobre um ponto de vista particular da voz do pregoeiro, que fique como mais uma contribuição desta pesquisa.

³³Um dos conceitos mais discutidos em Análise do Discurso (AD) é a noção de *Sujeito*. Fernandes (2007) afirma que o sujeito existe em razão do lugar que ocupa: um lugar social, histórico e ideologicamente marcado.

Aqui, “discurso” está colocado conforme à perspectiva de Pêcheux (1990), portanto é pensado como um espaço de tensão entre estrutura e acontecimento, lugar de encontro entre a atualidade e a memória. Nesse sentido, cada movimento linguístico do camelô em direção ao comprador da mercadoria é determinado pelas interferências próprias das relações de mercado, portanto, um acontecimento enunciativo. Acrescento nesse acontecimento as interferências da exterioridade numa perspectiva temporal que se estende num tempo histórico, neste caso, entre o tempo do pregoeiro e o do camelô, num complexo espacial que será analisado sob essa perspectiva teórica.

Na dimensão das reflexões de Michel Pêcheux, o método das deduções frequenciais tem favorecido analisar as características desses pregões modernos pelas marcas regulares que há entre eles, já podendo levantar como a mais frequente a metáfora cujos Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs) deverão ser organizados para identificar o processo de persuasão entre o camelô e o consumidor. Significa que para chegar à análise do corpus e considerar (ou não) a fala do camelô um gênero seria necessário relacionar conceitos da linguística cognitiva e da teoria do discurso, única possibilidade em vista para inferir sobre o que o camelô diz e por que diz, tendo em vista o espaço desse dizer.

Ferramentas de construção da pesquisa

O corpus, construído a partir da transcrição dos textos orais que constituem as elocuições dos camelôs do Centro Comercial de São Luís-MA foi acrescido dos pregões, mais especificamente daqueles característicos de São Luís do Maranhão, em função de levarmos em conta a história já que o discurso trata da historicidade do texto.

Essa construção é a primeira exigência do método análise do discurso, já que se define pela organização retórica, elaboração, fala/texto como circunstancial e reflexividade.

A análise do corpus foi feita por meio de uma codificação que teve como alvo os estranhamentos/ornamentos a partir dos quais foi analisada a maior ou menor frequência de uso nas elocuições dos camelôs. À medida que foi analisada a maneira como a linguagem é empregada, a pesquisadora também esteve atenta ao que não foi dito explicitamente. Para isso, foram trabalhados o enunciado e o contexto. Levando em consideração todos os aspectos levantados é que conduzimos este trabalho de pesquisa.

As elocuições dos camelôs foram coletadas de janeiro a agosto de 2009 no Centro Comercial de São Luís. Esse recurso foi complementado com observações e com entrevistas estruturadas que nos permitiram mapear o perfil dos camelôs. Utilizamos o método de

dedução frequencial, que consiste em recensear o número de ocorrência de um mesmo signo linguístico no interior de uma sequência de dimensão fixada.

O corpus desta pesquisa constitui-se de antigos pregões³⁴ e de elocuições proferidas pelos camelôs do Centro Comercial de São Luís – MA. Além das entrevistas e anotações *in loco*, foram coletadas cerca de 40 elocuições, para seleção posterior.

Estrutura da tese

Sem deixar escapar a visão de totalidade, na sua formatação final, este trabalho está estruturado em cinco momentos distintos. Este, inicial, a **INTRODUÇÃO**, que traz o perfil e o trajeto percorrido pela pesquisadora, o objeto e a justificativa de estudá-lo, os objetivos e sua demarcação teórico-metodológica, os procedimentos de investigação e breve exposição da reflexão contida em cada capítulo.

NO **CAPÍTULO 1 – “BASES TEÓRICAS DA PESQUISA”** – primeiramente relatamos alguns posicionamentos teóricos sobre o que de fato seria a linguagem, em seguida abrimos uma discussão sobre gêneros do discurso e a teoria da polifonia de Mikhail Bakhtin, pelo viés da Análise do discurso. Depois discorremos sobre retórica e argumentação, levando em consideração que a argumentação constitui um componente intrínseco à linguagem, inscrito na própria língua. Realizamos uma incursão pela Retórica Clássica, pela Nova Retórica, até chegar-se à Pragmática com a teoria dos atos de fala e as máximas conversacionais, para enfim fazermos considerações sobre a linguística cognitiva e seus principais domínios de investigação, entre eles, a teoria dos espaços mentais, os esquemas imagéticos e as metáforas e metonímias e sua funcionalidade.

No **CAPÍTULO 2** intitulado “**CONTEXTOS SÓCIO-HISTÓRICOS: OS CENÁRIOS DOS ENUNCIADOS DOS PREGOEIROS TRADICIONAIS E DOS PREGOEIROS PÓS-MODERNOS**” iniciamos contextualizando historicamente os cenários dos enunciados proferidos por pregoeiros e camelôs, ou seja, um cenário arraigado à tradição e um cenário pós-moderno e, conseqüentemente, situamos também o contexto globalizado no qual os enunciados pós-modernos acontecem. Em seguida, fazemos uma caracterização do contexto do *pregoeiro tradicional* e do *pregoeiro pós-moderno* – o camelô. Depois construímos o cenário da Ilha de São Luís em comparação com a cidade de São Luís, a ilha do *pregoeiro tradicional* e a cidade do *pregoeiro pós-moderno*, para então caracterizarmos o

³⁴ Todos os pregões foram retirados do livro *Pregões de São Luís*, de Lopes Bogéa e Antonio Vieira (1999).

pregão tradicional, a ilha, “a coisa” e a palavra. Finalmente, chegamos á caracterização do *pregão pós-moderno*: a cidade, o mundo, a mercadoria e a argumentação.

No **CAPÍTULO 3 “A PESQUISA”** partimos das considerações metodológicas para explicar em seguida o loco da pesquisa que é a cidade de São Luís do Maranhão com ênfase na Rua Grande; os sujeitos da pesquisa, ou seja, os pregoeiros e os camelôs; o corpus que são os enunciados proferidos pelos pregoeiros de outrora e pelos pregoeiros pós-modernos – os camelôs; o instrumental da pesquisa e finalmente a análise e interpretação dos dados de acordo com as categorias selecionadas.

No **CAPÍTULO 4** intitulado “**CONSTRUÇÃO DOS GÊNEROS PREGÃO TRADICIONAL E PREGÃO PÓS-MODERNO**” elaboramos o contorno tanto do gênero *pregão tradicional* como do gênero *pregão pós-moderno* caracterizando-os de acordo com os pressupostos teóricos delimitados pelas teorias que se fizeram presentes durante todo o processo de pesquisa.

No último item, “**CONSIDERAÇÕES FINAIS**”, fizemos uma síntese de todo o trajeto percorrido ao longo da pesquisa, e, para efeito de fim, sinalizamos as principais conclusões a que se foi possível chegar, após análise cuidadosa dos dados, entre elas o porquê de considerar a fala do camelô como um gênero discursivo, intitulado nesta pesquisa de *pregão pós-moderno*.

Tendo como pressuposto que o objeto do conhecimento é algo construído, portanto um processo, e já que um processo estará sempre inacabado na sua totalidade é que temos consciência de que haverá sempre uma outra possibilidade de explorá-lo. Entretanto, a parte que coube a esta pesquisa soma-se aos subsídios que favorecem ler a linguagem por meio dos tempos e os tempos por meio da linguagem.

CAPÍTULO 1

BASES TEÓRICAS DA PESQUISA

1. BASES TEÓRICAS DA PESQUISA

1.1 Sobre Linguagem: posicionamentos teóricos

A magia da linguagem é o mais perigoso dos encantos. (BULWER-LYTTON, 2009, p.25)

Afinal o que é a linguagem?

O universo teórico em que as discussões a respeito da linguagem estão inseridas é bastante complexo. Essa complexidade tem levado linguistas e estudiosos de variados campos a propor definições de linguagem que, ao mesmo tempo em que se aproximam em alguns pontos, em outros se afastam.

Não se pode negar que as variadas perspectivas, até hoje apresentadas, a respeito da definição da linguagem têm contribuído para um entendimento de linguagem que vai mais além da perspectiva dicotômica e centralizada no signo.

Os primeiros estudos acerca dessa capacidade humana remontam ao século IV a.C., quando religiosos hindus resolveram estudar sua língua a fim de preservar os textos sagrados contidos no Veda.³⁵

Além de importantes estudos sobre a retórica, e até mesmo sobre categorias gramaticais, os filósofos gregos também se dedicaram ao dilema: existirá relação entre a palavra e o seu significado? Platão, no Diálogo Crátilo,³⁶ foi quem mais discutiu essa questão.

Em 1660 surge uma gramática que busca demonstrar que a linguagem se funda na razão, é a imagem do pensamento, a *Grammaire Générale et Raisonné* de Port Royal, ou Gramática de Port Royal, de Lancelot e Arnaud.³⁷ “(...) tendo os homens necessidades de signos para exteriorizar tudo o que se passa em seu espírito, é indispensável que a distinção mais geral seja que uns signifiquem os objetos dos pensamentos e outros a forma e o modo de nossos pensamentos. (...)”. (ARNAULD e LANCELOT, 1992, p.29).

No século XIX, com o conhecimento de várias línguas surge o interesse pelas

³⁵ Livro escrito em sânscrito que documenta a religião e a literatura dos hindus.

³⁶ Texto básico da filosofia helênica sobre a linguagem.

³⁷ O objetivo dessa gramática era demonstrar que a estrutura da linguagem era um produto da razão, e que as diferentes línguas dos homens eram somente variedades de um sistema lógico e racional mais geral.

línguas vivas e pelo estudo comparativo dos falares, o que ocasiona o desenvolvimento de um método histórico que vai influenciar fortemente o aparecimento das gramáticas comparadas e da linguística histórica. Esse estudo comparativo das línguas põe em foco que as línguas, independentemente da vontade humana, se transformam no decorrer do tempo.

A publicação de Franz Bopp em 1816, sobre o sistema sânscrito em comparação ao grego, ao latim, ao germânico e ao persa, marca a origem da Linguística Histórica. Nessa época, por meio do método histórico-comparativo, evidencia-se uma relação de parentesco entre essas línguas e a maioria das línguas européias, o que constituirá a família indo-europeia.

Uma das posições mais importantes e que serve de ponto de partida para as discussões que se travam até a atualidade, é o posicionamento de Ferdinand de Saussure no que diz respeito à linguagem. Para Saussure (1995), a língua é vista como código, como um conjunto de signos que se combinam de acordo com regras. Foram os estudos linguísticos realizados pelos estruturalistas que sustentaram essa concepção.

Até então a linguística dependia dos estudos de outras disciplinas; como a Lógica, a Filosofia, a Retórica, a História e a Crítica Literária. Apenas no século XX, em 1916, com a publicação do **Curso de Linguística Geral** (CLG) - texto fundador da Linguística Moderna - os trabalhos de Ferdinand de Saussure são divulgados, e a Linguística – campo de investigação sobre a linguagem – passa a ser reconhecida como um estudo científico autônomo.

A Linguística - tratada como estudo científico da língua- é “(...) *empírica, ao invés de especulativa e intuitiva: opera com dados publicamente verificáveis por meio de observações e experiências. Ser empírica, nesse sentido, é para a maioria a própria marca registrada da ciência.*” (LYONS, 1987, p.46).

O trabalho de Ferdinand de Saussure instaura uma ruptura com a Linguística Comparatista, principalmente com os trabalhos de Franz Bopp, e propõe uma análise não histórica, descritiva e sistemática, o que mais tarde se chamará estruturalismo.

Nas páginas iniciais do CLG, Saussure traz à tona uma das antinomias fundamentais, qual seja a distinção entre língua e fala, e inicia essa discussão diferenciando, relacionando língua e linguagem.

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem: é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto das condições necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem

é multiforme e heteróclita: a cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence, além disso, ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade. (SAUSSURE, 1995, p.17).

O mestre genebrino insiste que o objeto da linguística é a língua e não a fala, define a língua na sua relação com a natureza como um produto social cuja existência permite ao indivíduo o exercício da faculdade da linguagem. (SAUSSURE, 1995).

A fala, ao contrário da língua “(...) é um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1º) as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º) o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações.” (SAUSSURE, 1995, p.22). Para o pai do estruturalismo, essa distinção linguagem/língua/fala situa o objeto da linguística.

Daí decorre a divisão da linguagem em linguística da língua e linguística da fala, que mesmo dividida são inseparáveis, uma vez que a língua é condição para que a fala seja produzida, e não há língua sem o exercício da fala. Ambas se complementam no exercício da comunicação.

Após a afirmação de Saussure de que a língua é fundamentalmente um instrumento de comunicação, muita coisa já se modificou. A linguagem não é mais concebida apenas como instrumento de comunicação, ela passa a ser vista como expressão de pensamento, que pressupõe regras a serem seguidas com vistas à organização lógica do pensamento, cria um sujeito que para poder falar e escrever tem que seguir regras gramaticais.

Conforme Sapir (1929, p.8) “A linguagem é um método puramente humano e não instintivo de se comunicarem ideias, emoções e desejos por meio de símbolos voluntariamente produzidos.”. Ao resumir em poucas palavras esse vasto campo de reflexão, torna-se evidente que Sapir vê a linguagem apenas a serviço da comunicação.

Na visão de Bloch e Trager (1942, p.5) “A língua é um sistema de símbolos vocais arbitrários por meio dos quais um grupo opera privilegiando essencialmente a fala.”.

Já segundo Hall (1968 p.158), “A linguagem é a instituição pela qual os humanos se comunicam e interagem uns com os outros por meio de símbolos arbitrários orais-auditivos habitualmente utilizados.”. Nessa definição, pode-se perceber um avanço nas discussões sobre a linguagem, uma vez que já se acha inclusa a palavra interação, embora ainda limite o papel da linguagem a falante e ouvinte linearmente, ao utilizar a expressão orais-auditivos.

O pensamento de Robins (1977) limita a linguagem a uma atividade unitária em que os indivíduos, sem tomarem conhecimento consciente da gramática, falam, escrevem e compreendem, bastando apenas as regras gramaticais sonoras da língua.

Para Chomsky (1957, p. 13) a linguagem é considerada “[...] *como um conjunto (finito ou infinito) de sentenças, cada uma finita em comprimento e construída a partir de um conjunto finito de elementos*”. Na visão chomskyana toda língua natural possui um número finito de sons e de letras em seu alfabeto, e cada sentença pode ser representada como uma sequência de sons ou letras, mesmo que haja um número infinito de sentenças distintas. Esse autor deu prioridade para o estudo interno da linguagem, definindo a noção de estrutura como parte da sentença estável, independente das expressões que possam variar de indivíduo para indivíduo, desconsiderando assim, os aspectos externos, como o contexto sócio-histórico e cultural.

Dentre os pesquisadores brasileiros, pode-se citar Borba (1979, p.360) que assevera que “*A linguagem é um sistema de elementos sonoros de que os homens se servem para comunicar seus sentimentos, volições e pensamentos.*”

Para Pezatti (2007), na visão funcionalista dois pressupostos são basilares: a concepção de linguagem como um instrumento de comunicação e de interação social; e o estabelecimento de um objeto de estudos com base no uso real. Não se admite separar sistema (língua) e uso (fala), tal como se concebia na tradição estruturalista saussuriana, assim como a teoria gerativa faz com a distinção entre competência e desempenho.

Enquanto a Linguística Formal gera explicações, a partir da própria estrutura, a Linguística Funcional encontra bases explicativas na função exercida pelas unidades estruturais e em processos diacrônicos recorrentes. Nesta área, a linguagem é vista como uma ferramenta cuja forma se adapta às funções que exerce e, desse modo, ela pode ser explicada somente com base nessas funções, que são, em última análise, comunicativas.

Segundo Pezatti (2007, p.168),

O princípio de que toda a explicação linguística deve ser buscada na relação entre linguagem e uso, ou na linguagem em uso no contexto social, torna-se obrigatória a tarefa de explicar o fenômeno linguístico com base nas relações que, no contexto sociointeracional, contraem falante, ouvinte e a pressuposta informação pragmática de ambos.

Nessa perspectiva, a Linguística Cognitiva concebe a linguagem como meio de conhecimento em conexão com a experiência humana do mundo. As unidades e as estruturas da linguagem são estudadas como manifestações de capacidades cognitivas gerais, de

modelos conceituais, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual, longe de serem tratadas como entidades autônomas.

Por conseguinte, a Linguística Cognitiva nega as posições da Linguística Moderna no que diz respeito ao princípio de autonomia da linguagem, entre outras razões por não aceitar: a separação entre conhecimento linguístico ou semântico e conhecimento extralinguístico ou enciclopédico; a questão da arbitrariedade do signo linguístico; a homogeneidade das categorias linguísticas; a ideia de que a linguagem é gerada por regras lógicas e por traços semânticos objetivos; e a autonomia e a não-motivação semântica e conceptual da sintaxe defendida por Chomsky.

A Linguística Cognitiva não admite a tese da autonomia da linguagem, opondo-se tanto ao estruturalismo, por conceber a linguagem como um sistema autossuficiente, como ao gerativismo, quando entende que a faculdade da linguagem é um componente autônomo da mente, específico e, *a priori*, independente das outras faculdades mentais. Em outras palavras, dentro do modelo gerativista, o conhecimento da linguagem independe de outros tipos de conhecimento. (VANDELOISE; TAYLOR, 1991, 1995).

Embora haja divergências entre as definições de língua(gem), conforme já se pode observar nos parágrafos acima, pode-se dizer que a maioria dessas definições adota a visão de que as línguas são sistemas de símbolos projetados com a finalidade de comunicação. Essa característica comum deu origem ao que Saussure chamou de Semiologia, e Pierce, de Semiótica, ou seja, ciência que estuda todo e qualquer sistema de signos.

A linguística é, pois, parte dessa semiologia, dessa semiótica ou dessa ciência geral que estuda as línguas naturais – principal modalidade dos sistemas sógnicos – forma de comunicação mais utilizada e estudada.

Nessa direção, é compreensível o empenho do homem no sentido de tentar desvendar os segredos que a linguagem encerra. Afinal, é por intermédio dela que ele pode nomear, criar, transformar, trocar experiências, falar sobre o que existiu e o que poderá vir a existir, seduzir, persuadir, enfim, tomá-la como veículo de comunicação social.

Nessa perspectiva, a língua(gem) é a forma de comunicação entre os seres, orientada pela visão destes com o mundo e com os outros, pela realidade social, histórica e cultural de todos aqueles que a utilizam. Enfim, é a via de acesso ao mundo, ao pensamento e ao conhecimento.

A concepção de linguagem que visa à comunicação acaba por afastar o indivíduo falante do que há de social e histórico na língua – visão formalista da língua. Portanto, é na

perspectiva de linguagem como interação, numa dada situação de comunicação e em um determinado contexto sócio-histórico que de fato poderá existir produção de efeitos de sentido entre interlocutores.

É, portanto, nessa visão de língua como interação, voltada para um universo enunciativo-interacional, que tem como maior estudioso Mikhail Bakhtin, que acontece o ponto de convergência da literatura sobre o assunto. Bakhtin, assim como Saussure afirma ser a língua um fato social, mas, no que diz respeito à fala, à enunciação eles não comungam da mesma ideia. Para Bakhtin a fala não tem natureza individual, como asseveravam os estruturalistas, a natureza da fala é social, diz ele. *“A fala está indissoluvelmente ligada às condições de comunicação, que por sua vez estão sempre ligadas às estruturas sociais.”* (BAKHTIN, 2002, p.14).

As discussões em torno da ideia de sujeito, na linguagem, são avaliadas por autores como Koch (2002), que na esteira de Bakhtin acredita que a subjetividade relaciona-se diretamente à concepção de língua. Segundo essa autora, a noção de língua deve ser discutida a partir de um sujeito psicológico, individual, dono de suas ações, uma noção de língua na qual exista interação, e o sujeito tem uma posição de ator social que trabalha na construção da comunicação.

Para Bakhtin, *“A língua efetua-se em torno de enunciados (orais ou escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou de outra esfera da atividade humana.”* (BAKHTIN, 2002, p 254). E sobre isso trataremos no item a seguir, tendo em vista a possível localização e caracterização de um gênero no qual se possam inserir os pregões da pós-modernidade, isto é: a fala proferida pelo camelô em São Luís do Maranhão.

1.2 Sobre texto e gêneros do discurso

1.2.1 Da palavra ao texto

Para melhor compreender a fala dos camelôs enquanto um gênero específico, inicia-se este subitem discorrendo sobre a origem dos estudos que tomam o texto como objeto de análise. Em seguida procura-se situar a noção de texto no interior das variadas concepções teóricas para, enfim, desenvolver a noção de gêneros discursivos.

Inicia-se com uma pergunta: Quando começou, realmente, a ser formulada a noção de texto? Para responder a esta pergunta toma-se como referência o trabalho de Indursky (2006), que remete a Adam³⁸, que, por sua vez, remete a Quintiliano. A questão do texto já era preocupação de estudiosos clássicos do mundo romano, que estudavam a Oratória, a Filosofia e a Gramática, dentre eles, Cícero e Quintiliano. Ou seja, essa preocupação perdura desde a antiguidade,

Segundo Adam³⁹ foi a partir das reflexões de Quintiliano que o conceito de texto começou a ser elaborado com consistência. Quintiliano em sua obra mais importante “De Institutione Oratória” (95 d.C), associa o texto (*textus* e *textum*) às etapas do processo argumentativo da Arte Retórica de Aristóteles, isto é: a *inventio* ou *compositio* que trata da elaboração dos argumentos; a *elocutio* que organiza as palavras na frase e a *dispositio*, etapa de organização do *inventio* em uma certa ordem ou plano do texto.

A ideia de **textus**, de Quintiliano, tem proximidade com *conjointure* do francês e *junctura* do latim (lugar em que duas partes se juntam), que em português origina *conjunctura* (união, ligação conjuntamente, ao mesmo tempo). O *textus* seria então uma reunião ou organização de elementos variados ou mesmo díspares transformado em um todo organizado. Quanto a **textum**, essa ideia tem proximidade com “a infinita contextura dos debates” dos *Essais de Montaigne* (ideia de composição aberta, não acabada).

Segundo Indursky (2006, p.37), desde então, Quintiliano já vislumbrava o duplo funcionamento constitutivo do texto, ou seja, o texto já era definido tanto pela sua unidade, quanto pela sua abertura. “*Cabia à gramática determinar, a partir dos autores que formavam o Cânone clássico, os usos da língua considerados legítimos, e cabia à retórica, atualizar, no discurso, aqueles usos, com o objetivo de convencer.*”.

Logo após essa fase, houve um declínio das reflexões em torno dos estudos textuais, e algumas hipóteses foram levantadas. 1ª) o interesse pelo estudo nas variadas línguas neolatinas em detrimento dos estudos em latim; surgimento na França, da *gramática geral e razoada*, “*A Gramática de Port Royal*”, (1760), e, em Portugal, “*A Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa*” (1822) ou “*Princípios da Gramática Geral aplicados a nossa linguagem*”, de Jerônimo Soares Barboza (1881). 2ª) A presença ausente da arte de bem falar, reservada apenas na aprendizagem de regras da língua. 3ª) Apagamento do texto, com o desaparecimento da retórica e da oratória. Nas palavras de Indursky (2006, p.38), os

³⁸ ADAM, J. M. *Linguística de los textos narrativos*. Barcelona: Editorial Ariel, 1999

³⁹ *Ibid.*

grandes gramáticos das línguas modernas “(...) *entendiam que, se um falante domina as regras gramaticais e sabe fazer frases bem formadas, então também sabe compor textos bem formulados, porque os textos são constituídos pela combinação de sílabas, palavras e frases.*” (contextura, encadeamento: sentido latino). Enfim, os grandes gramáticos das línguas modernas não tomaram o texto como objeto de análise.

Com a instituição da ciência da linguagem, nasce a possibilidade de estudar o objeto língua. Teoriza-se que a língua é constituída de signos e, a partir dos conceitos de sintagma e de eixo sintagmático, foi preparado o caminho para as futuras gerações de linguistas, identificadas com a concepção sistêmica da língua: passagem do signo para a frase – primeiro pelos estruturalistas, de um modo geral, e depois por Chomsky.

Para os estruturalistas e os gerativistas o entorno frasal (a frase) passa a ser o contexto.

A frase institui como seu contexto não mais necessariamente todo o sistema linguístico, como é o caso dos signos e dos fonemas, mas os elementos que estão presentes na frase, elementos estes que precedem ou que seguem um determinado constituinte frasal. Vale dizer: o contexto da frase é estritamente linguístico, constituído de relações internas ao sistema e/ou a frase.” (INDURSKY, 2006. p.39).

Os estruturalistas e os gerativistas tomam a língua em diferentes níveis. Para descrevê-la (estruturalismo), descrevê-la e/ou interpretá-la (gerativismo), os linguistas vão trabalhar nos níveis fonológico, morfológico e sintático da língua, ou seja, as pesquisas concentravam-se quase que exclusivamente no estudo da frase, nos campos da fonologia, morfologia e sintaxe frasal, desconsiderando aspectos semânticos e contextuais em diferentes situações de comunicação. Assim, os estudos relacionados com a pronominalização, a referenciação, a relação entre as frases, a coerência, a progressão temática, a ordem das palavras no enunciado foram retardados.

O reconhecimento da necessidade de tomar o texto, e não mais a frase como unidade de estudo percorreu um caminho árduo e longo. Dentre os fatores que contribuíram para esse reconhecimento destaca-se a dicotomia saussuriana *langue/parole* que ignorou o contexto linguístico ao separar o sistema linguístico abstrato da sua realidade concreta, contribuindo para manutenção do rigor metodológico, não permitindo desse modo os avanços dos estudos em relação ao texto.

Em um contexto epistemológico dominado pela linguística da frase, fruto da cultura da gramática tradicional e sob a influência da gramática gerativa nasce a Linguística Textual.

Partindo do método distribucional e adotando a ideia de Bloomfield de que a língua deve ser vista como uma identidade autônoma que pode ser classificada e descrita por si mesma por meio de técnicas mecanicistas e, com base no behaviorismo que postula que um enunciado deve ser descrito pelo mesmo procedimento em todos os seus níveis, independente da sua extensão, Harris escreve o artigo *Discourse Analysis* em 1952, propondo um método de análise do discurso. Essa análise de Harris, pelo fato de ser o primeiro modelo de análise criado em função do estudo de sequências de enunciados teve muita importância para a passagem da linguística da frase para a linguística do texto.

Ainda que o estruturalismo tenha contribuído bastante para o desenvolvimento da linguística textual, “(...) é na linguística gerativa que se encontra um conjunto de procedimentos metodológicos e descrições empíricas que servirão de base sólida para se proceder à extensão da gramática frasal para uma gramática textual.” (NEIS, 1981, p.26).

Chomsky foi sem dúvida o maior representante da teoria gerativista. Embora em sua obra “*Syntactic structure*” (1957) tenha deixado de lado os aspectos semânticos da língua, preocupando-se exclusivamente com os aspectos sintáticos e morfofonológicos, posteriormente, em “*Aspects of the Theory of Syntax*” (1965), incorpora o aspecto semântico como componente reservado à interpretação da estrutura profunda. Alguns linguistas gerativistas, como Fillmore (1968), começaram a conceder à semântica o papel primordial de estudo, criando assim uma resistência ao modelo sintático chomskyano, dando origem à semântica gerativa.

A semântica gerativa requer o fim da distinção entre estrutura profunda e estrutura superficial restritamente sintática, demonstrando não ser possível a existência de uma sintaxe autônoma, uma vez que as regras de representações só podem ser compreendidas se observadas sintática e semanticamente.

Com o desenvolvimento da Linguística textual, novo ramo da Linguística, que vem evoluindo desde a década de 60 e cujos antecedentes se encontram na Retórica, na Estilística e no Formalismo Russo, houve uma motivação para se abrir uma discussão sobre as lacunas deixadas pela gramática da frase. O reconhecimento de que esse vazio somente poderia ser resolvido a partir do momento em que o texto, e não mais a frase, fosse tomado como unidade de estudo, levou alguns linguistas europeus a direcionarem sua atenção ao texto.

Hjelmslev (1978) foi, no campo da Linguística, o primeiro a esboçar uma definição de texto. Para ele, “texto” significa toda e qualquer manifestação curta ou longa,

escrita ou falada da língua, correspondendo, de certo modo, à *parole* saussuriana. Sendo assim, o texto não constitui uma unidade linguística, mas apenas mera forma de existência da língua. Esse conceito se explica pelo fato de que Hjelmslev não pretendia explicitar o que seja um texto, objetivava apenas descrever o sistema linguístico para formular uma teoria da *langue*.

Segundo Conte (1980), as evoluções da Linguística Textual acompanharam os delineamentos da Linguística atravessando três momentos, que se caracterizaram por adotarem concepções de objetos e métodos de análise distintos.

Primeiramente, a pesquisa prioriza o estudo das relações interfrasais e transfrasais, visando a explicar as pronominalizações, o uso de referências e substituições lexicais. O texto é concebido apenas como uma sequência de significados encadeados, não como um *todo* dotado de sentido.

No segundo momento, começam a ser construídas gramáticas de texto, que dessem conta dos níveis sintático e semântico do texto.

Os fatores pragmáticos ligados à produção, recepção e interpretação de textos são os dados importantes que conduzem os estudos para o terceiro momento em que se inicia a construção das teorias de texto ou Linguística de texto fundamentada em uma situação específica de comunicação. Esse é um momento em que o âmbito das investigações vai do texto ao contexto, entendido como um conjunto de condições de sua produção e reprodução.

A evolução da Linguística Textual, do primeiro ao terceiro momento, teve como consequência uma mudança no conceito de texto. Essa unidade vai ser entendida de forma diferente de acordo com o ponto de vista de cada momento. Quando chega ao terceiro momento, já há um conceito integrador que admite que, na constituição do sentido de um texto cooperam, além dos elementos, estritamente linguísticos, os temáticos, os lógico-cognitivos e os pragmáticos.

Tem-se observado que a Linguística Textual, desde o seu surgimento até os dias atuais, vem modificando e ampliando seu campo de investigação. De uma disciplina gramatical que se preocupava com análise transfrástica e gramáticas textuais transformou-se em disciplina pragmático-discursiva, para enfim encontrar amparo na tendência sócio-cognitivista que aponta para questões relacionadas com o processamento sócio-cognitivo de textos escritos e orais.

Beaugrande (1997) afirma que a Linguística Textual é atualmente definida como o subdomínio linguístico de uma ciência transdisciplinar do texto e do discurso. E o texto passa

a ser definido como um evento comunicativo no qual ações linguísticas, cognitivas e sociais concorrem.

Desta forma, os princípios de textualização passam a ser um conjunto de condições que conduz cognitivamente à produção de um evento interacionalmente comunicativo.

Como se pode observar, na base da linguística textual há uma perspectiva cognitivista. Nos anos 80, configura-se uma nova orientação para os estudos do texto “*A partir da tomada de consciência de que todo fazer (ação) é necessariamente acompanhado de processos de ordem cognitiva, de que quem age precisa dispor de modelos mentais de operações e tipos de operações.*” (KOCH, 2004, p.21).

A origem desses modelos cognitivos por vezes se encontra na Inteligência Artificial, por vezes na Psicologia da Cognição e recebem, na literatura atual, diversas denominações: *frames* Minsky (1979), *scripts* Schank e Abelson (1977), *cenários* Sanford e Garrod (1985), *esquemas* Rumelhart (1980), *modelos mentais* Johnson-Laird (1983), *modelos episódicos ou de situação* Van Dijk (1989).

Beaugrande e Dressler (1981) configuram os principais representantes desse período, juntamente com outros estudiosos como: Heinemann e Viehweger (1991) que afirmam que, para o processamento textual, coexistem quatro sistemas de conhecimento: o linguístico, o enciclopédico ou semântico, o interacional e o referente a modelos textuais globais.

Para Beaugrande e Dressler (1981), a tarefa fundamental da teoria do texto é o estudo da noção de textualidade. Deste modo, eles propõem fatores/critérios de textualidade necessários para que um texto seja um texto comunicativo. Entre esses fatores encontra-se a **Coerência** que é constituída de elementos de conhecimento que são ativados para conservar a conectividade conceitual do texto. É por meio da coerência que os modelos cognitivos globais se relacionam.

Dentre esses modelos cognitivos globais têm-se os *frames* que são conjuntos de conhecimentos armazenados sob determinados blocos ou rótulos; os **esquemas** que são modelos globais de eventos e situações apreendidas em ordem sequencial, ligados pela proximidade temporal e pela causalidade. Diferentes dos frames, os esquemas estão sempre colocados em uma progressão, havendo possibilidades de formulação de hipóteses a respeito do que será feito ou mencionado em um mundo textual; **planos** que são modelos globais de eventos e situações que levam a uma meta, ou seja, a um plano previamente desenhado; e

scripts que são planos estáveis, convocados para indicar os papéis dos participantes, assim como seu discurso e suas ações, de certa forma, já esperadas. Dizem respeito a uma rotina preestabelecida, o que não ocorre com os planos. Os scripts são frames fortemente convencionais.

Diante do exposto pode-se constatar que há na base da Linguística Textual uma perspectiva cognitivista, como se pode observar nos trabalhos de Beaugrande e Dressler, quando falam dos modelos cognitivos globais, por exemplo. Tanto para a Linguística Textual como para a Linguística Cognitiva é fundamental a relação entre o conhecimento ativado no texto e o conhecimento de mundo. Os modelos cognitivos são, em geral, aprendidos através da experiência diária e constituem fatores responsáveis pela coerência textual e, por conseguinte pela construção do seu sentido. Valendo-se dos mesmos fatores utilizados pela Linguística Textual a Linguística Cognitiva retoma, amplia e redefine os conceitos desses fatores.

Dentro do escopo da Linguística Cognitiva, um texto não é algo pronto e com sentido completo. Um texto é “[...] apenas uma proposta de construção de sentidos.”. (ABREU, 2007, p.19). O leitor valendo-se do seu conhecimento prévio de mundo atribui sentido ao texto, e esse sentido vai sempre depender de qual seja sua intenção. Fávero e Koch (1983) asseveram que:

[...] o texto consiste em qualquer passagem, falada ou escrita, que forma um todo significativo e independente de sua extensão. Trata-se, pois, de uma unidade de sentido, de um contínuo comunicativo contextual que se caracteriza por um conjunto de relações responsáveis pela tessitura do texto. [...]. (FÁVERO e KOCH, 1983, p.25).

Koch (1997) defende que o texto pode ser concebido como resultado parcial de nossa atividade comunicativa, abrangendo processos, operações e estratégias que têm lugar na mente humana e que são postos em ação em situações concretas de interação social

Nessa direção, assumem importância particular as questões de ordem sócio-cognitiva, relacionadas à referenciação, inferenciação, conhecimento prévio, relação oralidade e escrita e o estudo dos gêneros textuais, sob a ótica bakhtiniana.

1.2.2 Uma questão de gênero

Este subitem versará sobre a concepção de gêneros discursivos em Bakhtin, o que dará ou não sustentação para, ao final da pesquisa, se poder afirmar que os enunciados proferidos pelos camelôs constituem um gênero específico.

O estudo da natureza do enunciado e das múltiplas formas de gêneros dos enunciados presentes nas variadas esferas da atividade humana e da comunicação é fundamental para a maioria dos campos da Linguística.

A expressão “gênero” esteve presente na tradição ocidental, ligada à noção de gêneros literários, e vinculava-se à tradição da Antiguidade greco-latina. Ela inicia-se com Platão, e vai se fixar com Aristóteles, passando pelo domínio de Horácio e Quintiliano, pela Idade Média, Renascimento e pela Modernidade até o século XX. (BAKHTIN, 2003).

Platão apresentou uma classificação binária de gêneros. A epopeia e a tragédia, por exemplo, pertenciam ao gênero sério; a comédia e a sátira pertenciam ao gênero burlesco. Essa sua primeira classificação pertence aos domínios de obras representativas de juízos de valor e vai sofrer mudanças em sua obra “A República”, em que ele elaborou a tríade advinda das relações entre realidade e representação. Assim, a tragédia e a comédia irão pertencer ao gênero mimético ou dramático; o ditirambo, o nômico e a poesia lírica irão pertencer ao gênero expositivo ou narrativo; e a epopeia irá pertencer ao gênero misto. Essa segunda classificação irá constituir a base para a Poética de Aristóteles, em que a tragédia se apresenta como paradigma para o que ele irá chamar de poesia. (MACHADO, 2007).

Apesar de se ter constituído no Campo da Poética e da Retórica, tal como formuladas por Aristóteles, é na literatura que se vai demarcar o rigor da classificação aristotélica. No terceiro capítulo da Retórica, Aristóteles apresenta o discurso como formado por aquele que fala, aquilo sobre o que se fala, aquele a quem se fala. Aristóteles criou três categorias de gêneros textuais que se foram subdividindo e expandindo-se. Após essa expansão houve uma grande discussão sobre o que era ou não gênero textual.

Com o surgimento da prosa comunicativa, que passou a reivindicar novos parâmetros de análise das formas interativas que se realizam por meio do discurso, o estatuto dos gêneros literários sofreu abalos. Mikhail Bakhtin irá propor um estudo dos gêneros discursivos levando em conta o dialogismo do processo comunicativo e não a classificação das espécies.

Em Bakhtin, as relações interativas são focadas como processos produtivos de linguagem. Os gêneros e discursos passam a ser concebidos como esferas de uso da linguagem verbal ou da comunicação fundada na palavra.

Além das formulações poéticas, Bakhtin afirma a necessidade de um exame circunstanciado não apenas da retórica, mas, sobretudo, das práticas prosaicas que diferentes usos da linguagem fazem do discurso, oferecendo-o como manifestação de pluralidade. Este é o núcleo conceitual a partir do qual as formulações sobre os gêneros discursivos distanciam-se do universo teórico da teoria clássica criando um lugar para manifestações discursivas da heteroglossia, isto é, das diversas codificações não restritas à palavra. Graças a essa abertura conceitual é possível considerar as formações discursivas do amplo campo da comunicação mediada, seja aquela processada pelos meios de comunicação de massas ou das modernas mídias digitais, sobre o qual, evidentemente, Bakhtin nada disse, mas para o qual suas formulações convergem. (MACHADO, 2007, p.152.).

Se, por um lado, o descritivismo das ações grandiosas produziu grandiloquência retórica aos gêneros poéticos clássicos, por outro lado, as formas discursivas da comunicação interativa em suas combinações proporcionaram o progresso da cultura prosaica de valorização das ações cotidianas dos homens comuns e de suas enunciações ordinárias. Nesse sentido, mais do que reverter o quadro tipológico das criações estéticas, o dialogismo, ao reconhecer o valor do estudo dos gêneros, encontrou um excelente recurso para “radiografar” o hibridismo, a heteroglossia e a pluralidade de sistemas de signos na cultura. (MACHADO, 2007).

Com base no que precede, torna-se possível mobilizar uma discussão a respeito da fala do camelô, no sentido de tentar localizar em que gênero essas falas se inserem. A partir dos gêneros híbridos, pode-se dizer que as elocuições proferidas pelos camelôs valorizam a cultura prosaica. É possível perceber, na esteira de Bakhtin, a emergência de uma forma híbrida que combina o gênero “pregão” e o gênero publicitário/propagandístico, e que se localiza nas elocuições do camelô.

As necessidades humanas ou atividades sociais geram inúmeras possibilidades de ocorrência e surgimento de diversos gêneros, considerando os fatores sócio-históricos, a situação, o lugar de uso da linguagem. Fatores sócio-históricos contribuem substancialmente para que o camelô se torne uma “derivação” do pregoeiro. O camelô encontra-se inserido em um tipo de comércio – o informal -, que paga menos impostos/ou que só depende do pagamento de uma licença para funcionar, ou seja, pertence a uma condição social e econômica menos favorecida.

Quanto ao aspecto histórico, pode-se observar que a evolução histórica do

pregoeiro-camelô, como já dito anteriormente, se dá por meio do lugar de uso da linguagem, mobilizando o surgimento de um gênero que está atrelado à fala do camelô – esse lugar de uso da linguagem está condicionado à situação também: um vendedor “ambulante” e os consumidores passantes. Quanto à designação camelô/ “ambulante” porque eles ficam ou não em um ponto fixo.

Diante dessa diversidade não se conseguiu estabelecer padrões inalteráveis de classificação em decorrência do caráter fluido, dinâmico e imprevisível da linguagem. Para Bazerman (2006), pode-se cair num formalismo reducionista se tentarmos classificar os gêneros.

Segundo Bakhtin (2003), a linguagem, nas suas mais diversas situações de uso e em qualquer camada social, possui um tipo de gênero próprio para se adequar a uma determinada situação e atingir um objetivo. Os gêneros são considerados pelo autor como “*formas relativamente estáveis de enunciados*”, construídos por cada esfera social de utilização, de acordo com suas condições específicas e suas finalidades.

Os gêneros, em sua dinamicidade, situacionalidade, historicidade e plasticidade não devem ser classificados como formas plurais ou catalogados rigidamente. Nesse sentido, as elocuições do camelô não devem ser catalogadas de forma rígida. Conforme Bakhtin (2003, p.38), as formas dos gêneros “[...] *são bem mais flexíveis, plásticas e livres que as formas da língua.*”. O autor afirma ainda que “é preciso dominar bem os gêneros para empregá-los livremente”. (2003, p. 284).

Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso. (BAKHTIN, 2003, p. 285)

É impossível comunicar-se verbalmente senão por intermédio de algum gênero, bem como também é impossível comunicar-se a não ser por um texto. É válido, então, dizer que a comunicação verbal só se realiza por meio de gêneros.

Os gêneros textuais, além de produzirem a textualidade, constituem uma teia dialógica do discurso, onde cada enunciado cria uma ligação na cadeia da comunicação. São eles que definem a fala, pois todas as enunciações do discurso revelam escolhas particulares de formas construídas dentro de um todo. Isso é perfeitamente perceptível nas elocuições do camelô uma vez que o gênero “pregão da pós-modernidade” (fala do camelô) define essas elocuições: o humor, as rimas, as metáforas, a musicalidade etc.

A movimentação de formas e funções dos gêneros está relacionada à forma como transitam os artefatos culturais e, em particular, os textos. Segundo Karwoski et al. (2006) existem gêneros que circulam como formas organizadoras da vida social, tais como os documentos em geral, e outros que são próprios de certas esferas da vida social como os artigos científicos, os tratados, as resenhas, as notícias jornalísticas.

Para Bakhtin (2003), em todos os variados campos da atividade humana, a utilização da língua realiza-se em formas de enunciados orais ou escritos, concretos e únicos. Para ele, a enunciação é um produto da relação social e todo enunciado, embora particular e individual, acha-se inserido em um gênero do discurso.

O gênero no qual se inserem as elocuções do camelô (pregão da modernidade) situa-se na esfera do comércio e faz uso da língua na forma de enunciados orais. Cada esfera social compõe os seus gêneros textuais, que se caracterizam por seu conteúdo temático, estilo e plano composicional – dimensões que revelam a esfera social em que são produzidos e modificados.

O conteúdo temático é o tema de que vai tratar o enunciado em questão, a mensagem transmitida. Já o plano composicional se refere à organização formal, propriamente dita. E o estilo considera questões opcionais como escolha do vocabulário, das estruturas frasais e predileções gramaticais.

Desse modo, para Bakhtin (2003), os gêneros do discurso são assimilados mentalmente pelos constituintes de uma determinada comunidade ao longo de suas vidas. Nessa perspectiva, pode-se dizer que gêneros discursivos são modelos/padrões comunicativos socialmente utilizados em situação concreta.

Levando em consideração que há infinitas situações de interação social nas quais um texto pode ser produzido, pode-se afirmar que há também infinitos gêneros textuais⁴⁰: editoriais, propagandas, telefonemas, poemas, romances, cartas comerciais, bulas de remédios etc. Segundo Marcuschi (2003, p. 29), os gêneros são “(...) fenômenos sócio-históricos e culturalmente sensíveis, não há como fazer uma lista fechada de todos os gêneros”. Na concepção de Bakhtin:

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em

⁴⁰ Não confundir Gênero Textual com Tipo Textual, pois segundo Marcuschi os Tipos textuais definem-se pela perspectiva linguística de sua composição, encontram-se assim divididos: dissertação, narração, argumentação, exposição, injunção e descrição. Os Gêneros Textuais referem-se aos textos utilizados no cotidiano que apresentam *características tanto sociais como comunicativas* delimitadas por conteúdos, funções, estilo e composição própria.

cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2003, p.262).

Em outras palavras, os gêneros apresentam uma diversidade infinita que vai sendo transformada e ampliada à proporção que a própria esfera social se desenvolve e fica mais complexa, dando origem a gêneros que estão sempre se intercalando e se permutando e, assim, são formados outros gêneros em função de propósitos comunicativos.

Koch (2004) afirma que os gêneros não são determinados por sua forma, mas pela sua função. Um gênero consegue assumir a forma de outro e mesmo assim continuar sendo o mesmo gênero tendo em vista o seu propósito de comunicação. Esse fenômeno relativo à hibridização ou mescla de gêneros Marcuschi (2003) denominou de intertextualidade intergêneros. Considerando-se que não há relação de dependência entre o formato e o propósito comunicativo, pelo próprio caráter de mobilidade dos gêneros, um determinado produto pode ser anunciado em um convite, uma carta, uma história em quadrinhos, um texto de caráter científico, etc.

Muitos gêneros encontrados hoje são adaptações de outros gêneros pré-existentes. Para Bakhtin, pode ocorrer uma transmutação dos gêneros ou uma assimilação de um gênero por outro gerando novos gêneros. Para Todorov (1980), um novo gênero é sempre a transformação por inversão, por deslocamento ou por combinação de um ou de vários gêneros antigos.

No caso específico do camelô é possível perceber claramente as transformações às quais Todorov se refere, pois é perceptível uma nítida transformação ou passagem dos pregões de outrora, proferidos pelos pregoeiros, para as elocuições dos camelôs da atualidade. Sobre isso trataremos detalhadamente mais adiante.

Há gêneros que já desapareceram, como o telex, outros que estão desaparecendo, como o telegrama, outros que surgiram recentemente, como o e-mail e outros, que apesar de existirem há certo tempo, nunca receberam uma denominação específica, como é o caso desse que se faz objeto de estudo desta pesquisa – a fala dos camelôs.

As modalidades oral e escrita da língua constituem uma continuidade e parece difícil demarcar os limites entre elas. Uma conferência é considerada um gênero da oralidade, pois se trata de uma exposição preparada previamente com leituras e anotações escritas; um bilhete, por sua vez, é um resumo escrito a partir de uma situação de comunicação corriqueira que, poderia ser feito oralmente, se ambos os interlocutores estivessem face a face.

Nessa direção, Bakhtin (2003) assinala que os gêneros surgem na perspectiva da

fala e da escrita inscritos em um continuum tipológico das práticas sociais de produção textual. Para Marcuschi (2003, p.17), “*Oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia.*”.

Corroborando esta ideia, Abreu (2007) afirma que há gêneros que fazem uso da oralidade, como um telefonema, um discurso político, uma apresentação oral, e, acrescenta-se, a própria fala do camelô. Há outros que fazem uso da escrita, como uma decisão judicial ou uma tese de doutorado. Há também aqueles que fazem uso de ambas as modalidades da língua. Desse modo, não faz mais muito sentido, hoje em dia, fazer distinção rígida entre comunicação oral e escrita.

Evidentemente, não se pode negar, nem mesmo minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso tanto orais como escritos. Como exemplo pode-se fazer alusão à imensa diversidade das modalidades de diálogos do cotidiano em razão do seu tema, da situação e da composição dos participantes; os documentos oficiais padronizados; as manifestações publicísticas sociais e políticas; as manifestações científicas e todos os gêneros literários. Segundo Bakhtin (1995), daí advém a dificuldade da definição da natureza geral do enunciado. O autor não distingue enunciado de enunciação. Para ele, tudo se constitui em enunciado: o ato de produção oral, o discurso escrito, o discurso da cultura, um romance já publicado e absorvido por uma cultura.

Bakhtin (2003) salienta a necessidade de agrupar os gêneros do discurso em: a) **gêneros primários (simples)** – aqueles que estão ligados às relações cotidianas do falante (conversa face a face, linguagem familiar, cotidiana etc.); b) **gêneros secundários (complexos)** – aqueles mais complexos (discurso científico, teatro, romance, dramas, grandes gêneros publicísticos? etc.), referem-se às esferas de interação social, melhor elaboradas. A fala do camelô insere-se no gênero primário, uma vez que trata de relações de venda de produtos, por meio de uma conversa face a face, fazendo uso de uma linguagem cotidiana, ou é uma manifestação publicística o que o encaixaria no gênero secundário?

Segundo Bakhtin (2003, p.268), “*Onde há estilo, há gênero.*”. O estilo se encontra indissolúvelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, em outras palavras, aos gêneros do discurso. Essa ligação do estilo com o gênero aparece claramente na questão dos estilos de linguagem que são estilos de gênero de determinadas esferas da atividade humana e da comunicação.

Em cada uma dessas esferas são empregados gêneros que correspondem às

condições específicas de determinada esfera, e a esses gêneros correspondem determinados estilos, isto é, dependendo da função e das condições de comunicação discursiva, particulares a cada esfera, é que os gêneros são concebidos.

Nesse sentido, a atividade da linguagem é considerada como o lugar e o meio das ações humanas sócio-historicamente situadas. Os gêneros textuais surgem como enunciados orais ou escritos com determinados propósitos comunicativos e com função sócio-comunicativa no seio de uma sociedade.

Corroborando esta idéia, Marcuschi (2004, p. 23) afirma que os diversos textos que se encontram na nossa vida diária possuem “características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica”. Dessa forma, pode-se afirmar que o gênero representa e estrutura, de certa forma, a maneira como as pessoas atuam no mundo.

Bakhtin (2003) assinala, ainda, que as mudanças históricas dos estilos de linguagem não se dissociam das mudanças dos gêneros do discurso, uma vez que os gêneros, quer primários, quer secundários, refletem de modo imediato, preciso e flexível todas as mudanças que ocorrem na vida social. No caso das elocuições proferidas pelos camelôs, que mudanças ocorreram no estilo das elocuições proferidas pelos pregoeiros de outrora para o estilo das elocuições dos camelôs da atualidade, em decorrência das mudanças históricas e sociais pelas quais passou a sociedade ludovicense? Disso trataremos no próximo capítulo, intitulado “**Contextos sócio-históricos: os cenários das falas do pregoeiro tradicional e do pregoeiro pós-moderno**”

Decerto, o gênero oral passa por uma fase de reconhecimento de seus direitos, pois não se pode mais negar o papel fundador da oralidade na relação com o outro. De acordo com Certeau (1996), é por meio das vozes que envolvem a criança, desde o ventre materno, que se faz possível a interpretação das relações, a partir do reconhecimento dessas vozes familiares, tão próximas. Toda essa tradição oral recebida na infância irá lhe permitir medir sua capacidade de leitura. Nas palavras do autor (CERTEAU, 1996, p.336), “*A criança aprenderá a ler na expectativa e na antecipação do sentido, uma e outra nutridas e codificadas pela informação oral da qual disporá.*”.

Em uma sociedade, não pode existir comunicação sem oralidade, ainda que essa sociedade dê demasiado valor à escrita. A comunicação entre os indivíduos exige mais que vozes, exige uma correlação de gestos e expressões corporais, entonações, movimentos faciais, timbre das vozes, marcados pelas inspirações e paixões individuais de cada falante.

Somente por meio da oralidade, da conversação, é que se pode organizar a família, a rua, a pesquisa e o trabalho. Pois, *“Uma cidade respira quando nela existem lugares de palavras, pouco importa sua função oficial – o café da esquina, a praça do mercado, a fila de espera nos correios, a banca do jornaleiro, o portão da escola na hora da saída.”* (CERTEAU, 1996, p. 338).

A banca do camelô também pode ser considerada um lugar essencialmente de palavras, um lugar onde se insinua toda a inventividade do “jogo da linguagem”. E esse “jogo” não é constituído apenas pelo locutor e pelo seu interlocutor, uma vez que se caracteriza por vozes polifônicas que derivam de relações dialógicas que ocorrem no cotidiano e se modificam devido à história, ao contexto social, ao tempo, e ao lugar onde ocorrem. Sobre essa relação polifônica trataremos a seguir.

1.3 A questão da Polifonia nos enunciados do camelô

Quando o homem inventou as palavras, talvez tenha ousado pensar que teria encontrado uma relação garantida e segura com elas. Os nomes seriam quase etiquetas para cada coisa. Mas dizer sobre algo é, na maioria das vezes, querer dizer mais do que a coisa é em si, porque, na interação com o ser de linguagem, os enunciados são sempre impregnados de outros sentidos, de outros valores e de outras vozes. E para Bakhtin/Volochinov (1995, p.113), *“A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra se apoia sobre meu interlocutor.”*

Nessa perspectiva, é fundamental a apropriação do pensamento de Mikhail Bakhtin a respeito da teoria do dialogismo com o objetivo de verificar a presença de vozes dialógicas nos enunciados dos vendedores ambulantes do centro comercial da cidade de São Luís/MA. Deixa-se claro de início, que esta não é uma tarefa fácil, considerando a vastidão das ideias desse teórico russo contidas em variados textos que são atribuídos a ele e aos integrantes do chamado Círculo de Bakhtin.

Dois conceitos bakhtinianos são fundamentais para aclarar o nosso entendimento, no sentido de identificar as vozes dialógicas presentes nos enunciados dos vendedores ambulantes do centro comercial de São Luís/MA.

Segundo Bakhtin, para se apreender os processos linguísticos, é mister o

entendimento do conceito de *enunciação*, conceito considerado imprescindível, pois é na forma de enunciações individuais e concretas que a linguagem se realiza e constitui o discurso, como atividade social. A enunciação conduz a diferentes enunciados e é o produto da interação social; logo, “(...) *enuncia-se sempre para alguém de um determinado lugar ou de uma determinada posição sócio-histórica.*” (BAKHTIN, 1995, p. 38).

Sendo a enunciação o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados, ela não existe fora de um contexto histórico, sócio-ideologicamente determinado, onde cada locutor/enunciador tem um papel bem definido e se dirige a um ou mais alocutários/enunciatários com papéis também muito bem definidos, tendo em vista que toda enunciação possui natureza dialógica e propõe uma reação, pois toda palavra procede de alguém e se dirige para alguém, servindo assim de expressão de um em relação ao outro. Desse modo, não só o interlocutor participa na enunciação, mas também todas as vozes sociais que antecedem o ato de fala. É este princípio que vai caracterizar o conceito de *polifonia* de Bakhtin.

Os outros, para os quais o meu pensamento se torna, pela primeira vez, um pensamento real (e, com isso, real para mim), não são ouvintes passivos, mas participantes ativos da comunicação verbal. Logo de início, o locutor espera deles uma resposta, uma compreensão responsiva ativa. Todo o enunciado se elabora como para ir ao encontro dessa resposta. (BAKHTIN, 2003, p.320).

Nessa perspectiva, toda enunciação, para se realizar necessita de que dois elementos se articulem dialeticamente formando um todo que só se torna compreensível através da interação verbal. Estes elementos são, segundo Bakhtin/Volochinov, o tema (sentido) e a significação.

Este filósofo chama o sentido da enunciação completa de tema e diz que ele deve ser definido, único, individual e não reiterável. O tema então “(...) *se apresenta como a expressão de uma situação histórica concreta que deu origem à enunciação.*” (BAKHTIN, 1995, p.128). O sentido estabelece a ligação entre os interlocutores, pois é através dos signos linguísticos que se dá a interação entre o locutor e o receptor, constituindo deste modo, o principal veículo na produção de sentido.

A significação, por sua vez, é o elemento abstrato da palavra, são os conceitos denotativos responsáveis pela compreensão entre os falantes, são os elementos reiteráveis e idênticos cada vez que são repetidos na enunciação e constituem seu aspecto técnico. Em suma:

O tema é um sistema de signos dinâmico e complexo, que procura adaptar-se

adequadamente às condições de um dado momento da evolução. O tema é uma reação da consciência em devir ao ser em devir. A significação é um aparato técnico para a realização do tema. (BAKHTIN, 1995, p.129).

E, ainda, de acordo com Bakhtin

A distinção entre tema e significação adquire particular clareza em conexão com o problema da compreensão [...]. Qualquer tipo genuíno de compreensão deve ser ativo e deve conter já o germe de uma resposta. Somente a compreensão ativa nos permite apreender o tema, pois a evolução não pode ser apreendida senão com a ajuda de um outro processo evolutivo. (BAKHTIN, 1995, p.131)

Assim,

Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. “[...] A compreensão é uma forma de diálogo; ela está para a enunciação assim como uma réplica está para a outra no diálogo (BAKHTIN, 1995, p.131-132).

Desta compreensão, infere-se que o sentido de uma enunciação deve sempre ser percebido em uma situação social real dentro da interação verbal, pois a união dessas noções é dada pela relação dialética que compõe o conflito significação X tema.

Bakhtin vai buscar uma teoria externa à linguística para tratar do sujeito e de sua constituição, e assim elabora a teoria do dialogismo. Esta teoria juntamente com teoria da linguagem, que constitui a centralidade de sua obra, pode ser encontrada na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1995), cuja autoria é também atribuída a Volochinov. Não obstante, concebe a linguagem como sistema também abstrato (*langue*), Bakhtin/Volochinov privilegiam em seu estudo, a *parole*, ou seja, as manifestações de linguagem em situações sociais concretas, realizadas de forma coletiva com vistas a constituir um diálogo entre o “eu” e o “outro”.

Nesse sentido, é através do princípio dialógico que as ideias de Bakhtin sobre o ser humano e a vida vão se caracterizar. O homem, em seu sentido genérico, tem como característica marcante a alteridade, uma vez que o outro é imprescindível para sua constituição. Tomando as palavras de Bakhtin, a vida é dialógica por natureza.

Assim, o conceito de dialogia tem como base o movimento constituído duplamente pela linguagem e pelo fenômeno de interação sócio-verbal, ou seja, “(...) *na vida agimos assim, julgando-nos do ponto de vista dos outros, tentando compreender, levar em conta o que é transcendente à nossa própria consciência: assim levamos em conta o valor*

conferido ao nosso aspecto em função da impressão que ele pode causar em outrem (...)” (BAKHTIN, 1995, p.35-36).

Ao compreendermos os enunciados dos outros reagimos consoante às nossas ideologias, uma vez que o que realmente importa é a interação dos significados das palavras e seu conteúdo ideológico, do ponto de vista tanto enunciativo como do ponto de vista das condições de produção e da interação locutor/alocutário.

Assim Bakhtin considera o diálogo como as relações que incidem entre interlocutores, em uma dada situação histórica compartilhada socialmente em um determinado tempo e local específico, que devido às variações do contexto vão ser sempre mutáveis. Para Bakhtin, a comunicação entre os indivíduos tem importância basilar, pois para ele, cada pessoa ocupa um lugar e um tempo determinados no mundo, e cada um é responsável ou “respondível” por suas atividades.

Sublinha-se que o dialogismo, para esse filósofo, é o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso. Pois, o discurso não se constrói individualmente, mas sim entre, pelo menos, dois interlocutores também socialmente construídos. Desta forma, constroem-se diálogos entre discursos, ou seja, um discurso cultiva relação com outro(s) discurso(s).

Nesse sentido, o dialogismo é o constante diálogo entre os variados discursos que caracterizam uma sociedade e sua cultura, e a linguagem utilizada por essa sociedade é, portanto, necessariamente dialógica e complexa, justamente por nela, se imprimirem de forma histórica as relações dialógicas e os discursos.

Ao levar em consideração que a palavra é sempre perpassada pela palavra do outro e que o enunciador ao construir seu discurso, leva em conta o discurso do outro é que se torna interessante identificar as diferentes vozes presentes nos enunciados dos camelôs que interagem implícita ou explicitamente a fim de mostrar sua criatividade, assim como seu poder de persuasão.

A linguagem, nesse sentido, contribui para que o homem, através de seu discurso e mediante sua intenção, realize ações e possa atuar sobre o mundo. Assim, segundo Koch

[...] a interação social por intermédio da língua, caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade como ser dotado de razão e vontade, o homem, constantemente, avalia, julga, critica, isto é, forma juízos de valor. Por outro lado, por meio do discurso – ação verbal dotada de intencionalidade – tenta influir sobre o comportamento do outro e fazer com que compartilhe determinadas de suas opiniões. (KOCH, 1987, p.17)

Quando um comerciante informal, pelo seu discurso persuasivo, tenta convencer

seu interlocutor a comprar um produto, ele está utilizando o poder de sua linguagem para influenciar o comportamento do outro, tentando modificar ou reiterar a opinião do consumidor conforme este se apresenta diante do locutor. Esta é a forma concreta de a língua se manifestar através da fala, se materializando, transformando-se em atividade interativa. É esta a característica fundamental que advém da relação comerciante informal versus consumidor.

Sempre voltado à *interatividade*, o discurso é marcado pelo binômio EU-VOCÊ da troca verbal. A evidência maior desta característica está centrada na interação oral, ou seja, na conversação, em que dois interlocutores coordenam suas enunciações e agem em função da enunciação do outro e da atitude imediata causada pelo efeito de suas palavras sobre o outro.

A partir dessa compreensão, pode-se inferir que o camelô (locutário) para persuadir o cliente (alocutário) tem que falar pela voz do outro, por exemplo: quando ele diz: *“Você que fez chapinha, compre logo sua sombrinha”*, ele diz o que o outro (o alocutário) pensa; o enunciador coletivo: *“Eu fiz chapinha, eu não posso molhar o cabelo, eu gastei tempo e dinheiro, portanto, eu preciso comprar uma sombrinha.”* Trata-se de polifonia plural.

Ao dizer: *“mulher bonita não paga, mas também não leva”*, que é um clichê, ele se apropria para também dizer, de forma indireta, o que todo mundo de um modo geral, também acha. Além do que, por detrás do que ele diz tem uma sedução. São duas vozes que ecoam ao mesmo tempo. Ele utiliza a forma indireta para dizer que a cliente (sexo feminino) é bonita, mas mesmo assim, tem que pagar para poder possuir o produto, ou seja, ele se neutraliza e diz com a voz do povo. Com isso ele se resguarda de ouvir um desaforo ou pela “cantada” ou pela exigência do dinheiro. Pode-se perceber também o outro machista que trata a mulher como objeto também de consumo.

Assim, o discurso também pode ocorrer de maneira introspectiva, interagindo com o próprio “eu” que pensa e para que, em um processo persuasivo, o interlocutor consiga seu objetivo, é necessário que ele passe, primeiramente pela introspecção, para, posteriormente, exteriorizar o discurso preciso, já manipulado, sempre considerando o contexto em que está sendo dito.

De acordo com Bakhtin:

A situação e o auditório obrigam o discurso interior a realizar-se em uma expressão exterior definida, que se insere diretamente no contexto não verbalizado da vida corrente, e nele se amplia pela ação, pelo gesto ou pela resposta verbal dos outros participantes na situação de enunciação. (BAKHTIN, 1995, p.125)

Ao se pensar nos comerciantes informais, transfere-se a ideia do linguista para a prática, pois é através do discurso manipulado, anteriormente pensado, que eles conseguem alcançar sua finalidade de convencer o interlocutor.

Nessa direção, percebe-se que o discurso está profundamente entrelaçado em nossas relações sociais, buscando atingir o outro ou a nós mesmos através do intradiscurso. Porém, ao tentar atingir o comportamento ou a influenciar a intenção do outro, o comerciante informa, através de seu diálogo ou de seu discurso com o interlocutor, tenta persuadi-lo a consumir os produtos que em sua banca estão sobrepostos. A publicidade feita por estes comerciantes converge em sua própria fala e no contato direto com o consumidor que, através de uma linguagem bastante informal, um diálogo é construído e, assim, a possibilidade de persuasão do locutor sobre o interlocutor pode ser verificada.

Para a Análise do Discurso de linha francesa, o discurso é o lugar onde *a fala* expressa a particularidade de um sujeito que “divide o espaço discursivo com o outro”, o que sugere “a relação de um sistema significante com sua exterioridade” (ORLANDI, 1994, p. 53-54). Pela perspectiva discursiva, a linguagem espelha a sociedade percorrendo pela história, pelos contextos e pelas condições de produção. Portanto, o sujeito social não é senhor do seu dizer por que a subjetividade relativiza-se no espaço entre o Eu e o Tu e integra o Outro como constitutivo do sujeito.

Nessa direção sinaliza Gregolin (2007, p.1): “*Sendo a prática discursiva, ao mesmo tempo, produto de linguagem e processo histórico, para poder apreender o seu funcionamento é necessário analisar as determinações que estão na base da função enunciativa*”.

Um ato de fala, mesmo que tenha havido outros aparentemente idênticos, particulariza-se, então, por ser este um universo onde o que é dito silencia os espaços que o determinaram. A regularidade que há entre os atos de fala dos camelôs que os diferem dos atos de fala dos pregoeiros reflete o que há em cada um desse particular definidor *das condições de produção* que nelas se manifestam.

E o discurso é a expressão da particularidade, intermediador entre a individualidade subjetiva e o grupo social a que o sujeito pertence, marcado pela ideologia que “é ‘uma representação’ da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência” (ALTHUSSER, 1996, p. 126). Essa carga ideológica determina uma intenção que o sujeito pensa ser dele. Nesse sentido, a transparência da linguagem é ideológica; assim como é ideologia toda a necessidade de argumentação para atingir um objetivo que também é

recebido como necessidade do mundo, sendo, portanto, ideológica a “vontade” de vender, por exemplo.

“*A ideologia interpela os indivíduos em sujeitos*” (ALTHUSSER, 1996, p. 133). Essa interpelação é “(...) *duplamente especular*” porque também “(...) *garante seu funcionamento*”. (ALTHUSSER, 1996, p.138). Interpelado, o sujeito se reconhece na particularidade; tem garantia de fazer parte dela; trabalha como *bom-sujeito* pela ideologia, reconhecendo que as coisas são realmente assim e não de outro modo.

Os atos de fala do camelô refletem o que no dizer de cada um se reconheça o dizer de todos por alguma marca que se repete na denúncia de que há ali um discurso. Há então um contrato linguístico-ideológico-social e discursivo com o qual alguém que é camelô se compromete e, mesmo que tente esconder, não consegue porque o discurso deixa marcas de si, mesmo quando o que há é o que Pêcheux (1990) chamou de *esquecimento*, aquilo que leva o sujeito a crer que está dizendo algo original.

Levando-se em consideração a possibilidade de persuasão contida na fala do camelô, e tendo em vista que todo discurso se situa no campo do conflito, da defesa de pontos de vista, e, conseqüentemente, no âmbito da argumentação, é que se recorre a Ducrot e Anscombe (1994). Tomando como base a afirmação desses autores quando asseveram que a argumentação constitui um componente intrínseco à linguagem, inscrito na própria língua, é que não se pode conceber a ideia de estudar qualquer discurso sem recorrer à questão da argumentação em seus variados níveis e aspectos.

Desse modo, necessário se faz nesse momento tratar da argumentação, uma vez que ela constitui o conceito central desta investigação na medida em que oferece elementos para construir um perfil discursivo da fala dos camelôs. Inicia-se este subitem fazendo um percurso no qual passando pela Retórica Clássica aristotélica, pela Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca, pela Teoria dos Atos de Fala de John Austin e Searle, e as máximas conversacionais de Grice, chega-se à Teoria da Argumentação na Língua de Oswald Ducrot.

1.4. A Retórica Clássica

A Retórica é o primeiro testemunho, na tradição ocidental, duma reflexão sobre a linguagem. (DUCROT e TODOROV, 1978, p. 99).

A questão da argumentação vem sendo tratada como objeto de estudo da Retórica desde a Antiguidade Grega. “O objeto da retórica antiga era, acima de tudo, a arte de falar em público de modo persuasivo; referia-se, pois, ao uso da linguagem falada, do discurso, perante uma multidão reunida em praça pública, com o intuito de obter a adesão desta a uma tese que se lhe apresentava” (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2005, P.6).

É por meio do discurso jurídico que se dá a sistematização da Retórica tendo em vista a questão da defesa da propriedade. Córax e Tísias são citados pela literatura ocidental como os primeiros representantes da retórica. Foram eles os responsáveis pela organização do primeiro “*Tratado de Argumentação*” que através de um método racional ditava as regras de como falar adequadamente diante de um tribunal.

O aparecimento da Polis e das novas relações sociais favoreceram o nascimento da Retórica ou Rhetoriké na democracia ateniense. A Retórica tornou-se muito importante, uma vez que saber falar para persuadir e convencer era essencial nos tribunais, nas assembleias políticas, nas praças públicas, nos encontros sociais. No século V a.C., a Retórica já fazia parte da cultura ateniense, devido também às disputas jurídicas que frequentemente ocorriam entre os comerciantes que no intuito de convencer, e persuadir deveriam ser no mínimo eloquentes.

Sem dúvida alguma, foi por meio da obra de Aristóteles (384 - 322 a.C.) no século IV a.C., que se pôde conhecer a retórica. Ele foi o filósofo grego que mais se dedicou ao estudo da retórica, admitindo ser ela:

[...] a faculdade de descobrir especulativamente o que, em cada caso, pode ser apropriado à persuasão. Nenhuma arte tem essa função; todas as outras são, pelo seu objeto, apropriadas ao ensino e a persuasão, por exemplo, a medicina (refere-se) aos estados de saúde e à doença; a geometria, às variações das grandezas; a aritmética, ao problema dos números, e assim as outras artes e ciências; mas podemos dizer que a retórica parece ser a faculdade de descobrir, especulativamente em qualquer dado, o persuasivo; é o que nos permite afirmar que a sua técnica não pertence a um gênero próprio e distinto. (ARISTÓTELES, 1966, p.76).⁴¹

⁴¹ Tradução de Antonio Pinto de Carvalho (1966).

A Retórica ou a arte de convencer e persuadir foi muito difundida pela sociedade grega, era utilizada como uma técnica que visava convencer o ouvinte do discurso, valendo-se de determinadas regras. A princípio, os estudos sobre Retórica eram realizados por mestres itinerantes, que se intitulavam sofistas ou mestres da retórica, e que se julgavam com competência para ensinar essa arte. Posteriormente, a Retórica tornou-se disciplina obrigatória em instituições de ensino.

Segundo Abreu (2006), os mestres mais importantes foram Protágoras Abdera e Górgias de Leontino - famosos sofistas, os sábios, que professavam a sabedoria -. Em razão de fazerem muitas viagens, conheciam diversos usos e costumes o que lhes proporcionava uma visão de mundo muito mais ampla que a dos atenienses da época, possibilitando, desse modo, mostrar aos seus alunos que uma questão podia admitir diversos pontos de vista.

A Retórica clássica visava descobrir os meios que, relativamente a qualquer argumento, podem levar à persuasão de um determinado auditório, para tanto tinha como questão basilar a diversidade de pontos de vista, o verossímil ou provável, não o necessário ou as verdades absolutas. Entendimento esse, contrário ao do filósofo Platão, que em sua obra intitulada “Górgias” procurou mostrar que a retórica visava à produção de persuasão, ou seja, aos resultados, que se prendia somente à crença, que podia ser verdadeira ou falsa, e jamais ao saber, que é sempre verdadeiro, pois, para ele, falso conhecimento não existe.

Todavia, Aristóteles entendia a Retórica como uma “techné”. Ele afirmava que:

Assim como existe uma arte arquitetural, que é o mesmo que uma qualidade racional criadora, não existe techné que não seja uma qualidade racionalmente criadora, nem uma tal qualidade que não seja uma techné; esta é o mesmo que uma qualidade criadora racionando segundo a verdade. Toda techné é relativa à produção; instituir uma techné é buscar especulativamente os meios de produzir as coisas que podem indiferentemente ser ou não ser, ou cuja origem está no agente criador, não no objeto criado; de fato, não existe techné das coisas que existem ou são produzidas necessariamente, não mais que aquelas que são produzidas naturalmente; estas têm seu princípio em si mesmas. (ARISTÓTELES, 1966, p. 30).⁴²

Para Aristóteles, a techné interessava-se pelo fundo (teoria da argumentação, invenção de provas) e pela forma (diferentes modos de expressão dessas provas e o lugar que elas deveriam ocupar na ordenação do discurso), e jamais poderia ser reduzida somente à forma. Era uma retórica da prova, do raciocínio, da dedução - entimema.

Sobre os fatos do discurso, Aristóteles escreveu dois tratados: “*techné rhétorique*”

⁴² Ibid

(arte da comunicação cotidiana, do discurso em público) e “*techné poietique*” (arte da evocação imaginária).

Enquanto arte retórica, Aristóteles admitia as seguintes etapas do processo argumentativo:

1ª) Invenção (*heuresis, gr; Inventio, lat*) – O discurso deveria ser inventariado pelo seu locutor, ou seja, ele teria que elaborar o que iria dizer a partir do sujeito, dos argumentos, dos lugares (a tópica, que constitui parte essencial da invenção), das técnicas de persuasão e de amplificação;

2ª) Disposição – (*taxis, gr; dispositio, lat.*) – Etapa de organização da invenção. O discurso deveria estar colocado em certa ordem: exórdio, narração, discussão, peroração, pois um discurso bem organizado estruturalmente já se constitui em um argumento positivo para o orador;

3ª) Elocução (*lexis, gr; elocutio, lat*). - É o trabalho com a linguagem. Nessa etapa o discurso é erigido com palavras na frase, é organizado e adequado ao auditório, há a utilização dos ornamentos, das figuras retóricas, atualmente estudadas com base na ciência cognitiva.

4ª) Ação – (*hypocrisis, gr; pronuntiatio ou actio, lat.*) - Consiste a enunciação do discurso, a dicção do orador, o uso do ritmo, da entoação e da prosódia. Assim como a elocução a ação também está ligada ao terreno da emoção, haja vista que ambas buscam a adequação ao auditório.

5ª) memória (*memé, gr; memoria, lat*)– Trata da memorização do discurso. Dominar o funcionamento da memória, tanto para guardar o conteúdo como para raciocinar parece ser desde então essencial, principalmente, para se encontrar saídas para as situações imprevistas, uma das exigências do mercado de trabalho na atualidade.

A partir dessa estruturação do sistema retórico, os gêneros foram classificados de acordo com o objetivo a que se propunham, são eles: **o deliberativo** que buscava persuadir ou dissuadir em relação a algo a fazer, visando sempre ao futuro. Era utilizado, principalmente, em assembleias e em discursos políticos, e se valia da indução ou do raciocínio por analogia; **o judiciário** que buscava acusar ou defender em relação a atos mostrados como justos ou injustos, a concepção dominante, neste discurso era o entimema, visava, desta feita, ao passado e; **o epidíctico/epidético** que buscava louvar ou condenar pessoas ou atos contemporâneos, visando ao presente, também conhecido como discurso de ocasião ou de circunstância, se valia de figuras como a metáfora, a hipérbole e a repetição.

Na definição de Aristóteles, a *techné* comportava tanto uma teoria da argumentação e invenção de provas, como os diversos modos de expressão dessas provas e a posição que elas ocupariam na organização do discurso.

Influenciados pela cultura grega, os romanos também atribuem à retórica grande prestígio. Cícero e Quintiliano, famosos oradores romanos, escreveram obras relevantes à Retórica. Após a queda do império romano, embora ainda sendo praticada entre os romanos, a retórica teve o seu declínio e queda, principalmente, por não ser considerada enquanto objeto de estudo. Por certo período, as retóricas gregas e romanas preservam as características da retórica aristotélica.

Ao longo dos anos, mais precisamente no século XIX, a concepção de retórica perde influência e modifica seu campo de estudo. Ao invés de preocupar-se com o ensino da persuasão, que tinha “um caráter pragmático: convencer o interlocutor da justeza de sua causa” (Ducrot e Todorov, 1978, p.99), passa a ensinar a “arte de bem falar”, ocupando-se, cada vez mais, do gênero literário. A *pronuntiatio*, a *memoria*, a *inventio* e a *dispositio* aos poucos vão desaparecendo, e a *techné* acaba reduzida ao estudo dos tropos e figuras, restando apenas a *elocutio*. Essa redução se deve à visão propagada por Quintiliano que, em nome da lógica, entende a Retórica como a arte de bem falar, ao contrário de Aristóteles que entendia a arte de persuadir como sendo a principal finalidade da Retórica. Embora não tenha se afastado de todo da Retórica Antiga, sua definição de Retórica dessa se afasta, dando a elocução autonomia, elegendo-a como parte única e essencial da Retórica, fato que se consuma na Renascença. A retórica perde sua função original que era defender ideias, restando apenas a liberdade de “enfeitar” a linguagem.

1.4.1 A Nova Retórica

Foi com Chaim Perelman, nas primeiras décadas dos anos 60, do século passado, que A Nova Retórica retoma e revigora a antiga retórica. Perelman não desconsiderou as bases da retórica aristotélica, todavia acrescentou a sua teoria argumentativa avanços para que determinadas disciplinas, como a Linguística, se desenvolvessem.

Devido ao predomínio da razão e do raciocínio oriundos de Descartes, nos últimos três séculos, a cultura ocidental afasta-se da tradição retórica grega e "*O estudo dos meios de prova utilizados para obter a adesão foi completamente negligenciado (...) pelos lógicos e*

teóricos do conhecimento." (PERELMAN, 1988, p. 1). O raciocínio cartesiano preocupava-se com o certo, o evidente, o óbvio, enquanto que a retórica não tratava de questões que podiam ser resolvidas pela experiência ou pela dedução lógica, ela tinha sempre que partir de uma tese sustentada por argumentos convincentes.

Somente na segunda metade do século XX, no pós-guerra, após um longo período de considerável desprestígio da Retórica nos moldes da antiguidade, devido à importância dada aos estudos sobre filosofia da linguagem, e às ciências que se configuravam a essa época, como a Linguística, a Semiótica, a Pragmática e a Análise do Discurso é que a Retórica passa a ser considerada como objeto de estudo, seja na perspectiva formal ou na perspectiva de instrumento de persuasão. Essa segunda perspectiva é a que interessa para o desenvolvimento do meu objeto de estudo, porque se situa em uma perspectiva dialógica que se propõe a repensar a atividade argumentativa na qual o diálogo é o pano de fundo da enunciação. E para tanto, tomaremos por base a obra do filósofo Chaim Perelman, em especial, - *Traité de l'argumentation*,⁴³ - escrito em parceria com Lucie Olbrechts-Tyteca, que rompe com a concepção cartesiano-positivista e retoma a noção de "acordo" para, deste modo, revitalizar os estudos sobre argumentatividade.

O estudo da argumentação, segundo Perelman & Olbrechts-Tyteca, (2005, P.4), "*(...) é o estudo das técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que são apresentadas ao seu assentimento.*"; não é, portanto, apresentar atos, tampouco provar a verdade, mas apenas persuadir. Essa visão teórica da argumentação, não apenas retoma, mas modifica a concepção de retórica dos gregos e dos romanos, entendida como a arte de falar de modo a persuadir e convencer. (PERELMAN, 1987).

Do ponto de vista de Perelman & Olbrechts-Tyteca o matiz entre os termos convencer e persuadir é sempre impreciso, e na prática deve continuar assim. Segundo Abreu (2006, p.25), "*Convencer é saber gerenciar informação, é falar a razão do outro, demonstrando, provando (...) Persuadir é saber gerenciar relação, é falar a emoção do outro.*" Aristóteles já havia afirmado que há na persuasão um quê de subjetividade, de paixão e emoção, e não apenas razão como imaginava a dialética.

Segundo Perelman, qualquer argumentação deve provocar uma escolha que desencadeará uma ação, ou, no mínimo, uma forte aptidão à ação. Desse modo, deve atender a algumas condições que determinam o processo argumentativo, sem, todavia, perder de vista os efeitos desse processo.

⁴³Traduzido como "Tratado de argumentação" por Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão

Necessário se faz, nesse momento, retomar à Retórica como a arte da persuasão, sistematizada por Aristóteles, e destacar o conceito de *ethos* como fundamental para o exercício de tal persuasão. O *ethos*, juntamente com o *pathos* e o *logos* constituem tipos de provas utilizadas pelo orador para persuadir seu auditório. O *ethos* se refere ao caráter do orador; o *pathos* são as paixões despertadas nos ouvintes e o *logos* ao próprio discurso.

O *ethos*, considerado por Aristóteles a mais importante das provas, está ligado ao caráter, à virtude, e à confiança que o orador pode gerar no auditório, para desencadear a persuasão. Pois de acordo com a teoria aristotélica

Persuade-se pelo caráter quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé. Pois acreditamos mais e bem mais depressa em pessoas honestas, em todas as coisas em geral, mas, sobretudo nas de que não há conhecimento exato e que deixam margem para dúvida. (ARISTÓTELES, 1998, p. 49).

O *ethos*, na concepção aristotélica, pode ser compreendido como a imagem de si que o orador cria através do discurso o que não é necessariamente o caráter real do orador. Segundo Amossy (2005, p. 9), “(...) *todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si*.”. Portanto, pode-se inferir que o discurso é marcado pela imagem do enunciador, que busca *provocar* a paixão - o *pathos*.

Enquanto o *ethos* diz respeito ao orador, como visto há pouco, o *pathos* diz respeito ao auditório, ao ouvinte, uma vez que representa seu sentimento. Para adquirir convencimento do auditório é necessário impressionar, seduzir, fundamentar os argumentos na paixão, por meio do *logos*, ou seja, do próprio discurso.

Maingueneau (1997, 2001, 2005,) retoma o conceito aristotélico de *ethos* ao afirmar que *ethos* é a imagem de si no discurso. Ele vai além dos estudos elaborados pela Retórica aristotélica, ao analisar as imagens criadas pelos enunciadores no discurso. Para esse autor, assim como para Aristóteles, o *ethos* é construído no âmbito da atividade discursiva, descartando a ideia de um *ethos* preestabelecido. Ou seja, quando o enunciador fala, ele revela a imagem de si por meio do seu discurso. Ele estende a sua análise a todo e qualquer discurso, seja ele oral ou escrito. O conceito de *ethos*, na perspectiva desse autor, relaciona-se diretamente ao tom que produz o discurso, a uma corporalidade e ao caráter do enunciador.

Maingueneau assevera que o caráter é “(...) *o conjunto de traços psicológicos que o leitor-ouvinte atribui espontaneamente à figura do enunciador, em função de seu modo de dizer*” (MAINGUENEAU, 1997, p.47). A corporalidade, para ele, representa o corpo do enunciador, construído durante o processo discursivo. Assim, o *ethos* está ligado a uma

corporalidade do enunciador por meio de um tom, que consente ao coenunciador por meio do texto a construção de uma representação subjetiva do corpo do enunciador, que dará origem ao fiador. O fiador, que é construído ao longo do discurso, se mostrará no discurso e não obrigatoriamente corresponderá ao enunciador efetivo. Conforme Maingueneau (2005), o fiador é uma imagem construída pelo coenunciador fundamentada em indicações textuais distintas.

Na ótica de Aristóteles, são três os elementos que compreendem um discurso: a pessoa que fala, o assunto de que se fala e a pessoa a quem se fala. Para Perelman & Olbrechts-Tyteca os elementos principais para compor o processo argumentativo são: o locutor, que apresenta o discurso, visando exercer uma ação; o auditório determinado, a quem o locutor pretende persuadir, e fatalmente a adesão a uma tese, que é obtida pelo poder argumentativo do orador. Em nosso estudo, pode-se considerar que o locutor constitui o camelô, o auditório constitui os passantes, os compradores em potencial e a tese constitui a venda do mercadoria/produto.

O locutor precisa ser portador de algumas características fundamentais em um processo argumentativo: simpatia, competência, títulos, domínio do assunto, fluência verbal no idioma utilizado, empatia com o auditório, e credibilidade, nos termos de Abreu (2006, P.40), *“Para ter credibilidade é preciso apenas comportar-se de modo verdadeiro, sem medo de revelar propósitos e emoções.”*

A pessoa a quem se fala, para Aristóteles, ou o auditório segundo Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005, p.22). é *“(...) o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação.”*. Para esses dois autores, é o auditório o elemento incentivador/estimulante do processo argumentativo, pois, *(...) é em função de um auditório que qualquer argumentação se desenvolve.”*. (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.6).

Para que uma argumentação se desenvolva é necessário um contrato entre o locutor e seu auditório, e é, do mesmo modo, essencial que o locutor consiga prender a atenção desse auditório. Nesse sentido, para que uma argumentação torne-se eficaz é condição primordial que o orador conheça aqueles a quem deseja conquistar.

O cuidado com o auditório pode constituir parte tanto na psicologia como na sociologia. Considerando que o homem depende do seu meio social e das pessoas com quem convive, a questão social torna-se muito importante na construção do auditório. Assim, devem transparecer no discurso argumentativo as opiniões dominantes, as convicções mais

profundas, e a cultura particular dos ouvintes, e por fim, de acordo com as considerações sociológicas, deve-se levar muito a sério as funções sociais desenvolvidas pelo auditório ao qual se pretende influenciar.

Segundo Perelman & Olbrechts-Tyteca, um auditório pode classificar-se em: auditório universal, que segundo Abreu (2006, p.42), “(...) *é um conjunto de pessoas sobre as quais não temos controle de variáveis.*”, o público que assiste a um programa de televisão, por exemplo, e em auditório particular que “(...) *é um conjunto de pessoas cujas variáveis controlamos.*”, nesse caso, uma turma de alunas de uma escola do Ensino Médio. Nesse sentido, pode-se dizer que o camelô trata com um auditório universal.

Outro fator importante colocado por Perelman & Olbrechts-Tyteca é a questão da adaptação do discurso ao auditório por parte daquele que argumenta, pois segundo esses autores, “*O importante, na argumentação, não é saber o que o próprio orador considera verdadeiro ou probatório, mas qual é o parecer daqueles a quem ela se dirige.*”, (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.26), como diz o provérbio: “A comida deve agradar aos convidados e não ao cozinheiro”. Portanto, é papel do locutor selecionar e organizar argumentos adequados tanto aos seus objetivos, quanto às características das pessoas que compõem o auditório ao qual o seu discurso é destinado.

Na primeira fase de um processo argumentativo, se tornam igualmente importantes, tanto o desenvolvimento como o ponto de partida da argumentação, e ambos prefiguram acordo do auditório, que são as teses ou premissas. O conteúdo dessas teses ou premissas tem como objeto o acordo, que tanto pode estar relacionado ao real, mais favorável ao auditório universal, como ao preferível/provável, adequado ao universo particular.

Na divisão desse objeto em duas categorias, os fatos, as verdades e as presunções comportam a categoria do real, e os valores, as hierarquias e os lugares relacionam-se à categoria do preferível/provável.

Diante de uma argumentação, os fatos designam objetos de acordos precisos, limitados, não-controversos e observáveis. Trata-se de algo comum a vários indivíduos, cuja adesão é uma reação subjetiva e que se impõe a todos, enquanto as verdades são sistemas mais complexos e dizem respeito à ligação entre fatos de qualquer ordem (científicos, filosóficos, religiosos) que sejam tratados por teorias que vão além da experiência. Os fatos e verdades devem ser empregados apenas como ponto de partida, da argumentação e nunca como conclusão.

Assim como os fatos e as verdades, as presunções também gozam do acordo

universal, não têm máxima adesão, precisam de reforço de outros elementos, estão vinculadas ao normal, ao verossímil, caracterizam-se de acordo com o grupo social, logo se fundamentam no senso comum, como se pode observar em uma simples presunção de uso corrente: a presunção de que a qualidade de um ato revela a qualidade de quem o praticou.

Na categoria do preferível, não ligados à realidade preexistente, caracterizados pelo acordo do auditório particular, acham-se os valores, as hierarquias e os lugares. A noção de valor se origina devido à multiplicidade de auditórios. Os valores podem ser **concretos** que são aqueles que se vinculam a um objeto, a um ser ou um ideal, um grupo determinado, tais como França ou a Igreja, ou **abstratos** tais como justiça e veracidade.

A valorização do concreto relaciona-se à valorização da unicidade, ao caráter único de alguma coisa. Enquanto os valores concretos são harmonizáveis, e tendem ao conservadorismo, os valores abstratos, na maioria dos casos, são inconciliáveis, e geram tanto a crítica como a renovação. É importante ressaltar que o processo argumentativo se fundamenta tanto em valores concretos como em valores abstratos, conforme as circunstâncias.

As hierarquias são princípios de ordenação de valores que variam de acordo com o auditório, e desempenham papel importante na argumentação, juntamente com os valores colaboram para a caracterização de um auditório. As hierarquias podem ser **quantitativas**, aquelas que recorrem ao critério de quantidade para o estabelecimento de relações, ou **heterogêneas**, aquelas constituídas por valores abstratos que não se ordenam quantitativamente.

Os lugares ou topoi são premissas de ordem bastante geral que fundamentam os valores e as hierarquias, e reforçam a intensidade da adesão. Lugares em Aristóteles eram definidos como “*depósitos de alimentos*” (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.94). Os tópicos ou tratados consagrados ao raciocínio dialético derivam dos lugares.

De acordo com Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005) qualquer processo argumentativo exige que a argumentação esteja inserida em um determinado contexto, e dirija-se a um determinado auditório, sobre o qual o orador objetiva exercer uma ação, quer pela persuasão quer pela convicção.

Nessa perspectiva, visando a essa ação sobre o outro, os autores recorrem à retórica aristotélica, retomando a noção de lugares-comum (da doxa) e lugares específicos. Para Aristóteles, os lugares **comuns** são aqueles aos quais se adaptam os dizeres do senso-comum, que podem ser utilizados por vários tipos de oradores, em variados gêneros, e servem

indiferentemente a qualquer ciência e são ao mesmo tempo independentes delas, ou **específicos**, que são próprios, tanto de uma ciência, como de um gênero de discurso em particular.

Para Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005), além dos lugares como os da ordem, que declaram a superioridade do anterior sobre o sucessor, das causas sobre os efeitos, das leis sobre os fatos, do abstrato sobre o concreto e do princípio sobre o fim; os da existência que afirmam a superioridade do que é atual, real sobre os fatos prováveis; os da essência, que comparam indivíduos concretos quanto a sua essência e os da pessoa que derivam da dignidade, do mérito e da autonomia, há dois tipos de lugares que se destacam, os da **quantidade** e os da **qualidade**.

Os lugares da quantidade afirmam que alguma coisa é melhor do que outra por razões quantitativas, por exemplo, a democracia, o “senso comum” são fundamentados pelos lugares da quantidade, nos quais prevalece o maior número. Como lugares de quantidade também estão a preferência concedida ao provável, ao fácil sobre o improvável e o difícil respectivamente. Somente o lugar da quantidade autoriza a passagem daquilo que é considerado normal, habitual, que expressa uma determinada frequência, um aspecto de quantidade das coisas, à norma, ao normativo que assevera que essa frequência é benéfica e deve ser aceita por todos, uma vez que o excepcional é visto com desconfiança, sendo necessária a justificação do seu valor.

No outro extremo estão os **lugares da qualidade** os quais valorizam o único, o original, o inédito contrapondo-se ao múltiplo, ao corriqueiro, ao vulgar. Nos valores de qualidade estão inclusos a precariedade contrária ao valor quantitativo da duração e o irreparável que salienta o lugar do precário.

Os lugares considerados indiscutíveis são aqueles que de fato são aceitos pelo auditório, e na maioria das vezes são utilizados sem serem expressos. Já os lugares que não têm aceitabilidade pelo auditório ou aqueles que cabem o desejo de refutação precisam de justificativa. Convém ressaltar que para Perelman & Olbrechts-Tyteca, o meio cultural não é caracterizado pelo uso de certos lugares ou de determinadas argumentações, embora possa vir a ser o resultado de uma situação argumentativa particular. Os lugares podem através de uma postura metafísica denunciar uma visão de mundo.

Devido à complexidade de uma interação, as premissas utilizadas como ponto de partida em uma situação argumentativa podem ser interpretadas de várias maneiras diferentes. Desse modo, a escolha dos objetos do acordo, assim como sua organização e adequação ao

auditório devem ser realizados com rigor. A seleção dos dados deve trazer à tona, através do discurso o que está ausente na consciência do auditório. Os dados devem enfatizar aspectos relevantes ao objetivo da argumentação, influenciando positivamente a interpretação do auditório.

Segundo Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005) as **noções** das quais se servem o orador em uma argumentação são muito importantes, pois elas devem se apoiar em valores aceitos pelo auditório.

Desse modo, o ponto de partida de uma situação argumentativa é o estabelecimento das premissas. Para que o conteúdo das premissas se destaque sobre o pano de fundo dos acordos disponíveis, é preciso levar em consideração a seleção dos dados e das noções, suas prováveis interpretações pelo auditório, e sua forma de apresentação.

Nesse sentido, as técnicas argumentativas são as bases que estabelecem o elo entre as teses de adesão inicial e a tese principal. Na obra *“Tratado da argumentação”*, os autores dividem os argumentos em argumentos quase-lógicos, argumentos baseados na estrutura do real e argumentos que fundam a estrutura do real.

Os argumentos quase-lógicos são aqueles que se equiparam a raciocínios formais, lógicos ou matemáticos, partem da dedução. O argumento do ridículo, da retorsão, da reciprocidade, as tautologias, as contradições são alguns exemplos desses argumentos; **os argumentos baseados na estrutura do real** são aqueles que não têm como base o real e sim aquilo que o auditório acredita ser real. Segundo Abreu (2006, p.58-59), *“Os argumentos baseados na estrutura do real não estão ligados a uma descrição objetiva dos fatos, mas a pontos de vista, ou seja, a opiniões relativas a ele.”* Os principais argumentos baseados na estrutura do real são: os argumentos pragmáticos, os argumentos do desperdício, a argumentação pelo exemplo, a argumentação pelo modelo ou pelo antimitelo e a argumentação pela analogia; e por fim, **os argumentos que fundam a estrutura do real** ao contrário dos argumentos quase-lógicos que se baseiam na dedução, os argumentos que fundam a estrutura do real tomam por base a indução, vão da especificidade às generalidades, ou seja, transpõem para outro domínio o que é admitido num domínio determinado. São casos específicos desse tipo de argumento: a ilustração, o exemplo, o modelo, a analogia e a metáfora. Voltaremos a esses argumentos quando do trato das metáforas encontradas nas elocuições dos camelôs.

Nesta pesquisa, intenta-se analisar, nos enunciados do camelô, um dos recursos mais importantes da retórica, quer clássica, ou atual, **a presença. Os recursos de presença,**

segundo Abreu, (2006, p.68), “(...) são, pois, procedimentos que têm por objetivo ilustrar a tese que queremos defender.” São utilizados pelo enunciador para dar visibilidade aos argumentos, para despertar o sentimento da **presença** do objeto do discurso na mente tanto do enunciador como do enunciatário.

Perelman, ao se fixar apenas no aspecto técnico da **noção de presença**, vai nos mostrar inevitavelmente que toda argumentação é seletiva. A argumentação escolhe os elementos e a forma de torná-los presentes. “*Toda argumentação supõe, portanto, uma escolha, que consiste não só na seleção dos elementos que são utilizados, mas também na técnica da apresentação destes. As questões de forma se mesclam com questões de fundo para realizar a presença.*” (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 136).

Em uma venda, no caso específico do camelô, um argumento ilustrado por um recurso de presença tem efeito redobrado sobre o consumidor em potencial, pois, quando o camelô expõe a mercadoria, quando faz demonstração do produto anunciado, conforme veremos no capítulo analítico, ele está se valendo desse recurso para persuadir seu auditório.

1.5 A Teoria da Argumentação na Língua

A Teoria da Argumentação na Língua (TAL), tal como propôs Oswald Ducrot (1980), apresenta uma proposição sobre o sentido, cujo guia é a argumentação. Trata-se de uma teoria da argumentação que não se refere aos enunciados em sua totalidade, mas aos elementos semânticos constituintes de seu sentido. Ele descarta qualquer possibilidade de distinção entre a Semântica e a Pragmática, entre o sentido do enunciado e a intenção da enunciação. Nos termos de Ducrot (1980, p.9) “*Le dire est inscrit dans le dit*”.⁴⁴ Ele postula que a argumentação está inscrita na própria língua e o extralinguístico, em um primeiro momento, não vai lhe interessar. Para Ducrot somente o discurso é doador de sentido e é a ele que a língua se reporta. As direções argumentativas são dadas pelo discurso, embora estejam inscritas nas palavras. Para ele, a subjetividade do eu na interpretação é posta pela linguagem. Em outras palavras é por meio do discurso que o locutor pode expressar seu ponto de vista.

Nessa perspectiva, Ducrot busca em Benveniste (1995) a noção semântica de enunciação, e em Austin (1962), a noção pragmática de “atos de fala”, conduzindo assim para

⁴⁴ “O dizer está inscrito no dito” – tradução nossa

uma concepção de pragmática integrada, uma vez que a semântica e a pragmática se articulam mutuamente no momento do discurso.

Para Ducrot, algumas proposições tornam-se fundamentais: a distinção entre frase e enunciado, o que acarretará a distinção entre significação da frase e sentido do enunciado; o entendimento de língua como "instrução"; a noção de pragmática argumentativa, fundada na existência de topoi ou lugares do processo argumentativo; e a noção de polifonia enunciativa.

Em sua obra intitulada *“Provar e dizer: linguagem e lógica”*, Ducrot (1981), apresenta pela primeira vez a sua teoria da argumentação. Em *“Provar e dizer”* a argumentação é vista como parte das regras internas ao discurso, que, por sua vez, vão orientar os enunciados na constituição desse discurso, obedecendo assim a uma lógica da linguagem que privilegia o raciocínio e tem por meta o confronto entre a linguagem natural e a artificial, a fim de analisar seus pontos convergentes e divergentes.

Tanto para Perelman como para Ducrot, a argumentação pertence à ordem do discurso e o raciocínio, à ordem da lógica. Os enunciados de um raciocínio funcionam independentes uns dos outros, e cada um deles expressa uma proposição. Eles não se fundam em si mesmos, mas nas proposições pensadas e ditas sobre o mundo. Já no discurso, o enunciado tem fundação própria, ou seja, ele se funda sobre a sua natureza ou sobre o seu sentido, não tendo relação com estados de coisas.

Em uma perspectiva discursiva, trata-se de um enunciado argumentativo por si mesmo, pelo que ele é, não pelo que possa dizer sobre o mundo. Isso significa dizer que, embora não se possa saber o que vem exatamente a seguir, sabe-se que ao enunciado se seguirá uma (re) ação, ou seja, um seguimento “pretendido”, que poderá ser: um outro enunciado ou mesmo o silêncio.

Para Ducrot, a teoria argumentativa se relaciona à Retórica aristotélica dos Tópicos, na qual Aristóteles analisa um conjunto de estratégias conclusivas que não constituem o raciocínio lógico. Essas estratégias se baseiam em relações entre enunciados considerados prováveis pelo “bom senso” de uma determinada época. Essas relações permitem que certos enunciados se orientem em direção a outros.

Segundo os trabalhos Ducrot

Selon nous, tous les énoncés d'une langue se donnent, et tirent leurs sens du fait qu'ils se donnent, comme imposant à l'interlocuteur un type déterminé de conclusions. Toute parole, au fond d'elle-même, est publicitaire.(...) Elle est publicitaire par le fait que sa valeur interne se confond avec la suite qu'elle réclame. Ce qu'elle veut dire, c'est ce qu'elle veut faire dire à l'autre. Ainsi nos énoncés se présentent, indépendamment même de leur aptitude à fonder

un raisonnement, comme l'origine ou le relais d'un discours argumentative."(DUCROT, 1980, p.11-12).⁴⁵

Esta assertiva sinaliza o ponto de convergência entre os posicionamentos de Ducrot e Perelman, uma vez que para Perelman a conclusão da argumentação se encontra na adesão do auditório a uma tese, a partir dos valores desse mesmo auditório. Para Ducrot o argumento é, desde o início, linguisticamente portador de uma conclusão proposta pelas variáveis argumentativas contidas na frase quer o auditório concorde ou não com essa conclusão. Assim, pode-se inferir que na teoria ducrotiana a linguagem natural recomenda, alude, provoca, pressupõe uma conclusão, ao invés de apenas assinalá-la.

O estudo sobre a argumentatividade, em suas variadas roupagens, de acordo com os alvos mirados e os campos de atuação, compõe hoje, o quadro de estudos sobre a Retórica moderna, que, por sua vez, conduz a uma teoria da significação. Dentre as teorias que tratam da significação encontra-se a reflexão de tipo pragmática, que a princípio, não estabelece nenhuma ligação com os estudos linguísticos. Depois da revolução sintática de Noam Chomsky, a teoria pragmática surge para resgatar tanto o caráter social da linguagem, como os aspectos semânticos que se achavam limitados na filosofia da linguagem desde as abordagens comportamentalistas de Leonard Bloomfield. Sobre a Pragmática trataremos no item seguinte.

1.6 A Pragmática

Segundo Paveau e Sarfati (2006) a Pragmática origina-se no interior das reflexões conhecidas como *Filosofia da Linguagem*. No final do século XIX, uma crise da racionalidade de fundo filosófico levou estudiosos de diferentes correntes do pensamento a retornar à questão da linguagem. Cantor descobre a presença de antinomias nos sistemas axiomáticos (o conjunto infinito e o conjunto dos conjuntos infinitos), e com isso, coloca em

⁴⁵“Segundo nossa opinião, todos os enunciados de uma língua se realizam e têm seu sentido construído pelo fato de se fazerem presentes como se impusessem ao interlocutor um tipo determinado de conclusão. Toda fala, no fundo, é publicitária (...). Ela é publicitária pelo fato de que seu valor interno se confunde com a sequência que ela exige. O que ela quer dizer é o que ela quer dizer ao outro. Assim, nossos enunciados se apresentam, independentemente até de sua aptidão para fundamentar um raciocínio, como a origem ou retransmissão de um discurso argumentativo.” (DUCROT, 1980, p.11-1) (Tradução nossa)

xeque o caráter infalível da significação, Godel estabelece a incompletude da lógica clássica, assim como da metafísica tradicional.

Diante dessa crise dos conceitos filosóficos surge a necessidade da construção de uma língua perfeita que fosse capaz de garantir ao cálculo um fundamento estável. Entretanto, as línguas naturais, na maioria das vezes, são inadequadas para as operações de cálculo, uma vez que apresentam componentes pragmáticos próprios como: ambiguidade, afetividade, flexibilidade, ancoragem espaço-temporal, etc.. (PAVEAU e SARFATI, 2006).

Coube ao filósofo alemão Wittgenstein introduzir uma noção de significado que rompesse com a perspectiva tradicional de que a língua tinha por função a designação dos seres. No início dos anos 30, do século passado, Wittgenstein afasta-se da lógica e examina em *Recherches philosophiques*,⁴⁶ as relações que uma língua natural estabelece com a categorização da experiência, a percepção e o mundo da cultura. Ele vai dizer que a cada domínio de práticas (formas de vida) corresponde uma multiplicidade de cenários de comunicação (jogos de linguagem), diferenciando, assim a função da comunicação da língua(gem) vernácula. (PAVEAU e SARFATI, 2006). Para este filósofo é a língua que cria os objetos, e o significado da palavra está associado ao uso da língua, que, por sua vez é socialmente disposto e regulado, pois, *“Quando uma língua é adquirida, o que se adquire não é pura e simplesmente uma língua, com suas regras especificamente linguísticas, mas todo um sistema de práticas e valores, crenças e interesses a ele associados.* (MARCONDES, 1992, p.41).

Nesse sentido, cabe ao estudo da língua(gem) obedecer a uma perspectiva pragmática que busca examinar a constituição do significado linguístico, levando em conta a interação entre falante e ouvinte, situação de uso, e os componentes sócio-culturais implicados por esse uso. No escopo dos estudos pragmáticos, o sentido é algo situado, negociado, produzidos por efeitos enunciativos e não por algo imanente. Como acontece essa produção de sentidos relacionados aos usos efetivos é o ponto que a pragmática almeja elucidar.

Em consequência da grande diversidade metodológica a Pragmática é uma área de árdua definição. Em virtude dessa dificuldade, Yule (1996) apresenta algumas definições: pragmática é o estudo: a) do significado sob o ponto de vista do falante; b) do significado contextual (isto é, leva em conta o modo como os falantes organizam seus enunciados, aquilo que eles querem dizer, de acordo com fatores como: a quem vão dizer, como vão dizer, onde e

⁴⁶ Investigações Filosóficas

quando vão dizer e sob que circunstâncias); c) do como se diz além daquilo que é dito (isto é, o estudo do significado subjacente, do não-dito); d) da expressão da proximidade/distanciamento relativo (isto é, de acordo com o tipo de proximidade física, social ou conceitual em relação aos ouvintes, os falantes determinam como e quanto precisam dizer).

A pragmática estuda a relação dos signos com os intérpretes, e para analisar o que literalmente se diz e o que realmente se quer dizer é necessário partir do pressuposto de que existe uma parte do significado que não se pode reduzir ao modelo clássico que divide significante e significado. Em outras palavras, os postulados de origem pragmática implicam atos de linguagem que comunicam muito mais do que aquilo que está inscrito no enunciado.

Consequentemente, o contexto extralinguístico, os fatores socioeconômicos, culturais e afetivos envolvidos na comunicação e o modo como os participantes desse contexto estabelecem a interação constituem elementos-chave para uma abordagem de natureza pragmática. E esta será, seguramente, a forma proposta para o encaminhamento teórico-analítico nesta pesquisa.

1.6.1 A Teoria dos Atos de Fala

O pontapé inicial para um reflorescimento da Retórica de Aristóteles que resgatasse a ideia da dialética como um saber necessário iniciou-se na Bélgica em 1947, com Chaim Perelman e sua colaboradora Lucie Olbrechts-Tyteca. As pesquisas desses estudiosos resultaram, em 1958, na elaboração de uma Nova Retórica que deu origem a uma nova tendência em torno dos estudos sobre a argumentatividade. As reflexões sobre o discurso argumentativo e a introdução dos conceitos de auditório interno e universal estenderam significativamente, o conhecimento acerca desse processo de comunicação.

Concomitantemente, surge na Filosofia Anglo-Saxã, mais precisamente, no interior da Escola Analítica de Oxford, contribuindo expressivamente para a análise do papel da argumentação na produção linguística a “Teoria dos Atos de Fala”, tendo como pioneiro John Langshaw Austin que em 1955 apresenta as *Conferências William James, na Universidade de Harvard*, que deram origem em 1962 à publicação póstuma do livro “*How*

to do things with words".⁴⁷ Em 1969, Searle publica "Os atos de fala".

Situar o contexto histórico no qual Austin surge é capital para a compreensão da importância de seus postulados sobre a linguagem. O panorama é a discussão sobre a linguagem levantada pela Escola de Oxford na Inglaterra. No início dos anos 40 e nos anos 50, em um momento histórico marcado pelo pós-guerra na Europa que Austin, em oposição às linguagens utilizadas pela e para a Filosofia e a Ciência, decide ocupar-se da linguagem ordinária, tornando-se um dos estudiosos mais importantes da filosofia contemporânea, rompendo as fronteiras, outrora delimitada, entre esta e a linguística.

Outro estudo que influenciou o desenvolvimento da Pragmática foi o estudo das implicaturas ou máximas conversacionais, teorizado pelo filósofo americano Paul Grice. Por ser um momento histórico, logo depois de um grande conflito mundial, momento marcado pelo pós-guerra era necessário certo gerenciamento de conflitos, e nesse gerenciamento de conflitos era muito importante compreender o papel da fala, da linguagem.

É interessante observar que, nessa mesma época, nos Estados Unidos da América, Chomsky desenvolve sua sintaxe, na França, Émile Benveniste desenvolve estudos sobre a Semântica, além de Michel Foucault, Jacques Lacan, Jacques Derrida, entre outros, que começavam a desenvolver importantes trabalhos sobre a linguagem humana.

Todos esses estudos foram motivados por um interesse comum – uma nova concepção de linguagem - que rompesse as fronteiras entre o linguístico e o filosófico. Fez-se necessária uma nova concepção de linguagem incompatível com uma perspectiva formalista, empiricista da linguagem em que sujeito e objeto não se coadunavam. Em um momento de gerenciamento de conflitos de todas as ordens, um estudo que inserisse o sujeito foi fundamental.

No campo da filosofia da linguagem, Austin se opõe à ideia de que as línguas naturais são imperfeitas e busca na linguagem, ordinária, cotidiana, longe de ser a linguagem ideal, inspiração para elaborar a Teoria dos Atos Performativos, na qual estabelece algumas propriedades interessantes de determinados tipos de enunciados.

A grande contribuição de Austin foi distinguir ao lado dos enunciados constativos, por exemplo, "*O céu está azul*", enunciado que apresenta a constatação de um fato, a existência de enunciados performativos, por exemplo, "*Prometo que resolverei esse problema*", uma crítica à "ilusão descritiva" segundo o qual a função essencial e por vezes

⁴⁷ "Não dispomos ainda de uma verdadeira visão cronológica que repertorie as descobertas, as grandes viradas científicas ou as discussões filosóficas concernentes à linguagem". (AUROUX, 1998, p. 403.)

única da linguagem seria representar estados de coisas do mundo.

No final do seu artigo “*Performativo-Constativo*”, apresentado em 1958, Austin considera que todo enunciado é um ato de fala. Para ele, os enunciados são atos que podem, até mesmo, transformar a condição social dos indivíduos implicados, como, por exemplo, no caso de batismos e casamentos. Modifica-se, assim, toda a concepção que levava em conta a precedência do mundo em relação à linguagem.

Os enunciados constativos tratam do dizer, em outras palavras, são usados para falar sobre as coisas, constatar fatos, descrever estados, objetos, relatar ocorrências. **Os enunciados performativos** tratam do fazer, são usados para realizar uma ação pelo ato mesmo de proferir certas palavras (por exemplo, “*peço que se calem*”; “prometo guardar segredo”; “*declaro aberta a sessão*”, dito pelo presidente do Senado; e “*eu te batizo em nome de Jesus Cristo*”, (dito pelo padre ou pastor).

Austin assume que no enunciado constativo é possível encontrar as propriedades verdadeiro ou falso, uma vez que, o que é dito corresponde ou não à realidade referida. Já ao enunciado performativo não se poderá atribuir estas propriedades. O enunciado performativo será pensado em termos de “felicidade” ou “infelicidade”⁴⁸. O ato de enunciação será considerado êxito/felicidade se a ação pretendida se realizar, e não êxito/infeliz se a ação não se cumprir adequadamente.

Nessa direção, a associação de um enunciado performativo à realização de uma ação passa pelo preenchimento de certas condições de felicidade: 1º) as circunstâncias e as pessoas envolvidas no ato devem ser apropriadas; 2º) a “fórmula” deve ser pronunciada correta e inteiramente; 3º) as pessoas devem ter a intenção de assumir o comportamento implicado.

As infelicidades mais específicas dos performativos são: a) **a nulidade**, quando o orador não está apto para efetuar tal ato, por exemplo, se o enunciado “*Eu te batizo*” não for proferido no templo, por um sacerdote conforme regem as leis da denominação, ou por imersão ou com o aspergir da água benta, ele será considerado nulo. Também será nulo se a segunda condição não se cumprir, ou seja, se a fórmula não for pronunciada completa e corretamente. b) **o abuso da fórmula** (falta de sinceridade). Se a terceira condição não for cumprida, por exemplo, se, em “*Eu prometo que irei*”, o autor da promessa não tiver a intenção de sustentá-la ou não tiver o poder de cumpri-la isso será considerado abuso da fórmula. c) **a quebra de compromisso** Se o comportamento implicado pelo ato não se

⁴⁸ Estas palavras, tradução do inglês *felicity e infelicity* devem ser entendidas como êxito e não êxito.

realiza, se considerará que houve quebra de compromisso, por exemplo, “*Eu te desejo boas-vindas*”, tratando o indivíduo com indiferença.

Austin opõe, em um primeiro momento, o enunciado constativo/performativo, fazendo uma distinção entre verdadeiro e falso. Mais tarde, porém, esse critério das propriedades definitórias de verdadeiro ou falso para os constativos, de felicidade ou infelicidade para os performativos –, segundo Austin, não responde à análise.

É importante considerar não apenas a relação entre enunciação e estado de coisas representado, mas o modo como as palavras se referem às coisas, e esse modo é sempre definido por convenções socialmente estabelecidas. Conforme essas convenções, os enunciados estabelecem modos de interação entre enunciador e enunciatário, inclusive para o enunciado constativo, uma vez que ele pressupõe por meio da crença na proposição ou na possibilidade de sua verificação, o envolvimento do enunciatário.

Desse modo, todo ato constativo tem sua dimensão performativa, portanto, capaz de ser feliz ou infeliz. Ao afirmamos algo, não deixamos de agir sobre o destinatário, que poderá acatar ou não a afirmação. No enunciado “*Faz frio*”, apesar de aparentar ser um enunciado puramente descritivo, ao ser dito estabelece uma nova realidade, realiza uma ação (*statement*/afirmação). Ações como “sustentar, afirmar, ordenar” são verbais, diferentemente das ações como “jurar, batizar ou decretar” que são “institucionais”, mas, em ambos os casos, trata-se de atos de linguagem. Mais adiante, no item 1.4.2 intitulado “**A reconstrução da Teoria dos Atos de Fala**” falaremos sobre os atos da fala indiretos aprofundados por John Searle.

Entretanto, a aplicação dos critérios falso ou verdadeiro sobre enunciados constativos constitui um problema. No enunciado “O Brasil tem a forma de um triângulo” é uma constatação não verificável que pode ser mais ou menos feliz, ser mais ou menos bem sucedida, conforme o grau de precisão que o enunciatário admita na descrição do formato do território nacional. Porém, para um geógrafo essa constatação seria um desastre.

As dificuldades para distinguir os constativos dos performativos fizeram com que Austin reconstruísse inteiramente suas concepções e buscasse uma teoria mais ampla dos atos de linguagem. Procurando ver em que sentido “dizer algo” implica “fazer algo”, Austin propõe distinguir três tipos de atos produzidos pela atividade enunciativa:

1º) **O Ato locucionário ou locutório** – o dito enquanto tal - trata-se do ato linguístico conforme regras gramaticais, ou seja, consiste na emissão de um conjunto de sons organizados de acordo com as regras da língua. Produzimos sons, e, mais do que isso, sons de

certo tipo pertencentes a um vocabulário e, por fim, empregamos esses vocábulos em um sentido e com uma referência mais ou menos determinada.

2º) **Ato ilocucionário ou ilocutório** - Esse ato possibilita a distinção entre o dizer e o dito. É um ato efetuado ao se dizer algo. Produzir um ato ilocutório é produzir um enunciado convencional por definição por meio do próprio dizer, uma certa “força”, ao contrário do ato locutório que produz sentido. Atos como: perguntar, responder, afirmar, enunciar um veredicto ou uma intenção, pronunciar uma sentença, fazer um apelo, uma crítica etc., seriam ilocutórios.

3º) **Ato perlocucionário ou perlocutório** – é o ato que produz efeito sobre o interlocutor, ou seja, é uma reação ao enunciado. Nesse caso, dizer algo é suscitar efeitos sobre os sentimentos, os pensamentos do outro ou daquele que fala. O perlocutório, ao contrário do ilocutório, não é convencional. Um casamento se efetiva quando o sacerdote o declara, porém, no enunciado “*Vou chamar meu pai*”, dito por uma criança ao ser provocada por outra, não é por meio do ato de dizer que a intimidação se instaura, se ocorrer, ela será uma reação à força ilocutória da ameaça.

Enquanto o ato ilocutório se realiza dizendo (*in saying*), o ato perlocutório se realiza pelo fato de dizer (*by saying*). Essa constitui, portanto, a principal diferença entre ambos. Os atos locutórios e os ilocutórios realizam-se na enunciação, já os perlocutórios constituem efeitos do enunciado sobre o(s) outro(s) envolvidos ou sobre o contexto de fala.

A teoria dos atos de fala austiniana possibilitou à Linguística estender seu campo de atuação, pois, ao afirmar que a linguagem é ação, está também afirmando que a linguagem é uma forma de agir no mundo e não apenas de descrevê-lo. Entretanto, Austin deixou seu programa apenas esquematizado. Searle se encontra como um dos teóricos fundamentais para o desenvolvimento e classificação dos atos ilocucionários propostos por Austin.

1.6.2 A reconstrução da Teoria dos Atos de Fala

Em 1969, Searle, discípulo de Austin, propôs uma reformulação mais rigorosa da teoria dos atos de fala. Para Searle, na enunciação de uma frase, pelo menos três atos distintos são efetuados: o ato de enunciação, o ato proposicional e o ato ilocutório. Nas frases:

- 1) Pedro fuma muito.
- 2) Pedro fuma muito?

3) Pedro, fume muito!

4) Que Pedro fume muito.

No momento da enunciação de uma dessas frases acima, um ato de enunciação é realizado. **O ato de enunciação** refere-se ao simples proferimento de cada uma delas. Em cada uma dessas frases, embora o enunciador realize atos diferentes: uma afirmação, uma questão, uma ordem, um desejo, ele o faz a partir de um ato de natureza idêntica, pois, em todos eles, refere-se a “Pedro” e lhe confere (predica) uma determinada propriedade (fumar muito). Os quatro enunciados têm, portanto a mesma referência e a mesma predicação. **O ato proposicional** é esse ato de referir e de predicar. Ao afirmar, colocar uma questão, ordenar, desejar, prometer, asseverar (garantir), etc., o enunciador estará realizando um **ato ilocutório**.

Essa distinção entre ato proposicional e ato ilocutório (“força ilocucionária”) possibilita a Searle isolar o conteúdo proposicional de um ato de linguagem de seu valor ilocucionário. O conteúdo proposicional é sempre o mesmo (“Pedro fuma muito”), mas não sua força ilocucionária.

Em português, os processos utilizados para marcar essa força ilocucionária seriam, por exemplo: a ordem das palavras, a entoação, a pontuação, o modo do verbo, os verbos chamados “performativos” (eu prometo, eu te ordeno, etc.).

O locutor pode indicar o tipo de ato ilocutório que realiza, introduzindo suas frases com “desculpe-me”, “declaro”, mas, normalmente, é o contexto que permitirá estabelecer a força ilocucionária da enunciação.

Estendendo essa distinção entre conteúdo proposicional e valor ilocutório a todos os atos de linguagem, Searle concebe uma fórmula para representar a estrutura desses atos: **F(p)**. **F** é o marcador de força ilocucionária que indica “a maneira pela qual é preciso considerar a proposição, isto é, qual será a força ilocucionária a atribuir à enunciação”; **p** é o conteúdo proposicional. Os enunciados acima, de acordo com essa fórmula, teriam as seguintes representações semânticas:

(1) Afirmação (Pedro fumar muito)

(2) Questão (Pedro fumar muito)

(3) Ordem (Pedro fumar muito)

(4) Desejo (Pedro fumar muito)

Searle afirma, ainda, que não há uma correspondência singular entre conteúdo proposicional e força ilocutória, uma vez que um mesmo conteúdo proposicional pode

expressar valores ilocutórios variados. A proposição “*Pedro, trabalhe bastante.*” Pode desencadear, no mínimo, três tipos de força ilocutória: pedido, ordem ou conselho etc. Essa falta de correspondência singular entre enunciados declarativos, interrogativos, imperativos, etc., e o seu valor ilocucionário de pedido, interrogação, ordem, etc., leva Searle a estabelecer a diferença entre atos de fala diretos e atos de fala indiretos.

Os atos de fala diretos se realizam por meio de formas linguísticas próprias, por exemplo: as entonações próprias para questionamentos como, *Que horas são?*; as formas imperativas próprias para dar ordens ou fazer pedido, *Por favor, me passa o sal.* Já os atos de fala indiretos se realizam indiretamente por meio de formas linguísticas típicas de outro tipo de ato, ou seja, “dizer é fazer uma coisa sob a aparência de outra”, como no exemplo, *Eu queria um talão de cheques.* Tem-se aqui uma ordem expressa sob a forma de um desejo. Ou ainda um pedido sob a forma de uma interrogação, *Você tem cigarro?* Os atos de fala indiretos podem ser utilizados para minimizar a força da ordem, a fim de não constranger o interlocutor com um pedido direto, por exemplo.

O mecanismo interpretativo que interfere na decodificação dos atos de fala indiretos são as notáveis Máximas Conversacionais do linguista Paul Grice, (1989). Quanto menos aprovado é um ato de fala indireto, mais ele precisa do contexto para elucidar seu valor ilocutório

1.6.3 As implicaturas Conversacionais

Um dos estudos que mais influenciou o desenvolvimento da Pragmática foi o estudo das implicaturas ou máximas conversacionais, teorizado pelo filósofo Herbert Paul Grice. Isso porque as Implicaturas Conversacionais apresentaram à pragmática um novo entendimento. Grice (1989) trabalha com implícitos e leva em consideração o pressuposto de que a língua comporta bem mais do que aquilo que está explícito no enunciado. Grice chamou atenção para a ubiquidade do uso da língua.

Para Grice há dois tipos de implicaturas: as **convencionais** e as **conversacionais**. As convencionais são as implicaturas cuja significação é gerada dentro do sistema linguístico, já as implicaturas conversacionais se relacionam ao contexto extralinguístico.

Grice postula o princípio conservacional, o da cooperação, “Make your conversational contribution such as is required, at the stage at which it occurs, by the accepted

purpose or direction of the talk exchange in which you are engaged” (1989, 26)⁴⁹ do qual resultam algumas máximas. Segundo o **princípio da cooperação** o falante tem que contribuir no intercâmbio verbal no qual participa, observando ao que é solicitado, no momento exigido, a fim de atender aos objetivos comuns e imediatos. Esse princípio é fundamental para o entendimento e operação das seguintes máximas.

→ ***Máxima da Quantidade*** – Seja informativo

- ✓ Faça sua contribuição tão informativa quanto necessário
- ✓ Não faça sua contribuição mais informativa do que o necessário.

→ ***Máximas da Qualidade*** – Seja verdadeiro

- ✓ Não diga o que acredita ser falso;
- ✓ Não diga algo de que você não tem adequada evidência.

→ ***Máxima da relação*** - Seja relevante

→ ***Máximas de modo*** – seja claro

- ✓ Evite a obscuridade de expressão;
- ✓ Evite a ambiguidade;
- ✓ Seja breve (evite prolixidade desnecessária);
- ✓ Seja ordenado

O “dizer” para Grice decorre de uma intenção do falante e está para além do dito. Esse “dizer” é também restaurado pelo interlocutor que vai levar em consideração, além das leis da conversação, tanto o significado do que foi dito, como o contexto do dizer. As leis da conversação serviriam para resolver as imprecisões da fala, mas não as contradições, uma vez que estas não foram previstas por Grice, haja vista que, para esse autor, na fala do sujeito consta somente a sua intenção.

Várias críticas foram feitas ao princípio da cooperação. Uma delas diz respeito ao fato de esse princípio conduzir a uma interpretação idealizada das interações sociais, desconsiderando o fato de também existirem interações divergentes e em nada harmônicas.,

⁴⁹“Faça sua contribuição conversacional tal qual é requerida, no momento em que ocorre, pelo objetivo ou direção da troca conversacional na qual você está envolvido”. Tradução nossa.

Grice também foi criticado por ditar normas de comunicação entre os indivíduos, mas segundo Fiorin (2003), nenhuma dessas críticas procede, pois, para ele, Grice não ignora a existência de conflitos na troca verbal, pelo contrário, é justamente quando a comunicação está minada de discórdias e conflitos que há possibilidade de se operar sobre uma base de cooperação na interpretação dos enunciados, haja vista que, para Grice, as máximas conversacionais proporcionam uma teoria de interpretação dos enunciados.

O fato é que não se pode negar a importância dos estudos de Grice, tanto no que diz respeito ao falante, usuário da língua, mas ao falante na condição de intérprete, participante ativo das interações, capaz, inclusive, de criar e modificar tais interações.

Os estudos desenvolvidos em torno da Pragmática por todo o século passado colocaram em xeque o pressuposto de que as palavras e expressões são dotadas de significados elaborados de forma instintiva/espontânea pelos usuários da língua. Segundo pesquisas desenvolvidas por Fillmore (1982) e Jackendoff (1993), a imputação invariável de um significado às palavras sem levar em consideração o contexto em que elas acontecem não são significados essenciais e sim “*defaults*”,⁵⁰ originados pelo desconhecimento de normas e valores culturais.

Nessa mesma esteira de pensamento, os estudos em Linguística Cognitiva apontam evidências de que o significado não é representado pela linguagem. Esta apenas atua a elaboração do significado, em contextos especiais, partindo de modelos culturais e recursos peculiares à cognição. (FAUCONNIER, 1985); (LAKOFF, 1987) e (LANGACKER, 1987).

Como se pode observar, a Linguística Cognitiva não nasce desvinculada dos movimentos anteriores, ela se identifica com a Pragmática, quando retoma a discussão sobre o significado, levando em conta, principalmente, o conhecimento enciclopédico de mundo, ou seja, a experiência de cada indivíduo e da sociedade em que convive. É sobre essa perspectiva cognitiva que desenvolveremos o item a seguir.

1.7 Sobre a Linguística Cognitiva

1.7.1 Breves considerações sobre a Linguística Cognitiva

Na década de 80, sob a égide da tradição funcionalista, nasce a Linguística Cognitiva (LC) como uma crítica ao gerativismo de Noam Chomsky, não propriamente contra

⁵⁰ “Descuidos” – tradução nossa

a hipótese do inatismo, mas contra a ideia de que as estruturas e habilidades inatas ao ser humano que o capacitam a aprender e utilizar uma ou várias línguas são específicas da linguagem. A utilização de um conhecimento prévio do mundo (*backstage, cognition*), de que fazem parte fatores biológicos, psicológicos, históricos e socioculturais torna-se pré-requisito para a descrição linguística, como afirma Langacker (1999, p.14) *"Most basically, cognitive and functional linguistics believe that language is shaped and constrained by the functions it serves and by a variety of related factors environmental, biological, psychological, developmental, historical, sociocultural."*⁵¹

Essa perspectiva linguística traz uma visão da linguagem como forma de conhecimento através da experiência humana do mundo. A linguagem não integra um componente autônomo da mente, ela depende de outras faculdades mentais. A Linguística Cognitiva se funda na hipótese de que conhecimento linguístico e conhecimento não linguístico, extra linguístico, enciclopédico ou de mundo não se distinguem.

Nessa direção, a linguagem é considerada como elemento que categoriza o mundo. Assim, o significado linguístico não pode estar dissociado do conhecimento de mundo, e este por sua vez, não pode ser objetivamente, refletido na linguagem. Por meio da linguagem também se organizam conhecimentos que retratam os interesses, as necessidades e as experiências das culturas e de seus falantes. O conhecimento de mundo não é espelhado pela linguagem e sim construído e interpretado por ela, pois de acordo com Fauconnier (1997, p.96)

Language is only the tip of a spectacular cognitive iceberg, and when we engage in any language activity, be it mundane or artistically creative, we draw unconsciously on vast cognitive resources, call up innumerable models and frames, set up multiple connections, coordinate large arrays of informations, and engage in creative mappings, transfers, and elaborations.⁵²

Desse modo, o contexto assume importância fundamental e a linguagem é vista como uma forma de ação no mundo, que se integra a outras capacidades cognitivas que desempenhamos em nossas atividades diárias.

Em termos gerais, segundo os linguistas cognitivistas, linguagem, pensamento e

⁵¹ A maioria dos linguistas basicamente funcionalistas e cognitivistas acredita que a linguagem é moldada e delimitada pelas funções para as quais serve e por uma variedade de fatores interrelacionados: ambientais, biológicos, psicológicos evolutivos, históricos socioculturais. (Tradução nossa).

⁵² A linguagem é apenas a ponta de um iceberg cognitivo espetacular e, quando nos envolvemos em qualquer atividade de linguagem, seja ela comum ou artisticamente criativa, fazemos uso, inconscientemente, de imensos recursos cognitivos, recobramos a memória inúmeros modelos e frames, estabelecemos múltiplas conexões, agregamos uma grande quantidade de informação, e nos envolvemos em mapeamentos criativos, transferências e elaborações. (Tradução nossa).

experiência coexistem em uma relação sistemática, ou seja, é impossível estudar a mente de forma separada do corpo⁵³. Ao contrário, o pensamento é corporificado (*embodied mind*), e impossível também é separá-lo do meio no qual os processos linguísticos se realizam. Na análise cognitivista, a percepção que tem-se do mundo é medida por nossas características físicas. Não é por acaso que se localizam na parte frontal da cabeça alguns dos principais órgãos do sentido como olhos, nariz e boca, e assim como, também, não é por acaso que andamos para frente. Esse processo de corporificação pode explicar o modo como organizamos nosso pensamento, e daí o uso de elementos, a princípio, espaciais, sendo usados como expressões temporais: “Cem anos atrás não conhecíamos o computador. O que está por vir daqui pra frente?”

As bases de organização de sistemas conceptuais, os princípios de categorização da realidade, os mecanismos de processamento, a experiência individual, social e cultural constituem manifestações de capacidades cognitivas e devem ser tratadas como unidades e estruturas da língua.

Os principais domínios de investigação e os conceitos fundamentais que integram a Linguística Cognitiva são: categorização e teoria dos protótipos, frames e scripts, metáforas metonímias conceptuais, esquemas imagéticos, modelos cognitivos, modelos culturais e processos cognitivos da gramática. Nessas bases enquadram-se a posição filosófica e epistemológica do movimento cognitivo, que Lakoff & Johnson (1980), Lakoff (1987), Lakoff & Johnson (1999), Johnson (1987) e Johnson & Lakoff (2002) caracterizam como sendo o experiencialismo ou, o realismo corporizado ou encarnado (*embodied realism*), em uma visão mais atualizada.

Dentre as abordagens contemporâneas da linguagem, a Linguística Cognitiva reconhece que a capacidade para a linguagem se fundamenta em capacidades cognitivas e que estas capacidades são culturalmente situadas e definidas. Como já assinalado anteriormente, dentro do escopo da linguística Cognitiva não existe linguagem humana independentemente do contexto sociocultural. E essa linguagem se aloja primariamente nas mentes individuais, sem as quais a interação linguística não poderia ocorrer. É uma concepção contextualizada, ou seja, enciclopédica que explora a dimensão sociocultural e as relações entre os aspectos cognitivos e culturais da linguagem exposta em Langacker (1997). A teoria da Metáfora Conceptual de George Lakoff também assume essa mesma perspectiva.

⁵³ Contrariando a concepção cartesiana na qual mente e corpo são consideradas duas naturezas absolutamente distintas, e, portanto impossível de se relacionarem

No próximo item discorreremos sobre as principais linhas de investigação de estruturas conceituais que combinam categorias individuais em modelos mentais coerentes e que também servirão de ferramentas de análise do corpus desta pesquisa: Esquemas imagéticos de Lakoff & Johnson (1999); a Teoria dos Espaços Mentais e da Integração Conceptual (*blending theory*) de Fauconnier (1985, 1997); Fauconnier & Turner (1996, 1998) e Turner & Fauconnier (2002), e a Teoria da Metáfora Conceptual, e da Metonímia protagonizada, sobretudo por Lakoff (1987, 1993); Lakoff & Johnson (1980, 1999);

1.7.2 Sobre a Teoria dos Espaços Mentais

A concepção cognitivista não concebe a linguagem como um reflexo da realidade. Fala-se daquilo que aceita-se como “verdadeiro” e não, necessariamente, do que é “verdadeiro”. Segundo Fauconnier (1988, p. 62)

A linguagem não está ligada diretamente com o mundo real ou metafísico; no meio ocorre um extenso processo de construção mental, que não reproduz nem as situações-alvo do mundo real nem as expressões linguísticas responsáveis por organizá-lo. Esse nível intermediário pode ser chamado cognitivo; ele é distinto do conteúdo objetivo e da estrutura linguística. A construção se faz quando a língua é usada e é determinada por formas linguísticas que constroem um discurso, e por uma série de pistas extralinguísticas que incluem informações dadas, esquema acessível, manifestações pragmáticas, expectativas, etc.

Em outras palavras, as expressões linguísticas não têm significado próprio, elas apenas conduzem a determinados tipos de construção mental. Nessa perspectiva, Fauconnier e Turner (2002) formulam um conceito fundamental da Linguística Cognitiva, ou seja, a **Teoria dos Espaços Mentais**.

Entendendo espaço como um território definido, os espaços mentais correspondem a partes da mente humana, isto é, cada parte da mente constitui um espaço mental. Esses espaços mentais se formam momentaneamente no momento em que se está falando ou pensando. Na mesma rapidez em que aparecem, também desaparecem.

Os dados e informações que vão sendo adquiridos ao longo da vida são muito importantes para a constituição dos espaços mentais. São eles os responsáveis pela fala, leitura e modo de pensar dos indivíduos. Esses espaços mentais são construídos por intermédio das formas linguísticas, das palavras, das frases, das orações, dos textos. Por essa razão Fauconnier e Turner os chamam de *espace builders* (**construtores de espaços mentais**).

1.7.3 Sobre os construtores de espaços

Segundo Fauconnier (1997) e Lakoff (1987), além do nível da expressão, existe o nível cognitivo ou intermediário. Esse nível interliga domínios, ou seja, espaços mentais “[...] *são concebidos como modelos parciais locais de aspectos do conteúdo mental, são diferentes de mundos possíveis, na medida em que não são de natureza objetiva, não são necessariamente passíveis de descrição em termos de condições de verdade e não são globais.*” (FAUCONNIER, 1985, p. xxiii).

Fauconnier (1985) chama, como já dito há pouco, de *space builders* (construtores de espaço) às expressões linguísticas que estabelecem novos espaços que se relacionam entre si. Uma vez que esses espaços mentais são construídos por meio das formas linguísticas, pode-se dizer que se tratam de espaços mentais discursivos. Eles existem a fim de serem utilizados em toda e qualquer prática que envolva a linguagem: ler, falar, escrever, pensar.

As formas linguísticas vão construindo os espaços mentais. As formas dêiticas, por exemplo, introduzem os espaços mentais da realidade que nos rodeia. (eu, você, ali, aqui, lá, agora, isto, aquilo, verbos). Os substantivos, adjetivos, referenciam os objetos, as pessoas que estão envolvidas em uma dada situação comunicativa real no exato momento em que se está falando, uma vez que esses espaços são construídos no momento da fala. Uma expressão como “**isto aqui**” conduz os interlocutores da conversa a criarem espaços mentais nos quais informações sobre o que se está conversando sejam elaboradas.

Certas expressões como: (Em 1980, Na Avenida, realmente, acredita, pensa...) têm a capacidade de nos remeter a outras épocas, a outras realidades, outros lugares. É por meio desses espaços mentais que se ativam todas as nossas informações prévias a respeito dessa realidade. Lança-se mão dos esquemas arquivados em nossa memória e selecionam-se todas as informações relevantes.

Um espaço mental que interessa a essa pesquisa é aquele em que as formas linguísticas guiam o camelo a construir metáforas no terreno da argumentação, no seu modo de dizer, que por vezes, sinaliza para o inesperado, o surpreendente ou o cômico.

1.7.4. Esquemas Imagéticos

A disjunção entre mente e corpo não se sustenta dentro dos estudos recentes da neurociência. Segundo Johnson (1987), os Objetivistas acreditavam que o corpo introduziria elementos subjetivos, portanto, irrelevantes à natureza objetiva do significado e por essa razão o corpo tornou-se ignoto, uma vez que a razão era considerada abstrata e transcendente, e não se achava conectada a nenhum dos aspectos corpóreos da compreensão humana.

De acordo com Lakoff, (1987, p. 368) “*A mente é inerentemente corporificada e imaginativa*”. Abreu (2010, p. 26), assevera que “*Nossa percepção da realidade é construída pelo formato do nosso corpo, pela maneira como ele se movimenta, pelo jeito como nossos sentidos percebem a realidade à nossa volta, pela forma como interagimos com o mundo, seus seres e objetos*”.

Ao usarmos expressões como “*um punhado de areia*” ou “*duas braçadas de flores*” estamos nos valendo de classificadores partitivos, vinculados a partes do corpo humano: punho e braços. O mesmo acontece, quando medimos algo com as mãos em palmos e polegadas, ou mesmo com os pés, quando falamos em 20 pés ou 10 passos. (ABREU, 2010, p.27).

O ser humano, desde cedo, toma o corpo como ponto de partida para criar conceitos como frente, trás, esquerda, direita, alto e baixo. Lakoff e Johnson (1999), partindo desses tipos de interação física entre nossos corpos e o ambiente em que se vive, elaboraram um modelo cognitivo chamado de **esquemas de imagem**. A capacidade de movimentar-se de um lugar para outro, por exemplo, se solidifica na mente de maneira esquemática. Segundo eles, essas imagens esquemáticas são padrões estruturais recorrentes de experiência sensório-motora que têm a função de estruturar conceitos complexos. Esses esquemas têm caráter cinestésico, uma vez que tratam de atividade do ser humano no espaço, se não vejamos: orientação, movimento, equilíbrio, forma etc.

Os esquemas imagéticos⁵⁴ mais utilizados espelham experiências de:

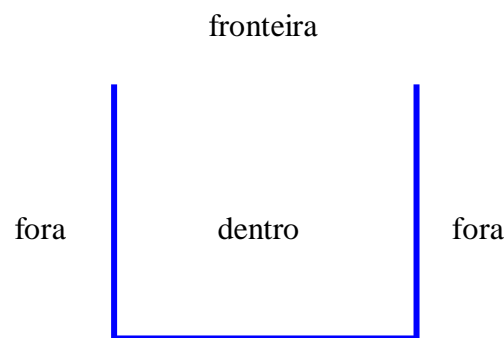
- a) EQUILÍBRIO⁵⁵ - Para andar, temos de manter nossa posição ortostática;
- b) PERCURSO – O fato de podermos nos mover justifica esse esquema que é

⁵⁴ Conceitos e desenho retirados do livro de Antônio Suárez Abreu intitulado “Linguística Cognitiva: uma visão geral e aplicada” que se encontra no prelo.

⁵⁵ Por convenção, os nomes dos esquemas de imagem são sempre transcritos em letras maiúsculas.

composto por três elementos: ORIGEM, TRAJETO e META;

- c) CONTATO - Quando em percurso, pode-se encontrar com alguém ou com algo;
- d) BLOQUEIO – Podem-se enfrentar obstáculos como uma porta fechada;
- e) DINÂMICA DE FORÇA – Pode-se aplicar a força do nosso braço para abrir a porta;
- f) *CONTAINER* – Pode-se entrar em um edifício ou em um automóvel, pode-se pôr alguma coisa dentro dos nossos bolsos. Nesse esquema têm-se três partes: dentro, fora e uma fronteira a ser transposta:



Segundo Peña (2008), os esquemas de imagem obedecem a uma certa hierarquia entre eles sendo dispostos em uma espécie de rede topológica mais geral. O esquema primário é chamado de REGIÃO DELIMITADA. Essa região pode se limitar a uma dimensão - esquema de PERCURSO, ou a duas dimensões - esquema de SUPERFÍCIE e a três dimensões - esquema de CONTAINER.

A partir do CONTAINER pode-se ter duas imagens secundárias: CHEIO-VAZIO e EXCESSO. Imagens como FRENTE-TRÁS estão ligadas ao esquema de PERCURSO; imagens como PERTO-LONGE, CONTATO, CENTRO-PERIFERIA estão ligadas ao esquema de SUPERFÍCIE. (ABREU, 2010).

Não se pode negar que todos esses esquemas são recorrentes em nosso cotidiano, sendo utilizados, a toda hora, para fazer projeções metafóricas, como veremos no capítulo analítico, nos enunciados proferidos pelos pregoeiros da modernidade – os camelôs.

1.7.5 Teoria da Integração Conceptual

A capacidade humana de integrar acontecimentos, sobretudo os de causa e efeito e vice-versa, tem sido considerada como de grande valia para o ser humano. “*Integrar o ruído*

de trovões num céu de nuvens escuras à possibilidade de chuva iminente poderia induzir a busca de um abrigo” (ABREU, 2010).

O desenvolvimento dos estudos referentes à Teoria dos Espaços Mentais, que postula que os espaços mentais ou referenciais são acionados por formas linguísticas e derivam da interação entre certas conexões cognitivas e a multiplicidade de expressões linguísticas das línguas naturais, possibilitou a revisitação de alguns de seus pressupostos, entre eles o da Teoria da Integração Conceptual de Fauconnier e Turner (2002).

Segundo Fauconnier e Turner (2002), as configurações linguísticas desencadeiam os significados, que por sua vez, se processam por meio de operações fundamentais, complexas, normalmente inconscientes; de **identificação, integração e imaginação** que formam uma operação mental designada Integração Conceptual. Em outras palavras, essa teoria postula que a mente humana é capaz de criar e integrar espaços mentais, projetando estruturas de um espaço para outro.

Essa operação básica do processamento cognitivo, ou seja, essa operação de integração acontece por um processo denominado mesclagem (*blending*), que cria dentro da mente humana *insights* globais que possibilitam a previsão de acidentes e o pensamento criativo. A mesclagem opera sobre dois espaços mentais (*input 1 e input 2*) a fim de obter um terceiro espaço chamado de domínio-mescla. O domínio-mescla ou espaço-mescla vai carregar, em consequência de sua composição, informações dos domínios de origem, possibilitando a construção de novos significados na linguagem. Abreu (2010, p.68-69) nos fornece um exemplo de mesclagem:

Quando Alexander Fleming, em setembro de 1928, notou que, sobre uma placa esquecida fora da geladeira do seu laboratório, parte de uma cultura de estafilococos tinha sido destruída pelo mofo, teve um *insight*, associando esse mofo (um fungo pertencente ao gênero *penicilium*) à destruição daquelas bactérias. Repetindo a operação, passo a passo, recriando as mesmas condições, provocou novamente a destruição das bactérias. Estava descoberta a penicilina, ponto de partida para a descoberta de todos os outros antibióticos que vieram em sua esteira.

Esse processo de integração, de acordo com estudos desenvolvidos por Fauconnier e Turner (2002) na obra intitulada “*The way we think*”, constitui uma importante característica da mente humana. “Conceptual integration is at the heart of imagination. It connects input spaces, projects selectively to be a blending space, and develops emergent structure through composition, completion, and elaboration in the blend” (FAUCCONNIER e

TURNER, 2002, p. 89).⁵⁶

Nessa perspectiva, tanto a metáfora como a metonímia são processos de integração. Sobre esses fenômenos trataremos a seguir.

1.7.6 Sobre Metáfora

O homem é um ser que se criou a si próprio ao criar uma linguagem. Pela palavra, o homem é uma metáfora de si próprio.

(PAZ, 1982, p.42)

A metáfora tem ocupado lugar de destaque nos estudos linguísticos, tornando-se um tema por demais debatido nos últimos cinquenta anos.

O nome Metáfora deriva do grego *metapherein*, que significa transferência ou transporte, daí a metáfora ser um processo que transfere ou transporta o sentido de uma coisa para outra, como na frase “A vida é uma viagem”, o sentido de viagem foi transferido para o sentido de vida.

No Ocidente, a ideia mais remota de metáfora data do século IV a.C, e tem origem aristotélica. Para Aristóteles, ao usarmos o nome de uma coisa para designar outra, estamos fazendo uso de metáforas, “*A transposição do nome de uma coisa para outra, transposição do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie pra outra, por via de analogia.*”. (ARISTÓTELES, 1966, p.182).

Nessa direção, pode-se inferir que Ferreira, ao reconhecer que a metáfora expressava uma ideia nova e possibilitava a aprendizagem de conceitos, palavras etc., já marcava o papel cognitivo da metáfora. Se a metáfora permite expressar uma ideia nova, essa ideia nova requer do ouvinte ou leitor uma atividade mental. Quando Homero chama a velhice de colmo (ARISTÓTELES, 1966, p.195), o leitor precisa encontrar a semelhança entre velhice e colmo⁵⁷, precisa entender que ambos “perderam o viço”, ou seja, a juvenilidade.

Na tradição retórica, a metáfora era vista apenas como mais uma das inúmeras

⁵⁶“A integração conceptual está no coração da imaginação. Ela conecta espaços inputs, projeta-os seletivamente em um domínio mescla, e desenvolve estruturas emergentes por meio de composição, de finalização e refinamento na mesclagem”. (Tradução de Antônio Suárez Abreu).

⁵⁷ Segundo Ferreira, Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1987), colmo é uma palha extraída de várias plantas e usada para cobrir cabanas, etc. Se é palha deve estar seca.

figuras de linguagem, com a função de ornamentar, embelezar, ou seja, a metáfora era vista apenas como um recurso estilístico, refletindo uma visão referencialista, sem valor cognitivo. Dentre as figuras de linguagem, a metáfora se enquadrava na categoria prototípica, conforme uma necessidade de classificar o mundo em categorias, principalmente, à época do Renascimento.

No século XX, a metáfora passa a ser vista, pelos filósofos, como figura de pensamento, de forma mais abstrata, e não apenas como figura de linguagem. Assim, a metáfora ganha outra concepção, que se perfaz segundo uma projeção de conceitos, em oposição a ornamento linguístico. É a partir da década de 1970, que essa mudança paradigmática toma forma, levando a uma reformulação no modo de conceber a objetividade, a compreensão, a verdade, o sentido e a metáfora. A ideia central do novo paradigma é de que a cognição é o resultado de uma construção mental, ou seja, os conceitos são estruturados metaforicamente em termos de outro; surgindo assim o conceito da metáfora conceptual.

A Semiótica de Peirce define três tipos de sinal que são usados para representar o mundo: os índices, os símbolos e os ícones. Os **índices** têm uma relação direta com o referente, ou coisa designada. Os **símbolos** são arbitrários com relação ao referente. Os **ícones** têm uma relação analógica com o referente e, segundo ele, são divididos em **imagens**, **diagramas** e **metáforas**. Um exemplo de **ícone-imagem** seria uma fotografia, uma vez que as imagens preservam para com o referente uma relação mimética. Um mapa seria um exemplo de **diagrama**, tendo em vista que os diagramas preservam para com o referente uma analogia mais sutil, materializada pela correlação entre partes do diagrama e partes do objeto e as **metáforas** têm uma relação de similitude com aquilo que nomeiam. Segundo Radwanska-Williams (1994, p.29), a metáfora é um ícone mais abstrato do que o diagrama: “*The paradox of a methaphor is that while it involves an image, the image is not itself directly representational, and the degree of similarity between the metaphor and the represented object is more abstract than in a diagram*”.⁵⁸

É preciso ressaltar que, nas últimas décadas, os estudos sobre modelos cognitivos, mapeamentos e transferências etc., e, principalmente, sobre metáforas, têm progredido significativamente, sobretudo com a publicação da obra “*Metaphors we live by*”⁵⁹ de Lakoff & Johnson em 1980. A metáfora, segundo Abreu (2003), de figura retórica e estilística,

⁵⁸ “O paradoxo da metáfora está em que, enquanto ela envolve uma imagem, essa imagem não é, ela própria, diretamente representativa e o grau de similaridade entre a metáfora e o objeto representado é mais abstrato do que em um diagrama”. (Tradução Abreu, 2000).

⁵⁹ “*As metáforas que nos guiam*”. (Tradução de Sardinha, 2007).

passou a ser vista como um processo cognitivo de grande importância para o funcionamento das línguas e da mente humana. Assim, a metáfora passa a ser considerada como um fenômeno cognitivo social. Cognitivo por constituir o pensamento e porque por meio dele uma metáfora pode ser reconhecida; social porque a partir de sua cultura, a sociedade cria conceitos metafóricos.

E, de acordo com Lakoff & Johnson, na obra acima referida, a metáfora seria uma maneira de experienciar uma coisa em termos de outra, isto é, a partir de um domínio de origem, também chamado domínio fonte, como, por exemplo, uma viagem, para falar da vida.

Decerto a linguagem comum, aquela usada pelo homem no seu cotidiano, é plena de metáforas. A metáfora está totalmente infiltrada na vida cotidiana, desfazendo a perspectiva de existência da metáfora somente em textos literários. Usamos essas metáforas de forma tão natural que não nos apercebemos de sua existência. A metáfora é um fenômeno cognitivo (mental), portanto funciona em nossa mente. (LAKOFF E JOHNSON, 1999).

Segundo Sardinha (2007), a metáfora é um recurso natural de qualquer língua, do qual os seres humanos se utilizam para: entenderem melhor como eles mesmos conceituam o mundo (individual e sócio-historicamente), as pessoas, os sentimentos mais profundos e duradouros da humanidade; enxergarem de maneira crítica como os grupos sociais enquadram o mundo e como as ideologias são reproduzidas; identificarem o estilo dos escritores, políticos e outros profissionais); enfim perceberem que tudo isso é feito pela linguagem.

O estudo das metáforas tem constituído um campo muito fértil e muitas têm sido as metodologias para sua investigação. Diante dessa amplitude, três teorias se sobressaem por serem as mais discutidas atualmente: a Metáfora Gramatical de Michael Halliday (1994), que apoia toda sua concepção de linguagem na Linguística Sistemico-funcional; a Metáfora Sistemática de Lynne Cameron (2003) que se fundamenta na Linguística Aplicada, se interessando pela metáfora na linguagem real, antes de tratar do funcionamento da mente; a Metáfora Conceptual, de George Lakoff e Mark Johnson (1980), que preconizam ser a metáfora um fenômeno, sobretudo, cognitivo, isto é, mental, extraindo seus fundamentos da Linguística Cognitiva. É sobre esta que trataremos mais detalhadamente doravante.

A partir desses novos estudos sobre metáforas, são apontadas duas vertentes principais, a metáfora linguística na qual os sistemas conceituais são estruturados a partir da leitura de mundo que cada indivíduo possui, e da maneira como ele age no mundo, e a metáfora conceptual, aquela estruturada no pensamento humano. *“Uma metáfora conceptual é uma maneira convencional de conceitualizar um domínio de experiência em termos de*

outro, normalmente de modo inconsciente” (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p.4). As metáforas conceituais geralmente são grafadas em caixa altas.

Para Lakoff & Johnson (1999), vive-se conforme as metáforas que nos rodeiam em nossa cultura. A linguagem comum, usada no cotidiano, é plena de metáforas. As metáforas são usadas pelo ser humano de forma tão natural que ele não se apercebe de sua existência.

Para Lakoff e Johnson (1999), a metáfora une domínios semânticos diferentes estendendo os significados das palavras. Para Mio Scott et al (1996) a metáfora traz consigo argumentos emocionais capazes de levar as pessoas a tomar uma atitude. A metáfora pode unir os argumentos lógicos e os argumentos emocionais, por meio de sua capacidade de persuasão.

Tendo em vista a visão cognitivista da metáfora, e para melhor compreensão da teoria da metáfora conceptual como uma figura de pensamento, o entendimento de alguns conceitos torna-se necessário.

Como já dito anteriormente, uma metáfora é chamada conceptual porque conceitualiza alguma coisa, isto é, uma metáfora sempre fornece um conceito sobre algo. As expressões linguísticas que são manifestações de uma metáfora conceptual são chamadas **expressões metafóricas**.

Outro conceito muito importante é o de **Domínio**, uma vez que para Lakoff & Johnson (1980) a metáfora implica transposição de domínios. Elege-se algo em um domínio e transpõe-se para outro. Assim, domínios conceptuais são áreas do conhecimento ou da experiência humana, em outras palavras, são espaços de referência⁶⁰ que podem ser ativados por formas linguísticas ou pragmaticamente a fim de construir significados.

Abreu (2000) chama atenção para um fato interessante, o conceito que faz parte de um domínio de origem constitui um frame que poderá também estar ligado a um **esquema**. **Frames** são mapeamentos entre domínios conceituais: do domínio fonte para o domínio alvo. Assim sendo, levam-se de um domínio para o outro nossos extensos conhecimentos sobre o domínio fonte e todas as inferências que se podem fazer desse domínio para o domínio alvo. É importante lembrar que nem sempre todos os elementos pertencentes ao domínio de origem são transpostos para o domínio alvo, mas apenas alguns deles. Os frames são compostos por um conjunto de associações que se podem realizar, a partir de um tópico, criando um campo

⁶⁰ Para Turner um processo de referência inicia-se pelo conhecimento da realidade de mundo apreendidos por uma forma de cognição, de compreensão e interpretação do discurso.

semântico a ele vinculado. Por exemplo, quando um maranhense fala em Festa Junina, imediatamente associa a esse conceito, ideias como, bumba meu boi, tambor de crioula, dança do cacuriá, dança do coco, etc.

Quando os elementos que constituem os frames encontram-se organizados em sequência temporal têm-se os **scripts**. Abreu (2000) cita, como exemplo, um Grande Prêmio de Fórmula 1, que como se sabe envolve uma série de detalhes, particularidades que lhe são peculiares.

Para que se chegue ao entendimento da metáfora a coerência com o contexto social no qual está inserida é necessária, caso contrário, ela poderá não ser entendida. Por exemplo, no nosso país **o tempo** é reconhecido como um bem valioso, portanto carrega um valor cultural inserido em todo o território nacional. Deste modo, a metáfora conceptual **TEMPO É DINHEIRO** é recorrente, porém, em outros países, isso pode não se confirmar.

Nessa perspectiva, a metáfora, no escopo do sistema conceptual, é compreendida como uma projeção entre um domínio fonte, que serve como referência, e um domínio alvo que, por sua vez, é explorado e expresso com os elementos fornecidos pelo domínio alvo.

Lakoff & Johnson (1980) classificam a metáfora em três níveis distintos: as estruturais, as orientacionais e as ontológicas.

As estruturais - aquelas em que um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro. Um exemplo seria a metáfora **AMOR É GUERRA**, em que o campo semântico *guerra é utilizado* para falar sobre *amor*.

As orientacionais - aquelas que organizam um sistema de conceitos uns com relação aos outros. Fazem relação com campos espaciais: para cima – para baixo, dentro – fora, frente – trás, em cima – em baixo, central – periférico, fundo – raso. Por exemplo, **ALEGRIA É PARA CIMA** ou **TRISTEZA É PARA BAIXO**.

As ontológicas - são aquelas motivadas pela nossa experiência com os objetos físicos. Nelas, um conceito abstrato é transformado em entidades, objetos ou substâncias, ou seja, são formas de conceber eventos, atividades, emoções, ideias etc., como substâncias e entidades. Por exemplo, **A VIDA É UM RECIPIENTE**.

Nesta pesquisa, a Metáfora não será tratada como procedimento literário, mas como um processo cognitivo comum a todas as línguas do mundo. Trata-se de estabelecer semelhanças entre o novo, aquilo que se quer ou se precisa nomear (domínio alvo), e experiências já conhecidas (domínio fonte). Esse procedimento, denominado de transferências metafóricas é largamente utilizado nos processos de denominação.

A Metáfora será aqui estudada como objeto pragmático, na construção do discurso. Sabe-se que todo texto, oral ou escrito tem como origem uma intenção do enunciador. O aspecto funcional da Metáfora aqui estudado será, na interação discursiva, o de informar com mais precisão e principalmente o de persuadir e convencer o ouvinte.

Desde a antiguidade o homem vem sendo definido como um ser racional. Mesmo que Aristóteles já tivesse feito referência ao homem como um ser emocional, quando falou de *pathos*, só muito depois se passou a estudar o homem como um ser emocional. Somos todos movidos pela emoção. A Metáfora apresenta um forte componente emotivo e criativo, já que a principal fonte de emoções são as imagens e as Metáforas constroem essas imagens em nossas cabeças. Abreu assevera que *“As metáforas, desenhando imagens mentais, são capazes de ativar rapidamente nosso sistema emocional, para o bem ou para o mal. Podemos dizer que elas funcionam como catalisadores de emoções, em uma situação de interação discursiva.”*. (ABREU, 2000, p.9).

Os usos das expressões metafóricas permitem que as pessoas dêem asas à sua criatividade. Neste trabalho, analisaremos as Metáforas presentes nos enunciados dos vendedores ambulantes da Rua Grande em São Luís do Maranhão, dando ênfase à criatividade destes para alcançar seu objetivo, que é convencer o ouvinte a comprar os produtos que estão oferecendo.

1.7.7 Sobre Metonímia

Ao lado da metáfora, a metonímia é classificada como uma figura de linguagem, especificamente como uma figura de palavra. Essas duas figuras se entrecruzam tanto no plano cognitivo quanto no linguístico.

Considerando que os recursos estilísticos correspondem em geral à Retórica, uma vez que se valem da comunicação para definir a realidade do modo como se deseja que ela seja vista, é que se faz necessário, neste momento, abriremos, aqui, um espaço para levantar algumas discussões sobre a metonímia para auxiliar na análise dos dados. já que, em alguns casos, ficamos divididos entre a metáfora e a metonímia.

Esses dois tipos fundamentais de modelos cognitivos, a metáfora e a meonímia, são motivadas pela experiência e permitem ser usados para propósitos pragmáticos imediatos.

Eles não só estruturam a linguagem humana, como também os pensamentos e ações, com base tanto na experiência de vida, como no ambiente cultural em que se encontram.

Segundo Lakoff e Johnson (1980), a metáfora é principalmente um modo de conceber uma coisa em termos de outra, e a sua função primordial é a compreensão. A metonímia, por sua vez, tem essencialmente função referencial, ou seja, função de possibilitar que se utilize uma entidade para representar outra.

Assim, a metáfora se vale de um domínio conceptual em termos de outro, já a metonímia projeta conceptualmente no interior de um único domínio, como se pode perceber nesses dois conceitos metonímicos que fazem parte do nosso cotidiano. 1) *Lucas comprou um Fiat.* (PRODUTOR PELO PRODUTO); 2) *Pedro é apenas um rosto bonito.* (FACE PELA PESSOA).

Nesse sentido, a Metonímia é geralmente exemplificada por relações do tipo continente pelo conteúdo, autor pela obra, lugar pelo produto, marca pelo produto, lugar pela instituição etc.

Considerando a metáfora e a metonímia formas especiais de falar, tenta-se estabelecer, a partir delas, uma relação de expressão e conteúdo. Partindo desta orientação, essas figuras não serão consideradas apenas “*ornamentos*” sobrepostos à língua, mas como diferentes modos de construir um discurso de acordo com suas finalidades específicas e dentro de um mesmo processo cognitivo.

A Metonímia pode ser definida como uma relação de contiguidade, de aproximação, em que parte do conteúdo semântico de uma palavra ou expressão, é relacionado à outra palavra ou expressão, também numa comparação implícita, só que parcial (entre um todo significativo e um traço significativo de outro todo significativo), ou numa relação de substituição comparativa, em que um traço significativo de uma palavra ou expressão representa toda a palavra ou expressão. (GARCIA, 2006).

Assim, segundo Abreu (2000), denomina-se alguma coisa por uma de suas partes ou por alguma característica ligada a ela porque vemos algumas partes de um todo, como mais representativas desse todo. Quando dizemos “Comprei 100 cabeças de gado” não estamos querendo dizer que compramos apenas as cabeças e sim o boi por inteiro, falamos desse modo por achar que a cabeça é a parte que melhor representa um boi, isto é; sua parte mais prototípica.

Nesse sentido, observa-se que a teoria dos protótipos se aplica perfeitamente ao entendimento da Metonímia. Entretanto, a escolha de qual parte é a mais prototípica de um

todo, depende também de como esse todo é visto, dentro de cada cultura, uma vez que essa teoria está inserida em uma visão cognitiva, que também está ligada a fatores históricos e culturais.

Uma das abordagens utilizadas para compreensão do uso da Metonímia é a gestáltica. O conceito de Gestalt foi desenvolvido por um grupo de psicólogos alemães que estudava os mecanismos da percepção. Segundo eles, dentro de um ambiente repleto de pessoas, não se percebe apenas rostos, cores, movimentos. Percebe-se aquilo que em certos momentos nos interessa. Ou seja, o que nos interessa fica em primeiro plano e o restante fica como fundo, em segundo plano.

Abreu explicando melhor diz que *“Uma gestalt é, pois, um modo de configurar partes individuais num todo, destacando, a cada momento, uma delas como figura. A escolha é feita segundo o interesse de um sujeito.”* (ABREU, 2000, p.5). Assim, aplicando esse conceito à Metonímia, pode-se dizer que se trata de um processo cognitivo que destaca, em um todo, uma parte como figura.

Segundo Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005), a Metonímia é definida como figura retórica que se explica pela necessidade da argumentação. Assim, para esses teóricos a Metonímia possui a finalidade de convencer e persuadir. Na visão cognitivista, o estudo sobre a Metonímia e a Metáfora excede, como se pode ver, o campo da classificação das figuras de linguagem, mais especificamente das figuras de palavra. A metonímia é uma parte fundamental do nosso sistema de conceptualização juntamente com a metáfora, constituindo-se desse modo, como figuras de pensamento.

De acordo com Gibbs (1995), uma das funções da metonímia é atuar nos atos indiretos de fala, a fim de preservar a face do falante, diante de uma determinada situação de fala. Por exemplo; ao fazer um pedido como: “Abra a porta, por gentileza.”, é bem provável que seja ouvida uma resposta negativa também direta, mas, se pedir de outra maneira como: *“Você teria condições de abrir a porta?”*, mesmo que o interlocutor não a abra, sua resposta não nega diretamente o pedido e sim as condições de realizá-lo. O interlocutor, provavelmente diria: *“Infelizmente, não tenho condições de atender ao seu pedido”*.

Para que a ação se realize, ou, no exemplo acima, para que o interlocutor abra a porta é necessário que um conjunto de condições se efetivem. No entanto, no ato indireto de fala, o falante seleciona apenas uma parte dessas condições, aplicando, assim, **o princípio** cognitivo da metonímia, utilizando uma das condições como figura, ficando as outras como fundo.

Breton (1999) desenvolve a noção de amálgama cognitivo para nomear o processo de manipulação por meio do qual uma determinada característica que não pertence originalmente a um ser é a ele agregada. Breton cita como exemplo o comercial do cigarro Marlboro, que exibia um *cowboy* belo e “sarado” fumando um cigarro Marlboro, com a intenção de levar os consumidores à preferência por essa marca. O amálgama cognitivo consiste na associação de um produto a imagens que representam valores. Valores como saúde, beleza, juventude, riqueza, status, erotismo, dinamismo, requinte etc. Esses valores, associados metonimicamente a um produto como um todo, são interpretados pelos consumidores em potencial como valores do próprio produto.

Diante da constatação do frequente uso das metáforas e metonímias, nos vem à mente uma pergunta: Por que utilizamos tanto esses dois fenômenos? Para que, de fato, eles servem? Abreu (2010) nos responde que, em primeira instância, esses fenômenos adicionam uma feição emocional a nossa fala, e que ao trabalharmos com imagens, potencializa-se a comunicação.

Estudos recentes sobre neurociência apontam para o fato de que o ser humano possui “duas mentes” corporificadas, uma emocional, bem antiga e outra, racional, bem mais nova. Sendo a mente emocional mais rápida, ela leva à ação. Se não vejamos; Quando alguém diz “Estou apaixonado” imprime uma mensagem racional, mas ao dizer “Estou ardendo de paixão” essa imagem imprime uma mensagem emocional mais viva. Fica bem mais fácil o entendimento de conceitos abstratos com a utilização de metáforas. (ABREU, 2010).

Segundo Lakoff e Johnson, o poder de argumentação contido nas metáforas é indiscutível. “*The metaphor can have a feedback effect, guiding our future actions in accordance with the metaphor. Metaphors can thus be appropriate because they sanction actions, justify inferences, and help us set goals*”. (LAKOFF & JOHNSON, 1980, p. 142).⁶¹

Dentre as funções da metonímia apresentadas por Kövecses (2006) e Gibbs (1995) destacam-se as frases tautológicas como: mãe é mãe. Quando alguém diz mãe é mãe, a segunda ocorrência da palavra “mãe” ressalta uma das informações do *frame* “mãe” que é amor sem medida.

Segundo Abreu (2010), outra função da metonímia é permitir que o pensamento tenha acesso à memória. Para demonstrar essa assertiva ele relata o seguinte episódio:

⁶¹A metáfora pode ter um efeito de retroalimentação, guiando nossas futuras ações, de acordo com ela. Metáforas podem, assim, ser apropriadas, porque sancionam ações, justificam inferências e nos ajudam a estabelecer metas. (Tradução Antônio Suárez Abreu)

Gary Marcus, professor de psicologia da Universidade de Nova Iorque e PhD pelo MIT escreveu, em 2008, um interessantíssimo livro com o título de *Kluge*, cuja tradução em português é *Gambiarra*. Trata-se de um ensaio sobre a natureza do cérebro humano ao qual o autor aplica o título do seu livro. Segundo ele, contrariamente ao senso comum, nosso cérebro não é nenhum modelo de perfeição e sim uma espécie de geringonça feita a partir de um projeto mal acabado de engenharia. E nossa memória é um claro exemplo disso. (ABREU, 2010, p.61-62).

Marcus (2008) acrescenta “(...) *we pull things out of our memory by using context, or clues, that hits at what we are looking for*”. (MARCUS, 2008, p. 21).⁶²

Conclui Abreu (2010, p. 62) “*Não é difícil perceber que aquilo que Marcus chama de contexto (context) ou pistas (clues) são, de fato, os elementos do frame, acessados por metonímia*”.

Nesse sentido, torna-se claro que a tarefa de analisar as elocuições dos vendedores ambulantes da Rua Grande, focando a utilização da Metáfora e da Metonímia como recursos de argumentação e persuasão, não é tarefa nada simples. É preciso ter bem presente que uma palavra não tem significado em si mesma, pois isoladamente ela pode sugerir significado restrito. Seu significado nasce do encadeamento de alguns fatores como: a maneira de ser dita, a intenção de ser dita, o contexto, o nível de argumentação, os valores inculcados ao longo dos anos pela sociedade, entre outros fatores.

Tendo em vista esta perspectiva é que se busca, no próximo capítulo, intitulado “**Contextos sócio-históricos: os cenários dos enunciados do pregoeiro tradicional e do pregoeiro pós-moderno**”, rastrear a história de uma cidade, no caso a cidade de São Luís do Maranhão, para assim, a partir do reconhecimento desse espaço, reconhecer o que seus pregoeiros falavam, por que falavam e o que mudou nesse modo de falar.

⁶² Nós puxamos coisas da nossa memória usando o contexto, ou pistas, que nos levam àquilo que estamos procurando. (Tradução Antonio Suárez Abreu).

CAPÍTULO 2

CONTEXTOS SÓCIO-HISTÓRICOS: OS CENÁRIOS DOS ENUNCIADOS DO PREGOEIRO TRADICIONAL E DO PREGOEIRO PÓS-MODERNO

2. CONTEXTOS SÓCIO-HISTÓRICOS: OS CENÁRIOS DOS ENUNCIADOS DO PREGOEIRO TRADICIONAL E DO PREGOEIRO PÓS-MODERNO

Para entrar na nossa experiência (experiência social, inclusive) esses significados, quaisquer que eles sejam, devem receber uma expressão espaço-temporal qualquer, ou seja, uma forma signica audível e visível por nós (um hieróglifo, uma fórmula matemática, uma expressão verbal e linguística, um desenho, etc.). Sem esta expressão espaço-temporal é impossível até mesmo a reflexão mais abstrata. Consequentemente, qualquer intervenção na esfera dos significados só se realiza através da porta dos cronotopos. (BAKHTIN, 1973, p. 361-362). (grifo nosso)

A história transcorreu de um contexto tradicional para um contexto *pós-moderno*, ambos recuperando no viés do tempo a organização da sociedade na perspectiva espaço-tempo. O primeiro pela conexão tempo e espaço na situacionalidade do lugar sendo que o quando estava ligado ao onde e à substância desse comportamento. (GIDDENS, 2002).

Em situações pós-modernas “A separação de tempo e espaço envolveu acima de tudo uma dimensão “vazia” de tempo, a alavanca principal, que também separou o espaço do lugar” (GIDDENS, 2002, p.22) A invenção do relógio mecânico provocou mudanças no cotidiano que foi deixando de ser local e passando a um “(...) *sistema de tempo universal e zonas de tempo globalmente padronizadas*”, “(...) *diferente de todas as eras pré-modernas*”. Quanto ao espaço, “(...) *o mapa global onde não há privilégio de lugar (uma projeção universal), é o símbolo correlato do relógio no esvaziamento do espaço*”. (GIDDENS, 2002, p.23).

No contexto pós-moderno aconteceu um esvaziamento de tempo e espaço, como consequência do projeto da modernidade. Segundo o mesmo autor, acima referenciado, a separação tempo e espaço ocasionou um outro tipo de organização, sob o maciço dinamismo, “(...) *a coordenação precisa das ações de seres humanos fisicamente distantes*”. “(...) *O “quando” dessas ações está diretamente conectado ao “onde”, mas não, como em épocas pré-modernas, pela mediação do lugar*”. (GIDDENS, 2002, p.23). A vida social pós-moderna é desamarrada da tradição. A historicidade se torna global por um “passado” padronizado.

De acordo com Giddens (2002), com o esvaziamento do tempo e do espaço ocorre *o desencaixe das instituições sociais*. Há o descolamento das relações sociais dos contextos

locais, através de mecanismos entre os quais destaco as *fichas simbólicas* que são meios de troca que têm um valor padrão, sendo o maior exemplo o dinheiro.

Para pensar sobre o contexto moderno e o pós-moderno, julga-se necessário refazer o percurso sócio-histórico pelo qual vem transcorrendo a história: o mundo foi se organizando em pequenas comunidades e a princípio buscou explicações para si por meio do mito, depois por meio da fé, depois por meio da razão e, com esta, supôs ser possível atingir um ideal de felicidade. Criou metanarrativas, colocando o progresso como condição de realizar sua humanidade. Foi se organizando na perspectiva tempo-espaço e, ao transitar pelo mundo das ruas, foi construindo limites para sua identidade⁶³: linhas territoriais, fronteiras, palavras como: sociedade para conter o espaço da família e governo para preservar o sentido de paternalismo necessário para segurança no mundo. Essa é uma história recebida do legado do qual se faz parte, quase senso comum, não fosse aqui colocada para pensar o mundo de hoje tal como se chegou até aqui.

A humanidade vinha se equilibrando em alguma linha divisória que estabelecia espaços, paixões a tal ponto que houve quem compromettesse sua própria vida nos riscos das invasões territoriais.

Na identidade do território cada povo fazia a sua síntese de raças, sabores, gostos, religiões. Mas, na unidade da diversidade cultural que compunha o que se chamou estado-nação, o maior poder passou a ser o do capital. A partir da intensificação das relações monetárias virou ilusão o bem comum, o bem-estar social e a confortável ideia de proteção e berço esplêndido. O capital se ampliou como promessa de dignidade e ao povo legou a tarefa de legitimar as ações rumo à desigualdade.

Sem poder de escolha, chega-se ao século XXI. O cenário é a crise. Crise da democracia, não do capital. Sente-se que a independência não passou de um grito. Diante da violência, que é fome, que é miséria, que é injustiça o homem moderno fracassa e é dominado pelas leis do mercado.

A globalização que sempre se configurou com o nome de império, alcança uma amplitude planetária em virtude do avanço tecnológico que a modernidade conseguiu atingir. A globalização altera, inclusive, a lógica do mercado e obriga a redimensionar valores sociais e políticos internos aos estados nacionais. Ela existe e altera os modos de pensar o mundo. A ideia de planeta não é mais tão vasta e inatingível quanto já foi.

⁶³ Para Hall (2002) a extensa discussão sobre a identidade é motivada, atualmente, pelo fato de que as velhas identidades estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado (p.7).

Palavras que sempre foram ditas com uma carga de prognóstico para futuros próximos, democracia, por exemplo, merecem um olhar mais crítico que exige o redimensionamento de conceitos das categorias democráticas. O povo não passa de ator prisioneiro de um ideal político cada vez mais distante de se realizar e o Estado vai perdendo sua configuração protetora. No momento em que os direitos são convertidos em deveres de conquistar, há uma sensação de orfandade política onde a conquista é individual.

Fez-se o percurso da modernidade e colhem-se suas consequências. Atravessaram-se as identidades estáveis demarcadas e permanentes, respaldam-se em leis, vive-se o reconhecimento do retórico nas interações humanas, assegura-se o conhecimento na natureza específica da argumentação científica, prioriza-se a demonstração no lugar da persuasão; fixam-se possibilidades de combinar, constroem-se expectativas, certezas e esperanças; constroem-se pensamentos a partir da fundamentalidade, centralidade e universalidade, acredita-se no mito da possibilidade absoluta do conhecimento e do controle tanto da natureza quanto da sociedade e olha-se uma totalidade num tempo linear ou cíclico. A humanidade viveu durante a modernidade a partir dos seguintes indicadores: razão, história, estado, saber da ciência e sujeito coletivo. (ZAJDSZNAJDER, 1992).

Faz-se referência ao tempo “*do desenvolvimento do capitalismo, o processo de urbanização e à ascensão da burguesia*” (ARANHA e MARTINS, 2005, p.90). Eis o projeto da modernidade nutrido pela ciência, pela tecnologia, pelo ideal de progresso, pelo modelo liberal, pelo livre mercado, pelas nações, pelo conceito de estado representativo, pela aspiração de um estado de direito fundado em leis para garantia dos direitos humanos, por valores de igualdade que incentiva a tolerância. Todo um projeto expresso no iluminismo, movimento intelectual ocorrido no século XVIII “*(...) que acalentou os sonhos de liberdade e de progresso orquestrados pela razão iluminada*” (ARANHA e MARTINS, 2005, p.91).

No viés dessa centralidade moderna, o homem foi colhendo sequelas de seu projeto iluminista. Chega-se hoje a um contexto no qual se perdem os contornos definidos. Houve fratura dos eixos, ou seja, o desaparecimento dos elementos de orientação: a referência do tempo é o presente, a ideia de fronteira foi desaparecendo e com esse fato falta uma identidade definida. Houve uma fragmentação na identidade permanente e estável, a vida contemplativa foi sendo substituída pela vida ativa, o retórico foi sendo redescoberto pelo aparecimento das intenções persuasivas e foi sendo intensificado o exercício de combinar a ponto de se compreender a liberdade a partir dessa perspectiva. (ZAJDSZNAJDER, 1992).

Houve a negação da fundamentalidade, ou seja, não há uma forma garantida para o conhecimento; da centralidade: não há único centro; da universalidade: não há um todo que explique tudo. A estranha metáfora que rege a vida cotidiana é *viver é fraturar a vida*, desvalorizar tudo que a vida parecia oferecer. Depois da fratura, o que há é combinação do errático, o real imediato que pode tomar um sentido inesperado, exercício da ação livre onde não há razão, ciência, verdade científica absoluta e fronteira. Explosão entre o eu e o mundo sem busca de grandes articulações. A humanidade chega a um mundo sem contorno chamado de pós-moderno onde o que há é cultivo da superficialidade e a condição humana é a banalidade. (ZAJDSZNAJDER, 1992).

Essas consequências levam a crer nessa fratura como sequela “(...) *de um mundo despoetizado, desencantado pela ciência e pelo mercado em que as paixões, as emoções, os sentidos, a imaginação, a intuição e os mitos se tornaram indevidamente inimigos do pensamento*”. (ARANHA e MARTINS, 2005, p.91). A fratura gerou a fragmentação, a substituição da totalidade⁶⁴, ou seja, da universalidade pela todidade⁶⁵. E a coisa prene de identidade se banaliza e se torna nada quando misturada a muitas. A ideia de totalidade e de universalidade conferia a cada coisa sua substância. E a substância era constituída das determinações históricas que conferiam a ela uma energia local, de uma localidade entranhada de identidade. Mas no mundo pós-moderno o que há é negação da história.

A identidade está no campo da metáfora. Em certa medida, os grupos a que pertencemos, os locais onde vivemos determinam de tal forma nosso modo de viver que vão constituindo verdadeiras metáforas de nós e vice-versa. Isso porque o que somos e a consciência que temos de nós provêm da nossa interação com outrem. Hegel (1968) situava a identidade na interação social. O processo de identidade se dá na relação iguais, não-iguais. É exatamente no processo de globalização que esses pontos de referência se estilham. O que é igual, não-igual no mundo sem fronteiras onde os espaços se diluíram como pontos de referência ou metáforas de si?

A identidade é tratada por Bauman num quadro que avalia a globalização como uma grande transformação que comprometeu as estruturas e as relações estatais, as condições de trabalho, as subjetividades coletivas, as relações entre o eu e o outro, o colapso do estado de bem-estar social, a insegurança. Como situar a identidade frente às comunidades (de vida; de destino)? As transformações da modernidade tornaram a identidade e o pertencimento em

⁶⁴ Conceito retirado de HEGEL. G. **Ciência da Lógica**. Buenos Aires: Ediciones Solar, 1968.

⁶⁵ Idem

categorias fluidas, líquidas, errantes. Pensar a identidade é pensar o “deslocamento”, a desterritorialização: (GREGOLIN, 2007) ⁶⁶

(...) nessa época líquido-moderna, o mundo à nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais estão fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados. (...) Consequência da instabilidade: todos pertencemos a várias comunidades e temos, por isso, várias identidades. Elas flutuam no ar: algumas, de nossas próprias escolhas, outras impostas. “Sentir-se em casa” exige um preço considerado alto a fim de constituir o “eu postulado”. (BAUMAN, 2005, p.18-21).

Com isso, infere-se que o contexto tem afetado a identidade e, de forma estreita, a linguagem. Chega-se a dizer que cada falante manifesta sua identidade por meio do modo como diz e a sua maneira de dizer é afetada pelas relações sociais do mundo em que vive. É em função disso que se sente a necessidade de refazer o percurso sócio-histórico dos dois tempos que marcam dois dizeres: o do *pregoeiro tradicional* e o do camelô ou *pregoeiro da pós-modernidade*.

2.1 O CONTEXTO DO PREGOEIRO TRADICIONAL

O cenário por onde ecoa a voz do pregoeiro é permeado da história própria de um contexto anterior ao moderno, numa ilha onde tempo e espaço organizavam a singularidade do lugar, que conferia cor a um canto que costumava ecoar pelas ladeiras de uma cidade cercada de mar e de seus cheiros e de seus sabores.

Por isso, tempo e espaço fazem o coro nos pregões. É a cidade e o tempo carregados em cada coisa apregoada, numa atmosfera pré-moderna de uma humanidade ainda não corrompida pelas “*fichas simbólicas*”. Naquela época o tempo tinha substância, ainda não se tinha esvaziado, ainda não se tinha esvaziado do lugar e este ainda não tinha sua *projeção universal*, como aconteceu a partir da globalização. O mapa desta ilha era visto com ruas parecendo veias de seus habitantes.

O canto do pregoeiro estava amarrado à tradição. Era um canto único de tal unicidade que se memorializa na literatura, sobretudo no canto dos poetas. Através dele não houve nenhum *desençaixe*. Pelo contrário: o pregão cola espaço e tempo sem grandes pretensões retóricas nem argumentativas. Demonstra o lugar impregnado na coisa apregoada.

⁶⁶ Extraído do texto preparado para leitura na disciplina “Discurso e História: a construção das identidades”, pela Profa. Maria do Rosário Gregolin, UNESP-Ar, 2007-I.

O Pregoeiro fazia parte de um mundo ainda se organizando em pequenas comunidades. Um mundo que ainda acreditava nos ideais de progresso, quem sabe nem sonhando com o progresso ao transitar pelo mundo das ruas, abrigado pela satisfação de sua identidade, das linhas territoriais nem tão distantes; abrigado pela família, pelo governo nem tão necessário para a segurança no mundo. Lá vai o pregoeiro pelas ruas como o pescador que navega à espera do peixe e do camarão. Na identidade do território cada um fazia a sua síntese de raças, sabores, gostos, religiões no que vendia, atravessando sua identidade estável, demarcada e permanente.

A identidade do pregoeiro está no campo da metáfora. Metáfora de São Luís, tal como vai, em pequenas esculturas, a apregoar o Maranhão, o local onde vivemos.

2.2 O CONTEXTO DO PREGOEIRO PÓS-MODERNO

O Camelô fala o discurso utilitário, fragmentado na pluralidade, ou seja, na *totalidade* dos produtos que vende. O que ali é metáfora de si? Se ele vende tudo, ele vende nada da coisa que perdeu sua substância, suas determinações históricas, seus traços identitários. É a mistura globalizada de produtos para cuja venda precisa argumentar, porque a princípio precisa de sua necessidade criada pela linguagem.

Não se pode mais falar de um canto tradicional, mas de um grito pós-tradicional, pós-moderno, na relação espaço-tempo diluída. O tempo desse grito é vazio, encaixa-se no burburinho das ruas onde muitas vozes se misturam num vozerio estressante que não se dá à memória, mas ao esquecimento. Falas padronizadas no ritmo e na aceleração onde não há privilégio de lugar, porque ele também está vazio.

O camelô constitui o contexto pós-moderno onde aconteceu um esvaziamento de tempo e espaço, sob o maciço dinamismo, pelo qual as ações de seres humanos são fisicamente distantes. Não há conexão com o lugar, com a cor local. Não há metáfora de si, não há vínculo com a tradição. Há desencaixe. As *fichas simbólicas*, que são meios de troca que têm um valor padrão, tendo como maior exemplo o dinheiro, centralizam a necessidade da venda, sendo a coisa transformada em produto, o produto em mercadoria, sem as determinações locais.

O grito do camelô organiza um trabalho tanto nas pequenas comunidades quanto nos grandes centros urbanos. Ele faz parte do mundo de hoje tal como se chegou até aqui. É uma consequência de um projeto desumanizante que começou com a modernidade e se manifesta no homem pós-moderno, cuja história está fragmentada no tempo e no espaço

vazio.

Não se encontram nas bancas dos camelôs, e, em consequência, no seu grito, rastros de identidade do território quando cada povo fazia a sua síntese de raças, sabores, gostos, religiões. Se o que há é um canto, talvez seja o canto do desenvolvimento do capitalismo ou do processo de urbanização. Se há consequência, talvez sequelas do projeto iluminista na vida cotidiana, onde as bancas dos camelôs sejam recortes de um contexto no qual se perdem os contornos definidos. A referência do tempo é o presente, a ideia de fronteira foi desaparecendo e com esse fato falta uma identidade definida. Houve uma fragmentação na identidade permanente e estável, a vida contemplativa foi sendo substituída pela vida ativa, o retórico foi sendo redescoberto pelo aparecimento das intenções persuasivas e foi sendo intensificado o exercício de combinar a ponto de se compreender a liberdade a partir dessa perspectiva (ZAJDSZNAJDER, 1992). O jogo retórico-argumentativo presente na fala do camelô dá provas do que se acabou de pensar. Se o que o camelô apresenta como necessidade é o real imediato há que argumentar para criar a necessidade do produto não mais compartilhada pela coisa em si.

Não há, na voz do camelô, a poesia que há no canto do pregoeiro. Essas consequências do projeto da modernidade levam a crer nessa fratura como sequela: um mundo despoetizado, desencantado. A fragmentação. A substituição da totalidade, ou seja, da universalidade pela totalidade. E a coisa é o nada, banalizada que está quando misturada a muitas. A ideia de totalidade e de universalidade conferia a cada coisa sua substância. São Luís no sorvete de coco e o sorvete de coco em São Luís, por exemplo. A substância era o sentido constituído das determinações históricas que conferiam a ela uma energia local, cheia de identidade. Mas no mundo pós-moderno o que há é negação da história.

A relação de identidade não chega a constituir metáfora a partir da mercadoria, tal como acontecia com a coisa apregoada. É exatamente no processo de globalização onde esses pontos de referência se estilham que a linguagem dá sinais das mudanças. Quem escutaria nos grandes centros urbanos, em hora de burburinho, o canto dos pregoeiros? Talvez por isso, em São Luís do Maranhão, os remanescentes resolveram ficar mais parados nas esquinas do centro do que caminhando pelas ruas.

2.3. SOBRE O PREGOEIRO TRADICIONAL

Neste subitem refaz-se um percurso histórico e percebe-se que, ao caminhar pela história, inevitavelmente, resgata-se um modo de falar do cotidiano de São Luís⁶⁷, que poderia ser explorado em diversificadas comunidades de fala. Entretanto, devido ao recorte dado a esta pesquisa, busca-se nas falas do pregoeiro uma identificação com uma São Luís de outrora, a fim de que nessa identificação, consigam se desvelar interferências dos espaços manifestos nessas falas, as possíveis causas dessas interferências, assim como a memória desses pregões, de certo modo esquecidos, o que justifica o resgate que ora se pretende.

No intuito de conseguir esse objetivo, sente-se necessidade de retornar aos pregoeiros dos tempos idos e aos seus pregões para melhor compreender as falas do camelô da atualidade, *o pregoeiro pós-moderno*, como assim se está denominando. Em outras palavras, voltar ao passado, buscar memórias de um Maranhão não muito distante, nos séculos XIX e XX, nas décadas de 60 e 70.

2.3.1 SÃO LUÍS: ILHA DO PREGOEIRO TRADICIONAL



Foto 01 – Fotografia de São Luís em dois planos. Em primeiro plano a velha Ilha de São Luís. Em segundo, a Cidade Nova separada pela Ponte José Sarney (1990).⁶⁸

⁶⁷ Capital do Estado do Maranhão, fundada por franceses, em 1612, possui, hoje, cerca de 1.200.000 habitantes (IBGE). São Luís do Maranhão é Patrimônio Cultural da Humanidade, assim designada pela UNESCO, e possui uma das mais ricas culturas populares do Brasil. Um dos personagens dessa cultura popular é o Pregoeiro.

⁶⁸ Disponível em:

<<http://static.blogstorage.hipi.com/photos/robertoarcanjo.spaceblog.com.br/images/gd/1179496762/Sao-Luis-do-Maranhao.jpg>>. Acesso em 04 de junho de 2010.

Necessário se faz, neste momento, conhecermos um pouco o Estado do Maranhão, cuja capital é a cidade de São Luís, situada no Golfão Maranhense, à entrada da Baía de São Marcos, e que se formou sobre o estuário dos rios Anil e Bacanga, estando a 2° 31` 47`` de latitude, 44° 18` 10`` de longitude, e a uma altitude de 24, 391 m. Limita-se ao Norte com o Oceano Atlântico, ao Leste com o município de São José de Ribamar, ao Sul com o Estreito dos Mosquitos e ao Oeste com a Baía de São Marcos.

A origem do nome Maranhão é bastante controversa. Apresentam-se várias versões e significados. Fernandes (1943) salienta que o vocábulo deve ser o aumentativo de maranha, sinônimo de matagal. Outros significados também são atribuídos ao vocábulo: grande mar, grande mentira, mexericos e águas que correm brigando. Entretanto, o que parece ser aceito pacificamente é que o nome da terra deriva do nome do rio peruano ainda hoje chamado de Marañon, assim designado por ter a sua foz confundida com o golfão em que se encontra a Ilha de São Luís. O Maranhão é um estado ímpar e sua capital, a cidade de São Luís do Maranhão, embora tenha nascido francesa foi sob os cuidados dos portugueses que se fez bela.

Em meados do século XV, Portugal e Espanha disputavam novas descobertas sempre mediados pela Igreja. O tratado de Tordesilhas, entre Espanha e Portugal, assinado em 1494 em função dessa mediação, dividia as terras ainda desconhecidas pelos europeus e cortava a linha do Equador em um ponto qualquer distante do Amazonas. Meireles (2001) aponta para a possibilidade de os portugueses terem chegado ao litoral maranhense antes dos espanhóis.

Meireles (2001) levanta a hipótese de que ao norte do território que se chama Maranhão tenha sido a primeira porção de terra brasileira a ser conhecida pelos europeus, antes do ano de 1500. A dúvida consiste em quem chegou primeiro ao Maranhão. Alguns nomes são apontados como plausíveis “descobridores”: João Coelho (1493), Diego de Teive (1452), Gonçalo Fernandes Távira e João Vogado (1453), Alonso de Ojeda com Juan de La Cosa (1497), Vicente Yáñez Pinzón e Américo Vespúcio (1499) ou Alonso de Ojeda de Vergara, Garcia de Ocampo (1502). E muitos outros.

O povoamento do Estado do Maranhão se inicia pelo litoral, local em que havia grande concentração de portugueses desenvolvendo a agricultura da cana de açúcar. Nessa época muitos engenhos foram construídos, e conseqüentemente, foram surgindo povoações que deram origens às cidades de Santo Antônio de Alcântara, Icatu, Itapecuru e Rosário.

O Estado Colonial do Maranhão foi instituído por carta régia de 13 de junho de

1621 e incluía as capitanias do Piauí, Maranhão, Grão-Pará e Rio Negro, hoje Amazonas. A imensa área abrangida foi por várias vezes delimitada satisfazendo aos interesses da coroa. Desde então até quase todo o século XVIII, o Maranhão não apresentou significativo progresso. Apenas em 1755, com a criação da Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão e com a escravidão negra para o trabalho nos engenhos é que começa o processo de desenvolvimento no Estado do Maranhão. (MEIRELES, 2001).



Foto 02 - Praça do Comércio em 1855⁶⁹

Antes disso, porém, em 1597, os franceses, depois de várias expedições chegaram à ilha de *Upaon-Açu*⁷⁰ - e encontraram os índios *maranãguaras*, que eram tupinambás, chegados do sul, foragidos com a chegada dos portugueses.



Foto 03 - São Luís no final do século XIX⁷¹
Fonte: Martins (2010).

⁶⁹ Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/brasil/sao-luis-8.php>>. Acesso em 04 de junho de 2010.

⁷⁰ *Upaon-Açu* nome dado pelos indígenas que significa “Ilha grande”.

⁷¹ Capa do livro *Antiga e saudosa São Luís do Maranhão* de J. R. Martins (2010). Ilustração de Gaudêncio Cunha (Maranhão 1908).

Em 1612, Daniel de La Touche, Senhor de La Ravardière, chega ao Maranhão com uma expedição, para fundar uma colônia francesa, chamada França Equinocial, justamente por se encontrar além da linha equinocial.

Assim, em 8 de setembro de 1612 os franceses constroem o Forte de *Saint Louis*. Os espanhóis, temerosos com o avanço francês às suas terras, se unem aos portugueses e travam, em 1615, uma batalha para expulsar os franceses. O Forte *Saint Louis*, uma homenagem ao rei Luís XIII da França é tomado e passa a se chamar Forte São Felipe em homenagem ao rei da Espanha. (LIMA, 1992).



Foto 04 - O Forte de Saint Louis em 1612⁷²



Foto 05 - O Forte de São Luís foi demolido em 1766 e no local foi construído o Palácio dos Leões - Sede do atual Governo do Maranhão.⁷³

Em 1621, os franceses são expulsos e São Luís passa a ser dominada pelos portugueses, sendo então elevada à sede do chamado Estado do Maranhão. Em 1641 chegam 18 embarcações da Holanda com a finalidade de tomar São Luís. A igreja do Desterro foi saqueada, os portugueses se renderam e a ilha foi declarada holandesa. No ano seguinte dois portugueses e dois chefes indígenas iniciam uma rebelião contra a ocupação holandesa. Sem munição ou comida, o Forte de Rosário (holandês) foi tomado, e em 2 de fevereiro de 1643 os holandeses saem de São Luís. (MEIRELES, 2001).

Ao longo dos anos várias batalhas foram travadas o que resultou na quase destruição da ilha. A reconstrução urbana de São Luís, liderada pelo Marquês de Pombal, primeiro ministro do rei D. José I, aconteceu no mesmo período da renovação da capital portuguesa, Lisboa, após destruição causada pelo terremoto em 1755. Este motivo explica a

⁷² Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Forte_de_S%C3%A3o_Lu%C3%ADs_do_Maranh%C3%A3o>. Acesso em 04 de junho de 2010.

⁷³ Ibidem

existência de tantos azulejos em nossa capital, pois foram trazidos de Portugal nessa época da reforma de ambas as cidades.

Como consequência de sua localização favorável à atividade portuária, São Luís tornou-se, no período colonial, importante centro de exportação de algodão e cana de açúcar. A cidade de São Luís iniciou seu crescimento urbano e populacional. A cidade expande-se, e seu núcleo inicial localizado às proximidades do Forte de *Saint Louis* e do Porto da Praia Grande, direciona-se rumo ao leste, *Largo do Carmo* e posteriormente ao *Campo do Ourique*, atual *Praça do Pantheon*, mais conhecida como *Praça Deodoro*.

Nos séculos XVIII e XIX, a Praia Grande⁷⁴, hoje parte do Centro Histórico da cidade de São Luís, foi o grande centro polarizador do comércio maranhense, onde se estabeleceram firmas comerciais, que abasteciam tanto a capital como o interior do estado. A Praia Grande também foi o palco de recepção dos escravos que chegavam para trabalhar nas fazendas de algodão ou em benefício da aristocracia rural que passou a residir nos grandes sobrados daquele espaço que ostentava grande opulência e riqueza. (LIMA, 1992).



Foto 06 - Entrada da Feira da Praia Grande (1861).⁷⁵

⁷⁴ Bairro comercial cuja consolidação se deu em 1789, em decorrência da ampliação das atividades portuárias da cidade no embalo da grande produção de algodão para exportação. A partir do “Projeto Reviver”, que restaurou grande parte do bairro, a Praia Grande assumiu também uma nova função: área de lazer com espaços para manifestações artístico-culturais. Disponível em: < http://flickr.com/photos/rodolpho_slz/>. Acesso em 04 de junho de 2010.

⁷⁵ Disponível em: < http://wikitravel.org/pt/S%C3%A3o_Lu%C3%ADs>. Acesso em 04 de junho de 2010.

Em meados do século XVIII, com o crescimento econômico, é que se pode observar o desenvolvimento da cidade de São Luís e, conseqüentemente, sua expansão urbana. Fato importante no qual se insere o surgimento do Caminho Grande, que mais tarde veio a se chamar Rua Oswaldo Cruz⁷⁶ ou Rua Grande, *locus* de estudo desta pesquisa. (MARTINS, 2010).

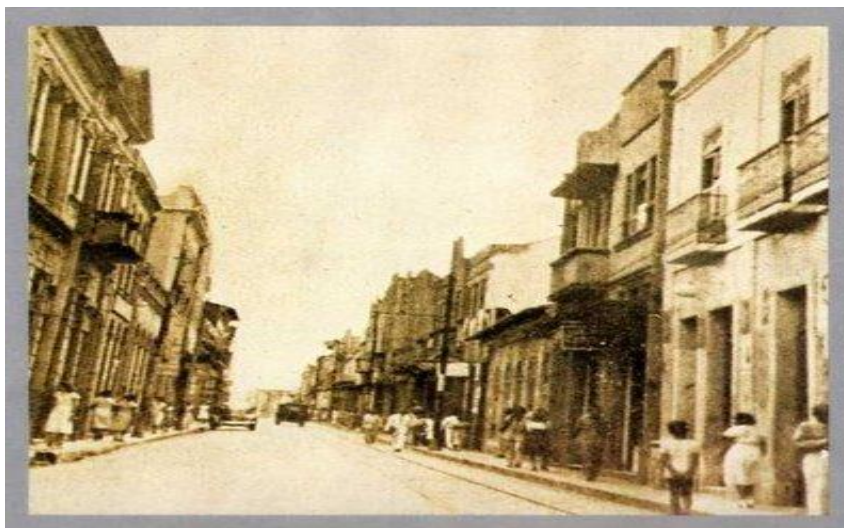


Foto 07 - Caminho Grande (1640), hoje, Rua Oswaldo Cruz ou Rua Grande
Fonte: Martins (2010).

A planta da cidade de São Luís, datada de 1640, faz referência, pela primeira vez, à Rua Grande. Por ser uma via longa e larga o trecho ficou conhecido como Estrada Real, Rua Larga e posteriormente Caminho Grande. O logradouro iniciava-se no Largo do Carmo, passando pelo Campo do Ourique, Alto da Carneira, atualmente Canto da Fabril, Cutim e Anil. Ali se bifurcava, passando pelo Turu, indo em direção à cidade de São José de Ribamar (LIMA, 1992). Hoje, a Rua Grande se localiza entre a Rua da Paz e a Rua de Santana. Inicia-se no Largo do Carmo (Praça João Lisboa) e termina no Canto da Fabril. A última mudança do nome da Rua Grande ocorreu no Governo de Godofredo Viana (1910 a 1915) e homenageou o médico Oswaldo Cruz. (LIMA, 1992).

⁷⁶ Oswaldo Gonçalves Cruz. Cientista, médico, bacteriologista, epidemiologista e sanitarista nascido em São Luís do Paraitinga (SP), foi pioneiro no estudo das moléstias tropicais e da medicina experimental no Brasil. (MARTINS, 2010, p. 151).



Foto 08 - Largo do Carmo e Igreja do Carmo que serviu de abrigo para os portugueses durante a expulsão dos holandeses, em 1643.⁷⁷

A Rua Grande, como se pôde observar, corria a cidade de ponta a ponta, servindo, principalmente, de elo entre o meio rural e o urbano. No ano de 1800, do século XIX, há registros, no Diário de Obras Públicas, de julho de 1800, de um orçamento para reforma do Caminho Grande, conforme segue:

Encarrego a V. Mce. de orçar a despesa necessária com os concretos e melhoramentos do Caminho Grande a partir desta cidade de até a Vila do Paço. O dito Caminho deve ser melhoramento de sorte que possa ser percorrido a carro toda extensão. Deve ser calçada a parte compreendida entre a cidade e o cemitério da irmandade, isto é, desde até atestada do prédio de Joaquim Alves Junior até a calçada que vai ter ao Alto da Carneira. Pode V. Mce. Dar começo aos trabalhos desde já devendo activá-los de modo que em três meses, quando muito a obra esteja concluída. As despesas correm por conta de prestado pelos cofres gerais para estradas, frentes e calçadas. (DIÁRIO DE OBRAS PÚBLICAS, 1867).

A Rua Grande surge juntamente com a expansão econômica da Cidade de São Luís e com a necessidade do transporte de víveres de primeira necessidade do perímetro urbano da capital para a zona rural, situada no interior da ilha.

Montello (1992), ao referir-se à Rua Grande como retrato de mudanças sociais ocorridas ao longo dos três últimos séculos, salienta ser ela “(...) *uma artéria que possui inúmeras facetas, cada qual evocando uma época diferente*” (1992, p.31).

Lima (1992), historiador maranhense, relata o teor das lembranças que marcaram a Rua Grande. Rua que muito serviu para as senhoras de posse esbanjarem seus melhores trajes quando por lá iam passear, pois, a Rua Grande atendia muito bem a esse propósito, uma vez que o lazer na cidade era bem restrito àquela época.

⁷⁷ Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/brasil/sao-luis-6.php>>. Acesso em 09 de junho de 2010.

Esse passeio pela Rua grande traz até mim essa cidade perdida de volta com minha infância/adolescência passada... Vejo outra vez o cinema Rival, onde, na quaresma, encenava-se a paixão de Cristo.

No Cine Olímpia, a orquestra que faz o fundo musical para o filme mudo apresentar a última novidade, um serrote grande tocado com o arco do violino! Que beleza!

O caminho Grande, nome que toma a Rua Grande a partir da Rua do passeio está intimamente ligado a minha vida e ao meu coração. (LIMA, 1992, p.21).



Foto 09 - Caminho Grande em 1876
Fonte: Martins (2010).

A adaptação à mudança dos tempos se faz necessária. Outros cenários e outros personagens fazem hoje a história contemporânea da Rua Grande, que continua passando por um processo de popularização de seu comércio, inclusive, com a forte presença do comerciante informal, que constitui o sujeito desta investigação.

2.3.1.1 O pregão tradicional

Segundo Viveiros (1954), em 1821, ainda no período colonial, já se apontava para a importância dos anúncios como propaganda comercial. O anúncio aparecia como sinônimo de aviso. No primeiro Jornal do Maranhão chamado, “O Conciliador do Maranhão”, apareceram os primeiros avisos, devido à necessidade de compra e venda, e até mesmo como um meio para resgatar escravos fugidos. Os avisos eram utilizados também como única possibilidade de reaver uma mercadoria perdida. Também se faziam presentes, avisos jocosos a fim de obter de volta algum objeto furtado.

O ladrão que teve a habilidade de furtar uma bacia de tomar banho, de certo quintal, e que quiser ganhar boas alvíssaras, vá outra vez ao mesmo quintal deixar a dita bacia, onde achará a devida paga. (VIVEIROS, 1954, p.369).

Uma burra piquena de ferro, quem na possuir, e se queira desfazer dela, nesta tipografia, se diz quem na compra. (VIVEIROS, 1954, p.370).

Em 1829, como demonstram alguns anúncios, já se podia perceber a existência de rivalidade entre os comerciantes, fazendo surgir a concorrência no negócio. A partir de 1870, começaram a surgir os anúncios de mercadorias específicas. (VIVEIROS, 1954). Ou seja, os primeiros pregões de que se têm registro no Maranhão.

Fregueses eu peço vênia
Para meus fados cantar
Pois sem canto ... só em prosa
Talvez não queira, alugar

Eia! Lá vai, o que tenho
No meu - Bazar – mascarado!
A ele, caros fregueses,
É vir bem endinheirado

Temos barbas e bigodes
Tudo feito de cabelo
Caras que entrarem lisas
Sairão cheias de pêlo!

Máscaras brancas, ditas pretas,
Encarnadas, mui formosas,
Um meigas, outras tristes,
Algumas feias e babosas

Muitos tipos diferente,
Mesmo o mais obscuro,
Desde o que crê no presente
Ao que espera o futuro!

Temos do tipo do inglês
Do espanhol fanfarrão,
Do alemão, do biscáio,
Da França até o leitão. (VIVEIROS, 1954, p.372)

Um dos significados dados ao verbete *pregão*, que vem do latim *praecono*, segundo Ferreira (1999) - Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa - é “*Voz ou pequena melodia, de ritmo livre, bastante próxima do recitativo musical, e com a qual os vendedores ambulantes anunciam suas mercadorias*” (FERREIRA, p.1627). Vicente Salles⁷⁸ define os pregões como "canto de trabalho" e "voz das ruas".

Os pregoeiros e seus pregões por diversas vezes foram aludidos por escritores e poetas. Se não vejamos:

Minha rua está cheia de pregões.
Parece que estou vendo com os ouvidos:
‘Couves! Abacaxis! Caquis! Melões!

⁷⁸ Pesquisador, historiador, folclorista, musicólogo e membro da Academia paraense de Música.

Eu vou sair pro carnaval dos ruídos (QUINTANA, 2005, p. 22.).

Continua Quintana

É a mesma ruazinha sossegada.
Com as velhas rondas e as canções de outrora...
E os meus lindos **pregões** da madrugada
Passam cantando ruazinha afora! (QUINTANA, 2005, p. 27).

Inevitavelmente, os pregões constituem referência cultural singular, que podem confidenciar aspectos importantes sobre os modos de vida de determinada sociedade. O poema de Bandeira ratifica essa afirmação quando faz referência aos pregões como traço cultural de um povo. Como exemplo pode-se citar o pregão: “*Roleta de cana. É de cana caiana, Olha o rolete Rolete ...de cana!*”. Segundo Bogéa e Vieira (1999), este foi, seguramente, um dos pregões mais ouvidos pelas ruas de São Luís. A cana é descascada, cortada em pedaços de 3 cm de espessura e colocada em suportes feitos com taboquinha de bambu, rachadas em cinco partes abertas em forma de leque. Hoje, o vendedor de rolete de cana é raramente visto, entretanto, em algumas festas religiosas ele ainda aparece com “(...) o típico *rolete de cana*, como a encarnar uma tradição folclórica maranhense, que, infelizmente, como tantas outras, tende a desaparecer. (BOGÉA e VIEIRA, p.56).



Rua da União onde todas as tardes
passava a preta das bananas
Com o xale vistoso de pano da Costa
E o **vendedor de roletes de cana**
O de amendoim que se chamava midubim
e não era torrado era cozido
Me lembro de todos os pregões:
Ovos frescos e baratos
Dez ovos por uma pataca
Foi há muito tempo...
A vida não me chegava pelos jornais
nem pelos livros
Vinha da boca do povo na língua errada do povo
Língua certa do povo
Porque ele é que fala gostoso o português do
Brasil
Ao passo que nós
O que fazemos
É macaquear
A sintaxe lusíada (BANDEIRA, 1973, p.115-
116).

Figura 01 - Vendedor de rolete de cana
Fonte: Bogéa e Vieira (1999).

Na verdade, a ênfase aqui não é dada à questão do *macaquear a sintaxe lusíada*, mas chamar atenção à melodia da memória evocada pela linguagem. O que está *na boca do povo* é o que fica nos traços de um passado que ecoa pelas ruas, em cujo ar o poeta pode ver *pó de memória, apanhados do chão*,⁷⁹ ouvidos na voz dos pregoeiros também. A história está no ar e se espalha ao mesmo tempo em que se alimenta de palavras e pregões.

Como o contexto não é o situacional, mas o histórico, já que o percurso é o intervalo entre o *pregão tradicional* e o *pregão pós-moderno*, torna-se necessidade desta pesquisa apresentar um pouco da história que está como cenário destes dois atos de fala, para ver como ele está marcado nas semelhanças e diferenças.

Segundo Bogéa e Vieira (1999), no século XIX, em São Luís do Maranhão, os pregoeiros mais conhecidos eram os que vendiam "banho cheiroso" e erva benta para tirar mofina ou mau olhado. O banho cheiroso era feito com ervas que tinham propriedades medicinais. Por essa razão, o pregoeiro era conhecido como vendedor de ervas bentas. Hoje esses vendedores já não carregam mais tabuleiros e sim cofos cheios de ervas destinadas à feitura dos banhos.

No século XX, um dos pregões mais populares na ilha virou nome de um doce - "*derressó*" -, feito com coco seco ralado e mel de cana, uma espécie de cocada. Era cozido em um tacho de cobre, até tomar consistência de melado, depois era colocado em camada fina em um tablado. Depois de frio, cortava-se em quadrados pequenos e uniformes, que eram arrumados e sobrepostos em cinco camadas. O nome do doce deriva do preço, pois cada camada de cinco tabletes "*custava dez réis, só*", originando o nome do doce "*derressó*".



Figura 02 - Vendedor de derressó
Fonte: Bogéa e Vieira (1999).

Os pregoeiros foram homenageados, por várias vezes, por artistas maranhenses

⁷⁹ Referência feita a José Chagas poeta maranhense que escreveu "Os telhados" (1965) e "Apanhados do chão" (1994).

que costumavam transformar em músicas suas rimas. João do Vale⁸⁰ e Julinho do acordeom⁸¹, por exemplo, compuseram uma música com o nome “**Todos cantam sua terra**”⁸² fazendo homenagem às belezas do Maranhão. Dentre outras coisas, a letra da música ressalta as vendas típicas maranhenses, inclusive, o doce *derressó*. Esta música tornou-se eternizada na marcante voz da cantora, também maranhense, Alcione Nazaré, no álbum “Alerta Geral” em 1978.

Todo mundo canta sua terra
Eu também vou cantar a minha
Modéstia à parte seu moço
Minha terra é uma belezinha

A praia de olho d'água
Lençóis e Aracagi
Praias bonitas assim
Eu juro que nunca vi

Minha terra tem beleza
Que em versos não sei dizer
Mesmo porque não tem graça
Só se vendo pode crer

Acho bonito até
O jornaleiro a gritar imparcial
Diário
Olha o Globo
Jornal do povo descobriu outro roubo
E os meninos que vendem **derrê so** a cantar
Derrê so derrê ê ê ê ê so

E fruta lá tem: juçara
Abricó e buriti
Tem tanja, mangaba e manga
E a gostosa sapoti
E o caboclo da Maioba
Vendendo bacuri
Tinha tanta coisa pra falar
Quando estava fazendo esse baião
Que quase me esqueço de dizer

⁸⁰ João Batista do Vale mais conhecido como João do Vale, nasceu no município de Pedreiras no Maranhão em 1943 e morreu em São Luís, em 1996. Foi músico, cantor e compositor. De origem humilde João sempre gostou muito de música e aos 13 anos mudou-se para São Luís. Em 1964 estreou como cantor. Suas principais composições são: Carcará em parceria com José Cândido e imortalizado na interpretação de Maria Bethânia, *Peba na pimenta* com Adelini Rivera e *Pisa na fulô* com Silveira Júnior. Disponível em: <http://gasparinif.blogspot.com/2008/10/adeus-julinho-do-acordeom.html>. Acesso em 10 de agosto de 2009.

⁸¹ Seu nome verdadeiro era João Aguiar Sampaio, nascido em Itapajé – Ce em 1922, e falecido em 2008. Julinho experimentou o sucesso entre as décadas de 50 a 80. Rodou o mundo com sua sanfona característica, em forma de “Máquina de escrever”, e esteve ao lado de grandes nomes da música brasileira, como João do Vale - um dos maiores parceiros e incentivadores, Clara Nunes, Chinoca, Luiz Gonzaga, Dominguinhas, Carmélia Alves e Sivuca, entre muitos outros. Disponível em: <http://gasparinif.blogspot.com/2008/10/adeus-julinho-do-acordeom.html>. Acesso em 10 de agosto de 2009.

⁸² Essa música compõe a trilha sonora da novela, da Rede Globo, Cama de gato.

Que essa terra tão linda é o Maranhão
Ô Maranhão, ô Maranhão. (João do vale e Julinho, 1986).

Quando João do Vale canta para apregoar o Maranhão – Ô Maranhão, ô Maranhão – ele sintetiza no gênero todas as coisas e cada uma na terra, num reflexo que aqui chamo de metonímia, porque o que há é uma relação de proximidade tão estreita que confere sabor de bacuri ao Maranhão e sabor de Maranhão ao bacuri. Essa relação metonímica se desdobra em *derressó, juçara, abricó, buriti, tanja, mangaba, manga, sapoti e bacuri*.

Quando o pregoeiro diz derressó é a sua terra que ele canta

Quando o pregoeiro diz jussara é a sua terra que ele canta

Quando o pregoeiro diz abricó é a sua terra que ele canta

Quando o pregoeiro diz buriti é a sua terra que ele canta

Quando o pregoeiro diz tanja é a sua terra que ele canta

Quando o pregoeiro diz manga é a sua terra que ele canta

Quando o pregoeiro diz mangaba é a sua terra que ele canta

Quando o pregoeiro diz sapoti é a sua terra que ele canta

Quando o pregoeiro diz bacuri é a sua terra que ele canta.

Nessa perspectiva, com um olhar metonímico o Maranhão é derressó, juçara, abricó, buriti, tanja, mangaba, manga, sapoti e bacuri e vice-versa, daí porque ser tão difícil, em certos momentos, separar a metáfora da metonímia, tendo em vista que a relação de proximidade em um nível elevado acaba se transformando em uma relação de semelhança.

A melodia cantada para vender a coisa apregoada, acaba ecoando para apregoar o lugar, a terra - ô Maranhão, ô Maranhão. Uma terra que é *uma belezinha* cantada com a simplicidade poética dos pregoeiros. Há um tom especial que confere mais que um banquete servido ao sabor do lugar. Mesmo que todo mundo cante a sua terra, esta traz a voz da literatura na boca do povo.

O pregoeiro faz parte do cenário de uma São Luís de outrora. Esse tipo de vendedor era bastante comum na Ilha de São Luís, também denominada de “Ilha do amor”⁵². Hoje, raramente pode-se vê-los. Aqui se considera necessário explicar por que o cenário é importante para ler essas falas. O ambiente da “Ilha do amor” era restrito a um estilo de vida particular, pelo qual a população podia fruir as coisas locais. Era um tempo de um estilo de vida sem interferência do mundo capitalista, quando as relações comerciais não punham a

⁵² Nome designado por Gonçalves Dias em função do amor dele por Amélia.

mercadoria como valor de troca⁵³, na dimensão quantitativa. Diferentemente do que aconteceu com o camelô e continua acontecendo: a questão utilitária, mercadológica afeta o contexto, a relação com a coisa transformada em mercadoria, a relação entre os interlocutores, a diferença entre eles, um certo desafeto ou indiferença própria desta realidade.

Com isso, é interessante observar que os pregoeiros não desapareceram totalmente, nem as coisas por eles anunciadas. Para entender os camelôs foi preciso retornar aos pregoeiros, metamorfoseados por uma outra história, outro cenário, outros interesses, outra intenção. Outro ato de fala. Outro gênero: *Pregão da pós-modernidade*.

Os pregoeiros foram ficando cada vez mais restritos a um cenário de outrora que restou do lugar conjuntamente anunciado. Como exemplo, pode-se citar os saborosos sorvetes feitos de frutas da terra, como os de coco, os de bacuri e os de cupuaçu, quase sucumbidos às preferências dos *milk shakes*. A era industrial, além de outras coisas, também nos furta alguns direitos que pareciam ser adquiridos, e, portanto eternos. Mera ilusão.

Os pregoeiros, na sua maioria, apresentavam a “coisa” anunciada pelo nome afetado por pequena melodia, como convite para atrair os fregueses ou como forma de aviso de que aquela era a hora de sua passagem. Ao mesmo tempo em que comercializavam os produtos da terra, esses vendedores ambulantes tornavam-se parte da identidade maranhense, tendo sua figura, inúmeras vezes e por variados escritores, cantores e artistas plásticos, reproduzida em forma de versos, de música e de artesanato, o que demasiadamente encantava os turistas.

Esse encanto ainda continua até os dias de hoje, muito embora em um lugar e com uma forma diferente, tendo em vista que São Luís não é mais a mesma e o canto do pregoeiro ainda escapa aqui e ali entre camelôs. O que antes se encontrava nas ruas da cidade, hoje se pode ver nas estantes, como uma lembrança daqueles que, um dia, traziam a alegria da meninada, das moças e das donas de casa à porta das residências do Centro da cidade de São Luís do Maranhão.

Para tentar chegar à compreensão do falar maranhense na voz dos pregoeiros dos tempos de outrora até as elocuições proferidas pelos vendedores ambulantes dos dias atuais, há de se levar em consideração o uso diversificado da língua por seus falantes, observando, além

⁵³ Marx, em “O capital”, conceitua **valor de uso** de acordo com sua utilidade: “É a utilidade de uma coisa que lhe dá um valor de uso, mas essa não surge no ar. É determinada pelas qualidades físicas da mercadoria e não existe sem isso”. Diferentemente do **valor de troca**, podemos dizer que o **valor de uso** tem uma relação qualitativa, enquanto o valor de troca tem relação quantitativa.

de diferenças pessoais, as diferenças sociais, como a época, as classes sociais, o grau de instrução dos usuários, o espaço geográfico e de circulação, que incluem: o meio, a própria história e a cultura, pois é por meio dos falantes que a sua história, a sua origem e as suas experiências culturais são reveladas. Retomando o que foi dito por Bakhtin (1995), as mudanças históricas dos estilos de linguagem não se dissociam das mudanças dos gêneros do discurso, uma vez que os gêneros, quer primários, quer secundários, refletem de modo imediato, preciso e flexível todas as mudanças que ocorrem na vida social, pois

*Toda informação é posicionada, no sentido de que, normalmente, não falamos a respeito do que o mundo é, mas da visão que temos dele. Ou seja, os conceitos humanos associam-se à época, à cultura e até mesmo a inclinações individuais caracterizadas no uso da linguagem. Incorpora-se, portanto, ao **processo de significação** (grifo meu) o sujeito, ou seja, a perspectiva de quem produz no discurso. (MARTELOTTA E PALOMANES, 2007, p.183)*

Os pregoeiros surgem em São Luís justamente com o final da escravidão, com a decadência das grandes economias vividas outrora pelo Maranhão, quando os ciclos da cana-de-açúcar e do algodão foram se acabando, gerando problemas para o sustento da população, sobretudo dos antigos escravos, pois é sabido que a função de pregoeiros era desenvolvida por escravos, ou ex-escravos. (MEIRELES, 2001).

Até o século XIX, a maior parte do comércio de comestíveis era feita por escravos, agora vendedores ambulantes de frutas, doces, comida pronta, dentre outras coisas. Os pregoeiros não apenas vendiam os doces feitos pelas doceiras negras e mulatas. Nessa época existia a figura do “moço ou da moça de ganho”, que eram os responsáveis pela venda dos doces para a Sinhá. Existiam também aqueles que compravam mercadorias para revender, como o “compra tudo” e o garrafeiro. (LIMA, 1999).

Devido à necessidade de subsistência, esses vendedores ambulantes acabaram sendo relevantes à economia maranhense, pois abasteciam as famílias, principalmente do centro da capital do Maranhão, onde se concentrava grande parte da população na época, descentralizada apenas nos anos 70 e 80 do século XX. (MEIRELES, 2001).

Essa descentralização deve-se, em parte, às intensas transformações pelas quais a sociedade tem passado desde o final do século XIX, e que trouxeram significativas mudanças para o mundo e para o mercado de trabalho.

2.3.1.2 O pregão tradicional: a ilha, a coisa e a palavra

Quando o poeta, maranhense por adoção, José Chagas (1965) tentou falar da história de São Luís, ele fez referência “*aos telhados*” sobre os quais pairava um pó, metáfora de sentido da história de uma ilha, pó quase inapreensível a uma observação qualquer, porque exige uma visão diante do que quase não mais existe, mas que está ali sob um aspecto de vestígio.

A história para o poeta é metáfora de pó de memória, algo que se faz presente sem a garantia de sua existência, primeiro porque muitas vezes a memória se perde com o tempo ou ela se deixa trair, ou ela se confunde com lembrança e a lembrança parece que está mais próxima da imaginação, que põe cor aos fatos, do que com a veracidade dos acontecimentos. Pó de memória é muito mais uma certeza de que ali há história, do que o conhecimento da história que há. É quase uma intuição. É dessa forma que a fala do pregoeiro evoca o tempo de outrora.

Essa aura de vestígio é que possibilitou ao poeta dizer sobre o cenário histórico de São Luís tão etéreo quanto o que se vê agora para traçar um percurso pelo tempo entre as vozes desta cidade nos diferentes momentos históricos, escolhendo, por força das circunstâncias dos interesses desta pesquisa, um fio linguístico que liga as pontas dos usos que diferem dois vendedores marcados pelo tempo: o pregoeiro e o camelô.

É essa aura daquilo que permanece por meio da diferença que os tempos vão fazendo, o que se está chamando de etéreo, aquilo que se faz buscar na literatura um apoio para dizer não simplesmente sobre o que se chama contexto, mas o que somado a ele gera a perspectiva de cenário que vai além das determinações sociais, ou sociopolíticas e econômicas, e envolve certa iluminação de raízes, de identidade, que não está exatamente nas suas superfícies, na aparência da história de uma ilha, mas que emanam de suas profundezas: vem à tona algo que é escuta com afeto, com consciência, com inconsciente e que envolve uma percepção com os sentidos.

Dizemos isso porque, conforme é possível ler nos textos da literatura maranhense, situar o pregoeiro em São Luís é ser quase obrigado a sobrevoar telhados onde ficam os ecos de gritos anunciando as coisas do lugar, num mundo globalizado onde as *identidades fragmentadas*, neste mundo pós-moderno, só permitem desafiar sobrevoos por forças das circunstâncias. Apropriamo-nos agora da voz de Josué Montello (1981, p.242- 243) ao procurar as alterações em São Luís provocadas pelo tempo, numa quase arquitetura

cenográfica onde os ecos do *pregoeiro tradicional* compõem isso que considero cenário, para além de um contexto histórico.

*Estes velhos sobrados da Praia Grande, quase todos de pedra e cal, muitos deles revestidos de azulejos portugueses, com paredes de uma braça, janelas retangulares, beiral saliente, portais de cantaria lavrada, mirante aberto para a baía de São Marcos, estes velhos sobrados, Mestre Severino, estes velhos sobrados começaram a morrer. Basta olhá-los de relance, no ermo das ruas refulgentes de sol, para reconhecer, com tristeza, que todos eles, a um só tempo, entraram em agonia. Num relance, ao confrontar o passado com o presente, a memória recompõe ali os dias de outrora, não muito distantes, e uma sensação opressiva de decadência, como que se desprende dos casarões imponentes. [...] As calçadas estreitas quase não comportavam a **multidão de caixeiros, catraieiros, vendedores ambulantes, armadores, gente do povo, barqueiros, doceiras, marinheiros, ciganos e carregadores** que por elas transitavam, do começo ao fim da semana, desde que o dia raiava até que a noite descia. Só nos domingos, com os sobradões fechados, um guarda bisonho à porta do casarão do Tesouro, outro mais no prédio da Alfândega, é que se via na Praia Grande a *pasmaceira* de agora (grifo nosso).*

Este cenário é de *pregoeiro tradicional* cuja voz começava também a morrer ali, no teatro da vida cotidiana, mesmo permanecendo no vestígio dos remanescentes que insistem em ficar. Porque o pregoeiro, apesar de estar colocado, nesta tese, no tempo de outrora, ainda dá sinais de si em alguns cantos de São Luís do Maranhão, persistindo com o nome de tradição, por meio de seus gritos que ao chamar a coisa evocada consagra uma terra e não banaliza essa mesma coisa na categoria hiperonímica de mercadoria, por exemplo: o sorvete de coco que o sorveteiro proclama por meio do pregão não é uma mercadoria em si, e no viés da tradição não poderia ser chamado de produto.

Isso porque o termo produto, aos moldes da produção capitalista, em função dos interesses do lucro e da mais valia, marca a neutralidade das relações de identificação do trabalhador/vendedor que precisa trabalhar em série para que o proprietário/patrão atinja seus objetivos mercadológicos.

O **sorveteiro**, em São Luís do Maranhão, é o mesmo com vestígio de outrora: não lhe foram alterados os meios de produção nem seus mecanismos de venda. A caixa feita de madeira por fora e revestida de isopor por dentro é a mesma e identifica o sorvete sem que nenhuma palavra nela escrita chame atenção para o sabor. O cartucho de produção artesanal, com sabor de biscoito, não foi substituído, nem sequer alterado o seu formato. A exemplo do sorveteiro, outros pregoeiros continuam, alguns mesmo em silêncio, parados em algum ponto do centro de São Luís. É o caso do vendedor de quebra-queixo, de pirulito, de cuscuz ideal, de carvão, de pamonha, de camarão e de jornal.



Figura 03 - Vendedor de Sorvete de Coco
Fonte: Bogéa e Vieira (1999).

Para respaldar o que se diz, conversou-se com alguns idosos que confirmaram as evidências aqui postas. Nenhuma frase de efeito é empregada pelo sorveteiro no seu processo de venda.



Foto 10 – Caixa do sorvete (2010).
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

A caixa identifica a coisa, a coisa (o sorvete) tem sabor do lugar. O máximo que o sorveteiro faz quando atravessa algumas ruas do centro da cidade é avisar que está passando por meio do pregão: *sorveeete de cooooco!!!!*.

Do ponto de vista da “coisa”, na Filosofia, ela aparece na Fenomenologia do Espírito de Hegel “como o OBJETO de PERCEPÇÃO,” também “(...) como uma FORÇA que se manifesta (...)”. Uma coisa cujas “propriedades estão correlacionadas com os nossos vários órgãos sensoriais”. (INWOOD, 1997, p.71)

É nesse sentido que se está evitando chamar de mercadoria ou produto a coisa anunciada pelo pregoeiro. O sorvete de coco, o pirulito, o camarão, o quebra queixo, a pamonha trazem essa FORÇA que se manifesta na palavra cujas propriedades enraizadas na terra afetam nossos vários órgãos sensoriais.

Na perspectiva linguística, o sentido da “coisa” na palavra vai além de uma conceituação lexical e obriga a invadir de certa forma a estilística do som, fazendo refletir sobre prosodemas ou traços suprasegmentais.

Nesse âmbito, o que afeta o auditório da voz do pregoeiro não é o fonema, nem a cadeia fônica constituinte do significante, é a musicalidade resultante desses traços suprasegmentais na sílaba, no morfema, na palavra, no sintagma ou na frase. É um traço sonoro *mais extenso que o fonema*, cuja modulação toca o acento, a duração e a entoação, pois nenhum prosodema tem existência independente. (MARTINS, 1989).

Voltando ao pregão, quando, por exemplo, o sorveteiro grita *sooooooooooorveeeeeete de cooooooco*, há aí um acento de intensidade ou de energia produzindo uma descarga emocional (MARTINS, 1989). A duração marcada graficamente no exemplo pela repetição do “o” e do “e”, expressando a duração progressiva da vogal tônica, além de resultar em uma descarga emocional do pregoeiro, afeta emocionalmente os ouvintes da terra e continua ecoando enquanto permanece guardada na coisa que é essa força que acaba sendo transferida para a tradição sem ceder à condição de mercadoria.

A intensidade e a duração acabam imprimindo sobre a palavra uma curva melódica que a voz descreve. Esses movimentos melódicos expressam as relações sentidas pelos falantes. Não se consegue identificar ou isolar no grito do pregoeiro apenas a função conativa da linguagem, quando alguma expressão imperativa poderia estar implícita pela economia linguística. Se assim o fizesse, isolando o pregão da interferência dos espaços, só conseguir-se-ia chegar a “Compre sorvete de coco” na construção dos sentidos desse pregão. Mas, repetindo: a interferência dos espaços nos faz tratar da coisa antes da palavra, da coisa na palavra, da terra na coisa e tudo isso na experiência da linguagem. A interferência dos espaços nos faz ver que a cultura, a afetividade, os sentidos vão sendo alimentados pelo decorrer do tempo e impregnando os atos de linguagem.

Nessa direção, para se chegar ao camelô, que por sua vez sofre todas essas interferências, constrói-se duas pontas de um fio de tempo cujo ponto é, de certa forma, ligado ao outro ponto, os atos de fala do camelô. Pregoeiro e camelô, atos de linguagem que se relacionam sob diferentes interferências de espaço: geográficos, físicos, temporais, cognitivos e afetivos, por exemplo.

2.3.2 SÃO LUÍS – CIDADE DO PREGOEIRO PÓS-MODERNO

A Ilha de São Luís - tratava-se de uma realidade passada de uma ilha onde os poetas sempre costumam rimar canto com encanto entre ecos de vozes entre as quais está a do pregoeiro. A cidade de São Luís - trata-se de uma realidade presente de uma cidade marcada pelas consequências do progresso e da pós-modernidade onde a ilha se transformou em cidade e os pregoeiros tradicionais em pregoeiros pós-modernos ou camelôs.

Essas transformações dizem respeito às esferas econômica, política, social e cultural e influenciaram a sociedade como um todo e a vida de cada cidadão em particular. Elas atingiram o setor produtivo em sua base material de produção e reprodução, modificaram o conteúdo do trabalho, alteraram as organizações e redefiniram os empregos.

A crise do capitalismo mundial nos anos 70, do século passado, provocou um movimento global de rearranjo do sistema capitalista de produção. Conforme Freitas (1995), o capitalismo é uma forma de organização social que vive de crises, e é exatamente nos momentos de crise que o sistema renova suas forças, seja através do consenso ou por intermédio da força. Ele, ao mesmo tempo em que posterga seus problemas, ganha tempo.

A realidade é que a crise dos anos 70 funcionou como um recurso para o capitalismo pospor contradições, cooptar setores da sociedade e ganhar sobrevivência, mudando o papel do Estado e desenvolvendo novos padrões de exploração da classe trabalhadora.

Diante dessa nova crise mundial, os trabalhadores procuram manter seus empregos, a qualquer custo. “Nestas condições, o capital dita as regras do jogo e cria as condições para introduzir as transformações necessárias no plano da produção.” (FREITAS, 1995, p.125).

Nesse contexto, algumas categorias profissionais, por não encontrarem outra saída, acabam estabelecendo acordos com seus patrões, não para terem seus salários aumentados, mas para reduzi-los em troca da permanência no emprego. O propósito do empresário não é outro senão o de aumentar a taxa de exploração da classe trabalhadora.

Sob essas novas condições, requer-se do trabalhador novas habilidades e competências, tanto no campo interpessoal, como no da comunicação, maior versatilidade, capacidade de abstração e integração.

Esta nova realidade tem colocado desafios que testam tanto a capacidade do trabalhador de se manter no emprego, como sua capacidade de se adequar aos novos padrões exigidos pelo mercado.

Instaura-se uma nova era em que o referencial é o conhecimento. O trabalhador, deste novo tempo, é inovador, criativo, versátil, sabe fazer uso da informação, compartilha com a sua equipe a vitória e discute os motivos das derrotas; e, acima de tudo, sabe que no mundo globalizado, o seu bem de capital é o intelecto.

Freire, quando se refere ao saber e à conscientização, afirma:

O saber começa com a consciência do saber pouco (enquanto alguém atua). É sabendo que sabe pouco que uma pessoa se prepara para saber mais. [...] O homem, como um ser histórico, inserido num permanente movimento de procura, faz e refaz constantemente o seu saber. E é por isto que todo novo saber se gera num saber que passou a ser velho, o qual, anteriormente, gerando-se num outro saber que também se tornara velho, se havia instalado como saber novo. (FREIRE, 1992, p. 47).

Em meio a essa sociedade globalizada, uma nova fase denominada “reestruturação produtiva” vem apresentando à sociedade novos desafios e graves contradições, pois esta, ao mesmo tempo em que acelera a produção tanto com competitividade como com *high-tech*⁵⁴ e custos menores, acarretando lucro para o capital, também substitui o homem pela máquina, aumentando o desemprego estrutural e de longa duração, sobretudo, contribuindo com o processo de exclusão social.

Segundo dados da OIT (Organização Internacional do Trabalho) o mundo conviveu com cerca de oitocentos milhões de desempregados ou subempregados, sendo quarenta milhões nos países de capitalismo avançado na década de noventa do século passado.

Nessa perspectiva, a dificuldade, cada vez maior, de acesso ao emprego no mercado formal, tem levado o trabalhador a criar auto-emprego no mercado informal ou na economia de sobrevivência. É o caso do vendedor ambulante ou camelô que por não achar espaço nesse mercado formal, apropria-se desses novos produtos que têm acesso facilitado devido à globalização para diversificar as suas vendas.



Foto 11 - Vista da cidade nova - São Luís do Maranhão – Brasil (2005).⁵⁵

2.3.2.1 O pregão pós-moderno: a cidade, o mundo, a mercadoria e a argumentação

A ilha dos *pregões tradicionais* era um lugar onde o pregoeiro jamais necessitaria de um amplificador de voz. Essas vozes de vendedores ambulantes ou camelôs: garrafeiros, mascates, sorveteiros, tanoeiros, catraieiros, jornalheiros etc. faziam a sinfonia de tempos remotos. Essas vozes ecoavam e, no dizer maranhense, retiniam nos cantos, becos e ladeiras ofuscados pelo calor do sol, fervendo nos paralelepípedos. A melodia dos pregoeiros faz permanecer a coisa como uma força que é o sentido de um lugar, uma ilha que foi se ampliando da cidade para o mundo e vai sendo feita de pregões remanescentes, eternizados na literatura, que garantem a tradição e a cultura. Uma ilha que é feita também de espaços globalizados, não-lugares,⁵⁶ feitos *shopping centers*, *Mac Donalds*, lojas de departamento, onde as identidades diluídas, diluem também o sentido dessa força que é a coisa impregnando a palavra. A figura seguinte mostra bem a imagem de um espaço globalizado, onde lojas como Americanas, C& A, e Mariza dividem o mesmo espaço, e estão presentes em todos os espaços, independente da cidade.

⁵⁴ Alta tecnologia.

⁵⁵ Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Lu%C3%ADs_\(Maranh%C3%A3o\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Lu%C3%ADs_(Maranh%C3%A3o))>. Acesso em 04 de junho de 2010.

⁵⁶ Os não-lugares é um conceito proposto por Marc Augé, antropólogo francês, para designar um espaço de passagem incapaz de dar forma a qualquer tipo de identidade. Augé define o lugar, enquanto espaço antropológico, como um espaço identitário, relacional e histórico. Os não-lugares são povoados de “viajantes” ou “passeantes” em trânsito. Viajam, solitários, nesses espaços de ninguém. São não-lugares livres de identidade.



Foto 12 – Consumidores na Rua Grande (2010).
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Na obra poética de Arlete Cruz⁵⁷, “Litania da velha” (1996), alguns versos tratam da transição entre a ilha e a cidade, entre o grito do pregoeiro e a confusão da hora, sob o som repetido do microfone na rua onde os vendedores ambulantes, sob a interferência de outros espaços, ali se constituindo em modernidade, disputam vender não mais a coisa, mas a mercadoria preche da neutralidade de uma ambição que dilui as identidades entre a ilha, a cidade e o mundo.

⁵⁷ A escritora maranhense Arlete Nogueira da Cruz é professora da UFMA, e autora da obra poética “Litania da velha” que se encontra em sua 5ª edição. O curta “Litania da Velha”, de Frederico Machado (1997), baseado em sua obra, já ganhou prêmios nacionais e internacionais.



Foto 13 – O camelô na Rua Grande (2010).
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Os bancos da praça, por onde ela passa, são frios convites.

Os galhos são falsos trapézios erguidos no arco das horas.

As folhas paradas refletem o tempo amesquinhado que cala.

O jornal se corrompe na atroz estufa do lodo e do lucro.

O camelô oferece o produto supérfluo suplicando que o levem.

O passante apressado atropela o que passa passando com pressa

A hora é confusa sob o sono repetido do microfone na rua.

A música lhe soa como berro aflito ao meio-dia da infância. (CRUZ, 1996, p.34-35)

Sem deixar de fazer referência ao ritmo da *Litania da velha* em versos que se enfileiram paralelamente numa sonoridade que murmura *o tempo amesquinhado* e *o lodo do lucro*, chama-se atenção para o camelô, cujo ato de fala não mais apregoa a coisa evocada, mas oferece *o produto supérfluo*. Além disso, suplica que o leve a *um passante apressado que atropela o que passa passando com pressa*.

Tudo isso acontece em uma *hora confusa* onde o vendedor ambulante não grita mais a melodia de um pregão, sua súplica soa como um *berro aflito ao meio-dia da infância*.

Destacam-se alguns elementos que poderiam ser considerados palavras importantes desta pesquisa: camelô, produto *supérfluo*, *lucro*, *hora confusa*, *passante apressado*.

Considera-se que a expressão *hora confusa*, pensada sob as interferências dos espaços, é mais do que um contexto, um cenário onde circulam os camelôs, os passantes cuja pressa justifica a banalização dos valores expressa pelo adjetivo *supérfluo*, propício para se tratar de consumo de mercadoria.

Há aí a quebra de identidade da relação do homem com o lugar, que vai perdendo a poesia da ilha escaldante ao grito do pregoeiro. Há também algo do não-lugar que nos possibilita dizer que esse cenário não identifica São Luís do Maranhão, mas uma cidade tanto

quanto outras, sob cenas confusas, próprias dos centros onde o comércio confunde as coisas quase todas banalizadas em mercadorias, muitas desnecessárias para o fruir da vida.



Foto 14 – Rua Grande (2010).

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Mas entre todos os elementos destacados chama-se, ainda, a atenção para o ato de fala do camelô: ele suplica que levem o produto. Diferentemente do pregoeiro que apregoa a coisa evocada como uma força que provoca o desejo da experiência identificadora, o camelô, ao suplicar, empreende sobre a linguagem um ato de persuasão que depende mais dele que das condições afetivas do ouvinte. Crê-se que a partir deste ato de persuadir é possível afirmar que as manobras linguísticas que o camelô empreende pertencem ao âmbito dos recursos argumentativos.

Não basta, *na hora confusa*, apregoar a coisa, porque essa coisa evocada como uma força que emana do lugar como se fosse o próprio lugar vai virando mercadoria para o consumo supérfluo da modernidade.

Vida de camelô não é sopa. Ajude, compre logo sua roupa.

No ato de fala acima, vários recursos argumentativos são empregados: a negação da metáfora vida de camelô e sopa. A súplica no imperativo do verbo ajudar e do verbo comprar como marca evidente da função apelativa e o homeoteleuto entre “sopa” e “roupa” de roupa. O trabalho com a linguagem é consistente porque precisa haver economia de palavras na densidade do jogo para *o passante que passa apressado*.

Esses e outros recursos são exigência não só do contexto, mas de um cenário que

sofre interferência dos espaços. Em função dessas interferências que precisam ser pensadas, considera-se importante correlacionar a Ilha, a cidade, o mundo, a linguagem e a argumentação.

O percurso até aqui traçado dará a base para entender a relação entre o pregoeiro tradicional e o pregoeiro pós-moderno. Essa relação será analisada por meio dos enunciados proferidos tanto pelos pregoeiros como pelos camelôs, com vistas à construção dos gêneros *pregão tradicional* e *pregão pós-moderno*.

CAPÍTULO 3
A PESQUISA

3 A PESQUISA

3.1 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

É importante enfatizar que este processo investigativo é de caráter teórico, analítico qualitativo e etnográfico⁵⁸. O recorte realizado é representativo para a investigação aqui proposta.

Esta pesquisa defende a tese de que os enunciados produzidos pelos vendedores ambulantes (pregoeiros e camelôs) constituem um gênero. Para comprová-la, são utilizados conceitos da Filosofia, da Argumentação, da Retórica, dos Gêneros do Discurso, da Pragmática, da Linguística Cognitiva e da Análise do Discurso, que dão o suporte para interpretar o modo de dizer presente nos *pregões tradicionais*, diferentemente do empregado nos *pregões pós-modernos*. Estas denominações foram criadas para esta pesquisa, de vez que não foi considerada suficiente a denominação pregão, tendo em vista que as relações contextuais entre vendedor/consumidor/coisa/produto/mercadoria são em grande medida diferentes entre o *pregoeiro tradicional* e o *pregoeiro pós-moderno*. A construção da pesquisa deu-se da seguinte forma:

3.1.1 O locus: a cidade de São Luís do Maranhão, com ênfase na Rua Grande

A Rua faz parte do conjunto arquitetônico designado pela UNESCO, como Patrimônio Cultural da Humanidade. Nesse espaço também se estabelecem relações do comércio formal e informal de São Luís. Trata-se de uma rua, hoje, não muito longa, onde lojistas e camelôs disputam espaço e consumidor, conforme visto no capítulo dois, intitulado, “Contextos sócio-históricos: os cenários dos enunciados dos pregoeiros tradicionais e dos pregoeiros pós-modernos.”

3.1.2. Os sujeitos da pesquisa: pregoeiros tradicionais e pregoeiros pós-modernos

Os **pregoeiros** eram vendedores ambulantes que caminhavam apregoando as

⁵⁸ Etnografia é por excelência o método utilizado na coleta de dados. Baseia-se no contato intersubjetivo entre o pesquisador e o seu objeto, seja ele uma tribo indígena ou qualquer outro grupo social sob qual o recorte analítico seja feito.

coisas próprias do lugar em São Luís do Maranhão. As trocas monetárias realizadas por esses vendedores não era o mais importante do processo, que se centrava nas relações de identidade entre eles e seu auditório. A partir do momento em que esta pesquisa construiu uma leitura sócio-histórica do contexto em que esses sujeitos transitavam, passou a denominá-los *pregoeiros tradicionais*.

Camelô ou vendedor ambulante é o nome comum dado aos vendedores de rua do comércio informal ou clandestino, com banca improvisada, em especial nas grandes e médias cidades brasileiras. A prática dos camelôs foi, ao longo dos anos, historicamente construída, conquistada e formalizada no espaço urbano e no cotidiano. Os camelôs do Centro Comercial de São Luís, como citado anteriormente, não são exceção, estão em busca de formas alternativas de sobrevivência, refletindo o crescimento alarmante do desemprego, embora seu modo de vida não seja considerado desemprego e sim subemprego.

Os camelôs impõem uma condição de passagem que proporciona um não-lugar às vezes difícil de ser compreendido, porém é esse ir e vir de todos os dias que lhes determina uma imagem e lhes indica um sentido de identidade. Eles lidam com o contínuo e o descontínuo. Todas as formas de imprevistos são sua marca registrada. Sua profissão nada entende de regularidades.

Percursos cotidianamente planejados e executados determinam maneiras de acordar, de arrumar malas e caixas, de inventar pregões etc. Nos versos de Mário de Andrade, trata-se da *"Instabilidade viageira da gente nacional, instabilidade imortalmente consignada nas dezenas de variantes do verso-feito luso brasileiro, 'vou-me embora, vou-me embora!'"* (ANDRADE, 1959, p.21).

A palavra **camelô** é proveniente de um galicismo - *camelot*, em francês, "vendedor de artigos de pouco valor". Segundo Ferreira (1999), a diferença entre **camelô** e **vendedor ambulante** é que o **camelô** tem um ponto fixo, geralmente na calçada ou na rua, e o **vendedor ambulante** faz o seu trabalho percorrendo as ruas. Entretanto, entre os camelôs do Centro Comercial de São Luís, não existe essa distinção. Este fato foi comprovado durante a pesquisa de campo em que todos os entrevistados disseram que camelô e vendedor ambulante são a mesma coisa e que tanto faz como são designados.

Nesta pesquisa, pôde-se constatar que grande percentual dos camelôs possuem baixa escolaridade; 80% concluíram apenas o Ensino Fundamental; 2% concluíram o Ensino Médio e 18% abandonaram a escola nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Constatou-se também que os 30 camelôs entrevistados moram na periferia de São Luís e sustentam suas famílias somente com a renda adquirida através desse trabalho informal.

Quando da seleção dos enunciados dos camelôs, apresentou-se uma fragilidade que poderia afetar a pesquisa: um certo descolamento dessas falas de um contexto que justificasse mesmo essa ocorrência que não poderia ser lida apenas sob a perspectiva linguística, mas sob o enfoque dos espaços determinantes do que ali começava a se configurar como gênero. Apresentou-se uma necessidade de localizar esses enunciados num percurso espaço-temporal e surgiu como referência de comparação - **o pregoeiro tradicional** -, que passou a constituir também um dos sujeitos da pesquisa.

Isso fez com que o espaço geográfico fosse mantido, em parte, no que diz respeito aos camelôs, mas se ampliasse pelo aspecto que diz respeito aos pregoeiros que não se localizavam somente na Rua Grande, mas caminhavam pelas ruas da cidade. Mesmo sabendo que o camelô produz enunciados semelhantes em todo o Brasil, manter São Luís como referência espacial passou a conferir coerência às reflexões históricas, embora tendo consciência de que no final, confirmada a fala do camelô como gênero, esse falar dos vendedores ambulantes poderia ser visto sob uma perspectiva generalizada.

Nessa direção, é possível afirmar que o objetivo principal dos vendedores ambulantes (pregoeiros e camelôs) ao proferirem suas elocuições, parte do *corpus* de estudo desta pesquisa, consiste justamente em utilizar a língua de maneira contundente, instantânea, eficaz e persuasiva, tendo em vista que a mensagem deve, geralmente, ser passada aos transeuntes em um primeiro olhar, pois se este não se sentir atraído pela palavra, com certeza continuará a seguir seu caminho.

Depois que esta pesquisa construiu uma leitura do contexto em que atuam os camelôs, passou-se a denominá-los de *pregoeiros pós-modernos*.

3.1.3 O corpus: Enunciados proferidos pelos pregoeiros tradicionais e pelos pregoeiros pós-modernos – os camelôs

A forma de seleção do corpus foi a seguinte: pesquisa bibliográfica, em sua maioria, para **os pregões tradicionais**, tendo em vista que a presença dos pregoeiros não é mais tão frequente quanto antes e, para **os pregões pós-modernos**, foi feita coleta *in loco*. Foram selecionados apenas os enunciados dos *pregoeiros pós-modernos* (camelôs) situados na Rua Grande, em São Luís do Maranhão. Isto porque é o local onde se concentra a maior

parte dos vendedores ambulantes da cidade. Outro critério de seleção foi a escolha somente de vendedores ambulantes maranhenses, pois, conforme já dito, a análise do discurso deles torna-se fundamental para a reconstrução de um percurso espaço-temporal entre **o pregoeiro tradicional e o pregoeiro pós-moderno**. A sustentação do *corpus* no lugar específico justifica o critério adotado.

As elocuções proferidas pelos vendedores ambulantes (pregoeiros e camelôs) podem ser consideradas como parte de um todo que adquire sentido e têm como finalidade primordial comunicar uma ideia, levando a uma ação. Devem conter, na sua essência, da parte dos *pregoeiros pós-modernos*, alguns traços de ousadia, provocação e apelo. Sem a adoção desses elementos, esse tipo de publicidade dificilmente chamaria a atenção do público alvo – os compradores em potencial – e cumpriria sua função final que é a venda de uma determinada mercadoria.

3.1.4 O instrumental da pesquisa:

No que se refere aos pregões pós-modernos, a observação foi o principal procedimento utilizado para obtenção dos dados. Escolheu-se esse procedimento por ser uma atividade, que se bem planejada e definida, pode ser utilizada para registrar situações típicas de modo espontâneo. Esse motivo justifica também o porquê de não se ter gravado as elocuções, pois, gravação de longa distância seria inviável e inaudível e de perto, perderia a autenticidade. Ao final da observação, foram coletadas 40 elocuções, das quais 30 foram descritas e analisadas, por seleção aleatória.

Além da observação, foi utilizado um questionário para traçar o perfil dos pregoeiros pós-modernos (camelôs) que trabalham na Rua Grande, com o objetivo de compreender o contexto de produção de suas elocuções. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, que compreende a representatividade e não a exaustividade, foram selecionados também de forma aleatória, 20 informantes, para complementar os dados tanto da observação como dos questionários.

No que se refere aos *pregões tradicionais*, foram descritas e analisadas 21 elocuções, a maioria extraída do livro “Os pregões de São Luis”, de Bogéa e Vieira (1999), tendo em vista que como já explicado no Cap.2 “**Contextos sócio-históricos: os cenários dos enunciados do pregoeiro tradicional e do pregoeiro pós-moderno**”, eles raramente são vistos pelas ruas da cidade, principalmente, na Rua Grande.

3.1.5. Análise e interpretação dos dados

De posse dos dados, levantaram-se as categorias a serem analisadas, organizaram-se as regularidades existentes entre eles e apresentaram-se os resultados dispostos em gráficos. Procurou-se identificar nesses enunciados as regularidades das semelhanças e diferenças dos *pregões tradicionais* (**canto dos pregoeiros**), e *pregões pós-modernos* (**gritos dos camelôs**), buscando relacionar com a cultura e a identidade. Fez-se um levantamento do que é próprio dos *pregões tradicionais*, do que se repete com frequência entre eles, do que é próprio dos *pregões pós-modernos*, comparando os dois tipos de elocução sempre com base nos referenciais teóricos selecionados.

3.2. DADOS: *PREGÕES TRADICIONAIS E PÓS-MODERNOS*

O olhar pelo viés da Análise do Discurso tornou-se imprescindível para dar cor aos dados e justificar os enunciados pelo sentido marcado pela historicidade de onde se extrai a identidade cultural. Há uma fonte de espaços nessa historicidade marcada nesses dizeres. Não bastaria provar que o *pregão pós-moderno* é um gênero, levando em conta uma análise meramente linguística, mas levar em consideração que as manifestações linguísticas são geradas por essa fonte espacial, onde a palavra é afetada por uma variedade de fatores interrelacionados: ambientais, biológicos, psicológicos, evolutivos, históricos, sócio-culturais etc.

Significa dizer que os enunciados, e aqui tomando como corpus *os pregões tradicionais e os pregões pós-modernos*, trazem, pelo modo como são proferidos, traços da ideologia anunciada em atos que sempre estão ligados a uma prática. O ato de enunciar é individual, enquanto a prática é resultado da interpelação de um grupo sobre o indivíduo que assume a condição de sujeito. O ato é ligado a um falante, enquanto se reconhece que cada ato, e aqui o de fala, estará sempre impregnado do que os seus “iguais” fazem em comum naquilo que dizem. (ALTHUSSER, 1996).

Se dos espaços esses aspectos vão constituindo blocos que se interrelacionam, o que dizer dos blocos que constituem a identidade cultural? Por isso, o segundo capítulo dessa tese denominado “**Contextos sócio-históricos: os cenários dos enunciados dos pregoeiros tradicionais e dos pregoeiros pós-modernos**” sobre o objeto apregoado na voz dos pregoeiros denominou-se “coisa”, sob a perspectiva filosófica, o produto apregoado que deixa de ser meramente produto pelo que traz em si ao consumidor afetado em seus sentidos e em

sua identidade. Vê-se que pela carga exterior que as palavras recebem, pela interferência do mundo que padecem, os nomes podem galgar degraus dos sentidos da existência ou descer ao patamar da banalidade, impregnados que se tornam da intenção do falante. O contrário acontece com o *pregoeiro da pós-modernidade*.

Por esta razão, abriu-se aqui um espaço para esclarecer por que se fez uma ligação entre os espaços mentais definidos pela Linguística Cognitiva e a exterioridade manifestada nos textos, através do discurso. A maior ou menor frequência foi um caminho para identificar o que torna iguais os diferentes, ou melhor, o que é indício de uma prática num ato de fala, considerando essa prática o lugar discursivo da particularidade que é o grupo. Essa frequência é a manifestação discursiva.

Em função de se estar em busca das manifestações particulares, a primeira organização que se fez dos dados foi a atitude de categorizar *pregão tradicional e pregão pós-moderno*.

Quadro 1: Listagem dos pregões

| PREGÕES TRADICIONAIS | PREGÕES PÓS- MODERNOS |
|---|---|
| 01. <i>Quando o dia amanhece saio gritando o meu pregão; Meu pregão é minha prece, Prece, vida, meu irmão!</i> | 01. <i>Você que fez chapinha, compre logo sua sombrinha para não ficar enroladinha.</i> |
| 02. <i>Compra ouro, compra prata, compra chumbo, compra roupa velha, compra guarda chuva velho, compra sombrinha, compra tudo... compra até bicho, freguês!...</i> | 02. <i>Segura o guarda-chuvinha, olha a chapinha!</i> |
| 03. <i>Olha a laranja D. Arcanja. É doce que é uma beleza, D. Tereza. Tem tangerina, D. Felismina.</i> | 03. <i>Aqui tem promoção e tem pra mocinha.</i> |
| 04. <i>É caranguejo não é peixe, caranguejo peixe é. Se ele não fosse peixe, não morava na maré."</i> | 04. <i>Vida de camelô não é sopa. Ajude, compre logo sua roupa.</i> |
| 05. <i>Peixe fresco!... Tainha fresquinha do Caju⁵⁹ bandeirada ou Cangatã da Madre Deus⁶⁰ Olha o Peixe Pedra de Ribamar⁶¹. Peixe fresco!..</i> | 05. <i>Enquanto São Pedro está zangado, vá tomando um suco gelado</i> |
| 06. <i>Pamonha... Pamonha...!</i> | 06. <i>Com esse colar sua mãe vai ficar uma gata.</i> |

⁵⁹ Caju é uma ilha situada no município de Araisos no Maranhão.

⁶⁰ É um bairro tradicional localizado no Centro da cidade de São Luís.

⁶¹ São José de Ribamar é um município do Maranhão, bem próximo à capital.

| | |
|--|--|
| 07. <i>Aê mingau de milho! Aê, mingau da hora. Vem comer; olha crianção! Tá quentinho.</i> | 07. <i>Vem pra moda! Vem pra moda você também</i> |
| 08. <i>Caranguejo gordo, olha o caranguejo, freguês.</i> | 08. <i>Oh Dona Maria! Não esqueça de comprar sua bacia.</i> |
| 09. <i>Olha o jornal!... Imparcial, Estado. Olha o Jornal, Jornal Pequeno, traz notícias do mundo inteiro. Olha o jornal!...</i> | 09. <i>Não jogue seu vintém fora, aproveite as promoções da Aurora.</i> |
| 10. <i>Arroz-de-cuxá!...Chega, freguês!... Tá quentinho!...</i> | 10. <i>Para o seu marido dar no couro, só tomando nossa porção de ouro.</i> |
| 11. <i>Roleta de cana. É de cana caiana. Olha o rolete. Roleta ... de cana!</i> | 11. <i>Olha a camisinha! Olha a camisinha do celular, pro seu bichinho preservar (não arranhar).</i> |
| 12. <i>A – ça – a – í! A – ça – a – í. Olha a juçara, freguês!... A – ça – a – í... A – ça – a – í...</i> | 12. <i>Olha o amendoim do Seu Ribamar para o seu marido esquentar.</i> |
| 13. <i>Olha o camarão, freguês... É só graudão, do Pau Deitado⁶². Camarão!...</i> | 13. <i>Gatinha pode olhar, mas só leva se pagar.</i> |
| 14. <i>Sorvetel!..... Sorvete de coco! Sorvete de coco e taperebá!...</i> | 14. <i>Não leve gato por lebre, só aqui tem produtos originais.</i> |
| 15. <i>Pirulito!... Pirulito!...</i> | 15. <i>Mate dois coelhos de uma cajadada só, leve o xampu que também é condicionador.</i> |
| 16. <i>Derré... é... só!... Derré... é... só!...</i> | 16. <i>Quem quebra galho é macaco gordo. Prefira sempre o CD original.</i> |
| 17. <i>Carvoeiro!.... Carvoeiro!....</i> | 17. <i>Atenção apaixonados! Sele o seu amor usando os envelopes da Leonor.</i> |
| 18. <i>Pamonha... Pamonha... Tá quentinha! A pamonha só é boa, quando feita por Didinha”</i> | 18. <i>Alô, alô minha gente! Mate gelado com limão sua louca sede de verão.</i> |
| 19. <i>Verdureiro!... Verdureiro chegou....Olha aqui o verdureiro, freguesa!</i> | 19. <i>Seu desodorante não dá mais conta, seja tradicional, use minâncora, a sua amiga leal.</i> |
| 20. <i>Olha o mingau gostoso, saboroso. Feito na base do vinho de coco. Vem comer minha gente, que o bicho ta petitoso!</i> | 20. <i>Você moça solteira que passou dos 30, não fique a ver navios, temos a solução para o seu coração. Leve agora a simpatia que desencalha titia.</i> |
| 21. <i>Amolador ... Olhe o amolador... Que afia tudo, p’ra lhe dar valor”</i> | 21. <i>Ei, você de amarelo, venha comprar seu novo chinelo!</i> |
| | 22. <i>Se eu fosse você, pra deixar minha mãe mais bonita (feliz), ia à banca do Luiz.</i> |
| | 23. <i>Para o seu amor ficar quentinho, dê a ele um moletonzinho!</i> |
| | 24. <i>Ei Princesa?... É você mesmo! Você! Olha que cordão lindo! Bonito né? Vai ficar lindo... Vai ficar mais bonito ainda no teu pescoço... Você vai ficar parecendo uma princesa. Aproveita. Tá baratinho... Compre princesa.</i> |
| | 25. <i>Olha a salada de frutas... É uma delícia. Tá fresquinha! Quantos copos? Quantos</i> |

⁶² É um município maranhense

| | |
|--|--|
| | <i>copos? Vamos aproveitar, tá terminando. Essa é a salada mais gostosa da ilha. Olha a salada... mamão, banana, laranja... tudo fruta docinha que é uma uva... Tá baratinho... um copo é um real. Organiza a fila. Calma. Calma. Dá pra todo mundo... não empurra... não empurra... Olha a salada.</i> |
| | <i>26. Aqui! Aqui! Capa pra celular! Vamos aproveitar a promoção do dia! A promoção do natal! Aqui moça bonita não paga, mas também não leva. Morena bonita só paga 5 pratinha pra deixar seu celular na moda. Aproveita, porque é só hoje!</i> |
| | <i>27. Vamo lá... vamo lá... Eita vida de cão!... mas é assim mesmo... hoje eu quero voltar cedo pra casa... por isso vamos aproveitar a promoção... tem cinto de couro, carteira, porta-cédula, sandália... tudo na banca, hoje, é só dez reais. Neste natal eu quero garantir o pão.</i> |
| | <i>28. Bom dia, Dona Maria! Hoje é o dia de aproveitar... Venha e aproveite a promoção de bolsas... Se você dona Maria anda bem da cabeça, não pode perder essa promoção... aproveite... Venha... venha”.</i> |
| | <i>29. Óculos... relógio... despertador... tudo baratinho... compre agora e economize o seu suor....</i> |

3.2.1. Características gerais da intencionalidade do pregoeiro tradicional

Depois da leitura dos pregões tradicionais, buscando identificar as regularidades entre eles, ou seja, o que os torna um gênero, tendo em vista características que demonstram um mesmo modo de dizer, foram identificadas algumas atitudes do pregoeiro, como a de apregoar o próprio ato de vender e a de especificar a coisa vendida. Para a primeira, foi criada uma categoria denominada **referência geral** e para a segunda **referência específica** como demonstra o gráfico a seguir: a laranja, a tangerina, o carvão, o arroz de cuxá, a pamonha, o mingau de milho, a verdura, o sorvete de coco, o rolete de cana, derressó, o camarão, a laranja de Anajatuba⁶³

⁶³ Município maranhense

Quadro 2: Listagem dos pregões que contêm a categoria **referência geral**

| REFERÊNCIA GERAL |
|---|
| 01. Quando o dia amanhece saio gritando o meu pregão ; Meu pregão é minha prece, Prece, vida, meu irmão! |
| 02. Compra ouro , compra prata , compra chumbo , compra roupa velha , compra guarda chuva velho , compra sombrinha , compra tudo... compra até bicho , freguês!...” |

Quadro 3: Listagem dos pregões que contêm a categoria **referência específica**

| REFERÊNCIA ESPECÍFICA |
|--|
| 01. Olha a laranja D. Arcanja. É doce que é uma beleza, D. Tereza. Tem tangerina , D. Felismina. |
| 02. Carvoeiro! Carvoeiro! |
| 03. Arroz-de-cuxá! ... Chega, freguês!... Tá quentinho!... |
| 04. Pamonha... Pamonha... ! |
| 05. Aê mingau de milho! Aê, mingau da hora. Vem comer; olha criança! Tá quentinho. |
| 06. Verdureiro! .. Verdureiro chegou....Olha aqui o verdureiro , freguesa! |
| 07. Sorvete! Sorvete de coco! Sorvete de coco! |
| 08. Rolete de cana , de cana caiana quem faz é Mariana. |
| 09. É o derressó , é o derressó minha gente, estou vendendo! |
| 10. Gente, vem comprar o camarão , oh gente, vem comprar o camarão pra fazer o cozidão. |
| 11. Laranja de Anajatuba. Quem não comprar fica com curuba. |

3.2.2 Marcas linguístico-estilísticas dos pregões tradicionais

O segundo momento da leitura foi o de fazer um levantamento das marcas linguístico-estilísticas dos pregões, para identificar as que se repetem com maior frequência a ponto de poderem ser inseridas na configuração de um gênero. Diante dessas marcas, foram levantadas as seguintes categorias: **repetição da coisa apregoada**, **ênfase à coisa apregoada**

pela inversão sintagmática, elementos descritivos da coisa apregoada e *presentificação* da coisa apregoada.

Quadro 4: Listagem dos pregões de acordo com as categorias elegidas acima

| REPETIÇÃO DA COISA APREGOADA | ÊNFASE À COISA APREGOADA PELA INVERSÃO SINTAGMÁTICA | ELEMENTOS DESCRITIVOS DA COISA APREGOADA | PRESENTIFICAÇÃO DA COISA APREGOADA E DO AUDITÓRIO |
|--|--|---|--|
| Pirulito!... Pirulito!... | Laranja de anajatuba, quem não comprar fica com curuba. | Olha a laranja D. Arcanja. É doce que é uma beleza, D. Tereza. Tem tangerina, D. Felismina. | Olha a laranja D. Arcanja . É doce que é uma beleza, D. Tereza . Tem tangerina, D. Felismina! |
| Carvoeiro!... Carvoeiro!... | Roleta de cana, de cana caiana quem faz é Mariana. | Caranguejo gordo... | Aê mingau de milho! Aê, mingau da hora. Vem comer; olha criança! Tá quentinho. |
| A – ça – a – í A – ça – a – í Olha a juçara , freguês!... A – ça – a – í... A – ça – a – í. | Ué mingau de milho... Ué mingau da hora, vem comer, olha, criança! | Peixe fresco! ... Tainha fresquinha do Caju bandeirada ou Cangatã da Madre Deus Olha o Peixe Pedra de Ribamar Peixe fresco! ... | Olha o jornal!...Imparcial, Estado, O Jornal, Jornal Pequeno, traz notícias do mundo inteiro. Olha o jornal!...” |
| Pamonha... Pamonha...! | É o derressó, é o derressó minha gente, estou vendendo! | Mingau de milho... tá quentinho. | Roleta de cana. É de cana caiana. Olha o rolete Roleta ... de cana! |
| Verdureiro!... Verdureiro chegou.... | É caranguejo não é peixe, caranguejo peixe é. | “Arroz de cuxá... tá quentinho. ” | A – ça – a – í A – ça – a – í Olha a juçara, freguês! |

| | | | |
|---|--|--|--|
| Olha aqui o verdureiro , freguesa! | | | A -ça -a -í! |
| Sorvete! Sorvete de coco! Sorvete de coco e taperebá! | | Rolete de cana é de cana caiana. | Olha o camarão, freguês... É só graudão, do “Pau Deitado” Camarão!.. |
| | | | Verdureiro!... Verdureiro chegou.... Olha aqui o verdureiro, freguesa! |
| | | | Peixe fresco!... Tainha fresquinha do Caju bandeirada ou Cangatã da Madre Deus. Olha o Peixe Pedra de Ribamar. Peixe fresco! |

Essas categorias foram criadas tendo em vista, ainda nesse momento de leitura, os estranhamentos que se manifestam em figuras de linguagem. Ainda, nesse momento, algo faz perceber que esses estranhamentos não acontecem no plano cognitivo da metáfora, mas, sobretudo, no eixo das **repetições e das inversões**. Há a ênfase da coisa apregoada que, pela inversão, é posta à frente de todo o enunciado e se repete ao final para conquistar uma rima ou para ser *presentificada*, convocando todo o espaço que carrega em si a relação de identidade compartilhada entre o pregoeiro e o seu interlocutor.

A **repetição da coisa apregoada** não só enfatiza o pregão, mas caracteriza a atitude de apregoar. Associada à rima, a repetição vai criando um eco da coisa apregoada: *pirulito/palito; camarão/cozidão*.



Figura 04 - Vendedor de camarão
Fonte: Bogéa e Vieira (1999).

*“Gente, vem
comprar o **camarão**.
Oh gente,
vem comprar o
camarão
pra fazer o cozidão.”*

A ênfase à coisa apregoada pela **inversão sintagmática** é uma ocorrência de *hipérbato* e este, por sua vez, é um recurso de *ênfase* tanto quanto as *descrições*. Tudo ressalta a coisa apregoada, cuja garantia de venda já está quase pronta esperando sua presentificação em horários geralmente marcados: **Olha o sorvete...**, **Olha o camarão...** **Olha a laranja...** O emprego do verbo “**olhar**” é um desses *recursos de presença*, tal como prevê a Nova Retórica. Quanto à ênfase em si, observando a elocução “*Laranja de Anajatuba quem não comprar fica com curuba*” chama-se atenção para a estrutura originária “Quem não comprar laranja de Anajatuba fica com curuba”, a fim de reconhecer como recurso linguístico a inversão do complemento verbal para enfatizar a coisa apregoada (de Anajatuba). Outro exemplo: “*Roleta de cana, de cana caiana, quem faz é Mariana*”. Desconstruindo o recurso de ênfase: “Quem faz roleta de cana é Mariana” ou “Mariana é quem faz roleta de cana”. Ou ainda: “*É o derressó, é o derressó minha gente, que estou vendendo*” desconstruindo: “Minha gente estou vendendo o derressó”.

Na configuração do gênero PREGÃO TRADICIONAL pode-se ver o enunciado centrado não na utilidade da coisa vendida, mas nela em si, com seus sabores, suas qualidades, seu horário de presença, mas antes por ser um nome próprio de um local que se configura como tal na coisa apregoada, que é incorporada a um recurso descritivo. Por exemplo: “*A laranja é doce que é uma beleza*”; “*O caranguejo é gordo*” “*O mingau de milho tá quentinho*”. No **pregão tradicional**, ou seja, no canto do pregoeiro, a presentificação da coisa apregoada se dá pelo emprego do verbo “Olhar”. Vejamos: “*Olha a laranja*”; “*Olha o jornal*”; “*Olha o rolete*”; “*Olha a jussara*”; “*Olha o camarão*”; “*Olha o verdureiro*”.

Outra marca desse gênero é a interação entre o pregoeiro e o auditório com o qual estabelece uma relação de proximidade: “Vem comer, olha, **criança**”; “Olha a laranja, **D. Arcanja, D.Teresa, D. Felismina.....**” “Olha o camarão, **freguesa**”. Essa relação de proximidade se reforça nas marcas de oralidade no diálogo que o *pregoeiro tradicional* mantém com seu interlocutor “*Tá quentinho*” “*É só graudão*”; “*É doce que é uma beleza*” “*Quem não comprar fica com curuba*”. “*O mingau é da hora*”. A tese não chega a criar uma necessidade, a necessidade é imanente ao camarão, ao mingau de milho, ao arroz de cuxá, à laranja, ao sorvete de coco, por uma questão de identidade. Faz parte da vida cotidiana de São Luís do Maranhão consumir as coisas apregoadas, sob o ponto de vista tradicional. Ser de São Luís é viver a experiência diária com esses sabores.

Diante disso, infere-se que o *pregoeiro tradicional* também argumentava, entretanto, não criava a necessidade da coisa porque ela fazia parte da vida cotidiana do auditório. Quem é de São Luís, já tem essa necessidade imanente. O auditório não precisa ser persuadido a escolher entre camarão, peixe ou caranguejo, mas entre o camarão graúdo e o miúdo, adjetivos que no plano da descrição são muito mais sedutores que persuasivos, porque o que o *pregoeiro tradicional* faz está mais no plano da sedução que da persuasão.

O *pregoeiro tradicional*, com isso, não criava a necessidade porque ela era imanente à coisa na relação identitária com o lugar; ele apregoava avisando passar com uma venda praticamente garantida, porque o locutor, no caso o *pregoeiro tradicional* que vendia o camarão, por exemplo, em uma determinada hora era o mesmo, assim como era o mesmo sorveteiro o que passava logo depois do almoço, isto é, cada pregoeiro tinha o seu horário numa determinada rua, o que favorecia que fosse mantido o mesmo auditório para o mesmo pregoeiro.

A relação do pregoeiro tradicional com o auditório, intermediada pela coisa apregoada, levanta outra questão que se impõe neste momento da análise: o *ethos*, ou seja, a imagem de si, no caso, a imagem do pregoeiro que no processo de venda é tão forte que muitas vezes ele apregoa a si mesmo.



Figura 05 - Vendedor de carvão
Fonte: Bogéa e Vieira (1999).

Quando o pregoeiro tradicional diz: “carvoeeeeeeeeeeeeeeiro!”, “verdureeeeeeeeeeeeeeeiro!”, “camarueeeeeeeeeeeeeeeiro!” O sufixo EIRO que se refere a quem pratica a ação, muitas vezes é só o que é ouvido no canto do pregoeiro, e apenas por esse EIRO, o auditório identifica se a coisa apregoada é a verdura, o carvão ou o camarão, em decorrência até do horário de sua passagem.

Por outro lado, os efeitos de sentido provocados pela coisa apregoada no auditório, cuja vida cotidiana é tecida pelas coisas da terra, levanta a questão do *pathos* que neste caso diz respeito ao auditório alimentado pela identidade contida nesses sabores.

3.2.3 Marcas linguístico-estilísticas dos pregões pós-modernos

O *pregoeiro da pós-modernidade*, num contexto diferente, faz um trabalho com a linguagem pelo qual a argumentação exige muito mais manobras linguísticas do que recursos descritivos, repetição, inversão, tal como se pode localizar nos *pregões tradicionais*. Se os *pregões tradicionais* não exigiam dos pregoeiros tanto trabalho com a linguagem, os *pregões pós-modernos* exigem. E o fazem porque não há a coisa apregoada neste contexto, há sim uma necessidade criada pela retórica, um processo de invenção da utilidade daquilo que, sem a substância do lugar, organiza-se e emerge do desencaixe entre tempo e espaço.



Foto 15 – Variedade de produtos vendidos na Rua Grande (2010).
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

O *pregoeiro pós-moderno* preenche com a linguagem o lugar do tempo e do espaço esvaziados pela globalização. Se ele não vende a coisa apregoada, a qual contém a totalidade ou a universalidade e se a relação do objeto vendido não é de identidade partilhada com o consumidor, se o que ele expõe na sua banca é tudo, uma mistura - a todidade - o que o *pregoeiro pós-moderno* vende é o “nada”, para o qual ele tem que se valer da retórica para inventar sua utilidade.

O motivo para realização da venda do *pregoeiro pós-moderno* é o interesse que não está mais na “coisa”, mas na venda da mercadoria. Muitas vezes a fala do *pregoeiro* dos dias atuais se concentra somente na ação de vender. Ou seja, o motivo da venda está fora da “coisa”, porque a “coisa” está corrompida pelo interesse do camelô. A mercadoria assume uma visão utilitária que está fora do eixo da identidade. Do lado do *pregoeiro tradicional* existe a questão da identidade e do lado do *pregoeiro pós-moderno* existe a questão da utilidade.

O *pregoeiro da pós-modernidade* faz uso dos estranhamentos não mais para presentificar a coisa apregoada, à semelhança do *pregoeiro tradicional*, mas para realizar linguisticamente uma ação: a venda da mercadoria. O *pregão pós-moderno* é um exemplo dessa capacidade que o falante (camelô) tem trabalhado para suprir seus desafios no mundo

onde a configuração espacial interfere sobremaneira sobre esses atos.



Foto 16 – Consumidores à procura de sombrinha na Rua Grande. (2010).

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Na elocução, **Você que fez chapinha, compre logo sua sombrinha para não ficar enroladinha**, chapinha rima com sombrinha e com enroladinha. Esse efeito, que nos três casos é um efeito sonoro que gera um paralelismo na elocução, de certa forma, intriga o ouvinte porque o sufixo “INHA”, que normalmente traria a ideia de diminutivo, chega ao enunciado sem ela. Chapinha não é mais uma chapa pequena, sombrinha não é uma pequena sombra.

Chapinha não é mais uma chapa pequena, sombrinha não é uma pequena sombra. Por sua vez, em enroladinha, o INHA se trata de um intensificador. O jogo sonoro se reforça no ritmo que também é similar e chega ao ápice tônico na sílaba PI de chapinha, BRI de sombrinha e DI de enroladinha. Percebe-se, ainda, que esse ápice tônico se constitui da vogal I que sugere apito, zumbido, agudez de uma sirene que indica o risco ou alguma emergência. Não basta identificar nesta fala uma rima, mas, pensar nos efeitos de sentido desse jogo estilístico e procurar entender porque tais efeitos e não outros a partir de sua constituição.

As questões linguístico-estilísticas chamam atenção para outras questões da emergência que provocam a sensação de urgência no auditório. Enquanto o ápice tônico “apita” na letra I de chapInha, de sombrInha e enroladInha, outro recurso dessa mesma urgência aparece cumprindo também seu papel no paralelismo do ritmo. Estamos nos referindo ao advérbio de tempo LOGO, em “... compre logo sua sombrinha”. Essa ideia indica a ideia da imediatez, da urgência, da emergência criada pela linguagem para evitar o risco de ficar enroladinha. A linguagem, nesse caso, oferece sua mágica capacidade de integrar. Enroladinha é uma imagem comum que diz respeito a cabelos crespos, e uma metáfora de

situação problemática, embaraçosa. Num enunciado relativamente curto uma palavra sugere, pelo menos, três tipos de problemas que a compra da sombrinha pode evitar: o primeiro diz respeito à beleza do cabelo. É senso-comum, é cultural dizer que cabelo bonito é cabelo liso. Não entraremos nas causas e determinações históricas desse discurso.

Quem faz chapinha o faz, no mínimo, para parecer diferente do que é. Ou seja, quem faz chapinha está com o cabelo liso, mas, na verdade, tem cabelo crespo, enrolado, pixaim. Uma das condições de garantir a chapinha é manter os cabelos secos. Molhando, o cabelo deixa de ficar liso e volta a sua condição natural. Primeira consequência constrangedora: voltar a parecer no modo como não gostaria de ser. Segundo constrangimento: a chapinha tem um preço para ser feito. Perdendo seu efeito há um prejuízo. Terceiro constrangimento: fazer chapinha exige tempo: perder o seu efeito é perder tempo.

Na verdade, todo trabalho realizado no plano linguístico-estilístico gira em torno da palavra chapinha. Tanto que é essa palavra que vem no início da elocução evocando o auditório que faz uso da chapinha. Esse auditório não pode ficar “enroladinho” porque precisa garantir a beleza dos cabelos pelo discurso da necessidade do cabelo liso e porque não pode ter prejuízo nem de dinheiro, nem de tempo. Então o mesmo auditório precisa de uma sombrinha, cuja utilidade o pregoeiro da pós-modernidade cria linguística e argumentativamente por um outro caminho discursivo que não é a iminência da chuva, mas, a garantia da chapinha. Ao invés de o pregoeiro pós-moderno dizer “Compre sombrinha porque vai chover” ele diz “Você que fez chapinha compre logo sua sombrinha para não ficar enroladinha”.

Supondo que a sombrinha fosse uma coisa apregoada aos moldes do pregoeiro tradicional, supondo também que essa coisa apregoada fizesse parte da vida da ilha de São Luís, com certeza, ele apregoaria a sombrinha de outra forma, a partir de outro gênero determinado por outro contexto. Talvez algo como: “Sombriiiiiiiiiiiiiiiiiinha!”, sombrinha vermelha, D. Teresa, Sombrinha branca D. Bianca. Hoje vai chover! Olha a sombrinha freguesa!”. Mas não. O contexto é outro. A maioria das freguesas nem ficam mais o dia inteiro em casa. A sombrinha não faz parte da vida diária do lugar. O pregão não é mais tradicional. É pós-moderno.

Abaixo, o quadro é demonstrativo dos recursos argumentativos identificados nesses enunciados, os quais incluem além dos estranhamentos, **o recurso de presença do objeto, a mercadoria, o conhecimento do auditório e o senso comum.**

Quadro 5: Listagem dos pregões que contêm recurso de presença, conhecimento do auditório

| RECURSO DE PRESENÇA | CONHECIMENTO DO AUDITÓRIO | SENSO -COMUM |
|--|---|--|
| <p>Ei Princesa?... É você mesmo! Você! Olha que cordão lindo! Bonito né? Vai ficar lindo... Vai ficar mais bonito ainda no teu pescoço... Você vai ficar parecendo uma princesa. Aproveita. Tá baratinho... Compra, princesa.</p> | <p>Olha o amendoim do Seu Ribamar para o seu marido esquentar.</p> | <p>Olha o amendoim do Seu Ribamar para o seu marido esquentar.</p> |
| <p>Ei você de amarelo venha comprar seu novo chinelo!</p> | <p><i>Oh Dona Maria! Não esqueça de comprar sua bacia.</i></p> | <p>Para o seu marido dar no couro, só tomando nossa porção de ouro.</p> |
| <p>Olha a camisinha! Olha a camisinha do celular, para o seu bichinho preservar (não arranhar).</p> | <p>Você moça solteira que passou dos 30, não fique a ver navios, temos a solução para o seu coração. Leve agora a simpatia que desencalha titia.</p> | <p>Você moça solteira que passou dos 30, não fique a ver navios, temos a solução para o seu coração. Leve agora a simpatia que desencalha titia.</p> |
| <p>Olha a salada de frutas... É uma delícia. Tá fresquinha! Quantos copos? Quantos copos? Vamos aproveitar, tá terminando. Essa é a salada mais gostosa da ilha. Olha a salada... mamão, banana, laranja... tudo fruta docinha que é uma uva... Tá baratinho... um copo é um real. Organiza a fila. Calma. Calma. Dá pra todo mundo... não empurra... não empurra... Olha a salada.</p> | <p>Olha a salada... mamão, banana, laranja... Calma. Calma. Dá pra todo mundo... não empurra... não empurra.</p> | <p>Enquanto São Pedro está zangado, vá tomando um suco gelado</p> |
| | <p>Bom dia, Dona Maria! Hoje</p> | <p>Não leve gato por lebre só</p> |

| | | |
|--|---|--|
| | é o dia de aproveitar... Venha e aproveite a promoção de bolsas... Se você dona Maria anda bem da cabeça, não pode perder essa promoção. Aproveite... Venha... venha. | aqui tem produtos originais. |
| | | Você que fez chapinha, compre logo sua sombrinha para não ficar enroladinha. |

“Olha a salada de frutas... É uma delícia. Tá fresquinha! Quantos copos? Quantos copos? Vamos aproveitar, tá terminando. Essa é a salada mais gostosa da ilha. Olha a salada... mamão, banana, laranja... tudo fruta docinha que é uma uva... Tá baratinho... um copo é um real. Organiza a fila. Calma. Calma. Dá pra todo mundo... não empurra... não empurra... Olha a salada”. Nessa elocução, o vendedor refere-se à sua mercadoria argumentando ser uma delícia e fazendo uso da metonímia, **“Quantos copos?”** **“E um copo é um real”**. Nesse caso, o vendedor troca o continente pelo conteúdo. Esta figura de linguagem – metonímia - possui a função de economia, haja vista que o substituto é menos extenso que o substituído (copos por copos de salada de frutas).

Trata-se de um processo de integração, pois, metonímia é integração. O locutor integra o todo em uma parte só. Ele tem a salada que é servida no copo, portanto, copo é parte do todo que é a salada. No momento em que o pregoeiro está dizendo *“mamão, banana, laranja... docinha que é uma uva...”*, ele usa inconscientemente um processo cognitivo gestáltico. A banana se transforma em figura, a uva se transforma em figura como metáfora *“... como uma uva”*. O locutor descreve cognitivamente redes pequenas de teorias de referenciação e de aquisição a fim de criar um processo argumentativo que também é um recurso de presença. Ele expõe a mercadoria em vários *displays* mentais (tem banana, tem mamão, tem laranja). Se o consumidor gosta de uma dessas frutas ou de todas ele compra a salada persuadido pelo *recurso de presença*, pois, todo enunciado que tem a finalidade persuasiva tem *recurso de presença*, que pode, pela definição linguística, até ter outro nome.

Observou-se, também, nesse caso, a presença de outra metonímia – **“É a salada mais gostosa da ilha!”** – o discurso ganha um acréscimo de significação, que não seria possível se fosse usado o enunciado não metonímico. O locutor/vendedor ao utilizar a palavra **“ilha”** em

substituição ao nome da capital do Maranhão – São Luís, no ato enunciativo, além de afirmar um fato, também designa um juízo de valor sobre o fato. É, também, característico da metonímia o potencial modificador da mensagem, relativo ao próprio enunciado. Neste caso, o termo substituído é o próprio referente, ou seja, a cidade de São Luís.

Percebe-se também o uso da figura de linguagem metáfora: **“docinha que é uma uva.”** funcionando como um meio para melhor informar o consumidor. Ela sugere um domínio conhecido, nesse caso a uva, para dele se extrair um *frame* (*doce, docinha*) que possa tornar mais fácil o acesso ao que se quer comunicar. Além disso, de modo simplista, pode-se dizer que esse **“que”** em **“docinha que é uma uva”**, pode ser dito assim **“docinha como é uma uva”**, portanto uma comparação metafórica, se assim se pode dizer.

“Olha o amendoim do Seu Ribamar para o seu marido esquentar”. Nesta elocução há uma alusão à crença popular de que o amendoim é afrodisíaco, aumenta o apetite sexual masculino. A esposa, levando esse produto ao marido aumentaria, pois, suas possibilidades de manter relações com ele. Novamente aparece a rima (Ribamar / esquentar) para reforçar o sentido. Aqui, o recurso do *senso comum cultural* é reforçado pela metáfora *esquentar*, uma metáfora primária: AFFECTION IS WARMTH (AFETO É QUENTE), a partir da experiência infantil de a criança sentir o afeto do adulto ao ser abraçada e integrar esse afeto ao calor corporal sentido (cf. Lakoff and Johnson, 1980, p.50). Como no relacionamento sexual há aumento de temperatura, o calor é intensificado.

“Não leve gato por lebre, só aqui tem produtos originais”. Nesse pregão é necessário conhecer o adágio popular. Há tanto o pressuposto de que outros vendedores enganam os clientes, impingindo produtos falsificados como o de que somente o autor do pregão é confiável. Trata-se de um apelo ao valor segurança dos compradores. Há a *integração conceptual* da lebre aos produtos vendidos pelo autor do pregão, ficando subentendida a integração do gato aos produtos dos concorrentes.

3.2.4 Marcas cognitivo-argumentativas dos pregões pós-modernos

Neste momento cumpre-nos chamar atenção para o seguinte: Os recursos argumentativos que estão negritados, nas diferentes colunas do gráfico anterior, restringem-se ainda às questões linguístico-estilísticas dos *pregões tradicionais*. Já se disse que a sofisticação desses recursos vai se refinando, cada vez mais, porque não basta vender o produto, mas, criar sua necessidade.

No processo de criação é perceptível a integração que ocorre de vozes e ideologias, muitas próprias do senso comum, as quais são convocadas na construção retórica. Abaixo se propõe uma análise dos *pregões pós-modernos* com base nos pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva. Tentou-se buscar nesses enunciados as principais categorias trabalhadas na Linguística Cognitiva: **os espaços mentais e os *space builders*, os esquemas imagéticos, o processo de integração** e como parte desse processo, no quadro após o que segue **a metáfora e a metonímia**.

Quadro 6: Quadro demonstrativo dos *space builders*, dos esquemas imagéticos e do processo de integração presentes nos pregões pós-modernos

| SPACE BUILDERS | ESQUEMA DE IMAGEM/PERCURSO | PROCESSO DE INTEGRAÇÃO |
|--|---|--|
| Você que fez chapinha , compre logo sua sombrinha para não ficar enroladinha . | Você que fez chapinha, compre logo sua sombrinha para não ficar enroladinha . | Ei Princesa?... É você mesmo! Você! Olha que cordão lindo! Bonito né? Vai ficar lindo... Vai ficar mais bonito ainda no teu pescoço... Você vai ficar parecendo uma princesa . Aproveita. Tá baratinho... Compre princesa |
| Com esse colar sua mãe vai ficar uma gata! " | Lute pelo seu marido, não deixe a amante vencer. Dê a ele o chá sossega marido, só vende aqui na banca do Juraci. | Olha a salada de frutas... É uma delícia. Tá fresquinha! Quantos copos? Quantos copos? Vamos aproveitar, tá terminando. Essa é a salada mais gostosa da ilha. Olha a salada... mamão, banana, |

| | | |
|---|--|---|
| | | laranja... tudo fruta docinha que é uma uva... Tá baratinho... um copo é um real. Organiza a fila. Calma. |
| Enquanto São Pedro está zangado, vá tomando um suco gelado! | Vem para moda , vem pra moda você também. | |

Tomando como referência a mesma elocução, analisada acima, **Você que fez chapinha, compre logo sua sombrinha para não ficar enroladinha**, pode-se dizer que o *space builder* são os construtores de espaço desencadeados pelas relações de sentido no interior do gênero. Por exemplo, a relação entre *chapinha* e *enroladinha* constrói o espaço de utilidade da sombrinha pelo viés do discurso da beleza do cabelo liso. O *esquema de percurso* convoca o auditório a se deslocar de um lugar cultural a outro pela compra de um determinado produto, cujo uso confere algum prestígio social e o *esquema de imagem* sugere pela atitude de compra a garantia de um lugar de prestígio construído socialmente.

As palavras “chapinha” e “enroladinha” funcionam como *construtores de espaços mentais* e os significados que delas emanam/derivam ou que a eles se somam seriam um novo *espaço mental* por elas ativado. Nessa frase, o termo *chapinha* remete, por metonímia, ao procedimento de alisar o cabelo e não ao objeto utilizado para a realização do procedimento.

Há também a presença de um *esquema de imagem*: parte/todo. Aqui o sentido de enroladinha não diz respeito apenas ao encolhimento do cabelo, mas à condição psicológica, emocional em que a mulher vai se encontrar se a chuva molhar seus cabelos e os encrespar (enrolar). Assim, além de ter seus cabelos enrolados, a mulher poderá ficar enrolada no sentido de embaraçada, atrapalhada, constrangida.

A funcionalidade desse trajeto cognitivo está em argumentar, persuadir a consumidora a adquirir a sombrinha, uma vez que o vendedor torna a sombrinha um produto de primeira necessidade, capaz de eliminar qualquer risco de prejuízo financeiro e/ou estético.

No enunciado, **Com esse colar sua mãe vai ficar uma gata**, o termo *gata* funciona como um *space builder*, aliciando valores como beleza, elegância, graciosidade e apelo sexual. O objetivo do vendedor não é pôr foco no valor da relação de amor filho(a) - mãe e sim dizer que sua mãe pode estar nova, bonita e sensual.

Para Fauconnier e Turner (2002, p.40), "*Espaços mentais são pequenos pacotes conceituais construídos quando pensamos e falamos, com o propósito de entendimento*

específico e ação. "**Enquanto São Pedro está zangado, vá tomando um suco gelado!** Tem-se nesta elocução uma demonstração desses pacotes mentais, pois o passante, ao escutar essa elocução, já ativa, em sua mente, **um espaço mental** que carrega a crença popular folclórica de que São Pedro é o responsável direto pelos fenômenos meteorológicos do mundo. Quando zangado, pode negar às pessoas a necessária chuva. Em função disso, o ouvinte é capaz de prever ou deduzir o que leva o camelô a usar a figura de São Pedro como argumento para vender seu produto – o suco -, apesar de ele só aparecer no final da elocução. Devido à falta de chuvas, o sol está escaldante, o calor insuportável, daí a necessidade de um suquinho para refrescar. Para entendimento desse pregão, necessário se faz que o ouvinte, possível comprador, tenha conhecimento do dito popular que atribui a São Pedro a possibilidade de ordenar a chuva. No final, a culpa recai sobre São Pedro que, por estar zangado, não manda chuva.

As metáforas conceptuais estruturais, segundo Lakoff e Johnson, são aquelas em que um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro, ou seja, evoca-se um conceito para falar de outro. Um exemplo disso seria a metáfora AMOR É GUERRA, observada na elocução "**Lute pelo seu marido, não deixe a amante vencer. Dê a ele o chá sossega marido, só vende aqui na banca do Juraci**", em que se utiliza do campo semântico *guerra* para falar sobre *amor*. O pregão impõe o pressuposto de que o marido já tem uma amante e de que a compradora tem condições de trazê-lo de volta para si. Há aqui o esquema de imagem DINÂMICA DE FORÇAS (FORCE-DYNAMICS). A aquisição do chá é uma arma que pode fazer da mulher a controladora, tornando a amante uma antagonista derrotada.

Há, também, o efeito sonoro da rima: aqui / Juraci.

Na elocução "**Vem pra moda! Vem pra moda você também.**", há a presença de um esquema de percurso - *SOURCE-PATH-GOAL SCHEMA*. Neste caso a expressão "Vem pra moda" passa a ser compreendida por intermédio do domínio concreto das experiências de deslocamento físico entre dois pontos no espaço. Sua base categorial é a imagem-esquema: ORIGEM-TRAJETO-META (*source-path-goal schema*) que deriva dos deslocamentos corporais dos indivíduos no mundo, que ao saírem de um lugar para chegar a outro, passam por lugares intermediários e seguem a um determinado destino. Neste caso, valorizando o destino (MODA) como coisa boa e desejável. Existe neste pregão pós-moderno uma polifonia, tendo em vista que ele se sustenta na propaganda da Caixa Econômica Federal "Vem pra caixa você também".

Na elocução, "**Ei Princesa?... É você mesmo! Você! Olha que cordão lindo!**

Bonito né? Vai ficar lindo... Vai ficar mais bonito ainda no teu pescoço... Você vai ficar parecendo uma princesa. Aproveita. Tá baratinho... Compra princesa". O vendedor designa o seu alvo de princesa, fazendo uma referência à mulher bonita, elegante. Esse recurso linguístico da atribuição da imagem de uma princesa a uma mulher comum, além de construir uma metáfora (parecendo uma princesa = como uma princesa) é usado para melhor persuadir a consumidora.

Ainda, nessa elocução, pode-se trabalhar com o conceito de Integração do Fauconnier. Ocorre nesse pregão uma integração temporal entre a princesa que a possível consumidora não é ou a pouca princesa que ela é, e a princesa que ela poderá ser, depois da aquisição do colar. "... *você vai ficar parecendo uma princesa, compra princesa*". O locutor já a chama de princesa, ou seja, ele faz uma integração daquilo que ela não é, e do que ela poderá vir a ser depois do colar. É um processo de integração comum.

Com as lentes focadas para a Retórica, de acordo com Perelman, pode-se dizer que na elocução acima, o locutor cria um recurso de presença que tem uma função persuasiva. O locutor trabalha com valores de outra pessoa. Toda mulher gosta de ser chamada de princesa. Desde criança as meninas brincam de princesinha.

Quadro 7: Quadro demonstrativo das metáforas e metonímias presentes nos pregões pós-modernos

| METÁFORAS | METONÍMIAS |
|---|--|
| Você que fez chapinha, compre logo sua sombrinha para não ficar enroladinha . | Mulher bonita não paga , mas também não leva . (efeito pela causa) |
| Com esse colar sua mãe vai ficar uma gata! | Você que fez chapinha , compre logo sua sombrinha para não ficar enroladinha". |
| Olha o amendoim do Seu Ribamar para o seu marido esquentar . | Olha a salada de frutas... É uma delícia. Tá fresquinha! Quantos copos? Quantos copos? Vamos aproveitar, tá terminando. Essa é a salada mais gostosa da ilha . |
| Para o seu amor ficar quentinho , dê a ele um moletonzinho! | Vem para moda, vem pra moda você também |
| Lute pelo seu marido, não deixe a amante vencer. Dê a ele o chá sossega marido, só | Aqui! Aqui! Capa pra celular! Vamos aproveitar a promoção do dia! A promoção |

| | |
|--|---|
| vende aqui na banca do Juraci. | do natal! Aqui moça bonita não paga , mas também não leva . Morena bonita só paga 5 pratinha pra deixar seu celular na moda. Aproveita, porque é só hoje! |
| Compre os melhores óculos da praça, qualidade é lá em cima . Bom dia, Dona Maria! Hoje é o dia de aproveitar... Venha e aproveite a promoção de bolsas... Se você dona Maria anda bem da cabeça , não pode perder essa promoção... aproveite... Venha... venha. | Vamo lá... vamo lá... Eita vida de cão!... mas é assim mesmo... hoje eu quero voltar cedo pra casa... por isso vamos aproveitar a promoção... tem cinto de couro, carteira, porta-cédula, sandália... tudo na banca, hoje, é só dez reais. Neste natal eu quero garantir o pão . |
| Ocupe-se. Olha a linha do crochê! É melhor fazer crochê, pois mente vazia é oficina do diabo . | Óculos... relógio... despertador... tudo baratinho... compre agora e economize o seu suor ... |
| Olha a salada... mamão, banana, laranja... tudo fruta docinha que é uma uva ... | Se eu fosse você, pra deixar minha mãe mais feliz, ia à banca do Luiz. |
| Segura o guarda-chuvinha, olha a chapinha! | Bom dia, Dona Maria! Hoje é o dia de aproveitar... Venha e aproveite a promoção de bolsas... Se você dona Maria anda bem da cabeça, não pode perder essa promoção... aproveite... Venha... venha. |
| Ei Princesa?... É você mesmo! Você! Olha que cordão lindo! Bonito né? Vai ficar lindo... Vai ficar mais bonito ainda no teu pescoço... Você vai ficar parecendo uma princesa . Aproveita. Tá baratinho... Compra princesa . | |

“**Para o seu amor ficarquentinho, dê a ele um moletonzinho!**” Percebe-se nessa fala a presença de uma metáfora conceptual ou primária, AFETO É QUENTE. Se o seu amor ficarquentinho, implica que ficará também carinhosinho, amável, enfim, “cheio de amor para dar”.

Na elocução, **“Mulher bonita não paga, mas também não leva”**, está presente uma forma de sedução da mulher quando o camelô diz: “Mulher bonita não paga, mas também não leva”, ele usa a metonímia quando substitui comprar por levar, porque só leva quem compra.

Na elocução **“Compre os melhores óculos da praça, qualidade é lá em cima”**, há a presença de uma Metáfora Primária Conceptual Orientacional - BOM É PARA CIMA. As metáforas orientacionais organizam um sistema de conceitos uns com relação aos outros. Elas têm relação com o campo espacial, tais como: para cima – para baixo, dentro – fora, frente – trás, em cima – em baixo, central – periférico, fundo – raso. Segundo os autores, nossos conceitos são corpóreos.

“Ocupe-se. Olha a linha do crochê! É melhor fazer crochê, pois mente vazia é oficina do diabo”. Neste pregão pós-moderno tem-se a presença da metáfora A MENTE É UM RECIPIENTE. Este adágio popular sugere que as pessoas desocupadas, ociosas, que estão com a mente vazia (recipiente) ocupam esse espaço com pensamentos e atitudes negativas. Percebe-se também, a presença do discurso religioso, quando apela para a figura do diabo.

No pregão **“Se eu fosse você, pra deixar minha mãe mais feliz, ia à banca do Luiz.”**, o pregoeiro cria um efeito sonoro de rima feliz / Luiz para reforçar o sentido pretendido. Trata-se de criar, por metonímia, uma relação entre a banca (do Luiz), local onde se vendem revistas, e tudo aquilo que se pode lá adquirir para agradar a mãe, como publicações femininas, de fofocas etc. É claro que o preenchimento desse *espaço mental* depende da memória e da imaginação do enunciatário.

“Óculos... relógio... despertador... tudo baratinho... compre agora e economize o seu suor...”. A palavra **“suor”**, nesse pregão, pode ter dois significados subentendidos: o primeiro pode designar o desgaste físico que o consumidor pode ter ao andar muito atrás de um objeto, e não encontrar mais barato que o sugerido pelo indivíduo da enunciação, ou pode referir-se, simplesmente, à economia financeira.

A figura aqui observada é a metonímia, a palavra **“suor”** pode conter diversos subentendidos, entretanto, percebe-se a relação de efeito, pela causa que nomeia ou indica a causa por meio do seu efeito (em que o efeito, **“suor”**, designa as causas subentendidas acima citadas).

“Aqui! Aqui! Capa pra celular! Vamos aproveitar a promoção do dia! A promoção do natal! Aqui moça bonita não paga, mas também não leva. Morena bonita só

paga 5 pratinha pra deixar seu celular na moda. Aproveita, porque é só hoje!". Nesse exemplo a metonímia acontece quando o vendedor substitui "comprar" por "levar". Essa figura sensibiliza a mulher, pois faz referência à sedução feminina, ao mesmo tempo em que enfatiza a intenção do vendedor, que é vender suas mercadorias. Em seguida tem-se outra expressão metonímica: "*5 pratinhas*". Essa expressão faz referência à teoria dos protótipos das metonímias, que é aquela que se costuma nomear algumas partes de um todo como a parte mais representativa desse todo. Assim, o camelô, além de substituir, nomeou um determinado elemento (moedas), pela matéria ou substância do qual ele é feito (pratinhas, palavra que deriva de prata).

Neste pregão, "*Vamo lá... vamo lá... Eita vida de cão!... mas é assim mesmo... hoje eu quero voltar cedo pra casa... por isso vamos aproveitar a promoção... tem cinto de couro, carteira, porta-cédula, sandália... tudo na banca, hoje, é só dez reais. Neste natal eu quero garantir o pão*". O vendedor começa seu discurso fazendo uma analogia de sua vida com a vida de um cão. De maneira geral, subentende-se que vida de cão não é nada boa. É uma vida sofrida. Tal associação remete a dois termos aproximados metonimicamente por terem forma ou aparência semelhante, neste caso a vida do camelô e a vida do cachorro. A expressão "*o pão*" representa alimento, ou mesmo a ceia de Natal. A metonímia que se realiza por meio da substituição da parte pelo todo.

"Bom dia, Dona Maria! Hoje é o dia de aproveitar... Venha e aproveite a promoção de bolsas... Se você dona Maria anda bem da cabeça, não pode perder essa promoção... aproveite... Venha... venha". Nesta elocução o camelô se refere a todas as mulheres pelo nome próprio de Maria, que por ser um nome muito comum, serve para designar as mulheres de forma geral. No campo metonímico um nome comum serve para nomear ou designar um ser específico no lugar do geral ou o ser geral no lugar do específico. "*... anda bem da cabeça*" é uma expressão metafórica, pois, nesse caso, o termo, ainda, é usado fora do sentido conotativo. Anda-se com as pernas e não com a cabeça. Esta metáfora funciona como uma ponte que liga domínios semânticos diferentes fazendo, assim, com que se percebam novos caminhos para a compreensão do sujeito. A metáfora quando utilizada nesse sentido serve para expandir os significados das palavras para além do literal, chegando ao sentido abstrato.

"... Pois o poeta Carlos Drummond já dizia rapaziada "somos noite"⁶⁴, e para

⁶⁴ Referência ao poema "Passagem da noite", de Carlos Drummond de Andrade, localizado no livro de poemas *A rosa do povo*, de 1945.

matar a tristeza dessa noite, só mesmo uma chuva de amor. Compre uma toalha felpuda, macia e gostosa". Início essa análise pela questão do *ethos*. O locutor desse prego se apresenta como alguém culto que acredita que o auditório é capaz de reconhecer essa sua qualidade e por isso deixar sua emoção aflorar, facilitando deste modo a venda. Ao dizer essa elocução, o locutor expressa em seu discurso o termo "somos noite" do consagrado poeta, para convencer, em primeiro lugar, e depois utiliza esse recurso para argumentar com seu receptor, que a toalha à venda vale a pena comprar, como ele diz "tudo é de boa qualidade e barato". Cumpre enfatizar, que o termo "somos noite", usado tanto por Carlos Drummond de Andrade, quanto pelo pregoeiro indica sentido figurado, tristeza, melancolia, desânimo, em outras palavras, a escuridão em que a pessoa se encontra por ter esses sentimentos. Observa-se que o locutor, logo em seguida, inteligentemente sabe persuadir e argumentar com seu interlocutor, apresentando a excelente ideia de que, para acabar com a tristeza, é necessário tomar uma "chuva de amor", e, conseqüentemente, aproveita a oportunidade para anunciar a qualidade da toalha, "felpuda, macia e gostosa". Assim, ele acaba convencendo o seu receptor a comprar o produto, pois para extinguir a tristeza do ser humano ("somos noite"), basta tomar banho com o amor e depois enrolar-se numa toalha, com essas qualidades todas.

"Se levar tudo, já é seu, pode usar, pode manchar e pode abusar". Uma figura marcante neste enunciado é a anáfora, que consiste na repetição de uma ou mais palavras para enfatizar uma idéia. Nota-se o efeito explosivo dessa figura "se levar tudo, já é seu, pode usar, pode manchar e pode abusar". O termo "pode" emite a gradação dos produtos anunciados por meio das palavras "usar, manchar e abusar".

"Quer ser pessoa chique dessa da televisão, basta saber comer que nem gente rica, saber tirar, pôr, acrescentar, diminuir os requintes de uma mesa" Aqui o locutor recorre a pares de palavras, e utiliza isso, como estratégias para atrair o interlocutor. Nesse sentido, esses pares de palavras: "pode tirar, pôr, acrescentar, diminuir"... podem vir associados a processos sinonímicos ou antonímicos. Nesse caso acontece a *antonímia* e efetua-se a diversidade dos sentidos contrários que ocorrem em relações opostas.

"Tem promoção e tem pra mocinha". Nesta elocução a palavra "**promoção**" pronunciada em linguagem popular como "**pramoção**", o que pôde gerar a paronomásia ou trocadilho com "**pra moção**" em oposição a "**pra mocinha**".

Em relação às máximas conversacionais, pode-se dizer que a maioria delas se

acham presentes nas elocuções analisadas. Em “**Mulher bonita não paga, mas também não leva**”, a **máxima da quantidade** instaura-se quando a informação apresentada se realiza na medida de sua necessidade, ou seja, não há informação além da necessária, considerando, inclusive, o tempo em que ela deve ser anunciada.

A **máxima da qualidade**, que consiste em dizer só o que é verdadeiro, às vezes pode ser desrespeitada porque o camelô propõe uma falsa eficácia de um determinado produto. Como mostram as seguintes elocuções “**Compre os melhores óculos da praça, qualidade é lá em cima**” e “**Não leve gato por lebre, só aqui tem produtos originais**”

Quanto à **máxima da relação**, pode-se dizer que os camelôs são pertinentes com aquilo que dizem, dentro do gênero no qual estão inseridos, pois eles precisam atingir seu objetivo final, que é a efetivação da venda.

Por fim, no que tange à **máxima de modo**, é preciso pontuar que em razão dessas elocuções serem, na maioria das vezes, construídas metaforicamente, a ambiguidade impossibilita a objetividade nessas elocuções.

Além dos aspectos linguístico-estilístico-cognitivo-argumentativos analisados até este momento, necessário se faz um enfoque discursivo a respeito dos valores sócio-culturais inscritos nas elocuções dos camelôs. Isto porque, como toda fala, a elocução do camelô é afetada pelas “verdades” ou valores de cada época. O quadro seguinte propõe os aspectos mais recorrentes encontrados nesse gênero mobilizado pelos vendedores ambulantes.

Percebe-se, na maioria das elocuções analisadas, um discurso que procura modelar padrões de beleza, conforme as exigências da sociedade de consumo, como cabelo alisado, apelo à moda, a ideia de que só é feliz quem é/está bonito ou jovem. Tudo isso respaldado pela concepção consumista da sociedade contemporânea. Como exemplo pode-se citar alguns desses pregões: “*Se eu fosse você, pra deixar minha mãe mais feliz, ia à banca do Luiz.*”, “*Você que fez chapinha, compre logo sua sombrinha para não ficar enroladinha*”, “*Mulher bonita não paga, mas também não leva*”, “*Vem pra moda você também*”.

Há pregões que dialogam com os discursos que se opõem à pirataria. Um discurso capitalista. “*Não leve gato por lebre, só aqui tem produtos originais*”, por exemplo.

Em algumas elocuções como: “*Olha o amendoim do seu Ribamar para o seu marido esquentar*” e “*Para o seu amor ficar quentinho, dê a ele um moletonzinho*”, percebe-se o discurso da sexualidade. Com a exaltação da sexualidade masculina, o homem forte, sexualmente, potente é incentivado a ficar mais forte na cama.

Acredita-se que muitos outros aspectos e categorias poderiam ser analisados nas

elocuições proferidas pelos *pregoeiros tradicionais* e pelos *pregoeiros pós-modernos*, porém espera-se que os elementos selecionados e analisados até aqui, possibilitem a caracterização do gênero *pregão tradicional*, e do gênero *pregão pós-moderno*. É o que faremos no capítulo 4 intitulado: “**CONSTRUÇÃO DOS GÊNEROS PREGÃO TRADICIONAL E PREGÃO PÓS-MODERNO**”.

CAPÍTULO 4

*CONSTRUÇÃO DOS GÊNEROS
PREGÃO TRADICIONAL E PREGÃO
PÓS-MODERNO*

4. CONSTRUÇÃO DOS GÊNEROS PREGÃO TRADICIONAL E PREGÃO PÓS-MODERNO

A construção do gênero *pregão pós-moderno* é a tese construída por meio desta pesquisa que precisou caminhar por conceitos oriundos de diversas teorias que se cruzaram para alimentar uma análise linguístico-argumentativo-cognitivo-discursiva. Considerou-se gênero pregão a fala de vendedores ambulantes que fazem parte da vida cotidiana das grandes e das pequenas cidades cuja voz sócio-histórico-econômica ecoa pela boca do povo, pela harmonia ou pelos ruídos de memórias e burburinhos da vida de cada dia.

A consideração do gênero se dá na medida em que os gêneros *são formas relativamente estáveis de enunciados* construídos por cada esfera social de utilização, produzidos por cada esfera social específica com suas condições e finalidades também específicas. Tratar do gênero é “bem mais flexível” que tratar da língua. O gênero possibilita realizar “*de modo mais acabado nosso livre projeto de discurso*”. É no gênero que se realiza a teia dialógica do discurso, onde o enunciado cria uma ligação na cadeia da comunicação. As escolhas particulares são formas construídas dentro de um todo. Dentro desse todo se movimentam os artefatos culturais e os reflexos do mundo exterior.

Além do exposto acima, pode-se dizer que gêneros discursivos são modelos/padrões comunicativos socialmente utilizados em situação concreta. Volta-se a dizer que a movimentação de um gênero se dá no interior de um modelo. Daí porque procurou-se fazer um levantamento das regularidades próprias do *pregão tradicional* e próprias do *pregão pós-moderno*, ambos gêneros primários simples, segundo a classificação de Bakhtin (2003) porque estão ligados às relações cotidianas do falante que vão sofrendo as mudanças históricas dos estilos de linguagem.

Embora em um primeiro momento da pesquisa tivesse havido uma dúvida de colocar ou não o pregão entre textos publicitários, o que o incluiria entre os gêneros secundários, mais complexos, chega-se, aqui, convictos de que os pregões pertencem à classificação do gênero primário, por se tratar de falas que envolvem o oral, o cotidiano e compreendem uma relação entre interlocutores, própria desse âmbito da linguagem, diferentemente dos textos publicísticos que pertencem a outro âmbito - o da escrita, e em função disso, constroem outra relação nesse processo de interação linguística. Refazendo o percurso de construção do gênero: pregão é um gênero primário próprio das relações cotidianas das cidades, ligados à fala, à oralidade e determinado por uma relação

presentificada entre o locutor – o pregoeiro- e o seu auditório – os consumidores em potencial.

Tendo em vista que para Bakhtin pode ocorrer uma transmutação dos gêneros ou a assimilação de um gênero por outro gerando novos gêneros e que para Todorov (1980) um novo gênero é sempre a transformação por inversão, por deslocamento ou por combinação de um ou de vários gêneros antigos, defende-se a tese de que a fala do camelô constitui um novo gênero oriundo da fala do pregoeiro de outrora.

Construiu-se também, para essa pesquisa, duas denominações: a fala do pregoeiro considerou-se um gênero por nós denominado de *pregão tradicional* e à fala do camelô outro gênero denominado *pregão pós-moderno*. Sentiu-se a necessidade de fazê-lo para agregar o conhecimento que se teve dificuldade de encontrar no decorrer desta pesquisa, uma denominação específica para estas falas, tendo em vista que tudo estava generalizado no termo *pregão*, muito mais associado à questão memorialística e poética do que à produção do conhecimento na dimensão linguístico-cognitivo-discursiva.

4.1 O GÊNERO PREGÃO TRADICIONAL

O gênero *pregão tradicional* era próprio de um contexto onde a vida se organizava na estreita conexão entre o tempo e o espaço que fazia a singularidade do lugar. Um gênero cuja cor local conferia a ele contornos de um canto que costumava ecoar por históricas ruas. Tempo e espaço faziam o coro dos pregões que cantavam a cidade e o tempo nas coisas apregoadas. Coisas cuja substância era feita de uma projeção universal na ideia da totalidade do lugar.

O *pregão tradicional* é um gênero amarrado à tradição, gênero que ecoa na literatura, sobretudo nos cantos dos poetas. Gênero que realizava um encaixe identitário colando espaço e tempo sem grandes pretensões retóricas ou argumentativas. Gênero - canto de cada lugar - onde exerceu seu destino, na direção do auditório.

Já se disse que o que sustenta o gênero, apesar de sua flexibilidade, é o modelo, e o que constitui o modelo é o que há de regular e frequente nessas movimentações. O que é frequente entre os *pregões tradicionais* são os traços que o caracterizam como gênero. Daí, infere-se que os *pregões tradicionais* constituem um gênero pelas seguintes características: repetição da coisa apregoada, ênfase da coisa apregoada pela inversão sintagmática, presença

de elementos descritivos da coisa apreçada, presentificação da coisa apreçada e do auditório.

O que contém o centro do *pregão tradicional* é a coisa apreçada, cuja substância é o próprio lugar e a integração de várias metáforas: o lugar é a coisa apreçada; a coisa apreçada é o lugar; o *pregoeiro tradicional* é a coisa apreçada e ao mesmo tempo o lugar; a coisa apreçada é o lugar e o *pregoeiro tradicional*. Nesse sentido, o *pregoeiro tradicional*, a coisa apreçada e o lugar são metáforas do auditório. Todos: o *pregoeiro tradicional*, a coisa apreçada e o auditório são metáforas do lugar e vice-versa. Uma metáfora identificadora, não linguística, mas cognitiva construída no espaço mental do *pregoeiro tradicional* e do auditório, ou seja, uma metáfora abstrata, não material que une a todos numa necessidade posta pela identidade sugerida no canto.

4.1.1 ELEMENTOS DO PREGÃO TRADICIONAL

O Caminho Grande

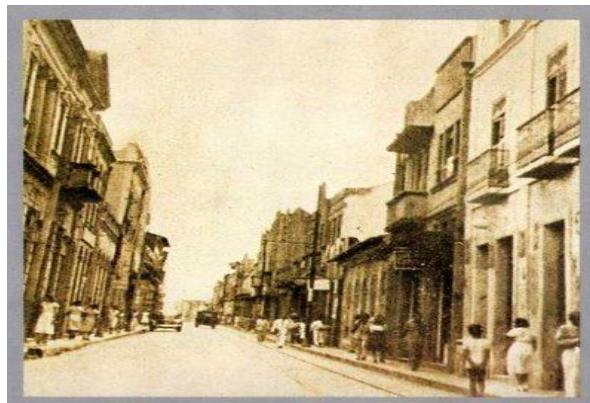


Foto17 - Caminho Grande (1640)
Fonte: Martins (2010).

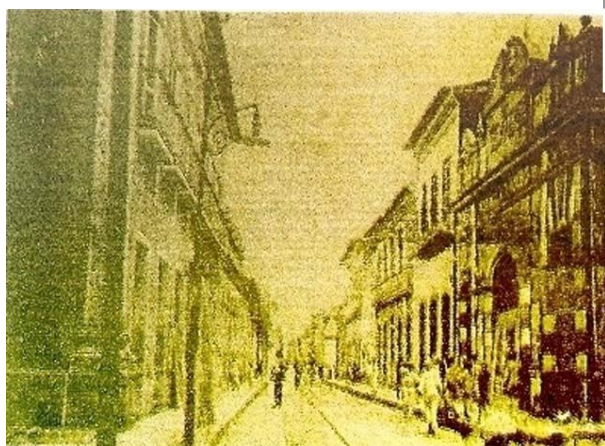


Foto18 - Caminho Grande (1876)
Fonte: Martins (2010).

OS PREGOEIROS TRADICIONAIS



Figura 06 - Adaptação do desenho dos pregoeiros (por Elvas Ribeiro).
Fonte: Bogéa e Vieira (1999).

4.2 O GÊNERO PREGÃO PÓS-MODERNO

A fala do camelô que constitui o gênero, denominado nesta tese de *pregão pós-moderno*, não canta a *totalidade*, mas a *totalidade* dos produtos que vende. Um gênero do desencaixe entre tempo e espaço que resultou no esvaziamento da coisa pela diluição dos traços identitários, que constrói o nada no tudo, que se mistura na coisa diluída entre os produtos misturados da banca do camelô.

O gênero pós-moderno é o grito pós-tradicional na relação tempo-espaço diluída. O tempo desse grito é vazio e faz parte do burburinho das ruas onde muitas vozes se misturam no vozerio estressante que se dá ao esquecimento. A exterioridade marcada neste gênero é constituída do discurso da aceleração, do imediatismo momentâneo próprio da utilidade

prática, onde não conta o privilégio do local nem da história. O auditório seria quase indiferente, não fossem as manobras retóricas apelativas de uma atividade criada argumentativamente para acordar um passante quase ensurdecido pela rapidez das horas. As *fichas simbólicas*, o dinheiro, são priorizados no processo de venda, cujo destino do produto pouco interessa ao vendedor depois de realizada a venda.

O gênero *pregão pós-moderno* é uma consequência do projeto desumanizante que começou com a modernidade e se manifesta na linguagem do homem pós-moderno, cuja história está fragmentada no tempo e no espaço vazio. Na banca globalizada do pregoeiro pós-moderno não há identidade permanente e estável, a vida contemplativa está substituída pela vida ativa e o retórico redescoberto encontra-se sofisticado e refinado para que ele possa conquistar suas intenções persuasivas e criar a utilidade do *nada*.

São as seguintes as marcas linguístico-argumentativo-discursivas próprias dos *pregões da pós-modernidade*: estranhamentos linguísticos no plano da palavra, do som, da construção e do pensamento, com ênfase às metáforas e metonímias, os recursos de presença, o conhecimento do auditório, o senso comum, somando-se a esses os construtores de espaço, os esquemas de percurso e os esquemas de imagem, tais como foram explicados no item anterior. Refazendo a análise para levantar as características próprias do *pregão pós-moderno*:

“Com esse colar sua mãe vai ficar uma gata.”

Metáfora: mãe/gata – Desconstrução da imagem cultural que envolve o sentido de mãe.

Inversão sintática - desconstruindo: *Sua mãe vai ficar uma gata com esse colar.*

Desconstruindo a metáfora: *Sua mãe vai ficar muito bonita/sensual com esse colar.*

Chegando ao enunciado desprovido das características do gênero *pregão pós-moderno* tem-se: “*Sua mãe vai ficar muito bonita com esse colar.*” Percebe-se que esta elocução perdeu todo o poder persuasivo-argumentativo, próprio deste gênero.

As consequências em “*Com esse colar sua mãe vai ficar uma gata*” não acontecem somente no plano linguístico. O efeito de sentido se altera. A utilização da metáfora *gata* atualiza a imagem da mãe: uma mulher que precisa ser atual. Se ela precisa ser atual e se o colar ajuda para essa conquista, está criada a necessidade do colar. Com isso, há a construção por *spaces builders* que provocam novos espaços mentais como beleza, elegância, sensualidade, atividade geralmente desvinculados da imagem de mãe. A partir desses espaços mentais é gerado um novo esquema de percurso para o sentido de mãe que se desloca na cultura para um outro lugar, pós-tradicional. Por esse deslocamento é construído um outro esquema de imagem que atualiza o produto entre o *pregoeiro pós-moderno* e o auditório,

recontextualizando a imagem da mãe, pela alteração do lugar da mulher na cultura.

Ressalta-se, ainda, que o *pathos* é evocado no auditório pela imagem da mãe, recuperada da tradição como o único amor incondicional da humanidade, ou seja, aquela que incondicionalmente merece um presente, muito mais ainda, um presente que possa ajudá-la a estar atualizada com a realidade de hoje, tal qual a palavra *gata* sugere, a partir da condição do colar.

Finalmente, levando-se em consideração que os *pregões pós-modernos* estão ligados à oralidade, saídos da boca do povo eles chegam carregados de senso comum e constroem nesses espaços muito da ideologia que se recebe do legado. Quando o *pregoeiro pós-moderno* diz “*Tem promoção e tem pramocinha*” a palavra *promoção* pela qual se ouve *pro moção* e que sugere pra mocinha não acumula aí apenas uma questão de idade, mas de gênero, na cultura existe o que é próprio para o rapaz e o que é próprio para a moça. Essa integração que os jogos linguístico-argumentativos sugerem, cria também a integração entre os espaços mentais constituídos pelos esquemas de imagem alimentados pelo *ethos* e pelo *pathos* para a conquista persuasiva do auditório.

Os gêneros vão se transmudando gerando outros. Os camelôs, *pregoeiros pós-modernos* não poderiam dizer do mesmo modo dos pregoeiros de outrora -*os tradicionais* - porque mudou o contexto, mudou o cenário, mudou o repertório, as coisas apregoadas remanescentes como tradição se acumularam, se multiplicaram na condição do *nada* destes tempos. Mudou o gênero porque o homem mudou, antes ele era mais contemplativo. Seu mundo era sua ilha e uma coisa carregava seu universo. Conseguia colocar a imensidão de um lugar numa caixa de sorvete. Hoje enche uma banca de produtos que não satisfazem nem seus próprios interesses. A consequência do projeto da modernidade banalizou os ideais humanos escravizados na condição de mercadoria.

4.2.1 ELEMENTOS DO PREGÃO PÓS-MODERNO

A cidade de São Luís do Maranhão



Foto 19 - Vista da cidade nova - São Luís do Maranhão – Brasil (1995).⁶⁵

A Rua Grande



Foto 20 - Início da Rua Grande (2010).
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

⁶⁵ Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Lu%C3%ADs_\(Maranh%C3%A3o\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Lu%C3%ADs_(Maranh%C3%A3o)). Acesso em 30 de agosto de 2009.



Foto 21 - Vista da Rua Grande em quatro ângulos diferentes (2010).
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

OS PREGOEIROS PÓS-MODERNOS



Foto 22 – Pregoeiros Pós-modernos (2010).
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora



Foto 23 - Pregoeiros Pós-modernos (2010).
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora



Foto 24 – Pregoeiros Pós-modernos (2010).
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora



Foto 25 – Pregoeiro Pós-moderno (2010).
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chega-se agora ao momento considerado mais difícil desta pesquisa. Momento em que se precisa voltar ao início, percorrer outra vez o caminho traçado e retraçado e, finalmente, dar um efeito de fim àquilo que se tem plena consciência de que não se finaliza. Diz-se isso porque quanto mais se avança na tentativa de dar por encerrado este trabalho de pesquisa, mais se compreende que essa é tarefa inatingível, uma vez que, quando se trata verdadeiramente da construção de um objeto e não apenas de sua reprodução, isso se torna realmente impossível.

Seguindo esta perspectiva, procurou-se distância da “(...) *ideia de produto a ser apreendido por uma ideologia pedagógica dos já-prontos e a incapacidade de capturá-lo, por causa da sensação de que o objeto está à espera do pesquisador para produzi-lo*”. (ALMEIDA, 2009, p. 520).

Nesse sentido, deixa-se claro que este trabalho de pesquisa, mesmo que se encontre em sua etapa final de escrita, transmite a impressão de início de uma nova etapa que ora se aproxima.

No primeiro momento, houve uma tendência de restringir o olhar apenas a fatos linguísticos: as teorias semântico-pragmáticas ganharam mais corpo nas inferências. As reflexões da pesquisa faziam enxergar que a Semântica, a Pragmática e a Linguística Cognitiva são teorias importantes para a compreensão dos enunciados realizados pelos pregoeiros e camelôs (pregoeiros pós-modernos). A primeira porque trata da intenção do homem com a linguagem que veicula toda a sua representação de mundo, enfim, seu sistema de valores, pois é pela linguagem que o homem organiza e representa a realidade. A segunda, porque trata da linguagem como meio de interação social do homem, e a terceira, por trabalhar com a questão do conhecimento prévio de mundo associado a modelos cognitivos. Além disso, conceitos extraídos da Retórica e da Argumentação, assim como conceitos da Análise do Discurso iam se constituindo como fundamentais nesta pesquisa. Até então, o interesse se voltava apenas para os aspectos linguístico-estilísticos associados ainda à perspectiva de fala no âmbito do senso comum.

A necessidade de estabelecer um ponto de comparação entre o pregoeiro e o camelô levou a outra necessidade: a de refazer um percurso espaço-temporal entre um ponto e outro, os pregoeiros de outrora com seus pregões e os camelôs com suas falas. Essa necessidade impôs um olhar para os dados com base na historicidade do canto do pregoeiro.

Assim, o retorno à história e aos pregoeiros de outrora juntamente com seus pregões foi necessário para se estabelecer essa comparação. Após o encontro com essa historicidade contida no canto do pregoeiro foi possível perceber que havia a necessidade da análise também desses pregões, o que a princípio, não foi cogitado.

A história é contornada pela moldura da relação espaço e tempo e essa relação que constitui a história é o fundamento do discurso. Por isso, nesse momento, o conceito de discurso foi incorporado a esta pesquisa uma vez que ficou claro, a partir daquele momento que os modos de dizer dos pregoeiros sofrem interferência tanto do contexto como das condições de produção, portanto da história. Nesse sentido, aquelas falas começaram a assumir o caráter de acontecimento⁶⁶.

O dizer do pregoeiro de outrora não é igual ao dizer do *pregoeiro pós-moderno* – o camelô - inclusive, e, principalmente, porque os espaços não são os mesmos, embora fisicamente ambos fossem proferidos em São Luís, capital do Maranhão.

Os pregoeiros habitavam uma “ilha” com poucas ruas, poucos comércios, poucos moradores e com suas vozes que gritavam “a coisa em si” que, para eles, tinha cor e sabor da terra. O camelô, ao contrário, afetado pelo mundo globalizado e capitalista não mora mais em uma ilha e sim na cidade de São Luís, o que faz muita diferença.

Foi necessário observar, além de diferenças linguístico-estilísticas, as diferenças sociais, como a época, as classes sociais, o grau de instrução dos usuários da língua, o espaço geográfico e de circulação, o lugar, o não-lugar, enfim, o meio, a própria história e a cultura, constituintes de um discurso que aqui foi analisado.

Assim, teve-se que recorrer a processos de análise capazes de demarcar os efeitos de sentido contidos nas falas do pregoeiro e do camelô. Para tanto, o viés pela Análise do Discurso foi o escolhido para análise desses atos de fala como um produto histórico-social.

Buscou-se, a partir desse entendimento, a realização de uma leitura desses pregões para além de suas marcas linguístico-estilístico-cognitivas, uma leitura que buscasse as regularidades, semelhanças e diferenças entre eles, mas com o olhar sempre voltado para o discurso vinculado ao espaço.

No segundo capítulo, intitulado “**Contextos sócio-históricos: os cenários dos enunciados dos pregoeiros tradicionais e dos pregoeiros pós-modernos**”, pôde-se chegar à conclusão de que as interferências dos espaços nos quais os pregões são proferidos

⁶⁶ Para Pêcheux o acontecimento é a imersão do novo no discurso, um furo numa estrutura já fixada que pelo acontecimento se ressignifica. O acontecimento está ligado a um princípio de organização, uma vez que pode ser

determinam seu modo de dizer. Há de se observar que o pregoeiro dos tempos idos se valia de um nível de argumentação menos refinado, menos elaborado. O que importava era a sua voz, o seu canto. Não se faziam necessárias muitas manobras estilísticas argumentativas para que ele realizasse o pregão, pois pelo simples fato de passar gritando a coisa apregoada, *sorvete de coco*, por exemplo, já era suficiente para que seu auditório efetivasse a compra, o que não se colocava ali como questão essencial, pois o que importava, naquele momento, na maioria das vezes, não era o fato da venda em si, mas o prazer dela, ocasionado pelo prazer de quem comprava.

Após se ter atravessado o percurso histórico, retornou-se aos pregões e às falas do camelô e concluiu-se que seria necessário analisar os dados com outro olhar e não apenas buscar análises que conduzissem ao senso comum. A partir desse entendimento, buscou-se investigar nessas elocuções suas regularidades, diferenças e semelhanças, para ao final perceber que tanto os pregões como a fala do camelô constituíam gêneros discursivos.

Os pregões passaram a ser lidos com a moldura do gênero como modelos que contêm uma movimentação dialética no modo de dizer, cuja estabilidade vai se atualizando através dos tempos. O conceito de gênero foi o que permitiu sair da imagem superficial da expressão do senso comum – fala de camelô - para chegar à dimensão conceitual dessas falas a ponto de denominá-las *pregões pós-modernos*. Tendo em vista essa movimentação que se dá dentro da frequência de ocorrências linguístico-argumentativas houve a possibilidade também no outro ponto da história, de analisar o pregão de outrora, geralmente visto no senso comum como um canto tradicional saído da boca de uma figura folclórica.

Assim, pode-se dizer que a primeira intenção dos pregoeiros pós-modernos, na esfera do comércio, é vender suas mercadorias. Para realizar essa ação, precisam desafiar o poder persuasivo da linguagem que não está somente no que se tem a dizer, mas também no modo como se diz o que se tem a dizer. Neste modo de dizer, está situada a argumentação que provoca uma escolha. No caso, a de comprar ou não comprar ou a de comprar um produto ao invés de outro.

Nesse sentido, esse gênero exige rapidez em sua exposição, uma vez que o camelô, para atingir seu público – o consumidor em potencial – tem pouco tempo para persuadir e convencer o consumidor a comprar. Em relação ao estilo, a linguagem é sempre breve, informal, econômica, repleta de rimas e em tom melódico e repleto de humor. A esfera social em que esse gênero ocorre corresponde à do comércio com todos os seus contornos.

Em outras palavras, trata-se de todas as interferências que se encontram nos âmbitos político, social, histórico e linguístico-cognitivo.

Os pregões proferidos pelos vendedores ambulantes, no Município de São Luís, resultam nas mais diversas formas de uso da linguagem, isto é, constituem-se em um rico artefato linguístico, apresentando um serviço que tem como meta esclarecer e divulgar as mercadorias comercializadas. Aqui a linguagem assume um papel decisivamente importante na comunidade dos vendedores informais, como também na comunidade em geral. Por meio dela o homem expressa suas emoções, seus sentimentos, seus conhecimentos, suas necessidades, característica notável no universo do comércio ambulante. Assim, é preciso fazer um estudo minucioso em qualquer discurso que se pretenda analisar, pois se deve perceber os pormenores justificadores de quaisquer interpretações possíveis nesse caso.

Foi interessante constatar, por meio da análise dos dados, que as expressões metafóricas são construídas pelos vendedores ambulantes a partir de metáforas conceptuais já enraizadas na nossa cultura, no intuito de aproximar a mercadoria oferecida ao consumidor, valendo-se de uma “roupagem” linguística renovada.

O gênero pregão sofreu um deslocamento em sua forma e função em decorrência das mudanças ocorridas na cultura, no comércio e na economia que, ao se tornar globalizada, exigiu não só novos produtos/mercadorias como novas formas para sua divulgação. Por conseguinte, exigiu também uma mudança no texto, no estilo, na linguagem, enfim, na forma de comercializar.

Pôde-se observar que o gênero pregão pós-moderno tem também a função de influenciar diretamente as atitudes dos transeuntes, no sentido de levá-los a adquirir o produto que anunciam, ou, mais especificamente, no sentido de convencê-los a comprar a mercadoria divulgada. Daí a visão do caráter eminentemente argumentativo dessas elocuições.

Entretanto, ao levar em consideração a exterioridade para uma inevitável análise de um discurso da pós-modernidade e os espaços cognitivos para uma também inevitável análise da intencionalidade do camelô, esta pesquisa infere que as articulações linguísticas e os recursos argumentativos são consequência de um processo de persuasão. Esses recursos argumentativos são também manifestações de interferências históricas, espaço-temporais, condição para se construir o sentido de um gênero aqui denominado *pregão pós-moderno*.

Espera-se com isso que esta pesquisa contribua com o registro de um conhecimento flexível que se mobiliza a tal ponto de saber que a movimentação no interior do gênero está se transformando desde o dia em que o *pregoeiro pós-moderno* deu seu grito de

venda no cenário da pós-modernidade, tanto quanto o velho pregoeiro está metamorfoseado nos dias de hoje.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

ABREU, A. S. *Linguística Cognitiva: uma visão geral e aplicada*. Campinas: Ateliê Editorial, 2010.

_____. *O design da escrita: redigindo com criatividade e beleza, inclusive ficção*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.

_____. *O texto e seu design: escrevendo com criatividade e beleza inclusive ficção*. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. *A arte de argumentar gerenciando razão e emoção*. 9. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2006.

_____. Progressos da linguística cognitiva e níveis de análise linguística. *Alfa - Revista de Linguística*, São Paulo, v.47, 2003.

_____. Metonímia – uma visão funcionalista. *Fala Palavra*, Aracruz, ES.: Facha, n. 2, p.66-81, 2002.

_____. Motivação Icônica no Léxico e na Gramática. In: AZEREDO, J. C. *Língua Portuguesa em Debate*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

_____. Metáfora - uma visão funcionalista. *Letras*, Campinas: PUC, v. 19. n^{os} 1 e 2, p. 95-108, 2000.

_____. Iconicidade e Descrição Gramatical do Português. *Letras*, Campinas: PUCCAMP, v. 18, n^{os} 1 e 2, p.7-15, 1999.

ADAM, J. M. *Linguística de los textos narrativos*. São Paulo: Editorial Ariel, 1999.

ALMEIDA, S. *A singularidade nas produções universitárias: impressão de uma escrita*. 2009. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

ALTHUSSER, L. *Materialismo Histórico e Materialismo Dialético*. São Paulo: Global, 1986.

_____. Ideologias e aparelhos ideológicos do estado (Notas para uma investigação). In: SLAVOJ, Z. (Org). *Um mapa da ideologia*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*. 28. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

ANDRADE, M. As danças dramáticas do Brasil In: *Danças Dramáticas do Brasil*. 1º tomo. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1959.

ANSCOMBRE, J.C. e DUCROT, O. *La Argumentación en la Lengua*. Madrid: Gredos, 1994.

ARANHA e MARTINS. *Temas de filosofia*. São Paulo: Moderna, 2005.

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Tradução de Antonio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966.

_____. *Retórica*. Tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: INCM, 1998.

ARNAULD & LANCELOT. *Gramática de Port-Royal*. Tradução de Bruno F. Basseto e Henrique Graciano. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papyrus, 1994.

AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer*. Palavras e ação. Tradução de Danilo Marcondes de Sousa Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. Tradução de How to do things with words.

_____. Performativo-constativo. In: OTTONI, P. *Visão performativa da linguagem*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1998, p.109-144.

BAKHTIN, M. M. Dostoiévsk: poética e estilística. Tradução de G. Garritano. Torino: Einaudi, 1968.

_____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 7. ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora HUCITEC- ANNABLUME, 1992.

_____. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. 3. ed. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. Os gêneros do discurso. In: *Estética da Criação Verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.279-326.

BANDEIRA, M. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

BARBOSA, J. S. *Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa ou princípios da gramática geral aplicados a nossa linguagem*. 6. ed. Lisboa: Academia Real das Sciencias, 1881.

BAUER, M. W.; GASKEL, G. *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som*. Tradução de Pedrinho A Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003.

BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

BAZERMAN, C.; A. P. DIONÍSIO; J. C. HOFFNAGEL (Orgs.). *Gêneros, Agência e Escrita*. São Paulo: Cortez, 2006.

- BEAUGRANDE, R. *Novos Fundamentos para uma Ciência do Texto e do Discurso: cognição, comunicação e liberdade de acesso ao conhecimento e à sociedade*. Norwood, New Jersey: Alex, 1997.
- BEAUGRANDE, R.; DRESSLER W. U. *Introduction to text linguistics*. London: Longman, 1981.
- BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas: Pontes, 1995.
- BLOCH, B.; TRIGGER, G. *Outline of Linguistic Analysis*. Baltimore: Linguistic Society of America, 1942.
- BOGÉA, L. & VIEIRA, A. *Pregões de São Luís*. 2. ed. São Luís: FUNCMA, 1999.
- BOPP, F. *Sistema de conjugação do sânscrito em comparação com o grego, o latim e o germânico*. [S.l.: s.n.], 1816.
- BORBA, F. S. *Introdução aos estudos linguísticos*. São Paulo: Edusp, 1979.
- BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- BRETON, P. *A Manipulação da Palavra*. São Paulo: Loyola, 1999.
- BULWER-LYTTON, E. *Zanoni*. São Paulo: Edições Zéfiro, 2009.
- CAMERON, L. *Metaphor in educational Discourse*. London: Continuum, 2003.
- CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- CHAGAS, J. *Os telhados*. São Luís: Sioge, 1972.
- _____. *Apanhados no chão*. São Luís: EDUFMA, 1994.
- CHOMSKY, N. *Syntactic structures*. The Hague: Mouton, 1957.
- _____. *Aspects of the theory of Syntax*. Massachusetts: Cambridge University Press, 1965.
- CITELLE, A. *Linguagem e persuasão*. 16. ed. São Paulo: Ática, 2005.
- CONTE, M. E. Coerência textuale. *Lingua e Stile*, v.15, n. 1, p.135-154, 1980.
- CROFT, W. & CRUSE, D. A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- CROUCH, A. Como agradecer a Deus? In: *Hinário para o culto cristão*. Rio de Janeiro: JUERP, 1991.

CRUZ, A. *Litania da velha*. São Luís: EDUFMA, 1996.

DUCROT, O. *Princípios de Semântica Linguística*. Dizer e não dizer. Tradução de Carlos Vogt, Rodolfo Ilari e Rosa A Filgueira. São Paulo: Cultrix, 1977. Tradução de: *Dire et ne pas dire*.

_____. et al. *Les mots du discours*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.

_____. *Provar e dizer: linguagem e lógica*. Tradução de Maria Aparecida Barbosa, Maria de Fátima Gonçalves Moreira e Cidmat Teodoro Pais. São Paulo: Gobal Ed., 1981.

_____. *O dizer e o dito*. Tradução de Eduardo Guimarães. Campinas, São Paulo: Pontes, 1987.

_____. *Polifonía y argumentación*. Tradução de Ana Beatriz Campo e Emma Rodrigues. Cali: Universidad Del Valle, 1988.

_____. Argumentação e “topoi” argumentativos. In: GUIMARÃES, E. (Org). *História e sentido na linguagem*. Campinas: Pontes, 1989.

_____. Os topoi na teoria da argumentação na língua. Tradução de Rosa Attié Figueira. *Revista Brasileira de Letras*, São Carlos, UFSCar, v. 1, n. 1, p. 1-11, 1999.

DUCROT, O. & TODOVOV, T. *Dicionário das Ciências da Linguagem*. Lisboa: D. Quixote, 1978.

FAUCONNIER, G. *Mental Spaces*. Cambridge, Mass.: Cambridge University Press, 1985.

_____. Quantification, Roles and Domains. In: ECO, U. et al. *Meaning and mental representations*. Bloomington: Indiana University Press, 1988.

_____. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

_____. *Cognitive Construction of Meaning*. Eminent Linguists Lecture Series Beijing: Foreign Language Teaching and Research Press, 2009.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. Blending as a central process of grammar. In: ADELE Goldberg (ed.), *Conceptual structure, Discourse and language*. Stanford: CSLI Publications, p.113-130, 1996.

_____. *Conceptual Integration Networks*. Cognitive Science. v. 22, p.225-255, 1998.

_____. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.

FÁVERO, L.L.; KOCK, I.G.V. *Linguística textual: introdução*. São Paulo: Cortez, 1983.

FAZENDA, I. et al. *Interdisciplinaridade e novas tecnologias: formando professores*. Campo Grande, Editora UFMS, 2000.

FERNANDES, C. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. 2.ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

FERNANDES, I. X. *Topónimos e gentílicos*. Porto: Educação Nacional, 1943.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1999.

FISCHER, Rosa Bueno. Foucault e o desejável conhecimento do sujeito. *Educação & Realidade*. v. 24, n. 1, p.39-59, 1999.

FILLMORE, C.J. *The case for case: universals in linguistic theory*. Edited by Emmon Bach and Robert Harms. New York: Holt, Rinehart and Winston, p.1-88, 1968.

_____. Pragmatics and the description of discourse. *Radical pragmatics*. New York: Academic Press, p.143-66, 1981.

_____. Frame Semantics. In: *Linguistic Society of Korea*. Linguistics in the morning calm. Seoul: Hanshin Publishing, 1982, p.111-138.

FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *Introdução à Linguística I*. Objetos teóricos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. *Elementos de análise do discurso*. 13 ed. revista e ampliada, São Paulo: Contexto/Edusp, 2005.

_____. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

FOUCAULT, M. *A Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

_____. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de A. Sampaio. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

FREIRE, P. *Extensão ou comunicação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREITAS, L. C. de. *Critica da organização do trabalho pedagógico e da didática*. São Paulo: Papiros, 1995.

GARCIA, O. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever aprendendo a pensar*. Rio de Janeiro: Editora PGV, 2006.

GIBBS JR. R. *The Poetics of Mind*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

- GIVON, T. *Mind, Code and Context*. Essays in Pragmatics, New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1989.
- GREGOLIN, M.R. Discurso, história e identidades na mídia. In: FONSECA-SILVA, M.C.; POSSENTI, S. (Org). *Mídia e Redes de Memória*. Vitória da Conquista: UESB, 2007.
- GRICE, H. P. Lógica e Conversação. Tradução de João Wanderley Geraldi. In: DASCAL, Marcelo. (Org.) *Problemas, Críticas, Perspectivas da Linguística*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.
- HALL, E. T. *Proxemics*. Current anthropology, n. 9, p. 83-108, 1968.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2002. [ed. em inglês, 1992].
- HALLIDAY, M.A.K. *An Introduction to Funcional Grammar*. London: Edward Arnold, 1994.
- HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, R. *Language, Context and Text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- HANSEN, J. A. *Retórica*; Seminário UERJ 1994. São Paulo: [s.n.], 1994. Xerografado.
- HARRIS, L. S. Analyse du discours. In: *Languages*. [S.l.: s.n.], p.8-45, 1952.
- HEGEL. G. W.F. *Ciência da lógica*. Buenos Aires. Edições solar. 1968.
- HEINEMANN, W. & VIEHWEGER, D. *Textlinguistik: eine Einführung*. Tübingen. [S.l.: s.n.], 1991.
- HIRAGA, M.K. Diagrams and metaphors: iconic aspects in language. *Journal of Pragmatics*. v.22, p.5-21, 1994.
- HJELMSLEV, L. T.. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Abril Cultural, p.195-197, 1978.
- INDURSKY, F. O texto nos estudos da linguagem: especificidades e limites. In: ORLANDI, E. P.; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (Orgs). *Discurso e Textualidade*, Campinas. São Paulo: Pontes, 2006.
- INWOOD, M. *Dicionário Hegel*. Tradução de Álvaro Cabral: revisão técnica, Karla Chediak. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- JACKENDOFF, R. On Belief-Contexts. *Linguistic Inquiry*. v. VI, p.53-93, 1975.
- _____. *Semantics and cognition*. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1993.

JAKOBSON, R. *Linguística e Comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2001.

JOHNSON-LAIRD, P. N. *Mental models: towards a cognitive science of language, inference and consciousness*. Cambridge: Cambridge University press, 1983.

JOHNSON, M. *The body in the mind: The bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

KARWOSKI, A. M. et al. (Orgs). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 2. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

KINTSCH, W.; VAN DIJK T. *Comment on rappelle et on résume des histoires*. [S.l.: s.n.], p.116.-298, 1975.

_____. Toward a model of text comprehension and production. In: *Psychological Review*, n. 85, p.369-394, 1978.

KOCH, I. G. V. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo, Editora, 1987.

_____. *O Texto e a Construção dos Sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. A referenciação textual como estratégia cognitivo interacional. In: BARROS, K.S.M. (Org.) *Produção Textual: Interação, Processamento, Variação*. Natal: EDUFURN, 1999, p.69-80.

_____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *A interação pela linguagem*. 10. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2007.

KÖVECSES, Z. *Language, mind and culture*. A practical introduction. Oxford: Oxford Universal Press, 2006.

LAKOFF, G. *Women, Fire, and Dangerous Things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987

_____. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, A. *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993, p.202-251.

_____. The neural Theory of metaphor. In: GIBBS, R, *The Metaphor Handbook*, Cambridge: Cambridge University Press, 2009. Disponível em: <http://www.papers.ssrn.com/sol3/AbstractNotFound.cfm>. Acesso em 21 maio 2009.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we Live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

_____. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

_____. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: EDUC, 2002.

LANGACKER, R. W. *Foundations of Cognitive Grammar: Vol. I*, Stanford: Stanford University Press, 1987.

_____. *Foundations of Cognitive Grammar. v. II*, Stanford: Stanford University Press, 1991.

_____. The contextual basis of cognitive semantics. In: NUYTS J.; PEDERSON, E. (eds.), *Language and conceptualization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997, p.229-252.

_____. *Grammar and conceptualization*. Berlim & NewYork: Mouton de Gruyter, 1999.

LIMA, C. *Caminhos de São Luís: (ruas, logradouros e prédios históricos)*. São Paulo: Siciliano, 1992.

_____. *História do Maranhão*. São Luís: Instituto Geia, 2006.

LYONS, J. *Lingua(gem) e Linguística: uma introdução*. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MACHADO, I. Os gêneros e a ciência dialógica do texto. In FARACO C.A.; TEZZA, C. CASTRO, G.(Orgs). *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Ed. da UFPR, 1996, p.225-271.

_____. Gêneros Discursivos. In: BRAID, B. (Org). *Bakhtin: conceitos-chave*. 4. ed. São Paulo:Contexto, 2007, p.151-166.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução de Freda Indursky. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Ethos, cenografia e incorporação. In: AMOSSY, Ruth. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

MARANHÃO. Secretaria de Obras públicas. *Diário de obras públicas de São Luís - Ma*. Julho dec – 1800 – 1876/nº11. 1800. Disponível em: <http://www.pt.io.gov.mo/Links/record/348.aspx>. Acesso em 04 junho 2010.

MARCONDES, D. *Filosofia, linguagem e comunicação*. São Paulo: Cortez, 1992.

MARCUS, G. *Kluge: the haphazard construction of the human mind*, New York: Houghton Mifflin Co, 2008.

MARCUSCHI, L.A. *Aspectos linguísticos, sociais e cognitivos da produção de sentido*. 1998, (mimeo).

_____. *Da fala para a escrita: atividade de retextualização*. 4 ed., São Paulo: Cortez, 2003.

_____. *Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão*. Recife: Departamento de Letras, UFPE, 2004.

_____. Processos de produção textual. In: *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, J. R. *Antiga e saudosa São Luís do Maranhão: uma viagem ao passado*. São Luís: UniCEUMA, 2010.

MARTINS, N. S. *Introdução à estilística*: São Paulo: T. A. Queiroz, 1989.

MASSON, N. Antigo pregões. *O Estado do Maranhão*, São Luís, 26 maio 1991, p.17.

McLUHAN, M. *Os meios de comunicação: como extensões do homem*. Paulo: Cultrix, 1999.

MEIRELES, M. *História do Maranhão*. 3.ed. São Paulo: Siciliano, 2001.

MEY, J. *As vozes da sociedade*. Seminários de Pragmática. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

MEYER, M. *Lógica, Linguagem e Argumentação*. Lisboa: Edições Teorema, 1992.

MINSKY, M. A. Computer Science and the Representation of Knowledge. In: DERTOUZOS, M.; MOSES, J. *The Computer Age: a twenty-year view*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

MIO SCOTT et al. *Implications and applications*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Publishers, 1996.

MONTELLO, J. *Cais da sagração*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

_____. *O baile da despedida*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1992.

MOTA, A. R.; SALGADO, Luciana. (Orgs). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008.

NAZARÉ, Alcione. *Alerta Geral*. Sony, 1978.

NEIS, I. A. Por uma gramática textual. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre: PUC –RS, p.211-39, 1981.

NEVES, M. H. M. *Gramática Funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Texto e gramática*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

- ORLANDI, E. O Lugar das Sistemáticas Linguísticas na Análise de Discurso. *Delta*, São Paulo: EDUC, v.10, n.2, 1994.
- ORLANDI, E. P.; LAGAZZI, S. (Orgs). Introdução às ciências da linguagem – *Discurso e textualidade*, Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- OTTONI, P. *Visão performativa da linguagem*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.
- PALOMANES, R. Linguística Cognitiva. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo. (Org.). *Manual de Linguística*. 1 ed. São Paulo: Contexto, v. 1, 2008, p.15-254.
- PAVEAU, A. M.; SARFATI, G. E. *As grandes teorias linguísticas: da gramática comparada à pragmática*. Tradução de Maria do Rosário Gregolin et al. São Carlos: Editora Claraluz, 2006.
- PAZ, Octavio. *O Arco e a Lira*. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- PEÑA, M. S. Dependency systems for image-schematic patterns in a usage-based approach to language. *Journal of Pragmatics*. v. 40, p.1041–1066, 2008.
- PÊCHEUX, M. A Análise Automática do Discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs). *Por Uma Análise Automática do Discurso: Uma Introdução a Obra de Michael Pêcheux*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, p.61-105, 1990.
- _____. Três épocas. In: GADET, F. ; HAK, T. (Orgs). *Por Uma Análise Automática do Discurso: Uma Introdução a Obra de Michael Pêcheux*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, p.311 – 318, 1990.
- _____. *O discurso: estrutura ou acontecimento?* Campinas: Pontes, 1990.
- _____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi [et al.] 3.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- PEREIRA, M. S. C. *Projeto Grego: conhecendo um pouco dessa história*. São Luís, 2004. Disponível em: http://www.portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/zma_pregoei.pdf. Acesso em: 11 maio 2009.
- PERELMAN, C. Argumentação. In *Enciclopédia Einaudi* – v.11. Lisboa: Imprensa nacional-casa da moeda, 1987.
- _____. *La lógica jurídica y la nueva retórica*. Madrid: Editorial Civitas, 1988.
- _____. *O império retórico*, Porto: Edições ASA, 1993.
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado de argumentação: a nova retórica*. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão, 2 ed. São Paulo: Martins Fontes,

p.165-218, 2005.

PEZATTI, E. G. O Funcionalismo em Linguística. In: MUSSALIN, F.; e BENTES, A. C. (Orgs). *Introdução à linguística: v.III. Fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2007.

PLATÃO. *Górgias*. 3 ed., Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

QUINTANA, M. *A Rua dos Cataventos*. São Paulo: Globo, 2005.

RADWANSKA-WILLIAMS, J. The problem of iconicity. *Journal of Pragmatics*. n.22, p. 23-36, 1994.

RIBEIRO, Z. Canto dos pregoeiros maranhenses ecoa no Rio de Janeiro. *Jornal Pequeno*, São Luís, Suplemento Cultural e Literário JP Guesa Errante, ano 2, n. 73, 29 nov. 2005.
Disponível em: <<http://www.guesaerrante.com.br/2005/11/29/Pagina153.htm>>.
Acesso em: 21 maio 2009.

ROBINS, R. H. *Linguística geral*. Tradução de Wilson Chrisóstomo Guarany. Porto Alegre: Globo, 1977.

ROCHA, Raimundo. Pregões de São Luís. In: _____. Folclore do Maranhão. *Revista Maranhense de Cultura*, São Luís, v. 2, p. 22-28, jan./jun.,1978.

ROSCH, E. Principles of categorization, In: E. Margolis and S. Laurence (eds). *Concepts: Core Readings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 189-206.

_____. Cognitive representations of semantic categories. *Journal of Experimental Psychology: General*, n.104, p.192-233, 1975.

RUMELHART, D.E. “Schemata: The building blocks of cognition”. In: R.J. SPIRO et al. (orgs.). *Theoretical Issues in Reading Comprehension*. New Jersey: Erlbaum, 1980.

SALOMÃO, M. M. M. *Espaços mentais e a gramaticalização das representações espaço-temporais em português*. Juiz de Fora: UFJF, 1996.

SANDMANN, A. *A linguagem da propaganda*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

SANFORD, A .J. & GARROD, S.C. The role of background knowledge in psychological accounts of text comprehension. In: ALWOOD & HJELMQUIST (eds.). *Foregrounding background*. Lund: Doxa, 1985.

SAPIR, E. The Status of Linguistics as a Science. In: SAPIR, E. *Culture, Language and Personality* (ed. D. G. Mandelbaum). Berkeley, CA: University of California Press, 1929.

SARDINHA, T. B. *Metáforas*. São Paulo: Parábola, 2007.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.

_____. *Écrits de Linguistique Générale*: texte établi et édité par Simon Bouquet et Rudolf Engler, Paris: Gallimard, 2002.

SEARLE, J. R. *Expression and meaning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

_____. *Intencionalidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

_____. *Os atos da fala*: um ensaio de filosofia da linguagem. Coimbra: Almedina, 1991.

SCHANK, R. C.; ABELSON, R. P. *Scripts, plans, goals, and understanding: An inquiry into human knowledge structures*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1977.

SILVA, A. S. A Linguística Cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística. *Revista Portuguesa de Humanidades 1*, Faculdade de Filosofia da UCP, p.59-101, 1997.

_____. *A Semântica de DEIXAR*: uma Contribuição para a abordagem cognitiva em semântica lexical, Dissertação de Doutoramento, Braga, Universidade Católica Portuguesa - Faculdade de Filosofia de Braga, 1997.

TAYLOR, J. R. *Cognitive Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

_____. *Linguistic categorization: Prototypes in linguistic theory*. 2nd Ed., Oxford: Oxford University Press, 1995.

TODOROV, T. *Os gêneros do discurso*. São Paulo, Martins Fontes, 1980.

TRINGALE, D. *Introdução à Retórica*: a retórica como crítica literária. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

TURNER, M. *The Literary mind: the origins of thought and language*, Oxford: Oxford University Press, 1996.

TURNER, M.; FAUCONNIER, G. *The way we think*. Conceptual blending and the mind's Hidden Complexities. New York: Basic Books, 2002.

VANDELOISE, C. *Spatial Prepositions*. Chicago: Chicago University Press, 1991.

VAN DIJK, T. A. Modelos na memória - o papel das representações da situação no processamento do discurso. In: *Cognição, Discurso e Interação*. São Paulo, Contexto, 1989.

VARGAS, H. C. *Espaço Terciário*: o lugar, a arquitetura e a imagem do comércio. São Paulo: SENAC, 2001.

VIVEIROS, J. *História do comércio do Maranhão*. São Luís: Associação comercial do Maranhão, 1954.

VOGT, C. *Linguagem, pragmática e ideologia*. 2. ed. aumentada. São Paulo: Editora HUCITEC, 1989.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Editora Abril, (s.d.).

YULE, G. *Pragmatics*. Oxford: Oxford University Press, 1996.

ZAJDSZNAJDER, L. *Travessia do Pós-moderno: nos tempos do vale tudo*. Rio de Janeiro: Grifos, 1992

APÊNDICES

APÊNDICE A- Questionário aplicado junto aos vendedores ambulantes para traçar o perfil destes profissionais.

- 1) Qual a sua idade? E o seu grau de escolaridade?
- 2) Há quanto tempo você trabalha como camelô na Rua Grande?
- 3) Onde você mora e quantas pessoas moram com você?
- 4) Quantas pessoas dependem financeiramente do seu trabalho?
- 5) Você prefere ser chamado de camelô ou de vendedor ambulante?
- 6) Que tipo de produto você vende?
- 7) O que você faz para vender suas mercadorias?
- 8) Como você faz para convencer o cliente a comprar sua mercadoria?
- 9) Você gosta do seu trabalho?
- 10) Qual motivo lhe fez ingressar no mercado informal? Por que se tornou camelô?

ANEXOS

ANEXO A – Os pregões pós-modernos

01. “Você que fez chapinha, compre logo sua sombrinha para não ficar enroladinha”.
02. “Segura o guarda-chuvinha, olha a chapinha!”
03. “Aqui tem promoção e tem pra mocinha.”
04. “Vida de camelô não é sopa. Ajude, compre logo sua roupa.”
05. “Oh Dona Maria! Não esqueça de comprar sua bacia.”
06. “Não jogue seu vintém fora, aproveite as promoções da Aurora.”
07. “Para o seu marido dá no couro, só tomando nossa porção de ouro.”
08. “Olha a camisinha! Olha a camisinha do celular, para o seu bichinho preservar” (não arranhar).
09. “Ei você de amarelo venha comprar seu novo chinelo!”
10. “Olha o amendoim do Seu Ribamar para o seu marido esquentar.”
11. “Vem pra moda! Vem pra moda você também.”
12. “Não leve gato por lebre, só aqui tem produtos originais”.
13. “Quem quebra galho é macaco gordo. Prefira sempre o CD original.”
14. “Mate dois coelhos de uma cajadada só, leve o xampu que também é condicionador.”
15. “Gatinha pode olhar, mas só leva se pagar”
16. “Alô, alô minha gente! **Mate** gelado com limão sua louca sede de verão.”
17. “Seu desodorante não dá mais conta, seja tradicional, use minâncora, a sua amiga leal.”
18. “Você moça solteira que passou dos 30, não fique a ver navios, temos a solução para o seu coração. Leve agora a simpatia que desencalha titia.”
19. “Desesperado com ratos e outros indesejados? Compre nosso chumbinho, que acaba até com a praga do vizinho.”
20. “Atenção apaixonados! Sele o seu amor usando os envelopes da Leonor.”
21. E aí Patroa? Vai o ventilador, para aliviar o seu calor?
22. Hora do mingau, seu Nicolau.
23. Deus te conserve na terra, pois quando fores ao céu, vai fazer os anjos pecarem.
24. Calcinha marca boqueirão, pega peixe e camarão.
25. Mandei fazer um relógio da casca de camarão para acertar teu nome na palma da minha mão.
26. Estou vendendo barato só para pagar o funeral do meu patrão.
27. Aqui eu trouxe direto de fábrica só pra vender barato.
28. Estou fazendo negócio com homem, ou com cabra sem-vergonha

29. Guaraná da Amazônia gostoso só o da Cristiane, só compra quem tem dinheiro na mão.
30. Estou vendendo a preço de banana, só que o pagamento é a preço de maçã.
31. Olha a laranja, é doce, não, se fosse doce eu estaria dizendo: olha o doce.
32. Enquanto São Pedro está zangado vá tomando um suco gelado!
33. Para o seu amor ficar quentinho, dê a ele um moletonzinho!
34. Se eu fosse você, pra deixar minha mãe mais bonita (feliz), ia à banca do Luiz.
35. “Ei Princesa?... É você mesmo! Você! Olha que cordão lindo! Bonito né? Vai ficar lindo... Vai ficar mais bonito ainda no teu pescoço... Você vai ficar **parecendo uma princesa**. Aproveita. Tá baratinho... Compra **princesa**”.
36. “Olha a salada de frutas... É uma delícia. Tá fresquinha! **Quantos copos? Quantos copos?** Vamos aproveitar, tá terminando. Essa é a salada mais **gostosa da ilha**. Olha a salada... mamão, banana, laranja... tudo **fruta docinha que é uma uva...** Tá baratinho... **um copo é um real**. Organiza a fila. Calma. Calma. Dá pra todo mundo... não empurra... não empurra... Olha a salada”.
37. “Aqui! Aqui! Capa pra celular! Vamos aproveitar a promoção do dia! A promoção do natal! Aqui moça bonita não **paga**, mas também não **leva**. Morena bonita só paga **5 pratinha** pra deixar seu celular na moda. Aproveita, porque é só hoje!”
38. “Vamo lá... vamo lá... Eita vida de cão!... mas é assim mesmo... hoje eu quero voltar cedo pra casa... por isso vamos aproveitar a promoção... tem cinto de couro, carteira, porta-cédula, sandália... tudo na banca, hoje, é só dez reais. Neste natal eu quero garantir **o pão**”.
39. “Bom dia, **Dona Maria!** Hoje é o dia de aproveitar... Venha e aproveite a promoção de bolsas... Se você dona Maria **anda bem da cabeça**, não pode perder essa promoção... aproveite... Venha... venha”.
40. “Óculos... relógio... despertador... tudo baratinho... compre agora e economize o seu **suor...**”.

Anexo B – Letra da música Todos Cantam Sua Terra - João do vale

Todos Cantam Sua Terra Alcione – faixa 1

Todo mundo canta sua terra
Eu também vou cantar a minha
Modéstia à parte seu moço
Minha terra é uma belezinha

A praia de Olho d'Água
Lençóis e Araçagi
Praias bonitas assim
Eu juro que nunca vi

Minha terra tem beleza
Que em versos não sei dizer
Mesmo porque não tem graça
Só se vendo pode crer

Acho bonito até
O jornalista a gritar imparcial
Diário
Olha o Globo
Jornal do Povo descobriu outro roubo
E os meninos que vendem derrê sol a cantar
Derrê sol derrê ê ê ê ê sol
E fruta lá tem: juçara

Abricó e buriti
Tem tanja, mangaba e manga
E a gostosa sapoti
E o caboclo da Maioba
Vendendo bacuri

Tinha tanta coisa pra falar
Quando estava fazendo esse baião
Que quase me esqueço de dizer
Que essa terra é tão linda é o Maranhão
Ô Maranhão, ô Maranhão.

ANEXO C – Letras das músicas dos pregões tradicionais

| | |
|--|--|
| <p>Derressó – faixa 2</p> <p><i>É o derressó</i> <i>É o derressó</i> <i>Minha gente, estou vendendo!</i> <i>É o derressó (BIS)</i></p> <p>Feito de coco ralado Mel de cana apurado Levado ao fogo brando Dentro do taxa de cobre Criado Dá ponto de puxa-puxa Depois refina o melado Espalha todo na taboa Para fazer o quadrado</p> <p><i>É o derressó</i> <i>É o derressó</i> <i>Minha gente, estou vendendo!</i> <i>É o derressó (BIS)</i></p> <p>Derré... é ... só!... Derré... é ... só!...</p> | <p>O camaroeiro – faixa 3</p> <p><i>Gente, vem comprar camarão!</i> <i>Gente, vem comprar camarão!</i> <i>Ó gente, vem comprar camarão!</i> <i>Pra fazer o cozidão...(BIS)</i></p> <p>Com uma lata nos ombros Cheinha do barbudão Sai o homem pelas ruas Gritando: tem camarão... Graúdo, branco e vermelho O gostosa “piticaia” Eu só vendo – graudão Miúdo eu deixo na praia</p> <p><i>Gente, vem comprar camarão!</i> <i>Gente, vem comprar camarão!</i> <i>Ó gente, vem comprar camarão!</i> <i>Pra fazer o cozidão...(BIS)</i></p> <p>O camarão feito “torta” É petisco de primeira Torrado, seco, cozido... Molho, pimenta e limão...</p> <p>Caldo e farinha d’água Assim é feito o pirão Gente como é gostoso Cozido de camarão</p> <p><i>Gente, vem comprar camarão!</i> <i>Gente, vem comprar camarão!</i> <i>Ó gente, vem comprar camarão!</i> <i>Pra fazer o cozidão...(BIS)</i></p> |
| <p>O compra tudo – faixa 4</p> <p>Compra ouro, compra prata, compra chumbo, Compra roupa velha, compra guarda chuva velho, Compra sombrinha, compra tudo... ... Compra até bicho, freguês!...</p> <p>Mamãe! Lá vem o compra tudo Com sacos nas costas Gritando o pregão Vou vender aquelas botas</p> | <p>O garrafeiro – faixa 5</p> <p><i>Garrafeiro.....,</i> <i>compro garrafas,</i> <i>meia-garrafas,</i> <i>litros e vidros ...(BIS)</i></p> <p>Carregando o saco cheio De garrafas vazias Ninguém sabia d’onde veio Ninguém sabia para onde ia... Seu pregão era dolente Naquela rua esquecida E a rua esquecida</p> |

| | |
|--|---|
| <p>Que estão lá no porão Com dinheiro vou comprar Banana, farinha e pão; Essa vai ser a merenda Pra mim e Zeca, meu irmão Mamãe!</p> | <p>E a rua era tão somente Um simples trecho desta vida</p> <p>E surge a criança Garrafa na mão Ó seu garrafeiro Dê ao menos um tostão A garrafa é minha E de meu irmão Com esse dinheiro Vamos comprar pão Ó seu garrafeiro Dê ao menos um tostão Vamos comprar pão</p> <p>Ninguém sabia d'onde vinha Ninguém sabe pra onde ia A rua, agora, está vazia A rua, agora, é só minha Pois o pobre garrafeiro Fazendo o seu pé de meia Ganhou um saco de dinheiro Pra comprar garrafa cheia</p> <p>Garrafeiro....., Compro garrafas, Meia-garrafas, Litros e vidros</p> |
|--|---|

| | |
|---|---|
| <p>O Pamonheiro – faixa 6</p> <p>Pamonha... Pamonha... Pamonha... Tá quentinha! Chega na pamonha!</p> <p><i>Pamonha... Pamonha... Pamonha... Tá quentinha! A pamonha só é boa quando é feita por Didinha (BIS)</i></p> <p>Minha irmã Quem rala o coco Mãe Zabé quem rala o milho Eu me encarrego da lenha A Francisca da cozinha Mas, na hora do tempero, Quem tempera é a Dindinha</p> <p><i>Pamonha... Pamonha... Pamonha... Tá quentinha! A pamonha só é boa quando é feita por Didinha (BIS)</i></p> | <p>O Vassoureiro – faixa 7</p> <p>Vassoureiro!!!!</p> <p>Tem vassoura, espanador, Tem abano e vassourão E, também a vassourinha P'ra limpar o vosso chão</p> <p>Sou vendedor de vassoura, Vassourinha e vassourão Também, tenho um bom abano Pra abanar o Seu fogão Também, vendo espanador Que a poeira vai tirar Se você comprar mais um Preço bom vou lhe arrumar.</p> <p><i>Vassoureiro!... Vassoureiro!... Vai dizendo a gritar Quem não comprar sua vassoura Na poeira vai ficar...(BIS)</i></p> |
|---|---|

| | |
|---|--|
| <p>Pamonha da casa de “Nhá Ela” Tem açúcar, coco, manteiga e canela Quem não chegar na porta ou na janela Não compra dela Então não toma café com ela</p> <p>Dona Maria, Dona Antônia, Dona Gabriela Seu Joaquim, seu Manoel, seu Américo Seu José, seu Portela Venham comer pamonha Feita na casa de “Nhá Ela”</p> <p>Dona Izabel! Dona Constantina Pois elas só comem pamonha Feita pela velha “Militinha” “Militinha é Dindinha “Nhá Ela”</p> | |
|---|--|

| | |
|--|---|
| <p>O jornaleiro – faixa 8</p> <p><i>Eu sou jornaleiro está é a minha profissão Eu vendo notícia O dia inteiro Pra ganhar o pão (BIS)</i></p> <p>Quando o dia amanhece Saio gritando o meu pregão Meu pregão é minha prece, Prece, vida, meu irmão</p> <p>Eu desperto com o padeiro Que vai entregar o pão Eu entrego as notícias Dadas de primeira mão</p> <p><i>Eu sou jornaleiro está é a minha profissão Eu vendo notícia O dia inteiro Pra ganhar o pão (BIS)</i></p> <p>Antes que a fábrica apite Já estou de prontidão Entregando-o ao operário, seu doutor e seu patrão Eu já tenho freguesia Da gente que sabe ler Gente atualizada... Notícias vou lhe vender</p> | <p>Roleta de Cana – faixa 9</p> <p>Roleta de cana de cana caiana quem faz é Mariana na Rua Santana, e vendo rolete, roleta de cana é de cana caiana</p> <p><i>Roleta de cana é de cana caiana: é Mariana quem faz roleta de cana durante a semana eu vendo demais, eu vendo rolete. (BIS)</i></p> <p>Mariana Lá na rua é a flor Filha da velha Prudência E do velho Nicanor</p> <p>Mariana no rolete é a maior; Aproveita a cana toda; Só joga fora o nó Mariana, Ó Mariana, Durante toda semana Eu vendo rolete de cana; É de cana caiana.(BIS)</p> |
|--|---|

| | |
|--|---|
| <p><i>Eu sou jornalista está é a minha profissão Eu vendo notícia O dia inteiro Pra ganhar o pão (BIS)</i></p> <p>Olha o jornal!... Imparcial, Estado do Maranhão, O Jornal, Jornal Pequeno, traz notícias do mundo inteiro. Olha o jornal!...</p> | <p>FALA – Chega, pessoal, vem chupar rolete de cana doce, vindo diretamente do canavial; aproveita pessoal, é Mariana quem faz; quem prova um, tem vontade de mais.</p> <p>Olha o rolete! Mas Mariana Arranjou um rico amor Lhe deu casa, geladeira E um televisor Mariana Hoje é dama de cartaz... Fazer rolete de cana! Ela diz que nunca mais</p> <p><i>Mariana! Ó Mariana! Durante toda semana Eu vendo rolete de cana! É de cana caiana.(BIS)</i></p> |
|--|---|

| | |
|--|--|
| <p>O sorveteiro – faixa 10</p> <p>Sorvete de coco, E taperebá!...</p> <p>Sorvete de coco, E taperebá!... É muito gostoso Compra sinhá</p> <p>Carregando a sorveteira Ia ele a gritar Pelas ruas da cidade: Compre o sorvete p’ra refrescar</p> <p><i>Que o sorvete é bem gostoso Sorvete de coco e taperebá (BIS)</i></p> <p>Sorveteiro!... Hoje, poucos já se lembram Do homem a pregoar Carregando a sorveteira: Minha gente, vem comprar</p> <p><i>O sorvete tão gostoso Sorvete de coco e taperebá!...(BIS)</i></p> <p>Sorveteiro!...</p> | <p>Arroz-de-cuxá – faixa 11</p> <p>Arroz-de-cuxá!... Arroz-de-cuxá!... Chega freguês, tá quentinho!...</p> <p><i>Anda negrinha: Grita coirão Anda seu diabo Se não, se não...(BIS)</i></p> <p>Falava Nhá Possidônia Pra sua neta Filismina Que cochilava ao seu lado No seu sono de menina Nhá Possidônia falava E aplicava um beliscão A garota despertava E soltava esse pregão: Arroz-de-cuxá!... Arroz-de-cuxá!... Chega, freguês, tá quentinho!...</p> <p>Uma luz vermelha à porta Anunciava: aqui tem Peixe fritinho, na hora Arroz-de-cuxá, também, Frito no óleo de coco Coquinho de babaçu Apurado por Nha-Nhá Vindo de Cururupu</p> |
|--|--|

| | |
|--|--|
| | <p>Arroz-de-cuxá!...</p> <p>Arroz-de-cuxá!...</p> <p>Chega, freguês, taquentinho (BIS)</p> |
|--|--|

| | |
|--|---|
| <p>Homem do peixe – faixa 12</p> <p>O pescador vai pro mar Com a sua rede de arrastão, Anzóis, cabaças, espinhéis ... E a fé no coração</p> <p>Corpo queimado de sol E açoitado de maresia ... Embora arriscando a vida Ele sorri de alegria</p> <p>Sua vida, sua prece E açoitado de maresia ... Embora arriscando a vida Ele sorri de alegria</p> <p>Sua vida, sua prece, Ganha pão de todo dia Sai de casa noite alta ... Com arpão e zangaria... Ele só volta pra casa Na maré de outro dia</p> <p><i>Entrega o peixe ao peixeiro Peixeiro, revendedor Que ganha mais do que ele E a vida não arriscou. (BIS)</i></p> <p><i>É pescador! Bravo lobo do mar</i></p> | <p>Juçara - faixa 13</p> <p>A – ça – a – í A – ça – a – í Olha a juçara, freguês!...</p> <p>A – ça – a – í... A – ça – a – í...</p> <p><i>Ê Gente! Nhagê vem aí Com alguidar na cabeça Carregando açai (BIS)</i></p> <p>Uma palha de Juçara Ela traz sempre à mão Grossa rodilha à cabeça Pra firmar o panelão Um prato grande de estanho Tapando a mercadoria; Xícara pequena com asa Pra servir a freguesia</p> <p>Fala, freguês!... Uma xícara é um tostão Vem comer, gente Assim grita a crioula, Esse bonito pregão:</p> <p>Aça... ça... çaaí... Aça... ça... çaaí...</p> <p>Hoje nós temos pro almoço, É Juçara e camarão Já comprei farinha d'água Na casa de João Elesbão Destempera o grosso vinho Com água, e faz o pirão Gente como é gostosa Juçara com camarão</p> <p><i>Ê Gente! Nhagê vem aí Com alguidar na cabeça Carregando açai (BIS)</i></p> <p>Peixe seco, assado à brasa, Também tem a sua vez. Esse prato lá em casa Todo dia tem freguês</p> |
|--|---|

| | |
|--|--|
| | <p>Um pandu de açai Farinha seca ou d'água Uma comida gostosa Minha gente, está aí <i>Ê Gente!</i> <i>Nhagê vem aí</i> <i>Com alguidar na cabeça</i> <i>Carregando açai (BIS)</i></p> |
|--|--|

| | |
|---|--|
| <p>O verdureiro – faixa 14</p> <p>Verdureiro!... Verdureiro chegou.... Olha, aqui, o verdureiro, freguesa!...</p> <p>Tem maxixe, vinagreira O João-gome e o bom quiabo Tem a pimenta De cheiro Malagueta e limão; Tem tomate e gerimum Tem alface e agrião Tem, também, a berinjela Couve, cheiro e pimentão</p> <p>Um pau de carga, no ombro, Cofos cheios de verdura Todo dia ele sai Gritando essa fartura É bonito a gente ver Como ele ganha o pão É cantando, pela rua, O seu bonito pregão:</p> <p>Verdureiro!... Verdureiro chegou....</p> | <p>Mingau de milho – faixa 15</p> <p>Assim gritava</p> <p>Mundica Pretinha Pelas ruas da cidade, Com uma lata na cabeça, Na maior simplicidade: - “Olha o mingau de milho... Tá gostoso de verdade.”</p> <p>Aê mingau de milho... Aê mingau da hora Vem comer; olha criança! Tá quentinho</p> <p><i>Traz a canequinha</i> <i>Vamos embora (BIS)</i></p> <p>Uns a chamavam: Mundica Pretinha, Outros, Mundica Pelada A pobre da rapariga Nessa gente não ligava Gritava mingau de milho Só vendia a quem pagava</p> <p>Aê mingau de milho... Aê, mingau da hora. Vem comer, olha criança! Tá quentinho. <i>Traz a canequinha</i> <i>Vamos embora (BIS)</i></p> <p>Chapéu de palha, rodilha, Chinelo abotinado, Avental branco e vermelho, Um rosário de encantado Pra proteger a venda E livrar do mau olhado</p> <p>Aê mingau de milho... Aê, mingau da hora.</p> |
|---|--|

| | |
|--|---|
| | <p>Vem come, olha criança! Táquentinho.</p> <p><i>Traz a canequinha Vamos embora (BIS)</i></p> <p>Olha o mingau gostoso, saborosa Feito na base do vinho de coco, Vem comer minha gente Que bicho tá petitoso</p> |
|--|---|

| | |
|--|---|
| <p>O vendedor de caranguejo - faixa 16</p> <p><i>Caranguejo não é peixe Caranguejo peixe é, Se ele não fosse peixe, Não andava na maré (BIS)</i></p> <p><i>Venha comigo pra ver como é Que se pega caranguejo Na vazante da maré.(BIS)</i></p> <p>Quando a maré está seca Raiz de mangue aparece Caranguejo sai da toca Pra mariscar no tijuco</p> <p><i>Marisca, aqui, marisca, ali, Marisca lá É essa a hora do caranguejo Pegar (BIS)</i></p> <p>Ele entra no buraco A gente entra com a mão Quando esta não alcança, A gente entra com o pé.</p> <p><i>É assim, é assim, Que se pega caranguejo Na vazante da maré (BIS)</i></p> <p><i>Venha comigo pra ver como é Que se pega caranguejo Na vazante da maré. (BIS)</i></p> | <p>O Carvoeiro – faixa 17</p> <p>Meu coração é sem poeira De pedra pequeninha Meu carvão é de caeira Ele é carvão de varinha</p> <p>Carvoeiro!... Podem comprar meu carvão Se o que digo não é verdade Amanhã não comprem, não!</p> <p>E assim, o carvoeiro Oferece o seu carvão E, às vezes, sua alma é limpa E vai mais sujo que o chão</p> <p>Carvoeiro!... Lá vai ele a gritar... carvoeiro Quem não comprar meu carvão Só amanhã É que o terá!... Carvoeiro!... Carvoeiro!...</p> |
|--|---|

| | |
|---|---|
| <p>Piriluto – faixa 18</p> <p>Piriluto!... Piriluto!...</p> <p><i>Mamãe eu choro, Papai eu grito Me dê um tostão</i></p> | <p>O laranjeiro – faixa 19</p> <p>Olha a laranja! Laranja doce que é uma beleza Olha a laranja, produto da natureza</p> <p>Laranja tem vitamina Faz refresco pra beber</p> |
|---|---|

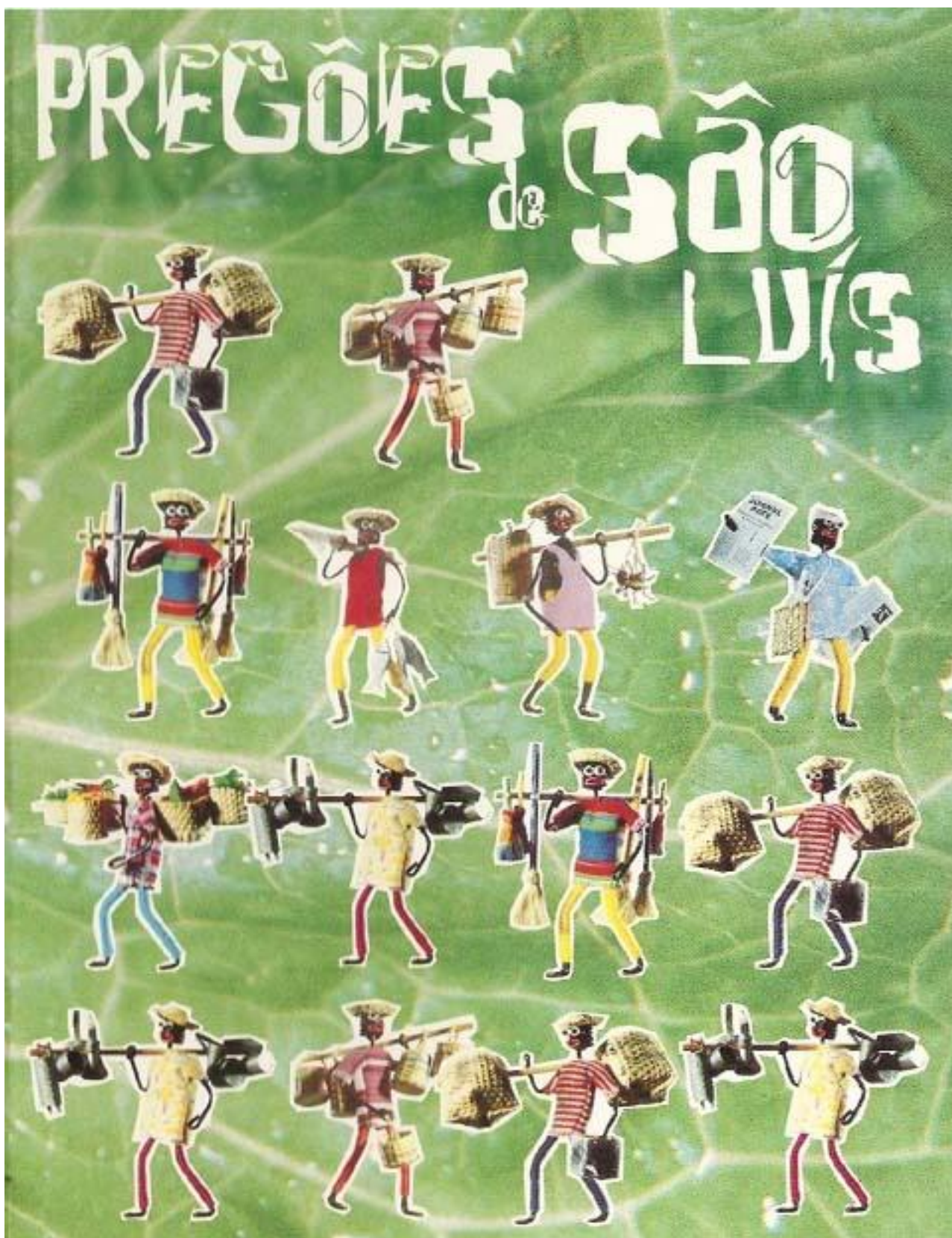
| | |
|--|---|
| <p><i>Pra comprar pirulito (BIS)</i></p> <p>Pirulito tem de coco Maracujá, buriti... Gente, compra pirulito! Faça a criança sorrir...</p> <p><i>Mamãe eu choro, Papai eu grito Me dê um tostão Pra comprar pirulito (BIS)</i></p> <p>Pirulito!... Enrolado no papel Enfiado no palito Quem faz é Dona Julieta, Quem vende é Zé Benedito! Pirulito!... Pirulito!...</p> <p><i>Mamãe eu choro, Papai eu grito Me dê um tostão Pra comprar pirulito (BIS)</i></p> | <p>Menina, compra laranja Que sabor você vai ter ... Temos laranja da terra, Da China e tangerina Menina, compra laranja Laranja tem vitamina</p> <p>Olha a laranja” Olha a laranja! Laranja doce que é uma beleza Olha a laranja, produto da natureza Olha a laranja!</p> <p>Olha a laranja!D. Arcanja. É doce que é uma beleza, D. Tereza. Tem tangerina,D. Felismina</p> <p>Laranja de Anajatuba. Quem não comprar. Fica com curuba.</p> <p>Olha a laranja Olha a laranja! Laranja doce que é uma beleza Olha a laranja, produto da natureza Olha a laranja!</p> |
|--|---|

| | |
|---|---|
| <p>Banho cheiroso – faixa 20</p> <p><i>Você deve tomar Banho cheiroso Você deve tomar Banho cheiroso Pra acabar com essa mofina E o corpo ficar jeitoso Pra acabar com essa mofina E o corpo ficar jeitoso (BIS)</i></p> <p>Você sente uma moleza Sem ter doença nenhuma Tem a vida atrapalhada Não consegue coisa alguma: Ele é muito valoroso Pois não perca mais Tome banho cheiroso</p> <p><i>Você deve tomar Banho cheiroso Você deve tomar Banho cheiroso</i></p> <p>Ele é feito de “tipi” “pau-de-angola” e “pixurim”</p> | <p>O amolador – faixa 21</p> <p>Amolador ... Olhe o amolador... Amolo faca Amolo facão Amolo tesoura E o patachão Também tesourinha E o canivetininho O que chega cego Sai afiadinho</p> <p>Assim pelas ruas O amolador Empurrava o carrinho Com afiador Afiando tudo Ganhava tostão E se anunciava Com este pregão</p> <p>Amolador ... Olhe o amolador... Que afia tudo, p’ra lhe dar valor</p> |
|---|---|

| | |
|---|--|
| <p>Leva “trevo de mulata” E também “patchuli” “jardineira”, “pataqueira”, E também “manjeriço”, Leva “rosa-todo-ano” Amoníaco e açafreão.” <i>Você deve tomar</i> <i>Banho cheiroso</i> <i>Você deve tomar</i> <i>Banho cheiroso</i> <i>Pra acabar com essa mofina</i> <i>E o corpo ficar jeitoso</i> <i>Pra acabar com essa mofina</i> <i>E o corpo ficar jeitoso (BIS)</i></p> | |
|---|--|

| | |
|---|---|
| <p>Caruru com bola – faixa 22</p> <p>Caruru com bola!</p> <p>Caruru com bola Caruru com bola Quem vendia pela rua Era a negra Mariola Caruru com bola Caruru com bola Quem vendia pela rua Era a negra Mariola</p> <p>Tabuleiro à cabeça alguidar com caruru O outro levava as bolas Que eram feitas de angu E, assim, ganhava a vida essa negra mariola Com o seu pregão todo dia:</p> <p>Comprem caruru com bola!</p> <p>Caruru com bola Caruru com bola Quem vendia pela rua Era a negra Mariola Caruru com bola Caruru com bola Quem vendia pela rua Era a negra Mariola</p> | <p>A doceira – faixa 23</p> <p>Doceira!.....</p> <p>Todo dia eu esperava Pela doceira da esquina Preta velha, pequenina Presença boa de fada Que marcava Nós dois... ávida... a distância Na manhã da minha infância Tão alegre e descuidada Beijo-de-moça Doce-de-coco; Olho-de-sogra E rebuscados E outros doces Que ela fazia Com o feitio De coração E não-me-toques E as pastilhas Que oferecia Quando eu não tinha tostão E eu não sabia O que era mais doce Se o seu dose Ou seu coração...</p> <p>Ó doceira, és tão terna, Quem dera que eterna fosses Nesse doce paraíso De mãe-benta e de quindim Se me desses desses doces Pois, agora, é que eu preciso Depois que a vida se tornou Tão amarga para mim...</p> |
|---|---|

Anexo D – Capa do livro “Pregões de São Luís”. (Lopes Bogéa e Antônio Vieira).



Anexo E – CD contendo a música “**Todos cantam sua terra**”, cantada por Alcione Nazaré e as músicas dos pregões, cantados por Antonio Vieira.